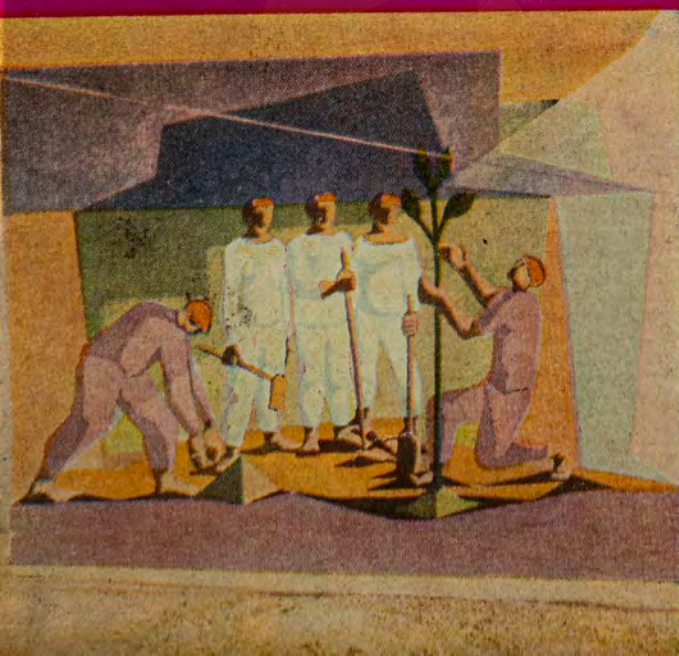
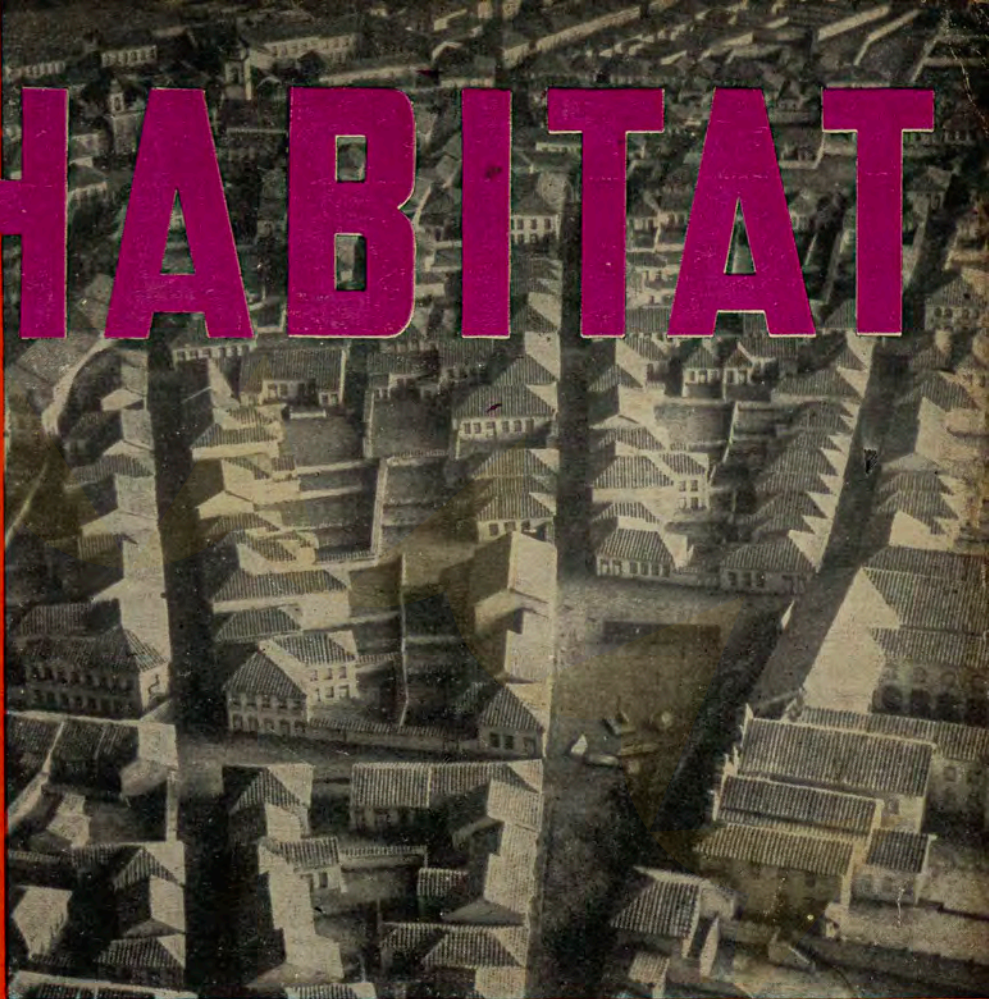


18

revista das artes no Brasil

HABITAT

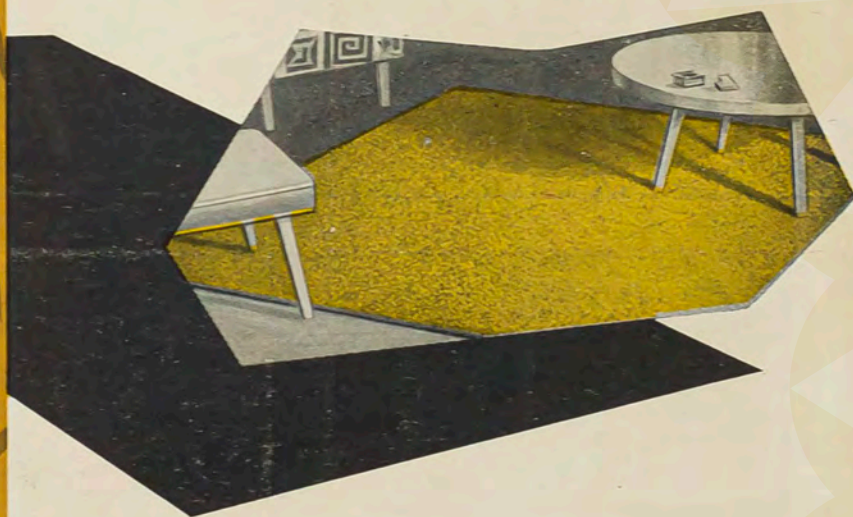


- uma tradição

de bons serviços

**quando os tapêtes
são expressões da
arte decorativa...**

Idealizando e executando
o que há de mais fino
em ambientes residenciais
e comerciais, *Decorações
Isaac G. Teperman* constitui,
em tudo e por tudo,
um novo marco em
conforto e bom-gosto.



Rigorosamente seleccionados entre o que há
de melhor, os tapêtes de *Decorações Isaac G. Teperman*
satisfazem plenamente aos que preferem
um ambiente de bom-gosto e bem
acolhedor. Nos mais variados padrões, clássicos
ou modernos, atendem perfeitamente
a tôdas as mais exigentes preferências.

decorações



teperman

FÁBRICA E LOJA:

MÓVEIS • CORTINAS • TAPÊTES

rua rêgo freitas, 57 a 73 • fone 37-7739

KNOEDLER

Established 1846



Berthe Morisot (1841-1895), "Le Patinage au Bois de Boulogne" - 18 1/8" x 21 5/8".

OLD MASTERS
AMERICAN PAINTING
FRENCH IMPRESSIONISTS
CONTEMPORARY PAINTING

Framing

Prints

Restoring

NEW YORK CITY

14 East 57 th Street

LONDON

14 Old Bond Street

PARIS

22 Rue des Capucines



Mural, de Clovis Graciano

MOSAICO
VIDROSO

«VIDROTIL»

VENDAS:

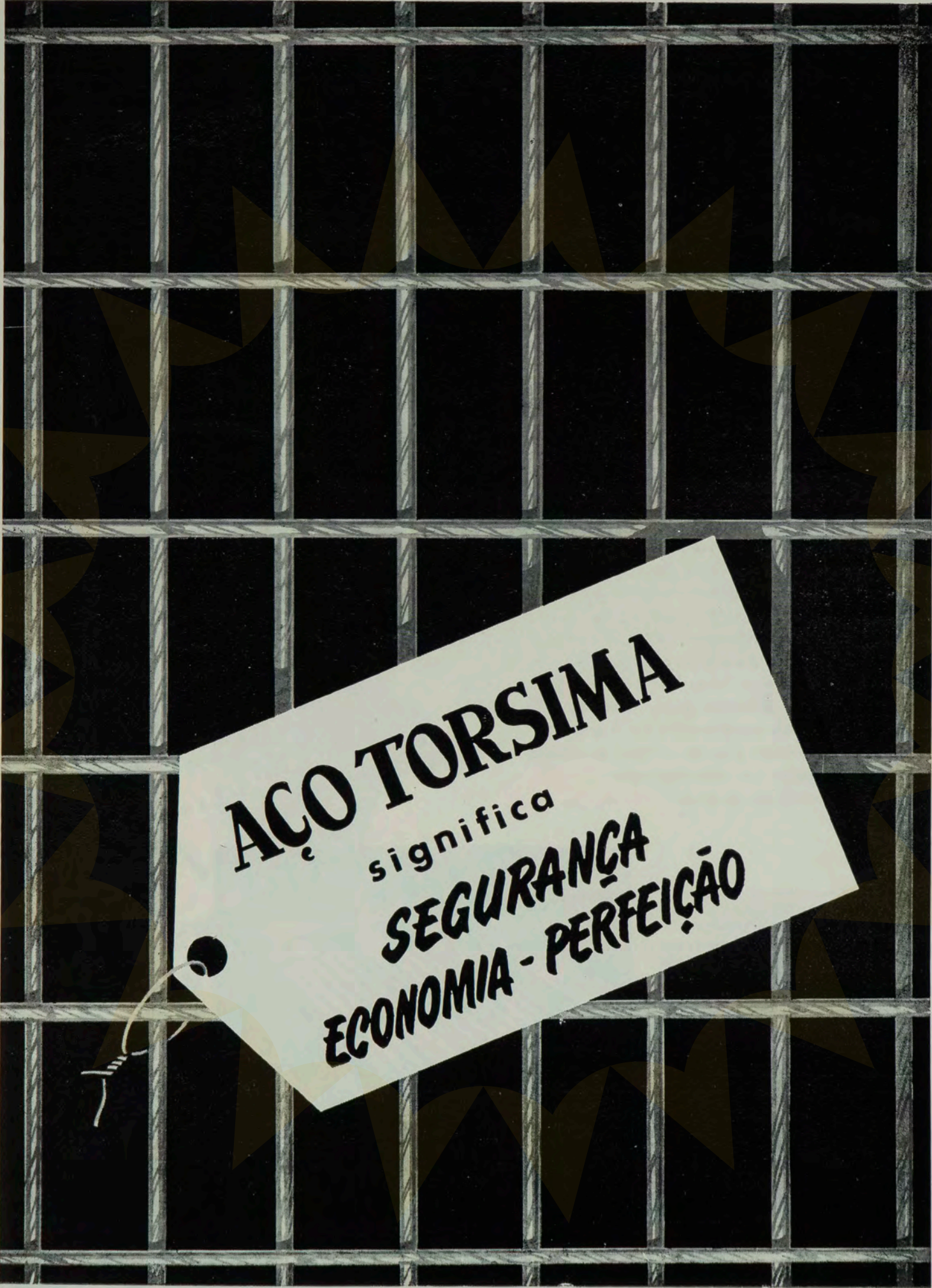
SÃO PAULO: S/A DECORAÇÕES EDIS - Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 300 - Telefone, 32-2326

RIO DE JANEIRO: ARTHUR P. KRUG - Rua Almirante Alexandrino, 200, s. 202 - Fone, 22-4394

PÔRTO ALEGRE: C. TORRES S/A - Rua Voluntários da Pátria, 338 - Fone, 7144

SALVADOR: GERALDO GONZAGA - Rua Alvares Cabral, 8

BELO HORIZONTE: BITTENCOURT & CIA. LTDA. - Av. Amazonas, 266, 12.º andar, Sala 1218 - Telefone, 2-6354

A black and white photograph of a rectangular tag hanging from a grid of vertical and horizontal steel bars. The tag is tilted and has a hole at the top left with a string attached. The background is dark with a repeating pattern of stylized, overlapping triangles.

AÇO TORSIMA

significa

SEGURANÇA
ECONOMIA - PERFEIÇÃO

AÇO TORSIMA LTDA.

Escritório: Rua 7 de Abril, 264 - 13.º - Fone 35-6758 — SÃO PAULO

Um colchão de molas para cada brasileiro!

Hoje todos sabem que um colchão de molas não é luxo — é uma necessidade. Todos conhecem o seu valor como complemento de conforto e de saúde — todos desejam possuí-lo! E são tais as facilidades para sua compra — que cada vez mais, um número maior de pessoas se encontra em condições de comprá-los. Convencida de que dentro de um futuro não muito remoto será possível assegurar a cada brasileiro o uso de um colchão de molas cientificamente construído, Armações de Aço Probél S. A. vem aperfeiçoando ano após ano, o seu sistema industrial. Utilizando máquinas mais modernas e poderosas, melhorando o padrão e o rendimento de sua produção, criando novos tipos e modelos de colchões e de outros artigos para o lar, Armações de Aço Probél S. A. estende o benefício de seus produtos a um número sempre crescente de bôlsas. Assim como vem acontecendo nos mais adiantados países do mundo, o Brasil também poderá um dia orgulhar-se de que a grande maioria de sua população goza do conforto do colchão de molas — sem dúvida, um índice expressivo do grau de civilização de um povo.

A maior indústria de colchões de molas da América do Sul é a ARMAÇÕES DE AÇO PROBEL S. A. Mantendo sempre a sua tradicional qualidade, os produtos Probél são comprovadamente os mais vendidos em todo o país!



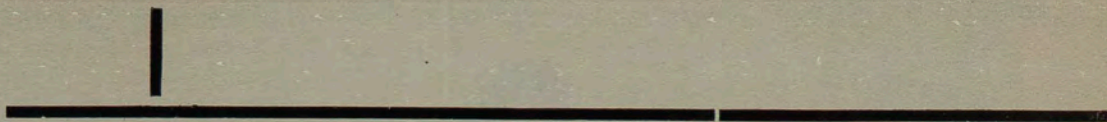
"O Semeador"
Estátua nas imediações
do Palácio 9 de Julho
em São Paulo

ARMAÇÕES DE AÇO **Probél** S. A.

Pioneira da industrialização do conforto no País



Fábrica: Rua Vilela, 307 (Tatuapé) - Tel. 9-0927 (PBX) - Caixa Postal 1.711
Exposição: Av. Ipiranga, 442 - Esq. R. São Luís - Tel. 36-5597 - São Paulo



gio ponti
italia

marco zanuso
italia



lina bo
brasil

paolo chessa
italia



bons desenhos para interiores contemporâneos



ambiente

decorações
moveis modernos
tecidos originais
desenhos exclusivos

ambiente — ind. e com. de móveis s. a. — rua martins fontes, 223 — fone: 35-0306 — são paulo

UNICA IMPORTAÇÃO CONSEGUIDA NESTE GENERO

**AZULEJOS
CONJUNTOS DE BANHO
BRANCOS E COLORIDOS**

KERAMAG



KERAVIT

**CÔRES E
MODELOS
EXCLUSIVOS**



IMPORTAÇÃO DIRETA DA ALEMANHA
EXPOSIÇÃO E VENDA EXCLUSIVA

36-3620

SANITÉCNICA S/A
DISTRIBUIDORES GERAIS PARA O BRASIL

35-8731

SÃO PAULO - RUA QUIRINO DE ANDRADE, 217 - BRASIL



**industria e comercio
L. G. Ltda.**

fósforos de propaganda

FÓSFOROS INDIVIDUAIS

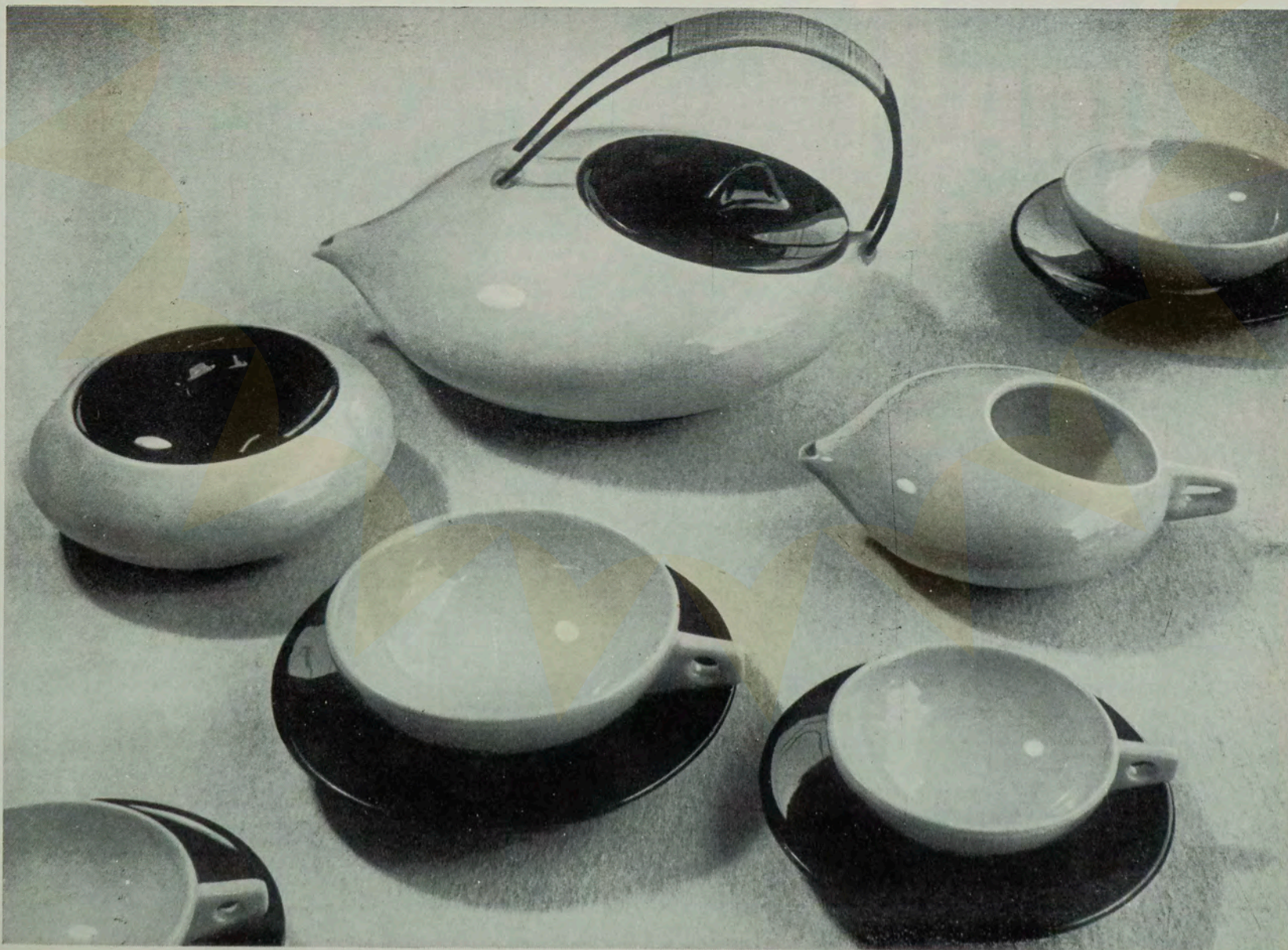
FABRICA:
Rua Eunice, 587

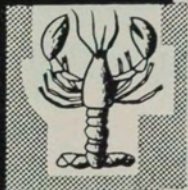
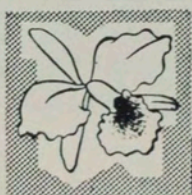
ESCRITÓRIO:
Rua Sta. Tereza, 28 - 9.º - s/ 906
Telefone 33-3534 - São Paulo

forma

cerâmica
vidros
objetos de arte
rua augusta
n. 2.399
são paulo

a loja dos presentes modernos
produtos da cerâmica hg





Viagens maravilhosas...

Vá a LIMA num
Constellation da Panair
e faça de Lima
o seu ponto
de partida!

● Para a Amé-
rica Central, México,
ESTADOS UNIDOS ou JAPÃO

O caminho é mais curto, mais lindo e mais
vantajoso. Serviço turístico ou de luxo, em combi-
nação com a Panagra e Pan American.

- Para excursões de 60 dias na América do Sul, visitando Lima, na terra dos Incas, La Paz, Santiago do Chile, Buenos Aires, Montevideo e novamente o Brasil. Aproveite sua estada nestes países para conhecer as ruínas incaicas, visitar os lagos andinos ou Viña Del Mar e participar da movimentada vida noturna portenha. Serviço combinado Panair/Panagra.
- Outra viagem maravilhosa... aproveite a tarifa de excursão, com direito a 17 dias de validade para visitar Santiago e Buenos Aires.

Informe-se em sua Agência
de Viagens preferida ou
nos escritórios da

PANAIR DO BRASIL



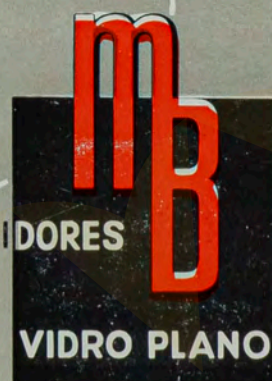
Marques & Brasil Ltda.

Distribuidores

VIDRO PLANO

vidros para vidraças
espelhos • vitrines
construções • instalações
colocação em geral

DISTRIBUIDORES



Marques & Brasil Ltda.

RUA 7 DE ABRIL, 404 • 10º AND. • CONJ. 101-A • FONE 33-2978

SÃO PAULO • BRASIL

*Dinheiro
que fica...*



Tapêtes
BANDEIRANTE

Seu dinheiro não sai de casa, porque,
ao comprar os famosos Tapêtes Bandeirante,
v. põe no lar tapêtes mais confortáveis
e de muito mais durabilidade!

Têcnicamente perfeitos,
são os que mais se distinguem
em qualidade e beleza!



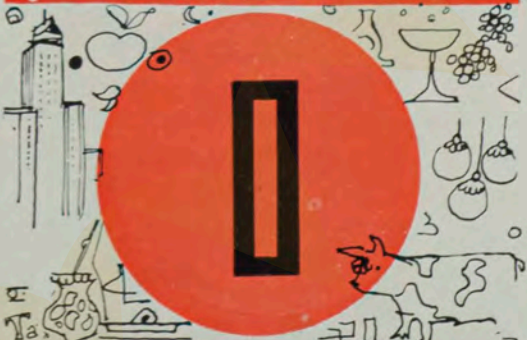
Indústria de Tapêtes
Bandeirante S.A.

Rua Itajui, 125 - Endereço Telegráfico Taperante
São Paulo

70 513-A

de norte
a sul
do Brasil

**Montevideu e
Buenos Aires**



um serviço aéreo tradicional

Uma garantia de fabricação

Cristais Prado Ltda.

*certifica que
o aparelho de iluminação cujas referências
e características figuram abaixo e cuja foto-
grafia encontra-se ao lado, foi inteiramente
produzido nas suas oficinas sob sua direção
e montado com cristais de fabricação própria
As peças principais deste aparelho levam
sua marca registrada de fábrica estampada
no metal e gravada no cristal.
Este documento serve de garantia contra
qualquer possível imitação ou falsificação*

*Por Cristais Prado Ltda.
Gerente Geral de Vendas*

Características principais do aparelho
Referência Fotografia N.
Altura Largura
Número de luzes



Lustre em
"CRISTABÉL"
com 3 braços
Preço Cr\$ 1.500,00
ou em
5 pagamentos
mensais de
Cr\$ 300,00



Modelo "BRUXELAS"
com 4 braços
Em finíssimo
"CRISTAL PRADO"
tipo Boemia
Preço Cr\$ 10.400,00
ou em 5 pagamentos
mensais de
Cr\$ 2.080,00

CRISTAIS PRADO

a marca dos cristais finos

Exposições: SÃO PAULO - PRAÇA DA REPÚBLICA 86 - RIO - RUA SOROCABA 696 • (BOTAFOGO)



viajando a

UBERLÂNDIA

...ou a

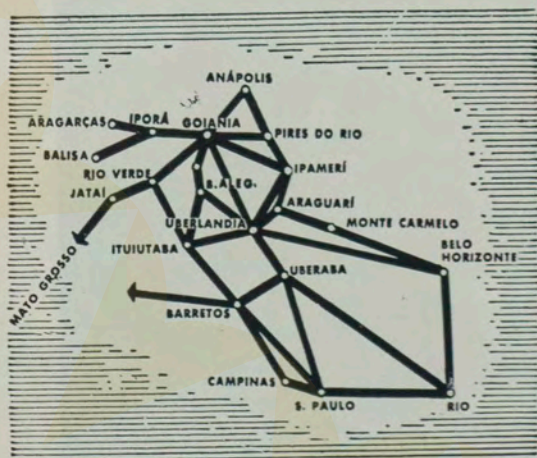
GOIÂNIA



dê preferência aos aviões da

NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS



As linhas da "Nacional" para o Triângulo Mineiro e Goiás atingem a maioria das cidades dessas regiões, com extensões por Mato Grosso e Paraguai. Solicite informações sobre os serviços de passageiros, encomendas e cargas.

É uma questão de minutos... e o Sr. desembarcará no "Aeroporto Eduardo Gomes", da próspera cidade de Uberlândia, com magnífica disposição para atender os seus afazeres, graças ao "conforto aéreo" oferecido à bordo dos aviões da NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS. Si o objetivo de sua viagem fôr Goiânia, o Sr. prosseguirá no mesmo avião, alcançando, pouco depois, a bela capital de Goiás. Consulte a nossa agência local sobre os horários dos aviões e realize uma ótima viagem a Uberlândia ou Goiânia, pela NACIONAL TRANSPORTES AÉREOS.

Rua Cons. Crispiniano, 28 - Tel. 36 4603 - S. Paulo

NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS



CHANEL

ESTRADA DE FERRO SOROCABANA

PROPRIEDADE E ADMINISTRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO



Locomotiva elétrica das mais modernas, puxando uma composição de passageiros.

Reparação da ponte sobre o canal dos Barreiros, em São Vicente. Linha Santos-Juquiá.



2.212 KM. DE LINHAS FÉRREAS A SERVIÇO DO BRASIL

Variadas cores inalteráveis

VIPAX

Arestas perfeitas

Durabilidade

Aderência permanente

Pronta entrega



Mosaicos e Ladrilhos de Vidro Lonpi S. A.

ESCRITÓRIO: Rua 7 de Abril, 282 - 8.º - Conj. 82 - Fones: 36-3777 - 35-5766 - 37-2213 e 37-8394

Enderêço Telegráfico "LONPI" - SÃO PAULO - BRASIL

FABRICA: Caminho do Mar - SÃO BERNARDO DO CAMPO

FÁBRICA DE LUSTRES



LUSTRES para DECORAÇÃO
Executa-se qualquer serviço sob desenho,
para Hotéis, Cinemas e Residências finas



Encontra-se em exposição grande variedade de lustres de cristal da Bohemia, nacional e espanhol e lustres de porcelana francesa nas cores azul, rosa e ouro, como também pendentes para dormitório, plafonieres e iluminação moderna em geral, do mais rico e variado gosto, e todos os artigos do ramo.



V. RIBEIRO LTDA.

FABRICANTE - IMPORTADOR - EXPORTADOR

ESCRITÓRIO - EXPOSIÇÃO - FÁBRICA

RUA GALVÃO BUENO, 30 (Praça da Liberdade) - FONES: Vendas: 37-4682 - ESCRITÓRIO: 34-8597 - SÃO PAULO

LADRILHOS

GRANITINA

TERRAZZO

C. PUGLIESE & CIA. LTDA.

Rua Tabôr, 123 Tel. 3-0481

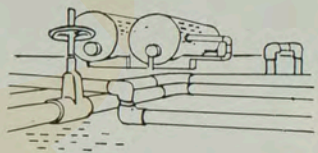
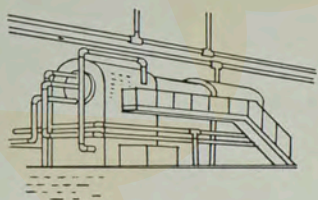
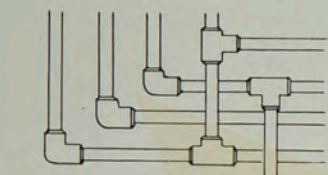
- Fábrica de Ladrilhos - Mosaicos - Granitina e Terrazzo
- Colunas - Balaústres - Traforos
- Tanques - Caixas d'água em cimento armado
- Decorações em Gesso e cimento
- Distribuidores de Ladrilhos Cerâmicos - Materiais da Eternit
- Azulejos - Artigos Sanitários e Materiais para Construções em geral

Um detalhe importante...

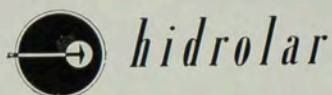
para a
eficiência absoluta
da construção!

com amplo e
eficiente emprêgo nas

- Instalações hidráulicas em geral (água quente e fria)
- Instalações de gás (ar comprimido, ar condicionado, vapor)
- Canalização de produtos de petróleo e similares



Conexões YORKSHIRE e tubos de cobre HIDROLAR



**absolutamente
neutros
para
água potável!**



LAMINAÇÃO NACIONAL DE METAIS S. A.
Rua Antônio de Godói, 88 - 10.º and. - C. Postal 7154 - S. Paulo

solicite a presença de um vendedor

MÓVEIS TEPERMAN



**são os
melhores !
e não são
mais caros !**

**móveis
TEPERMAN**

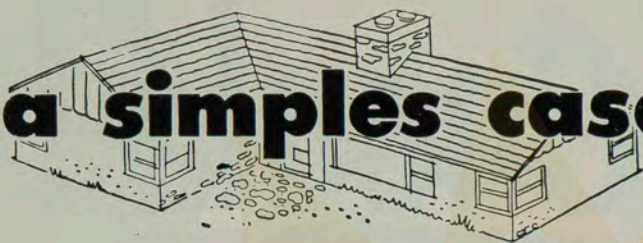
*não tem
filiais!*

DECORAÇÕES
CORTINAS
TAPETES

FABRICA E VENDE DIRETAMENTE SEUS MÓVEIS!

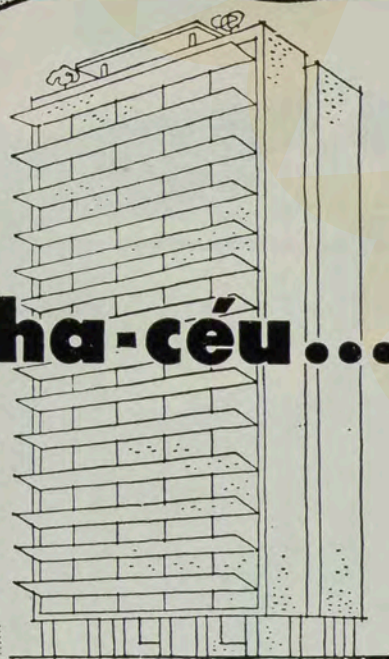
AV. RANGEL PESTANA, 2109 FONE 9-5205
(junto ao Largo da Concórdia)

na simples casa



- ou no arranha-céu...

KABINHO



é a torneira preferida!

- fêcho independente da pressão da água
- facilmente desmontável
- inteiramente de bronze, cromado ou niquelado
- mais econômica, no custo e na conservação

UM TIPO PARA CADA FIM:

- curvas mais fechadas
- projeção mais longa
- jato oblíquo, etc.

**NAS BOAS CASAS DO RAMO
A VENDA EM TODO O BRASIL**

um produto fabricado e garantido pela

INDÚSTRIA & COMÉRCIO "SIMPLEX" S.A.

RUA CORIOLANO, 1643 - FONE 33-2728 - SÃO PAULO



Todo garoto é "cavalheiro"

quando oferece

Cacula!



1/5 de litro
de
Sabor e
Prazer...

UM PRODUTO

ANTARCTICA





Para divisões...

interflex

a "Madeira Mineral" é pelas suas características o mais indicado material para a construção de fôrros, revestimentos e divisões de escritórios, lojas, fábricas ou residências.

É leve e flexível. Incombustível e impermeável. Termo-isolante e resistente à ação dos insetos e roedores. Fácil de trabalhar com ferramentas comuns, pode ser: Serrado, furado, pregado e pintado.

Eternit

ETERNIT DO BRASIL CIMENTO AMIANTO S. A.

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

Painel em mosaicos: Desenho de
Jaime Barella, exclusivo da "DEMA",
especial para "Tecelagem CALUX"



paineis...

«

»

de ma

PASTILHAS

para pronta entrega para

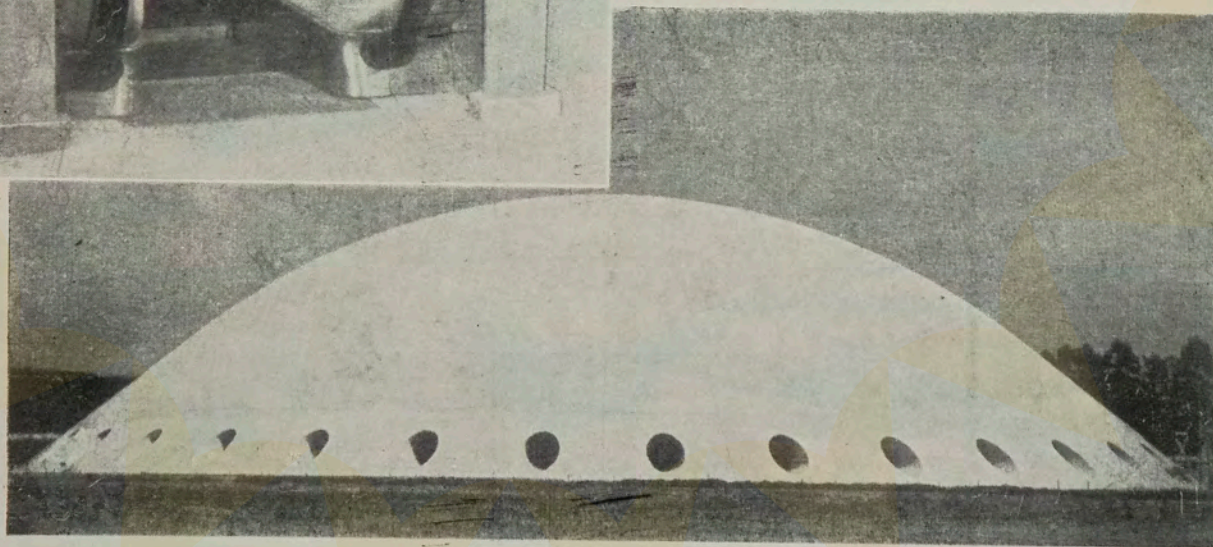
PISOS - PAREDES - FACHADAS.
PAINEIS DECORATIVOS.
LETREIROS COM PASTILHAS.



"DEMA" - R. CONSOLAÇÃO, 1411 - Tel. 35-0426 - SÃO PAULO

ESCADAS ROLANTES

ATLAS



Palácio das Exposições — Parque Ibirapuera — São Paulo — onde estão instaladas três ESCADAS ROLANTES «ATLAS»

ELEVADORES ATLAS S. A.

MATRIZ E FÁBRICA: SÃO PAULO — USINA DE AÇO: SÃO CAETANO DO SUL: FILIAIS: RIO DE JANEIRO, BELO HORIZONTE, SANTOS, RECIFE, PORTO ALEGRE, SALVADOR, CURITIBA



ESCADAS ROLANTES ATLAS

CONTRATADAS:

Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo
Palácio das Exposições, Parque Ibirapuera, São Paulo

Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo
Palácio das Indústrias, Parque Ibirapuera, São Paulo

Prefeitura do Município de São Paulo
Galeria Prestes Maia, São Paulo

Governo do Estado de São Paulo
Novo Edifício da Secretaria da Fazenda, São Paulo

Jockey Club do Rio Grande do Sul
Porto Alegre

Mesbla S. A.
Rua Juan Pablo Duarte, Rio de Janeiro

Modas A Exposição - Cliper S. A.
Largo Santa Cecília, São Paulo

A Exposição Modas S. A.
Rio de Janeiro

Sears Roebuck, S. A. - Comércio e Indústria
Avenida Antártica, São Paulo

Lojas Brasileiras de Preço Limitado S. A.
Rua Direita, São Paulo

Banco Imobiliário Brasileiro S. A.
Largo São Francisco, São Paulo





do pequeno detalhe...

Alumini

MODAS SONY'S, rua S. Bento

...à
grandiosidade
do
conjunto,
sua
loja
deve
ser
um
convite
ao
**BOM
GOSTO**



As Instalações Artísticas JOTE possuem um corpo de técnicos especializados em criar e executar as mais modernas instalações comerciais, capaz de transformar seu estabelecimento num verdadeiro atrativo para seus clientes.

"JOTE"
TeDESCO
f. INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS
MOVEIS — DECORAÇÕES



*Peça-nos um projeto,
sem compromisso, para
qualquer parte do país.*

RUA LAVAPES, 225 — FONES: 36-4745 — 36-1699 — SÃO PAULO
AV. RIO BRANCO, 277 — S/ 1801 — FONE: 42-2584 — RIO DE JANEIRO

*Ambiente aprazível
e confortável proporcionam os tapetes*

Chenile



Torne sua casa aprazível e confortável com os tapetes CHENILE. Fabricados no Brasil pelo processo americano, são os complementos ideais e modernos para aqueles que desejam dar um toque diferente a seu lar. Cores vistosas e modernas.



Laváveis, uma de suas múltiplas vantagens



Lindas e modernas cores. Não escorregam

CHENILE - a beleza que se estende pela casa...

À VENDA NAS BÔAS CASAS DO RAMO

Chenile DO BRASIL S. A.

Produz, no Brasil, os famosos tapetes de chenile americano

Rua Venâncio Aires, 29 - Fone: 52-6893 - São Paulo



Vários tamanhos e formatos ou sob encomendas



*Ontem, pedras
preciosas, esmeraldas,
diamantes, pepitas de ouro...
a fortuna, enfim, dos Bandeirantes
era protegida e transportada
em arcas...*



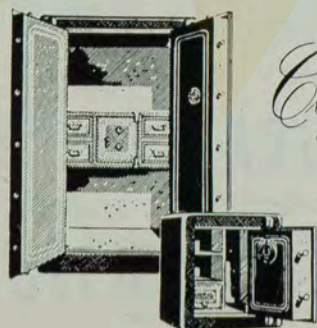
ARCA DOS BANDEIRANTES

Hoje, os valores são
protegidos em resistentes cofres
de aço! A Fábrica de Cofres
e Arquivos Bernardini S. A., uma
das indústrias pioneiras
na fabricação de arquivos
comerciais, orgulha-se
de construir os mais modernos e
resistentes cofres de
aço, à prova de fogo e roubo, para
proteger valores em
Bancos, Escritórios, Casas comerciais
ou residências particulares.



*Detalhe do mural do pintor
paulista Clóvis Graciano para o
edifício de "O Estado de São Paulo"*

Fábrica de



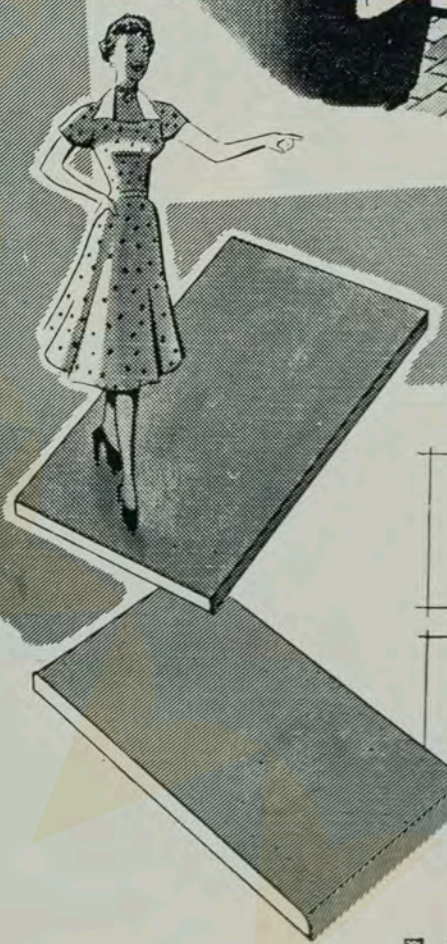
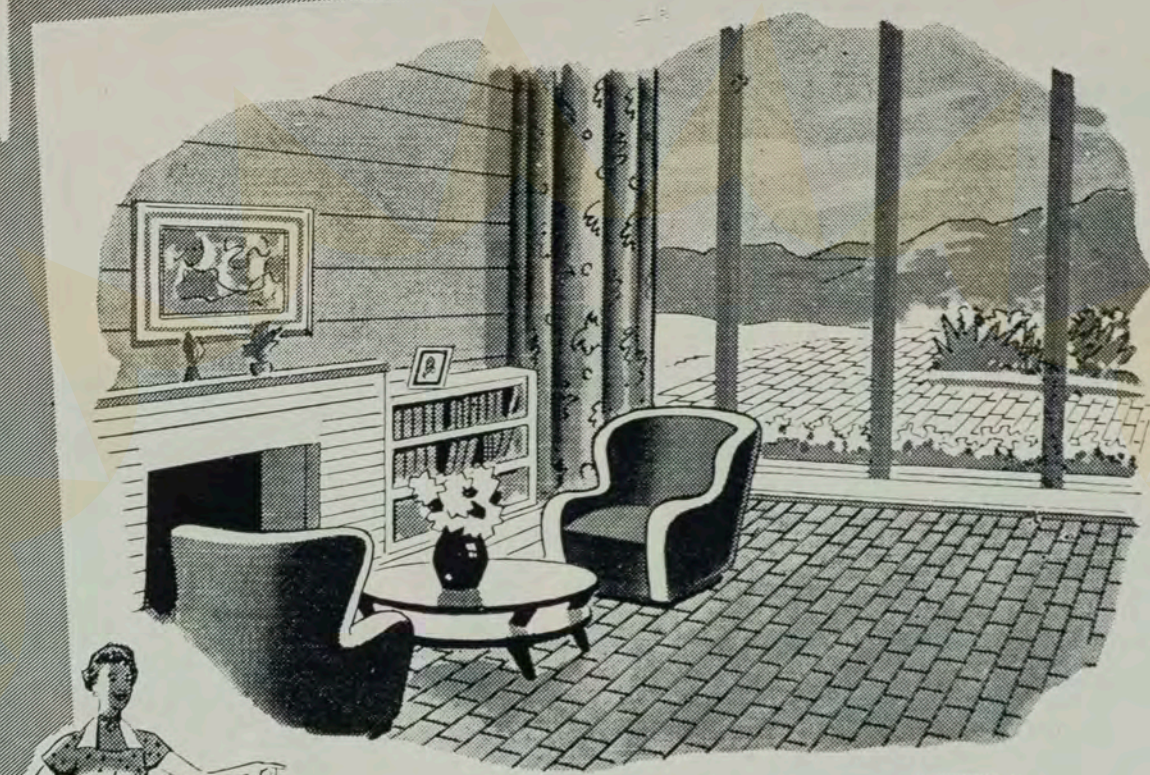
Cofres e Arquivos

BERNARDINI

Ano do IV Centenário da



Fundação de São Paulo



Cores bonitas e agradáveis!

**Tipo 50
para pisos**

**Tipo 50 X
boleada, para
degraus**

A cor uniforme, brilhante e duradoura das Lajotinhas São Caetano dá realce especial às construções. Halls, terraços, jardins, escadas etc., com esses pisos são mais bonitos, higiênicos e duráveis, pois as Lajotinhas São Caetano, enceradas, brilham e reluzem admiravelmente.



Para riscar um ladrilho
São Caetano, só outro
ladrilho São Caetano.

LAJOTINHAS SÃO CAETANO

produtos garantidos pela

CERÂMICA SÃO CAETANO S. A.

Rua Boa Vista, 143 — Tels.: 32-4329 e 32-3429 — SÃO PAULO
R. Senador Dantas, 80 — 6.º and. — Tel. 42-3294 — RIO DE JANEIRO

residências ambientes

Ampla exposição de móveis finos para salas de jantar e visita, ambientes e dormitórios. Móveis para terraço, de cana da índia, junco e ferro.



Refrigeradores - Máquinas de lavar roupa - Máquinas de costura - de escrever - calcular somar - Cofres - Móveis para escritório - Rádio - vitrolas Rádios - Televisores

ao movelheiro Ltda.

CASA FUNDADA EM 1900

Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 289 - São Paulo

TENREIRO moveis e decorações



SÃO PAULO: GALERIA RUA MARQUÊS DE ITÚ, 64 - TEL: 37-8980
RIO DE JANEIRO: GALERIA RUA BARATA RIBEIRO, 488 - TEL: 47-4800

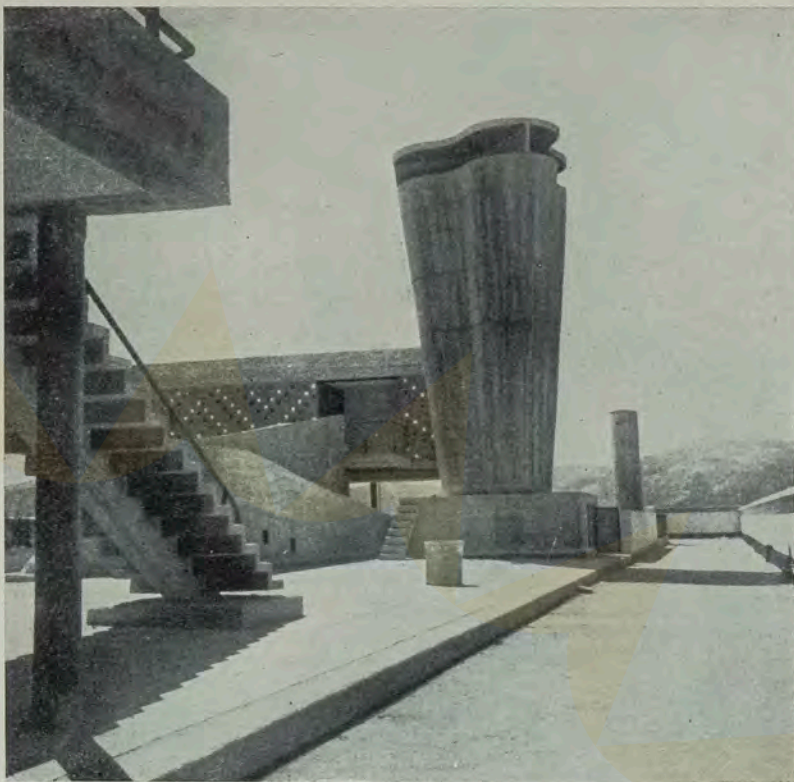
18	HABITAT
1	2
3	4
5	6

- 1 Tatsuo Arai, «L'amour à l'amour comme à l'amour», óleo, 1952 (Museu de Arte Moderna de São Paulo).
2 Museu Paulista, Maquete da cidade de São Paulo, em volta de 1650.
3 Lynn Chadwick, escultura, Londres.
4 Residência do arq. Oscar Niemeyer Filho, no Rio. Escultura de Ceschia.
5 Clovis Graciano, Painel no Edifício Bienal, arq. Abelardo de Souza.
6 Marek Zulawsky, «Cristo ante os pobres», mural, 3x5 ms., Londres, 1953.

Sumário

arq. Miguel Badra Jr.	Paço Municipal de Marília	2
arq. Luis Sáia	Urbanização de Lins	5
	Auguste Perret	10
ar. Oscar Niemeyer F.º	Casa do arquiteto Niemeyer	12
arq. Francisco Bolonha	Conjunto residencial Paquetá	17
arq. David Libeskind	Residência em B. Horizonte	20
arq. Miguel Badra Jr.	Uma fiação e tecelagem de lã	22
Equipe da Fac. de Arq. e Urbanismo de S. Paulo	Conjunto residencial	25
Heep Ltda.	Edifício Tucuman	28
	Móveis de assento	30
José Geraldo Vieira	Mostra de arte barroca italiana no Ibirapuera	33
Manoel Germano	A Vanguarda da Escola de Paris	37
Rosy F. de Borba	Artistas contemporâneos britânicos	41
	Exposições: Museus e Galerias	45
	Bestiário alheio	51
	O escultor Zamoyski	56
	Noemia	58
	Bahia	60
Maria de Lourdes Teixeira	Entre Marinetti e Dali	62
	CRÔNICAS — Arquitetura, Artes Plásticas, Música, Teatro, Cinema, Livros, Revistas	76

Propriedade: Habitat Editora Ltda.; Diretor responsável: Geraldo N. Serra; Editor: Rodolfo Klein; Departamento de Publicidade: Walter Simoni; Redação, Administração e Publicidade: Habitat Editora Ltda., rua 7 de Abril, 230, 8.º andar, conjunto 837-38, Fone 35-2837, S. Paulo. Departamento fotográfico: Orientação de Ernesto Mandowsky, Fotografias de: A. C. Cooper, A.F.I., Alice Brill, Anatole Sadernan, Ars Film, Bertrand Weill, Bosio Press, Bulloz, Carlos, Ciolfi, Contreras, Div. de Doc. da Reitoria da Univ. de São Paulo, Ernesto Mandowsky, Etienne Bertrand Weill, Folha da Manhã, Galerie Denise René, German Lorca, Guglielmo, Intercontinental, Jean Fichter, J. P. Sudre, Knocler, Marc Vaux, M. Holzman, M. Novais, Nouveau Fémina, Pierre Leclerc, R. Maia & Franceschi, Raymond Wilson, Robert G. Smith, Sascha Harnisch, S. Ohana, Valintos, Viguiet Yves Hervochon. Assinaturas: Brasil, 6 números bimensais Cr\$ 220,00; número avulso Cr\$ 40,00; número atrazado Cr\$ 60,00; Estrangeiro, 6 números bimensais US\$ 10,00; número avulso US\$ 1,75; número atrazado US\$ 2,00. Impresso na Empresa Editora «O Papel» Ltda., Rua Lavapés, 538, Fone 36-3689; São Paulo.



Chaminé de Ventilação, Habitação de Marseilha, Le Corbusier.

FUNÇÃO + FORMA = ARQUITETURA

O concreto armado é aí usado em toda a sua beleza, técnica e função, ditando a forma.

Ensino da arquitetura

arq. Abelardo de Souza

Nossas Faculdades, pelos seus métodos de ensino e pelos seus programas não evoluíram o necessário a fim de poder ensinar arquitetura como esta se apresenta em nossos dias e como esta se encaminha pelo futuro a dentro.

Arquitetura, pela soma de conhecimentos que ela exige do profissional para o seu perfeito conhecimento, evidentemente que não poderá ser ensinada nos poucos cinco anos de curso. Esses cinco anos deveriam ter como fim, parece-nos, não formar um arquiteto no sentido exato da palavra, isto é, não pretender dar ao aluno todos os conhecimentos para que o jovem saia um arquiteto com pleno e firmado conhecimento da arquitetura, mas dar ao aluno uma orientação segura para que ele possa, depois de formado, ter uma sólida base para continuar estudando.

Durante o curso e depois de formado, o aluno aprenderá e sairá sabendo, em regra geral, toda a parte teórica, toda a parte histórica e mesmo plástica; mas arquitetura, arquitetura-criação, arquitetura-organização de espaço, o sentido exato da arquitetura, isto não se aprende em cinco anos.

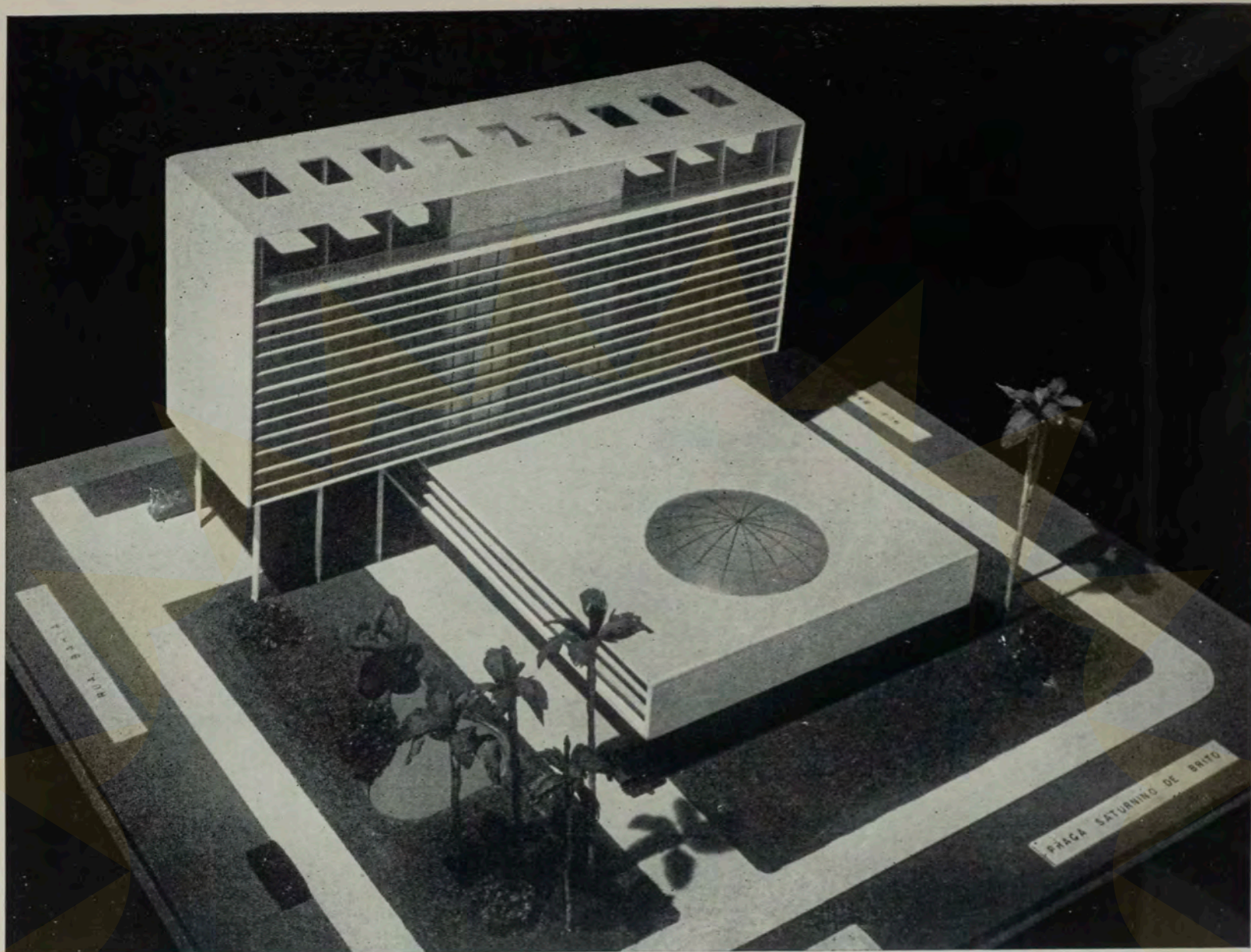
Arquitetura é coisa séria; é, como já dissemos, a soma de um mundo de conhecimentos técnicos e artísticos que juntos levam a inspiração do artista à realidade da obra.

Para um profissional de arquitetura requer-se um certo grau de amadurecimento nos conhecimentos gerais o que, evidentemente, não se poderá exigir nos cinco anos de curso. Para um profissional de arquitetura requer-se um amplo conhecimento das relações humanas o que somente poderá ser conseguido com um regular contato com os homens, quando o arquiteto puder sentir realmente que arquitetura é uma ciência e uma arte feitas exclusivamente para o homem e em sua escala. Para um profissional de arquitetura requer-se um elevado grau de honestidade que deverá ser desenvolvido logo nos primeiros dias de aula. Honestidade que deverá estar presente em todos os seus atos, honestidade que lhe deverá ser transmitida pelos seus mestres em todas as ocasiões e que deverá acompanhá-lo por toda a vida.

Durante o curso o aluno deverá sentir a responsabilidade da sua profissão; deverá sentir a importância dela junto a humanidade e o papel que ela representa na vida do homem. O curso de arquitetura deverá iniciar o aluno no grande problema da arquitetura que é a sua própria definição; arquitetura é a organização do espaço. Organização do espaço em que este é considerado não como um elemento morto, sem forma nem dimensão, mas como elemento fundamental no qual o homem vive e se move e que deve ser organizado em relação a ele.

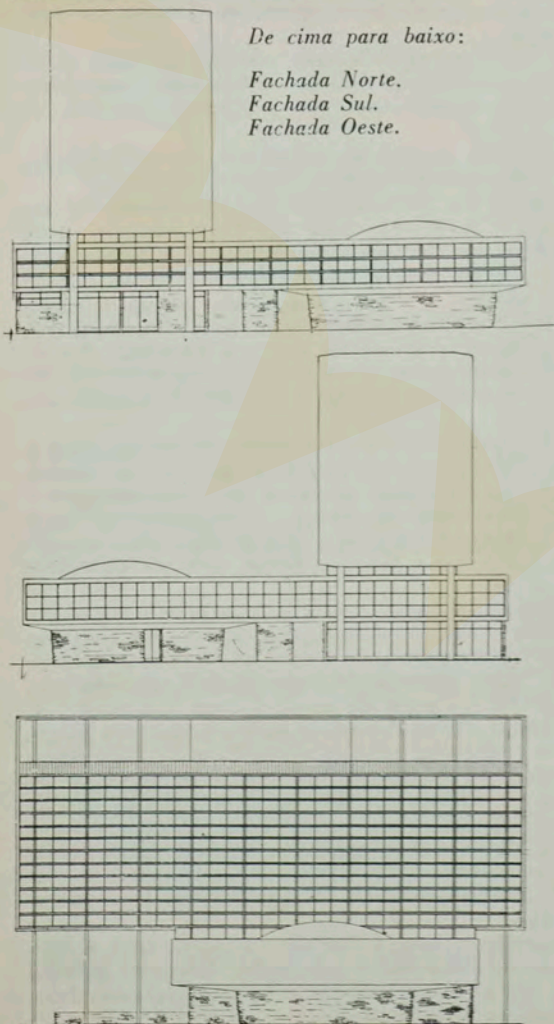
Parece-nos que o curso deveria ser orientado num sentido mais prático onde o aluno pudesse ter, por exemplo, um contato mais direto com a realidade, onde ele pudesse pesquisar uma melhor aplicação do material em função do projeto, do local e do destino do mesmo. O curso deveria ser iniciado com um período de adaptação do jovem aluno à sua nova profissão. Deveria ser-lhe contada toda a história das artes em geral, o como e o porquê de todos os estilos clássicos de arquitetura, fazê-lo desenhar bastante e livremente para adquirir técnica; fazê-lo criar formas e sentir proporções, plástica e equilíbrio. As cadeiras matemáticas, pela sua importância, deveriam ser ministradas no sentido da formação do arquiteto. Nos anos intermediários todas as cadeiras deveriam ser orientadas no sentido e em função da disciplina principal que é Composição de Arquitetura. Plástica, desenho artístico, desenho técnico, construção civil, eletricidade e hidráulica e mesmo as chamadas cadeiras teóricas, todas em função de composição de arquitetura. As primeiras noções de urbanismo, uma vez que urbanismo é continuação da arquitetura, deveriam ser ministradas também nos primeiros anos do curso.

Uma coisa que nos parece de grande importância para a formação do arquiteto é a ligação estreita "projeto-obra", isto é, a ligação do aluno com a construção; deverá ser incutido no espírito do aluno, com bastante vigor, que arquitetura não é só projeto, mas obra feita. A realização do projeto é que é a verdadeira arquitetura.



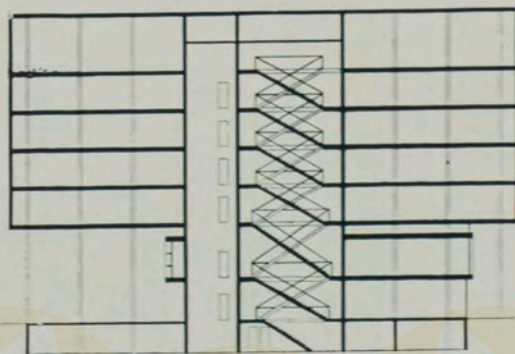
De cima para baixo:

Fachada Norte.
Fachada Sul.
Fachada Oeste.



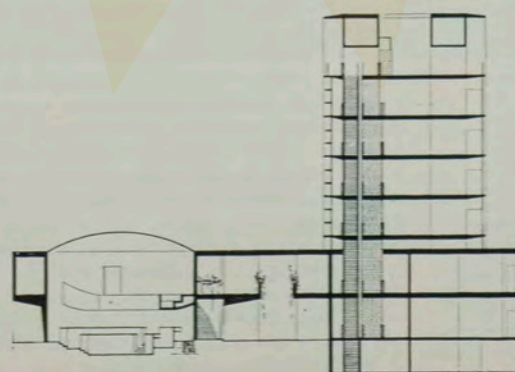
Paço Municipal de Marília, Est. de S. Paulo

Ante-projeto: arq. Miguel Badra Jr., em colaboração com Ginez Velanza



Corte longitudinal.

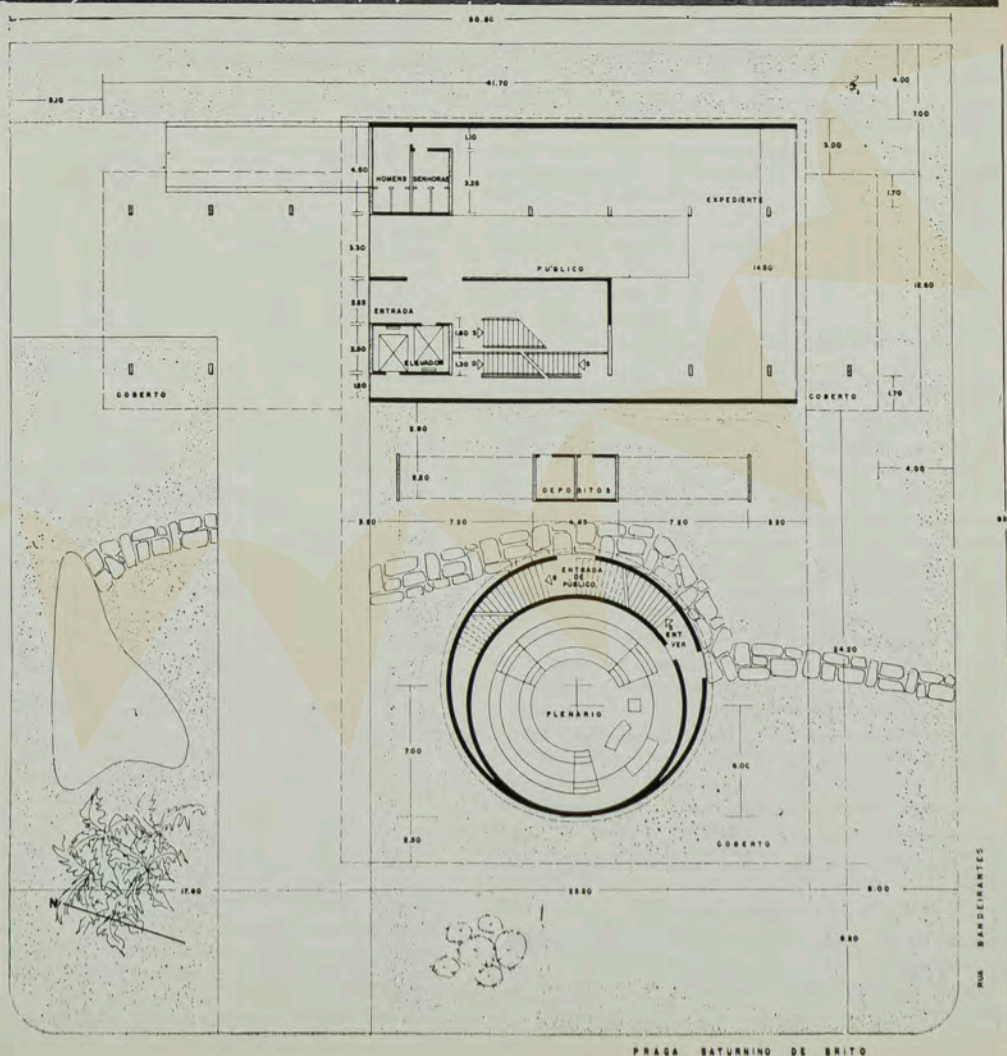
Corte transversal.



Marília, cidade fundada por Bento de Abreu Sampaio Vidal, no Estado de São Paulo, num planalto de 700 metros de altitude e numa região de clima ameno. O município foi criado em 4 de abril de 1929, tendo apenas um quarto de século de existência. Hoje é a quinta cidade do Estado e a trigésima do Brasil. Possui uma população de aproximadamente 100.000 habitantes, dos quais 50.511 estão concentrados na cidade. A arrecadação do imposto sobre a renda, segundo a última publicação do boletim de arrecadações (D.R.F. 14), era, em agosto de 1953, de Cr\$ 23.688.515,10 e atingiu em agosto de 1954 o total de Cr\$ 40.705.191,10, cifra esta somente superada pelas arrecadações por São Paulo, Santos e Campinas, no Estado de São Paulo. O terreno destinado ao Paço Municipal, de 50,80 x 53,00 m, está localizado na praça Saturnino de Brito, entre as ruas Bahia e Bandeirantes. Os dados estatísticos fornecidos pela Prefeitura Municipal local, conduziram à elaboração de um programa, no qual seriam previstas as futuras necessidades. Deste programa foi elaborado o projeto que comporta elasticidade, flexibilidade, progressividade e comodidade, fatores normalmente solicitados para edifícios públicos. Foi adotado o partido de dois blocos mais ou menos independentes: um, mais alto, destinado aos serviços do Executivo e o mais baixo para as instalações do Poder Legislativo. Dada a pequenez do terreno e a reduzida proporção da praça fronteiriça, procurou-se elevar o mais possível o edifício do sólo, com o propósito de aumentar o espaço livre que o circunda.



Planta térrea.

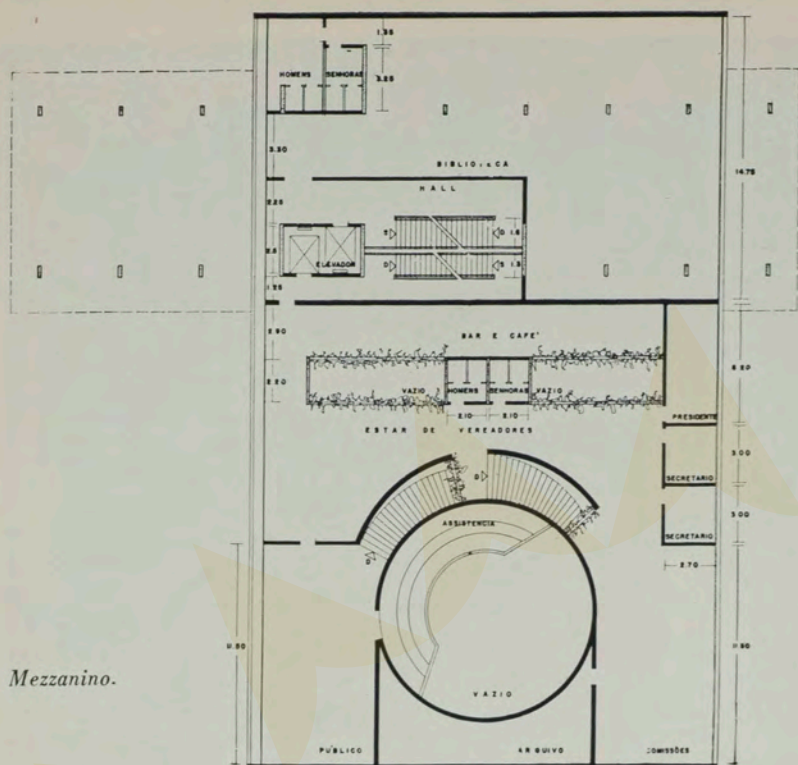


Os dois blocos foram colocados no terreno obedecendo à orientação e às condições climáticas e desta forma todas as fachadas excessivamente insoladas serão protegidas por "brise-soleils" horizontais, feitos de concreto armado, de extremidade a extremidade nas fachadas norte, para o Legislativo e Oeste para o Executivo; as fachadas de menos intensidade de insolação, serão envidraçadas. Na praça Saturnino de Brito está previsto, um auditório ao ar livre, destinado às sessões cívicas, comícios, concêrto, etc. com uma concha acústica para melhor distribuição do som.

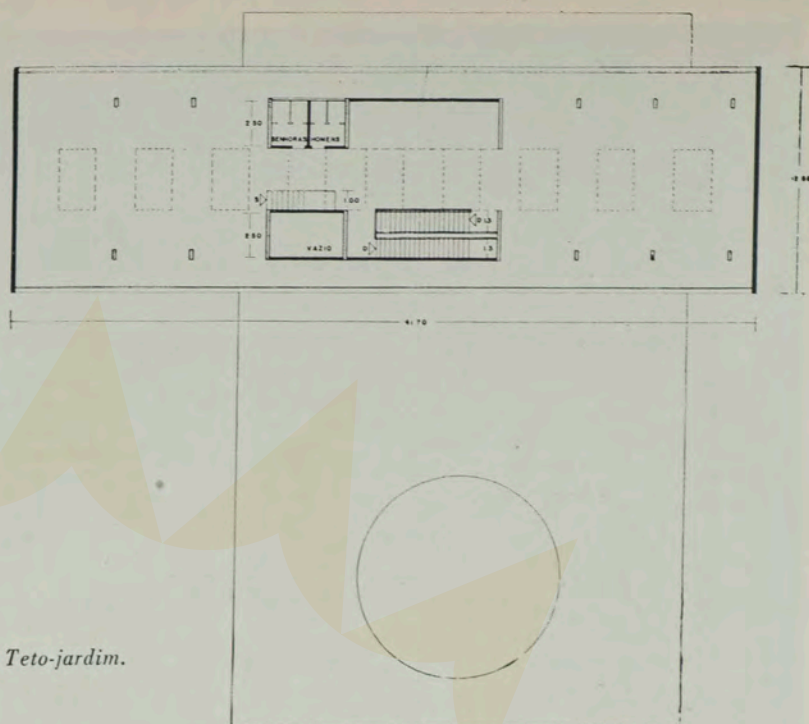
A estrutura do edifício será de concreto armado e as lajes nervuradas. O bloco mais alto estará ligado ao sólo por colunas e a parte destinada ao Legislativo, por um tronco de cone invertido, dentro do qual o plenário se abrigará.

A circulação se fará separadamente, estando previstas entradas destinadas ao público e entradas privadas para autoridades, funcionários, vereadores e veículos. A circulação vertical será processada por elevadores e por escadas, sendo sempre independentes a do público da dos funcionários, autoridades e dos vereadores.

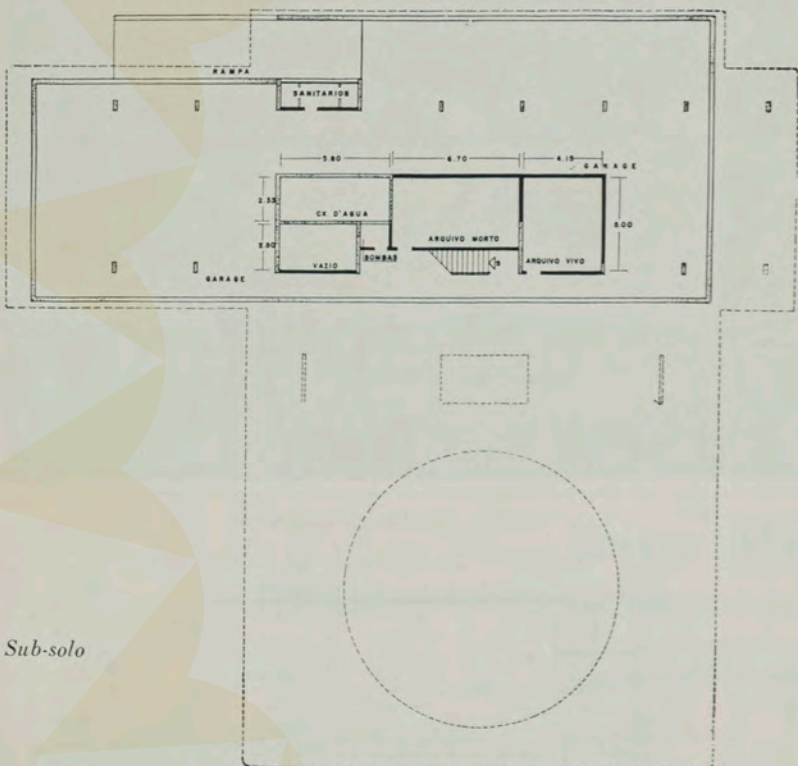
No bloco destinado ao Executivo, os vários departamentos mais diretamente ligados ao prefeito, estão de um lado e os demais de outro, servindo como divisão as escadas e os elevadores. Nos altos do edifício está previsto um pavimento ajardinado para repouso, de onde se descortinará grande parte da cidade. Eventualmente far-se-á instalação de bar, café e restaurante para uso exclusivo de funcionários e autoridades. No bloco destinado ao poder legislativo, os vereadores permanecerão de um lado e o público de outro, havendo possibilidade de consulta entre as duas partes. A sala das sessões será no pavimento térreo e a galeria destinada ao público no superior. A biblioteca poderá ser usada pelos vereadores e pelo público.



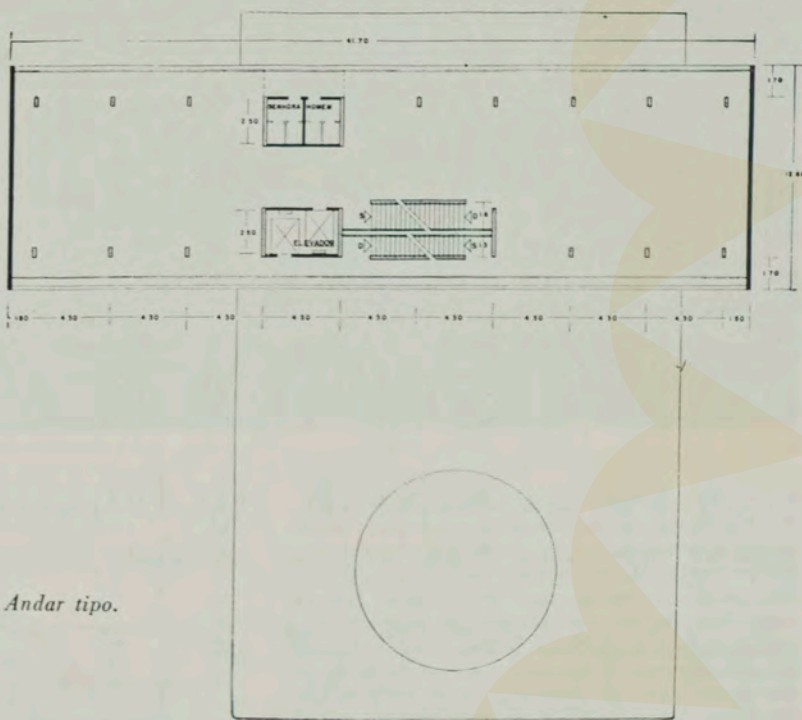
Mezzanino.



Teto-jardim.



Sub-solo



Andar tipo.

Sumário do programa

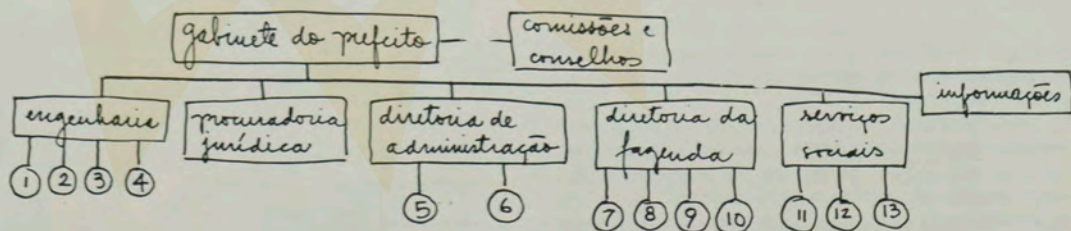
Bloco mais alto destinado ao Executivo, com 5 pav.:

- a — Gabinete do prefeito com salas de espera, oficiais de gabinete, assistentes, serviços e salão nobre.
- b — Expediente: obras — engenheiros: diretores, assistentes, planejamentos, engenharia fiscal e obras públicas e serviços.
- c — Contabilidade e finanças: público, diretoria, tesouraria, caixa forte, lançadoria, receita e fiscalização e serviços.
- d — Administração, diretoria, procuradoria jurídica, arquivo vivo, arquivo morto e aferições.
- e — Comissões de esporte, educação e cultura, meteorologia, biblioteca com o respectivo expediente e portaria, associação dos funcionários, serviços gerais e sanitários.

Bloco mais baixo destinado ao Poder Legislativo com 1 pavimento:

- a — Salão de sessões: salas para o público e galerias.
- b — Sala de vereadores: estar, bar e café.
- c — Salas da presidência e secretaria da Câmara Municipal.
- d — Salas das comissões, serviços gerais e sanitários.

Organograma da Prefeitura Municipal de Marília.



- 1 Obras públicas — fiscalização.
- 2 Obras particulares — fiscalização.
- 3 Serviços municipais.
- 4 Expediente.
- 5 Pessoal.
- 6 Expediente.

- 7 Contabilidade.
- 8 Receita.
- 9 Tesouraria.
- 10 Material.
- 11 Assistencial.
- 12 Abastecimento.
- 13 Educação.

Plano de urbanização da cidade de Lins, Est. de São Paulo

arq. Luiz Sáia

A consideração devida aos fenômenos de ordem econômica e social impõem aos trabalhos nacionais de planejamento urbano uma feição nada ortodoxa em confronto com a linha tradicional ianque ou europeia, de cuja experiência nos afastamos embora reconhecendo a validade legítima da tradição técnica que representam.

De fato, se de um lado, frente ao problema europeu, nos distinguimos pela peculiaridade de um período de nítida expansão territorial e demográfica, da experiência americana do norte diferem os problemas nossos pela circunstância da sujeição a regime diverso na economia e na organização da coisa pública. Nos países europeus de maior experiência urbanística, os sistemas viários de há muito estabelecidos e apenas sujeitos a trabalhos de atualização, garantem aos núcleos urbanos uma estabilidade e participação na economia nacional, suficientes para desenhar-lhes uma composição demográfica facilmente previsível nas suas variações e tecnicamente abordável por meio de cálculos e esquemas consagrados. Na Inglaterra, França, Alemanha, as cidades e populações, instaladas em função das tramas viárias (canais, ferrovias, rodovias) oferecem potencial de desenvolvimento estável e de razoável reputação, o que justifica a importância dos "surveys" nos trabalhos especializados dessa procedência. Nas cidades paulistas esse potencial está contingenciado pelo obsoleto de um sistema viário e uma técnica de produção passadistas e defeituosos. Isso é tão acentuado que nem possuímos ainda navegação interna, fator essencial para uma produção e uma circulação em níveis econômicos. A nossa rede ferroviária mantém ainda um esquema responsável pelo tipo de economia colonial. A trama rodoviária, ainda em execução (e única que obedece, bem ou mal, à uma planificação) ganhou uma importância e uma precedência que conflitam profundamente com os interesses econômicos da coletividade. A produção e o consumo de energia, elemento de base para o progresso material, e por isso mesmo coordenada principalíssima de uma política de planificação, se mantém num regime retrógrado e incapaz.

Nestas circunstâncias e na carência de uma planificação que discipline a implantação consentânea dos citados serviços fundamentais, não só às cidades e às populações ficam sujeitas a um regime de instabilidade econômica e social prejudicial ao seu desenvolvimento, mas o próprio Estado contribui para desequilibrar e desproporcionar as inversões que lhes são pertinentes por força da vigente política tributária. Tal situação, agravada ao extremo pelas características do facies geológico do Estado de São Paulo e pelos vícios tradicionais predatórios da nossa economia de produção, determinam uma mobilidade demográfica doentia, sujeitando o desenvolvimento das cidades a fatores cujo enquadramento nas provisões do tipo clássico é impossível. Com uma infra-estrutura de circulação já estabelecida, como acontece na Europa fácil seria analisar os problemas de desenvolvimento com base objetiva e segundo esquemas clássicos. Ora, não só isso não acontece, mas nem mesmo existe uma planificação de âmbito estadual (o que viria, em boa parte, remediar o problema) e o pior é que muitas vezes o Estado comparece com obras que acenam os senões existentes, facilitando maior desgaste econômico ao proporcionar uma dispersão cada vez mais acentuada da população que produz, impelindo-a para as terras novas onde possa exercer o mesmo tipo de trabalho, já em base de resultados enganadoramente mais baratos.

A contradição é evidente. Embora investido da responsabilidade da realização das obras necessárias aos serviços públicos regionais (responsabilidade automaticamente atribuída pela política tributária), o Estado atribui a iniciativa dos aconte-

cimentos a um individualismo sem cabimento, conservando-se inoperante na crista dos acontecimentos que deveriam evoluir segundo seu controle. O resultado disso, em que peze ser também desastroso para a economia regional, cria condições especialíssimas para o planejamento municipal.

Tal fato fica bem evidente quando se compara o caso nacional com o ianque anterior à segunda guerra mundial. Em 1936 a distribuição da capacidade tributária dos dois países era a seguinte:

	Brasil	EEUU
Impostos federais	63%	31,5%
Impostos estaduais	28%	14,5%
Impostos municipais	9%	54 %

Com tal quinhão, as municipalidades americanas do norte não só podiam manter equipes de especialistas a seu serviço, mas promoviam a execução de benfeitorias dificilmente imagináveis numa cidade paulista, se incumbindo mesmo de serviços cuja importância ultrapassava os estritos limites municipais. Em contraposição, a curteza de fôlego das nossas cidades nunca lhes permitiu pensar em problemas além das sargetas; a grande maioria delas não possuindo cadastro e nem sequer um engenheiro no seu quadro de funcionários. E, dada a circunstância de tal desproporção proceder de recuados tempos (em 1828 o quinhão municipal era de 3%, em 1856 era de 3,3%, e em 1887 atingia 4,56%) o município venceu todo o período mais vivo do capitalismo, durante o qual seria capaz de aventuras importantes para a economia regional (como fica sugerido pelo que se fez em matéria de construção ferroviária), obstruído por uma dependência financeira acabrunhante e aniquiladora. Atualmente a situação dos EEUU mudou, por força da segunda guerra mundial verificando-se lá a mesma proporção que a nossa no tocante à política tributária; mas lá, diferentemente daqui, as administrações municipais herdaram um patrimônio de serviços e de bem considerável em comparação com o correspondente nacional. Qualquer cidade ianque do tamanho de Jundiaí mantém uma universidade, parques públicos, serviços de água e esgoto em dia, "parkways", bibliotecas, auditórios, cadastro, serviços técnicos atendidos por especialistas, áreas verdes em quantidade suficiente, parques infantis, etc.

Nestas condições, afastada a possibilidade da aplicação segura das experiências europeia e americana, contingenciados profundamente pelas carências já anotadas, os planos diretores indispensáveis para as nossas cidades devem se afastar de uma ortodoxia universitária, responsável aliás por inúmeros fracassos e principalmente pela ausência quase completa de especialistas. Ultrapassando os estritos limites do planejamento urbano devem procurar as diretrizes principais dos problemas regionais, propondo-as e discutindo-as em conjunto com os problemas urbanos, politizando mesmo no sentido de obter a sua execução, de conformidade com as incidências vigentes e bases legais possíveis. Intervem, neste sentido, três fatores de reputação imprescindível:

1) Autonomia do Município. Base legal que faculte à administração municipal intervir junto aos poderes estaduais e federais exigindo deles o respeito e o atendimento aos interesses da unidade básica. As estradas de ferro, as rodovias, os trabalhos de regularização hidrográfica, saneamento, etc, podem, mesmo na precária legislação vigente, receber influência benéfica da intervenção municipal, uma vez que a crescente maturidade política e administrativa dos homens

do interior consiga elevar a um nível razoável o conhecimento dos próprios problemas. Para isso é indispensável uma noção de conjunto desses problemas, elemento que só pode ser obtido através do planejamento.

2) No trato dos problemas regidos por evidentes insuficiências de legislação, a pesquisa de soluções particulares é absolutamente indispensável. No caso, por exemplo, da organização do desenvolvimento da área urbana, segundo a legislação atual a prerrogativa do poder municipal atinge apenas 100 metros além do extremo da edificação contínua ou de um melhoramento da competência do mesmo (art. 110, § 1 da Lei Orgânica dos Municípios).

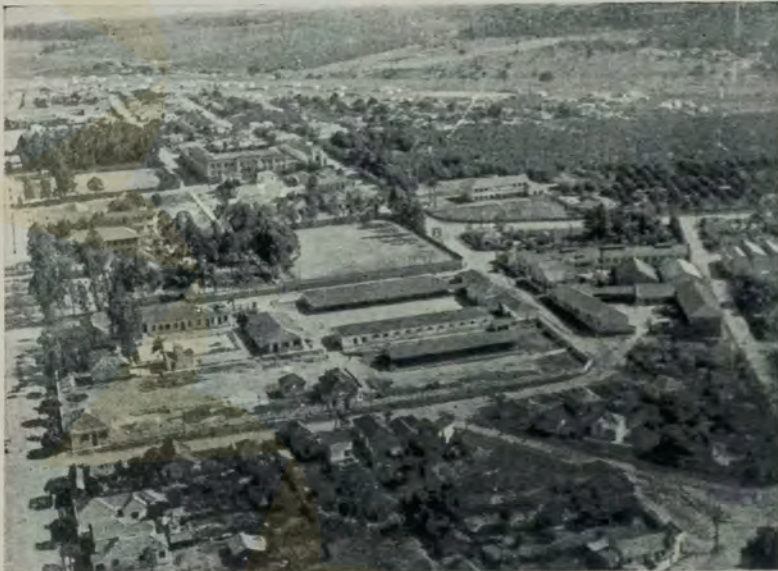
De conformidade com este dispositivo legal os novos loteamentos, exteriores à linha perimétrica da zona urbana, podem ser feitos e o são, à revelia da administração municipal, o que constitui gritante desacerto. E embora o art. 16 do mesmo diploma mande a administração "dispor sobre o uso das áreas urbanas", tal faculdade fica invalidada para aqueles terrenos potencialmente assenhoreada pelo mesmo. Isto pendente, semelhante desastre reside na incorporação preliminar, ao perímetro urbano, das áreas futuramente assenhoreadas pelo mesmo. Isto pendente, contudo, da audiência da Secretaria da Fazenda (sic) e é claro que a liberação de tal área ficará condicionada à apresentação, pela administração municipal, de um plano de extensão elaborado segundo os preceitos do urbanismo e justificado plenamente com argumentos de ordem técnica irrefutáveis. Sem isto ocorre que a administração só receberá as áreas hoje potencialmente urbanas quando as mesmas já estejam irremediavelmente comprometidas com loteamentos feitos à sua inteira revelia.

3) A administração municipal, de fôlego financeiro curto, não consegue realizar obras de vulto, especialmente as de reagenciamento urbano e saneamento, de que carecem a grande maioria das nossas cidades. Por outro lado é praticamente inoperante planejar melhoramentos públicos com base em desapropriações e dificilmente se encontram cidades com um patrimônio imobiliário suficiente para permitir-lhes um regime de trocas interessante. Além disso, o Estado se acostumou a exigir doações de áreas indispensáveis para a construção de edifícios públicos (grupos escolares, ginásios, foruns, etc.), cujas obras sofrem uma política protelatória enervante. Sem grande capacidade financeira, portanto, e sem base imobiliária, só resta às administrações das cidades uma saída para os seus urgentes problemas de remanejamento: de um lado jogar com a própria capacidade de promover a valorização ou desvalorização de locais de seu interesse, e de outro pesquisar soluções, mais virtuosísticas do que racionais, para cada caso particular. Neste sentido, a grande contribuição de um plano urbanístico reside no estabelecimento de um plano viário que feche o atual centro urbano e preestabeleça diretrizes para as zonas de expansão, garantindo nestas um volume de vias e de áreas livres suficientemente folgado para reproporcionar a cidade, compensando as deficiências existentes. A solução dos problemas para a cidade atual deve ser procurada com a aplicação de gabaritos estudados de modo específico, os quais poderão obrigar, com o correr dos tempos, as construções entrarem numa disciplina impossível de ser obtida, nas atuais circunstâncias, por meio de desapropriações. Deve ser considerado que este caminho é viável para o caso das cidades paulistas, nas quais se verifica um rápido obsoleto das construções, fenômeno não comum em outras regiões e noutros países. A elaboração do plano de Lins se baseou nessas considerações.

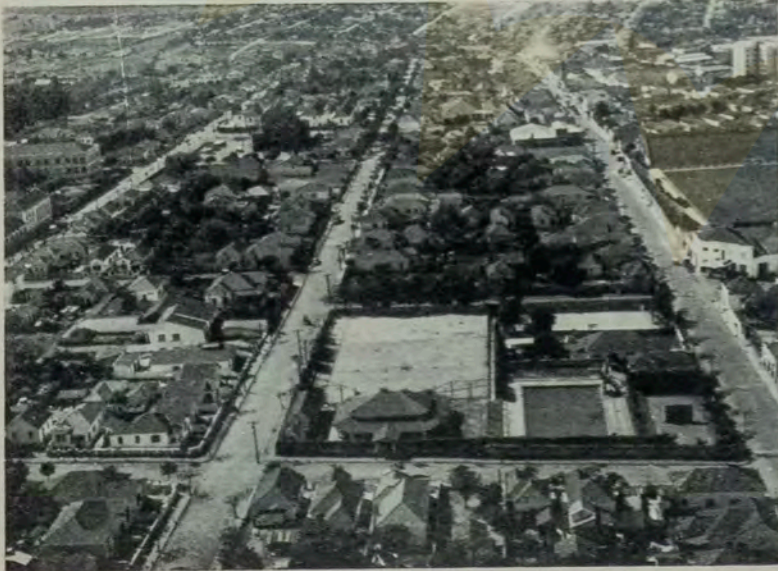
No mapa de O'Leary, de 1893, a região de Lins ainda era sertão praticamente desconhecido, habitado por Coroados e Xavantes. Estes índios percorriam a região segundo trilhas; uma delas ligava as cabeceiras do Rio Feio às cachoeiras do *Avanhandava* e do *Marimbondo*. Na interseção desta trilha com o traçado da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, se estabeleceu em 1907, uma povoação. Em 1913 foi oficialmente aberto aí o Patrimônio de Santo Antônio do Campestre. A prevalência do fator transporte fez com que o nome da estação, Albuquerque Lins, fosse preferido para o núcleo urbano decorrente. A tendência, tradicional nas cidades paulistas, de preferir as linhas de cumiada para a pesquisa do centro principal da cidade, e a direção principal das melhores terras da região, ao sul, se aliaram forçando a instalação urbana, em rápido desenvolvimento, nessa direção, em cujas saídas mais frequentadas foram se dispondo faixas de comércio (*ribbom development*). A alta do café, a abertura de novas fazendas e novos núcleos urbanos na região, e a interveniência do caminhão influíram de um modo decisivo na tectonica urbana, desenhando-lhe as preferências nunca negadas pela ulterior evolução e devidamente reputadas no estudo das soluções propostas pelo presente plano. Na década de 40 a região se tornou o maior centro cafeeiro do mundo e a cidade se firmou como centro regional de legitimidade incontestável. O rápido obsoleto das ligações ferroviárias e rodoviárias entrou contudo o ritmo normal de crescimento da cidade, impedindo-lhe

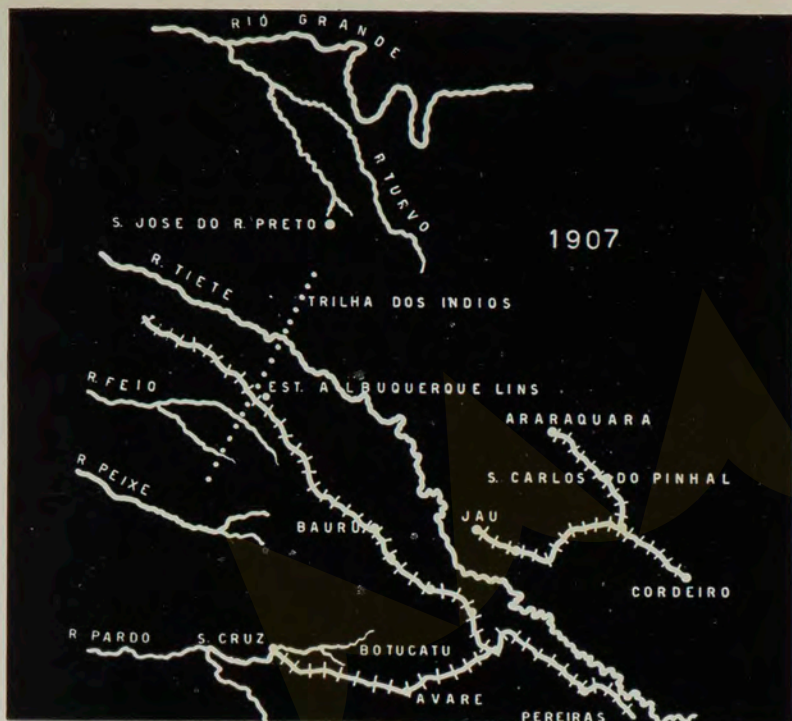
uma industrialização plenamente justificável pela excelente posição regional. Logo em seguida aos primeiros estudos da cidade e suas condições específicas a atenção foi voltada para o problema do remanejamento da ferrovia na sua passagem por Lins. Uma vez que o novo traçado rodoviário para Mato Grosso já estava instalado, tangenciando a cidade na parte sul, que a rodovia norte sul (B-14), já em fase de construção em diversos trechos, escolhera uma diretriz também tangenciando a cidade e que a proposta de uma ligação ferroviária Norte-Sul (Uberaba-Ourinhos), surta do estudo do plano de São José do Rio Preto e aceita como emenda ao plano nacional ferroviário, igualmente apresentava uma diretriz atingindo a cidade, foi possível e conveniente estudar uma solução de conjunto, considerando os múltiplos fatores regionais e locais e pesquisando uma solução de fechamento para o perímetro de extensão da cidade. A solução proposta para um novo traçado da ferrovia NOB, uma vez que consultava de um lado os interesses urbanos e de outro atendia com vantagem às questões de técnica ferroviária, foi aceita pela administração da cidade e pela direção da NOB. No esquema proposto e aceito por ambas as partes, o atual traçado da ferrovia deverá ser aproveitado, ao ser removido o tráfego para o novo leito já em construção, para uma via urbana; como esta diretriz acompanha o talvegue do ribeirão do Campestre pela banda sul, o plano diretor prevê a sua complementação com outra via disposta no aclave da banda norte;

o intervalo, entre as duas vias, atualmente uma baixada sem uso e sujeita a enchentes cada ano mais severas, depois de aterrado, e regularizado o citado ribeirão, deverá receber um tratamento tipo "park-way", podendo algumas partes da sua área serem aproveitadas para a localização de mercado, estação rodoviária, clubes, lago e parque de recreação, e eventualmente outros edifícios de uso público que aí possam se dispor desde que sejam resolvidos com um partido capaz de garantir 360 graus de fachada e não conflitem com o caráter geral do uso especificado para esta área. Em três pontos este talvegue deverá ser atravessado por vias de tráfego preferencial; num primeiro estágio estas travessias se farão em nível, quando a intensidade de tráfego atingir um volume considerável deverão ser construídos viadutos que proporcionem uma transposição mais livre do vale. Além de permitir a localização conveniente de edifícios públicos de difícil implantação, de criar uma grande área aberta para onde possa afluir o grosso do volume do tráfego urbano-interurbano (a estatística revela uma média diária de 1.000 passageiros para o transporte interurbano), e de oferecer uma considerável área de verde predominante (300.000 mq) tão necessária à recomposição de um grau higrométrico aceitável para a cidade, significa uma oportunidade única de recuperação de terrenos abandonados e insalubres, em condições excepcionalmente favoráveis para os trabalhos de saneamento, os quais já foram iniciados pelo departamento de obras da prefeitura, como serviço de rotina. Se pode



Várias vistas aéreas da cidade de Lins, Estado de São Paulo, tiradas em princípios de 1954.





Mapa da região nos idos do ano de 1907.



As primeiras manifestações de uma futura cidade. 1913.



Sete anos após a nova cidade já transpunha o rio e começa a progredir.



Sucedem-se as construções, abrem-se as estradas. 1930.



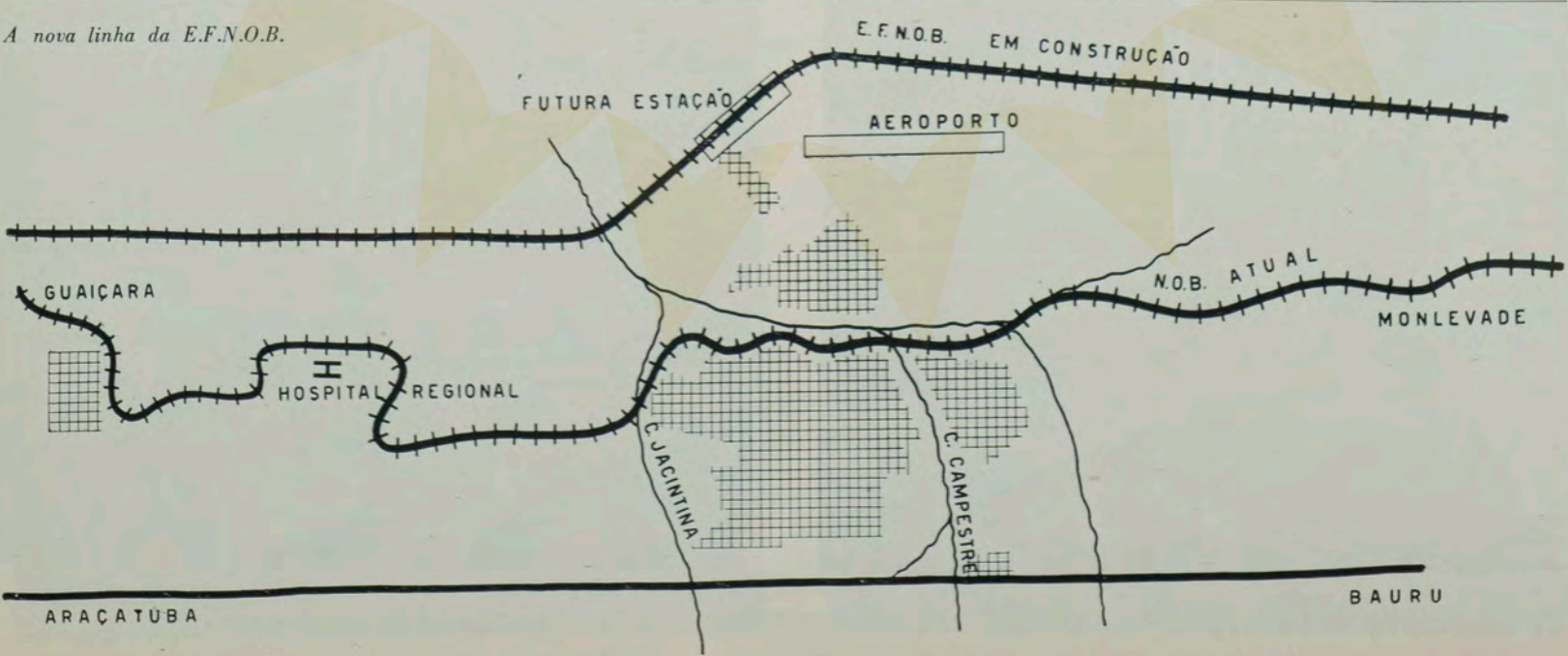
Lins será a primeira cidade com um plano diretor estudado, que sirva de exemplo.

- ◻ ENSINO ELEMENTAR
- ◼ ENSINO SECUNDARIO
- ◼ ENSINO TECNICO
- ◻ INSTITUTO UNIVERSITARIO
- ⊕ HOSPITAL
- ★ UNIDADE MILITAR
- ▶ PRAÇA DE ESPORTES
- Ⓜ MATADOURO
- ▲ MERCADO
- ☼ CAFE
- DENS. 100 hab/hect.
- ◐ " 75 "
- ◑ " 50 "
- ◒ " 25 "
- ◻ ZONA COMERCIAL
- ⌋ INDUSTRIA ISOLADA

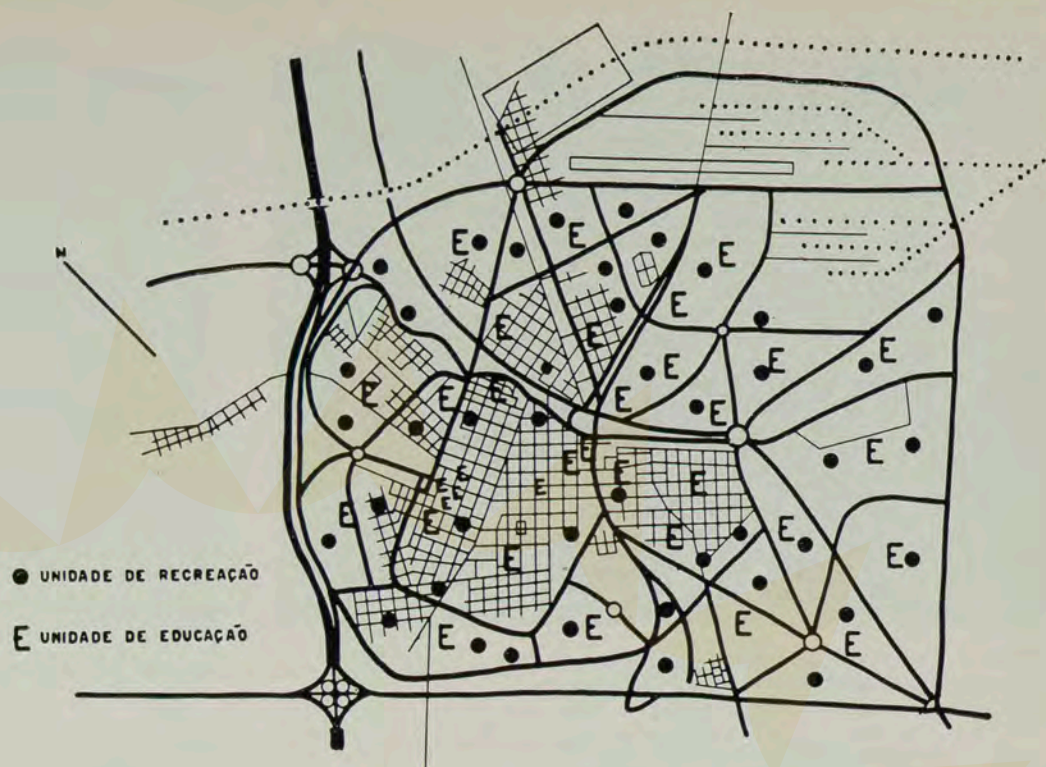


Levantamento ecológico.

A nova linha da E.F.N.O.B.



Indicação da localização das escolas e unidades de recreação.



superar assim o prejuízo decorrente da incômoda e difícil transposição do córrego brejoso e do fator psicológico desfavorável a incorporação urbana desta enorme área encravada na cidade. Para a NOB, a oportunidade apresentada pela solução sugerida representou a superação de um embargo molesto e protelatório, um traçado que significava 8 quilômetros de economia, um dentro das normas técnicas mais modernas, uma esplanada em condições excepcionalmente boas (no traçado de 1907, a diferença de cota entre Lins e as duas estações próximas, Guaçara e Monlevade, era da ordem de 60 metros). Todos os anos havia descarrilamentos desastrosos e as composições eram obrigadas a reduzir a sua capacidade à metade). Com a transferência da ferrovia para o novo traçado se abriu a oportunidade de instalação de uma grande área aproveitável para instalações industriais, agenciada de um modo rigorosamente econômico. Anteriormente várias indústrias importantes desejosas de se instalar em Lins tiveram que abandonar este projeto devido às dificuldades de terrenos convenientes na linde da ferrovia.

O tratamento equivalente dado ao Campestre Superior e ao córrego Jacintina vieram facilitar soluções sobremaneira faceis para os problemas da implantação de um sistema viário urbano em bases folgadas, indicando também a solução conveniente para o desenvolvimento da rodovia BR-14, ficando assim armado um esquema viário absolutamente completo e satisfatório tanto para a cidade como para os organismos estaduais e federais interessados. Para a população urbana tais perspectivas vinham pôr cõbro a uma situação geral de desconfiância e desânimo, na oportunidade de enfrentar seus próprios problemas em bases mais racionais e de consecução comprovada. Corbusier preconiza coisa deste gênero como ponto de partida para os trabalhos de urbanismo e lhe dá o nome de *golpe lírico*. Mesmo sem nenhum lirismo e fundamentado na mais fria objetividade, é muito importante ao arquiteto a descoberta inicial de um problema chave, em decorrência de cuja solução o plano geral encontra resposta adequada para cada questão que se proponha durante o seu trabalho.

Partindo do princípio de que, na época atual, as obras de vulto não podem ser levadas a cabo, em termos econômicos, quando visem apenas um objetivo particular, as soluções estudaram uma forma que proporcionasse aproveitamento múltiplo. Sempre respeitando aqueles elementos da tradição urbana estimados como definitivamente incorporados à fisionomia característica da cidade, e superando aqueles devidos a causas circunstanciais e temporárias, foi inicialmente estabelecido um esquema viário de fechamento para a cidade existente e armado um arcabouço viário que pudessem servir como diretriz principal para o plano de expansão, o qual se baseou na unidade de vizinhança. Para tanto pode-se aproveitar os

talvez dos riachos, agora em evidência devido à remoção do leito ferroviário, bem assim certos locais cujo tratamento se afigurou indispensável (como a grande vassoroca existente no limite extremo do atual traçado urbano) e, afinal a potencialidade urbana de cafezais que lindavam com ruas já abertas e até sargeadas. Uma vez estudado um plano para a expansão e assegurada a sua legitimidade pela superação dos problemas econômicos e psicológicos pertinentes, o remanejamento da área já assenhoreada pelas construções urbanas recebeu um tratamento conforme o fôlego financeiro da administração, de acordo com os gabaritos impostos pelas características da vida moderna e levando na devida conta o aproveitamento possível daqueles terrenos de uso atual francamente deficitário. É evidente que o fôlego financeiro não pode ser confundido com a capacidade de realização. As obras planejadas, de vulto nada modesto, capazes de absorver a atividade de várias administrações, e para isso devidamente escalonadas segundo a urgência e poder de atuação, poderão ser realizadas de conformidade com a rotina e a força orçamentária normal. Excepcionalmente haverá conveniência em atender a iniciativas englobadas, de volume imediato considerável, uma vez que as circunstâncias indiquem a sua oportunidade e o interesse de uso imediato. Em harmonia com os novos termos da trama viária, e atendendo a elementos respeitáveis da tradição, o plano estabeleceu um esquema de zoneamento, tomando como ponto de partida a racionalização do centro comercial, a obstrução do "ribbon development" já existente ao longo de algumas ruas, a escolha de zonas para residência garantidas por meio de gabaritos consentâneos, a especificação de uma zona industrial em conjugação com ferrovia e rodovias, estudou uma solução que liberasse progressivamente a quadra da Catedral, propôs a reserva de um espaço suficientemente generoso para a construção paulatina do futuro Centro Cívico e aconselhou a disposição de faixas de verde estudadas de acordo com o regime dos ventos e destinadas a proporcionar um microclima capaz de amenizar as severas condições vigentes, já bastante agravadas pelo desnudamento vegetal e pelo aumento progressivo da área específica artificializada.

O problema do reestabelecimento de condições climáticas adequadas exorbita da área urbana, inclusive porque influe na produção agrícola, ainda base econômica do município e da região. O aumento da superfície de evaporação por meio de áreas verdes e de represamento de córregos e rios, foi estudado tanto para a cidade como para a zona rural. Naquela foram indicados como indispensáveis pelo menos dois parques e dois reservatórios, estes necessários também para o controle e regularização da vazão dos riachos da cidade, os quais são periodicamente submetidos a enchentes cada ano mais desastrosas. Foram ainda indicadas duas faixas de verde dispostas fora

da linde urbana, com a função específica, uma de orientar os ventos benígnos para a cidade e outra servindo de anteparo, a jusante dos ventos noroeste. Tal função pode ser conseguida dispondo convenientemente as fiadas de árvores. Na zona rural, complementando o futuro represamento do Tietê a montante do salto de Avandava, foi estudado o represamento do rio Dourados num ponto loteado em pequenas propriedades rurais (Bairro do Tangará). Os múltiplos objetivos deste último represamento constituem: oportunidade de sanear a baixada paludosa desse afluente do Tietê sem interferir no lençol freático, proporcionar a instalação de um pequeno núcleo capaz de reaglutinar os sítiantes que, na situação atual não mantem intercurso social de espécie alguma e vivem num regime deficitário. A racionalização da exploração agrícola destas pequenas propriedades poderão, de acordo com o projeto estudado, se basear inclusive na possibilidade de produção local de energia em quantidade suficiente para instalações de beneficiamento de produção da área. Farmácia, posto de instrução elementar e agrícola, igreja, divertimentos públicos, etc., são os demais elementos necessários e indispensáveis para completar este pequeno centro rural.

A instrução e a recreação popular, que se encontram em situação deficitária, foram estudadas tendo em vista o aproveitamento e a adequação das unidades existentes e sua complementação a partir da oportunidade dos novos loteamentos e da recuperação das áreas abandonadas e desvalorizadas. De acordo com o esquema viário proposto, as unidades elementares foram sugeridas sempre segundo a capacidade e limite de cada unidade de vizinhança. Para a recreação foram previstas unidades para diferentes estágios de idade, inclusive estádio municipal e parque público, ambos aproveitando áreas recuperadas do talvegue do Campestre.

No estudo da área municipal, além do plano do bairro do Tangará, foi indicado um plano viário municipal, devidamente conectado com as rodovias principais da região. O problema da recuperação agrícola regional, embora esteja condicionado essencialmente à execução de obras da competência do Estado, foi analisado com o objetivo de contribuir para a maturação de uma política objetiva que possa intervir junto aos poderes competentes no sentido de forçar a realização de projetos essenciais ao Oeste do Estado e especialmente interessantes para a região. Como a regularização do curso do Tietê, iniciativa preliminar para o estabelecimento da navegação fluvial, da irrigação e da produção de energia e obtenção de adubos de que a região carece. Principalmente calcário e fosfato que existindo em abundância na zona do Tietê Superior só poderão ser transportados e beneficiados em condições econômicas quando for possível a navegação fluvial e houver energia em abundância.

Auguste Perret, 1874-1954

1874 — Auguste Perret nasceu em 12 de fevereiro, em Bruxelas, onde seu pai, canteiro de profissão, estabeleceu-se, posteriormente, na Comuna de Paris, em 1871. O recém-nascido foi batizado pelos companheiros do canteiro com o nome de *chefe aparelhador*.

1903 — formou-se em arquitetura deixando Paris estupefato com sua primeira construção: o famoso edifício da Rua Franklin, inteiramente construído de cimento armado. É o batismo desta nova arquitetura de cimento.

1905 — constrói, na Rua de Ponthier, uma garagem a qual se caracteriza pela trama das vigas verticais e horizontais.

1912 — realiza uma obra-prima que faz época: o "Théâtre des Champs Elysées". Bourdelle executa as esculturas de acordo com o mestre da obra.

1921 — constrói sua famosa igreja de Raincy.

1925 — realiza mais três obras: a igreja de Montmagny, à semelhança da de Raincy, sendo, entretanto, menos conhecida mas contudo considerada a mais bem executada; a capela de Arcueil e a Torre de Orientação de Grenoble.

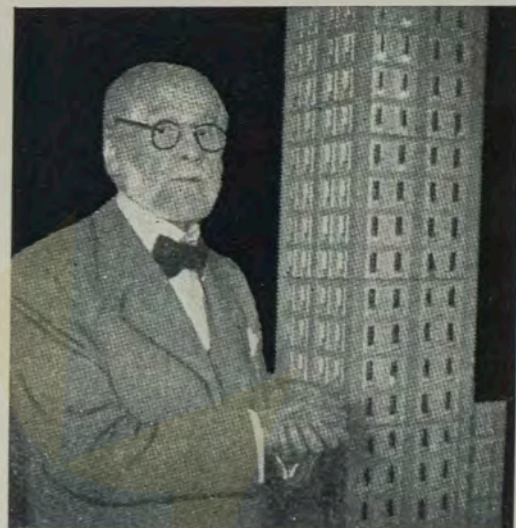
1929 — executa em Paris a Escola Normal de Música. É um grande feito, visto ter sido construída em local dos mais ingratos, pois a referida escola está praticamente imprensada entre dois edifícios e cuja superfície era irregular.

1931 — inicia a construção e a execução de serviços técnicos para a Marinha.

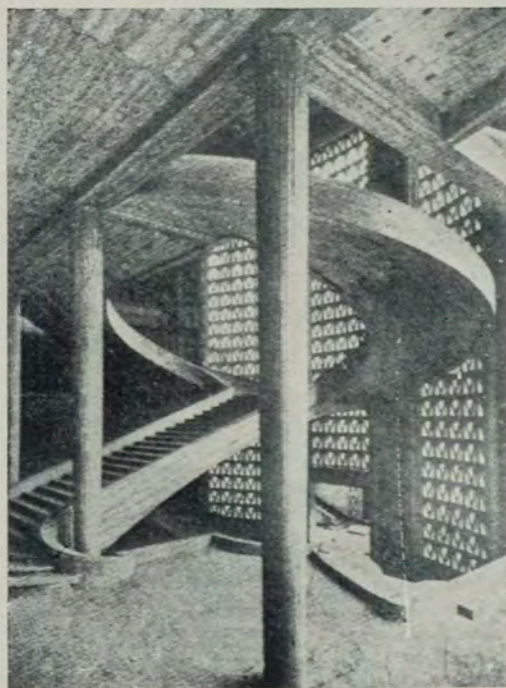
1932 — constrói um palacete em Garches.

1936 — inicia o Museu dos Serviços Públicos, na praça de Iéna. Tentou imprimir ao edifício a harmonia dos templos antigos e realiza aquela esplêndida escadaria, talvez sua obra-prima.

1945-1954 — dirige a reconstrução de Le Havre participa, ainda da de Amiens, onde edifica uma nova Torre.



A escadaria do Museu de Trabalhos Públicos, 1925.



O Museu de Trabalhos Públicos, Paris, 1935.



O Teatro de "Champs Elysées". Paris, 1912.



Eu era um dos primeiros discípulos

Com a morte de Auguste Perret, desaparece um grande arquiteto e construtor dos nossos tempos. Sinto-me orgulhoso de ter sido um dos primeiros alunos de Perret e o primeiro formado em seu atelier. Era a época heroica de Perret.

Quando em 1925 sua primeira equipe ficou completa, Perret, mal visto pelo público, teve que sustentar em sua luta, um grupo de alunos que abandonaram os ateliers acadêmicos da Escola de Belas Artes, revoltados que estavam com o critério inconsequente que dominava o ensino de então. Foi uma luta longa e penosa contra a incompreensão de uma escola cujo júri sistematicamente rejeitava nossos projetos. Era a época gloriosa da Igreja de Raincy e do "Palais du Bois", esta verdadeira maravilha da arquitetura, baseada na construção provisória em madeira, executada sobre alicerces de cimento armado.

Não se deve esquecer que nesta época, a meu ver a mais bela de Perret, ele era atacado por ser um revolucionário. E efetivamente ele o era, com toda a grandeza que a palavra revolucionário comporta, no tocante ao progresso das artes.

Auguste, como o chamávamos afetuosamente, deu-nos bases sólidas de uma educação arquitetônica. Pelas suas lições de análise e síntese, pela sua disciplina à estrita aplicação de um método, sou grato a Auguste Perret, pois estes são princípios de uma perene grandesa.

Paul Nelson



A torre de Orientação, Grenoble.



Residência particular, em Gârches.



Perret, inspecionando a reconstrução de Le Havre, 1943.

Ele conferiu ao concreto armado títulos de nobreza

A personalidade de Auguste Perret assemelha-se a dos grandes construtores dos tempos passados. Gostava da vida simples e rude do homem de obras, trabalhando no meio dos seus colaboradores, alunos, contra-mestres e operários, dando-lhes um edificante e constante exemplo de dignidade e competência. Seu atelier, à rua Raynouard permanecerá como lição que jamais será esquecida pelos que o frequentavam ou então o ouviam falar naquela sua característica linguagem em que tudo era arquitetura e a ela se relacionava.

A herança que deixa aos arquitetos é considerável. Não é somente sua magnífica obra que deverão conhecer como sendo uma das principais bases da arquitetura do século vinte; é também seu grandioso conceito do exercício da profissão. Com efeito, sua clarividência, sua vontade, seu espírito de decisão, sua extraordinária competência técnica, todas essas qualidades estão manifestas tanto no estudo como na execução. Nada deixa ao acaso, pois prevê cada detalhe e a este novo material que é o cimento armado confere autêntico título de nobreza, pois é o ponto alto do mundo contemporâneo.

Graças a esta segurança de atitude do construtor e graças, ainda, à noção exata das responsabilidades do arquiteto é que Auguste Perret soube impor e fazer respeitar uma nova concepção artística como dar à arquitetura de nosso tempo o sentido da sua grandeza.

Bernard Zehruss

Do livro "Contribuição à uma teoria de arquitetura".

Movel ou imóvel tudo aquilo que ocupa espaço pertence ao domínio da arquitetura.

Arquitetura é a arte de organizar o espaço; pela construção é que ela se exprime.

De todas as expressões de arte, a arquitetura é a que mais está submetida às condições materiais.

Construindo é que o arquiteto atende às condições tanto permanentes como passageiras.

A construção é a língua materna do arquiteto.

O arquiteto é um poeta que pensa e se exprime em termos de construção.

Técnica, perene homenagem à natureza; é, também, o principal alimento da imaginação, autêntica fonte de inspiração, a mais eficaz de todas as preces e a língua materna de todo o creador.

A técnica expressada pelo poeta leva-nos à arquitetura.

A estrutura de um edifício é feita de elementos e de formas impostas pelas condições permanentes que, submetidos à natureza, ligam-no ao passado e o endereçam ao futuro.

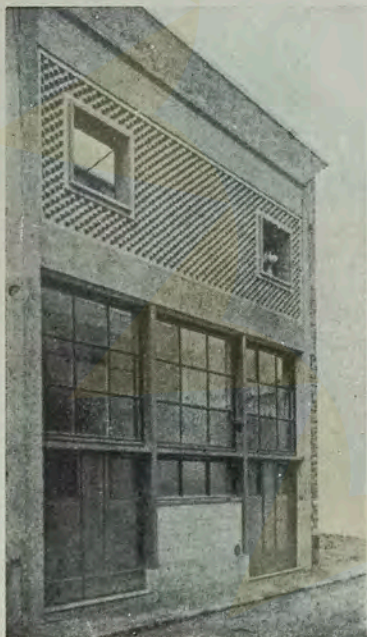
Aquele que dissimula qualquer parte de uma estrutura, priva-se na realidade, do único perfeito e mais belo ornamento de uma arquitetura.

Aquele que dissimula uma viga qualquer, incide em falta; aquele que faz uma viga falsa, comete um crime.

Aquele que mesmo não traido os materiais ou os programas modernos tenha produzido uma obra que dê a impressão de ter existido sempre, mesmo que seja banal, em verdade poderá dar-se por satisfeito.

A arte não deve ser motivo para espanto ou para nos comover. O espanto e a emoção são choques de efêmera duração; os sentimentos aí são contingências piegas.

O principal fim da arte é a de nos conduzir, dialéticamente de satisfação em satisfação; além da admiração mesmo e até ao tranquilo deleite.

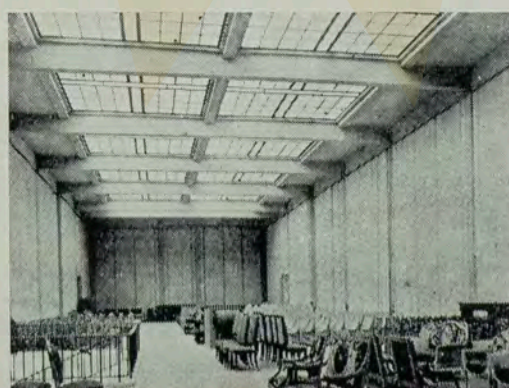


A residência de Chana Orlof, 1926.

Guarda-moéis nacional, Paris.

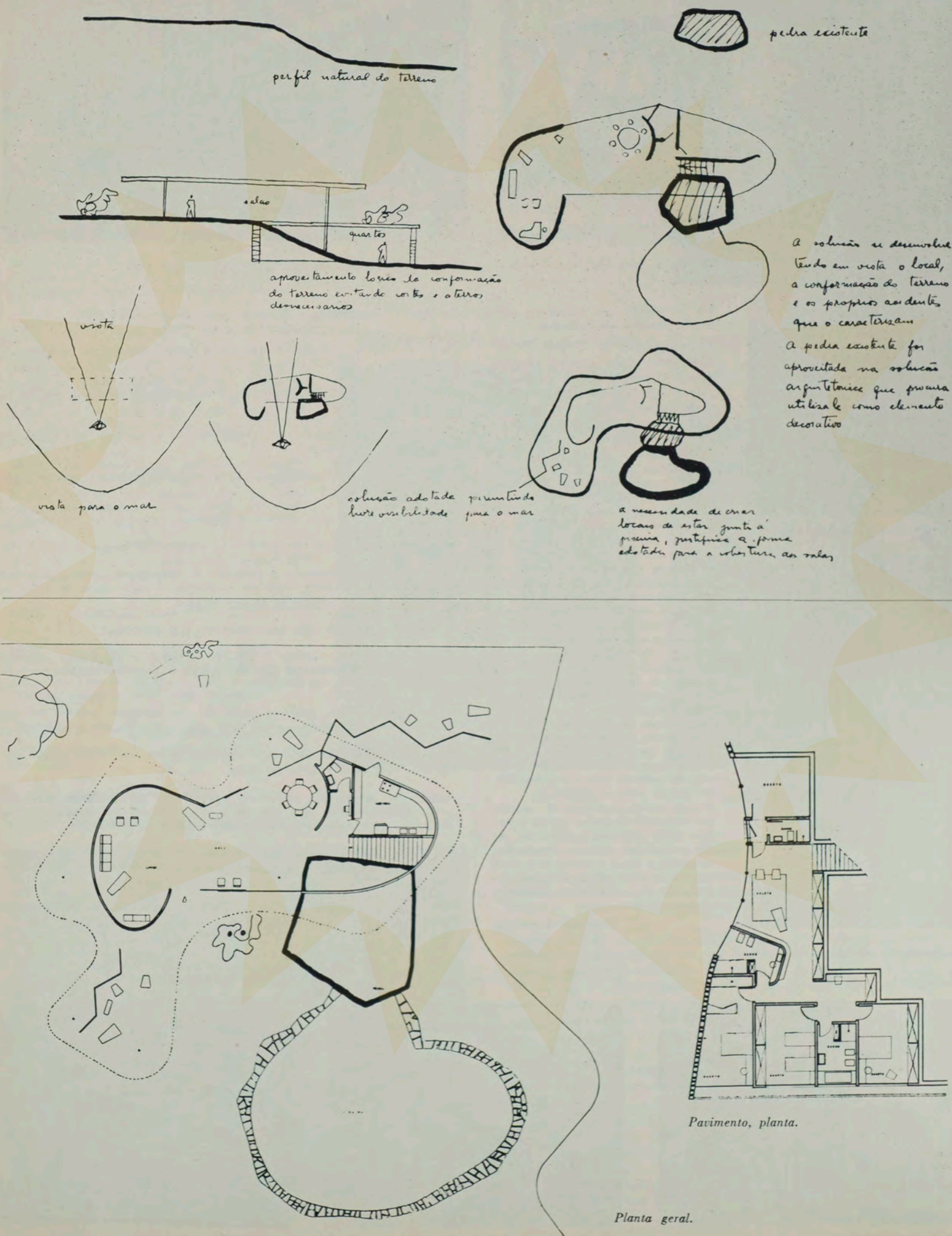
Escola Normal de Música, Paris, 1929.

Ministério da Marinha, Paris.



Residência do arq. Oscar Niemeyer Filho, no Rio de Janeiro

Projeto do próprio arquiteto





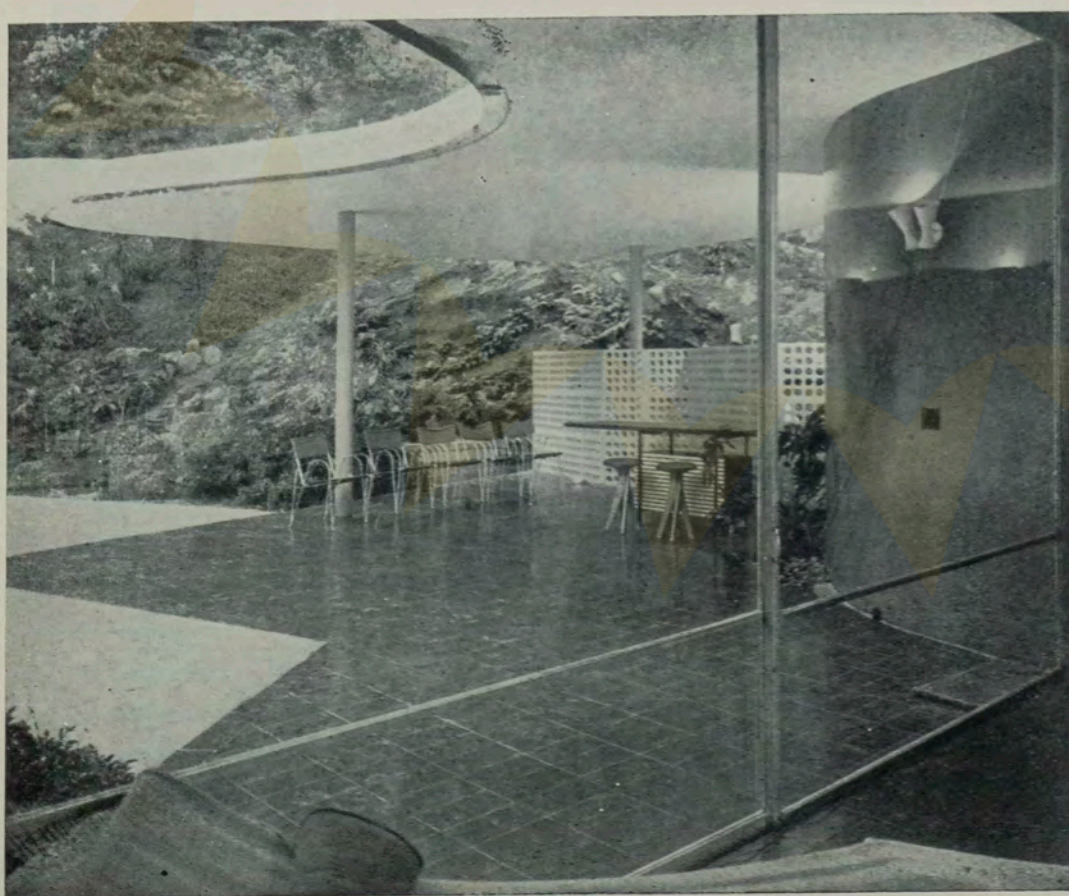
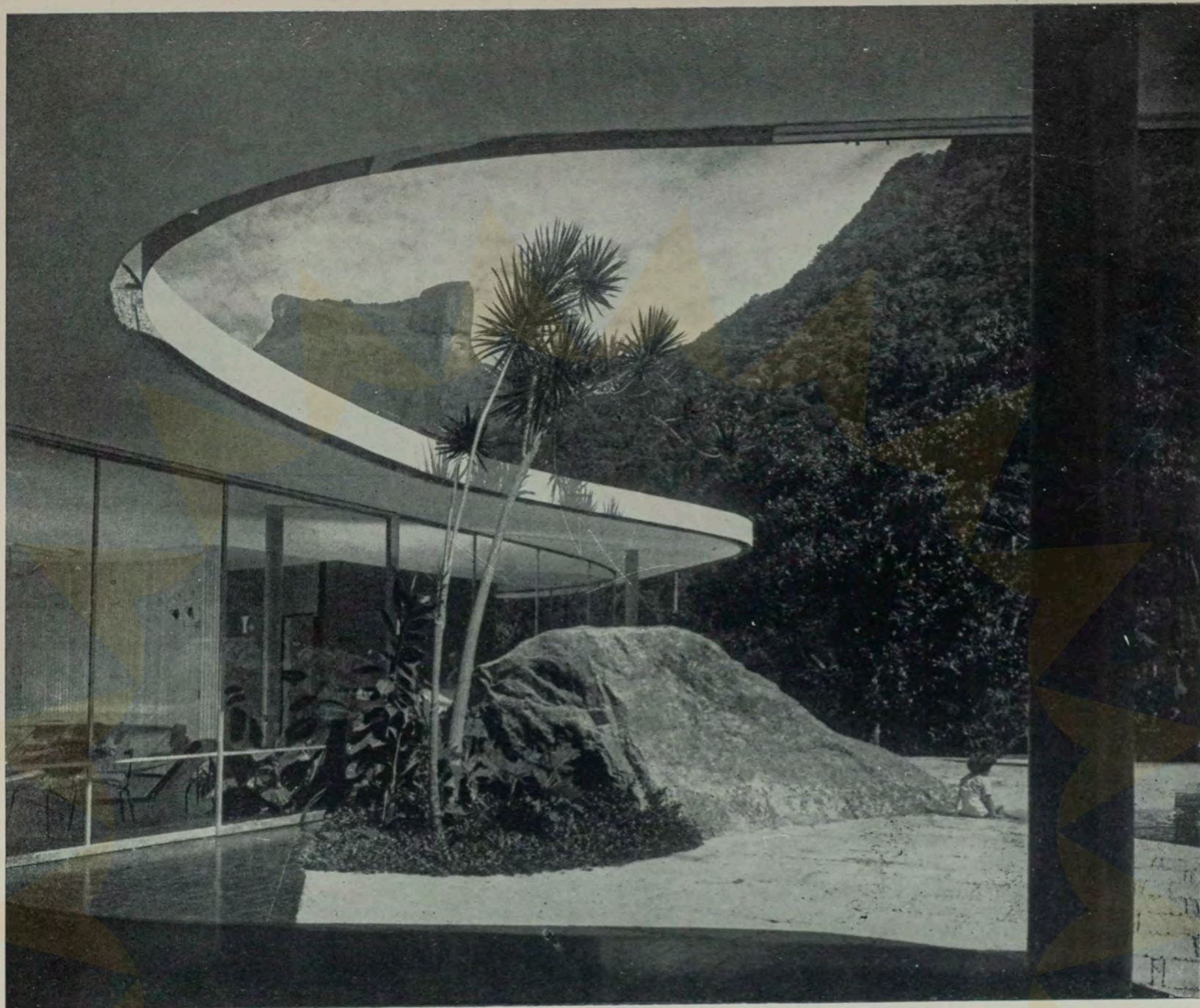
Causa profunda impressão àqueles que transitam por determinada estrada do Rio, a residência que o arquiteto Oscar Niemeyer Filho construiu para nela morar. No primeiro impacto tem-se a impressão de uma mancha azul-claro que nada mais é senão a piscina e um pouco mais adiante, uma outra mancha branca, que é a cobertura.

Manchas que se cruzam, manchas que se confundem. O reflexo da casa na piscina e o reflexo da piscina nas vidraças da casa.

Possivelmente Niemeyer não quis, ao construir sua casa, subtrair da gente que passa pela estrada, a

soberba vista do mar através da luxuriante e verde floresta. Por isso construiu sua casa lá em baixo, muito pequenina, sumida na imensidão da floresta tropical. Repetimos: uma mancha azul no primeiro plano, a piscina; outra mancha branca mais atrás, a cobertura.

Muita gente tem criticado ou elogiado esta casa. Críticas de conservadores intolerantes que não admitem casa sem quatro paredes, algumas janelas e um telhado. Por outro lado, existem aqueles que acham que arquitetura também pode ser uma mancha azul de água e uma mancha branca de concreto.



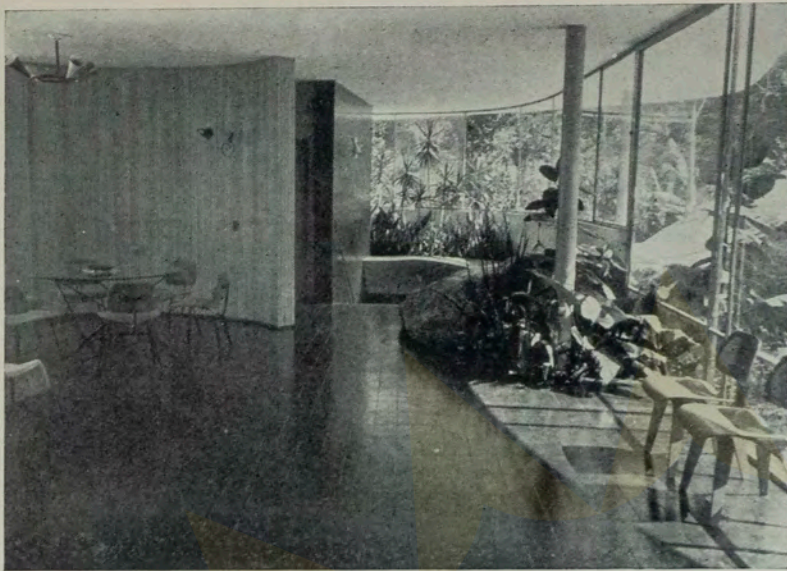
Arquitetura quando feita em bases honestas é um complemento da natureza. Não perturba, completa.



A bela escultura de Ceschiati se entrosa perfeitamente com a arquitetura e com a natureza.

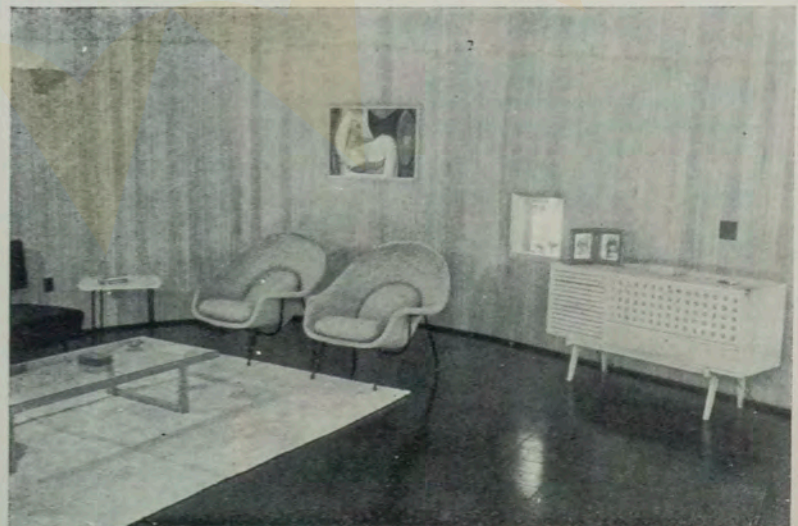
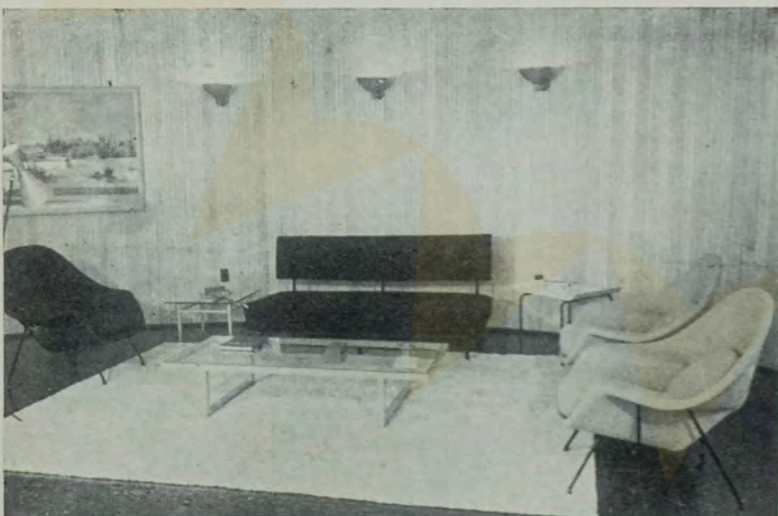


As paredes são revestidas de madeira ao natural. O piso de cerâmica vem do exterior, passa pela casa e sai novamente dando, assim, uma continuidade do ambiente.



A natureza em tôda a sua soberba exuberância, os moveis funcionais e mais elementos decorativos guarnecem a residência de um dos mais discutidos arquitetos contemporâneos: Oscar Niemeyer Filho. Decoração que pela sua simplicidade e bom gosto aliada à boa arquitetura do prédio, constitui um libelo àqueles que cheios de soberba e de imo-destia insistem, ainda, em fazer exatamente o contrário dos princípios seguidos e defendidos pelo arquiteto brasileiro.

A simplicidade com que o arq. Oscar Niemeyer Filho projetou a casa para sua residência em pitoresco recanto do Rio de Janeiro exigiu que a decoração do seu interior tivesse a mesma orientação: leveza e sobriedade. Por exemplo, as poltronas estofadas inteiramente com borracha esponjosa, conjugam a beleza da forma com um máximo de conforto. As mesas observam estruturas rígidas de madeira ou ferro tubular, sendo as superfícies o que geralmente constituem o maior volume de cristal claro e transparente. As cadeiras, também de ferro e madeira, têm seus assentos prensados e moldados anatomicamente. Laqueados em côres, estofadas com tecidos e folhados de madeira de côr natural, oferecem um interessante contraste entre as mesmas. Devido à multiplicidade de côres, dentro e fora da casa, os móveis foram conservados em tonalidades pastel. Dominam o branco, o cinza e o preto, nas peças de maiores proporções, mesclando superfícies de côr laranja, amarelo e vermelho. As paredes foram tratadas de diversas maneiras, predominando a madeira canelada clara e o vidro transparente. Com este "back-ground", a silhueta do movel individual, é realçada favoravelmente e a impressão que se recebe do conjunto é de absoluta harmonia.



Aspectos dos interiores da residência do arq. Oscar Niemeyer Filho, Rio.

Conjunto residencial Paquetá, Rio de Janeiro

Projeto: arq. Francisco Bolonha

Prefeitura do Distrito Federal
Secretaria Geral de Viação e Obras
Departamento de Habitação Popular

Arquiteto: arq. Francisco Bolonha. *Direção:* eng. Carmen Portinho. *Fiscalização:* eng. Gabriel Souza Aguiar e arq. Lygia Fernandes. *Estrutura:* eng. Sydney Gomes dos Santos, eng. David Astrakan e eng. Carlos Góis.

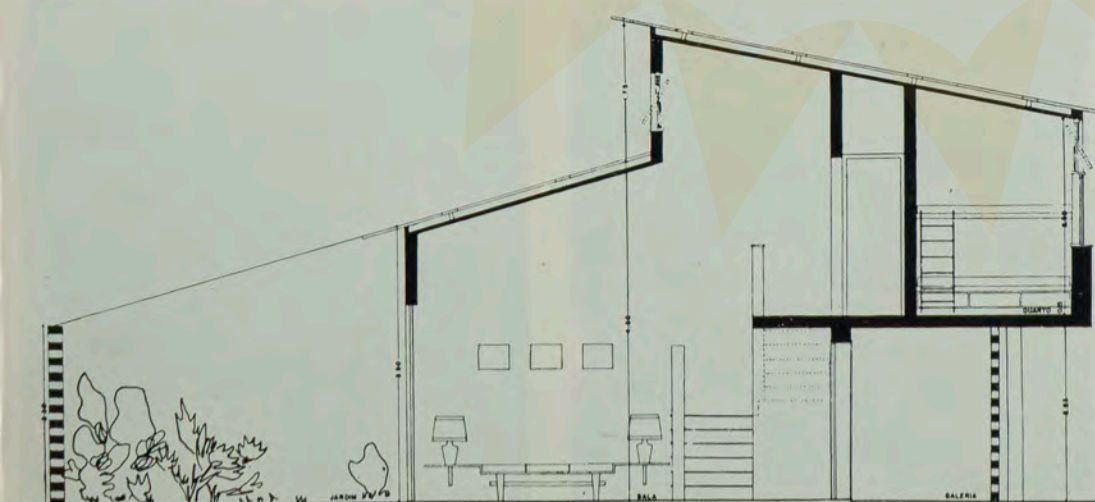
Construído pelo Departamento de Habitação Popular, da Prefeitura do Distrito Federal, na Ilha de Paquetá, destina-se à moradia de operários que trabalham naquela ilha, antes residentes em péssimas condições: barracos de favela, cortiços, etc. Tem, assim, dupla finalidade: proporcionar habitação conveniente a funcionários municipais de salário mínimo e contribuir para a extinção de favelas naquele recanto turístico da cidade.

A primeira parte do Conjunto, constituída por dois blocos de habitação, com 27 apartamentos e um prédio isolado, onde funcionam o escritório e o Serviço Social do Departamento de Habitação Popular, concluiu-se em março de 1952.

Foram executados, mais tarde, o "play ground", o campo de basquete, o jardim e a casa do vigia. Os apartamentos "duplex" compõem-se de entrada, sala, cozinha e pequeno quintal, no térreo; 2 quartos e banheiro, no pavimento superior. Acham-se alugados por Cr\$ 300,00, quantia essa correspondente, aproximadamente a 20 por cento do salário do morador.



Corte pelos apartamentos.



Fachada principal de um dos blocos e jardim.





Planta de situação.

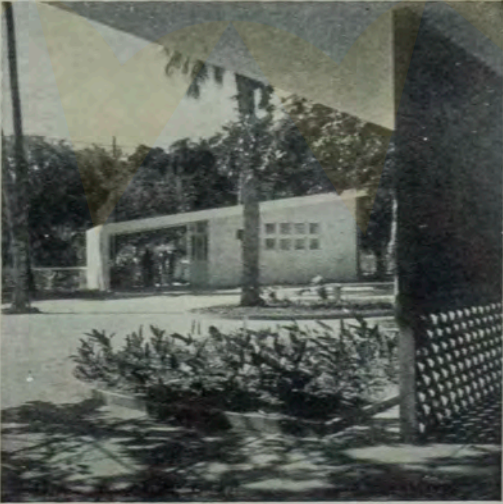


Play-Ground.

Um dos blocos e jardim.

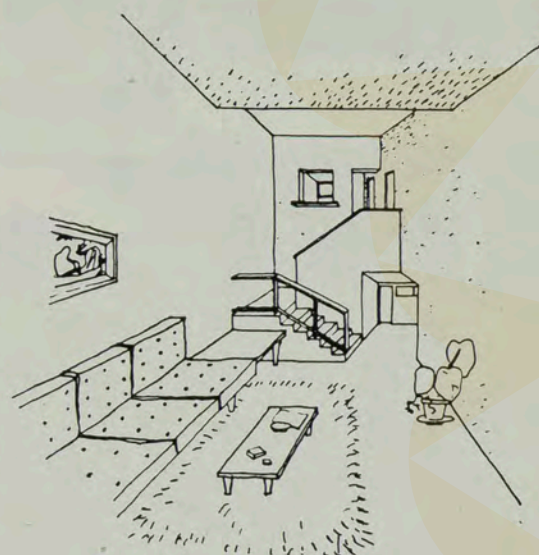
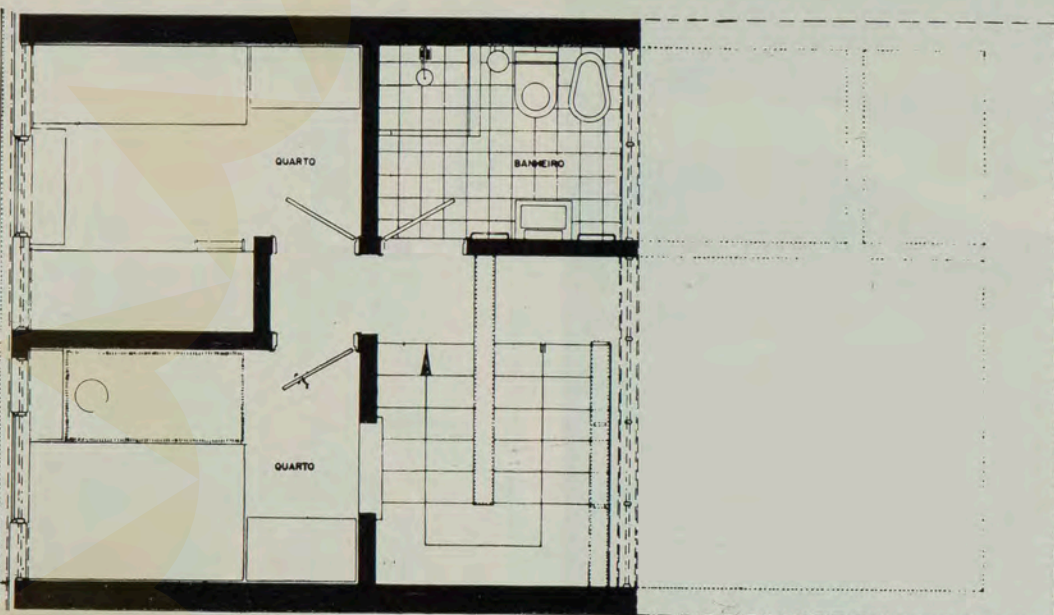


Casa do vigia, fachada posterior.



Bloco de habitação e jardim.





Planta 1.º e 2.º pav. Perspectiva apartamentos.



Casa do vigia (Ladrilho hidráulico de Anísio Medeiros) e entrada principal.



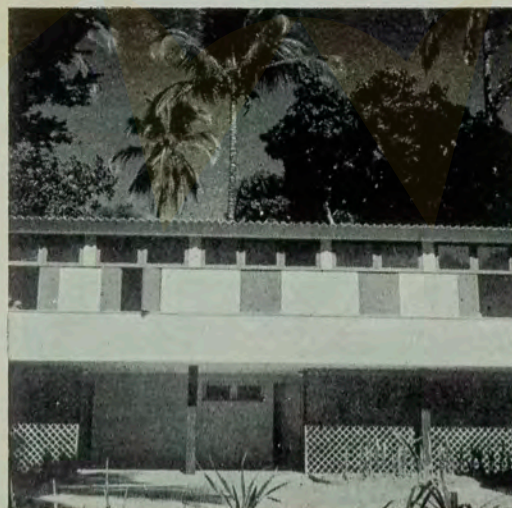
Um dos blocos, casa do vigia, campo de basket-ball e jardim.



Fachada principal da casa do vigia (Ladrilho hidráulico de Anísio Medeiros), entrada do conjunto.

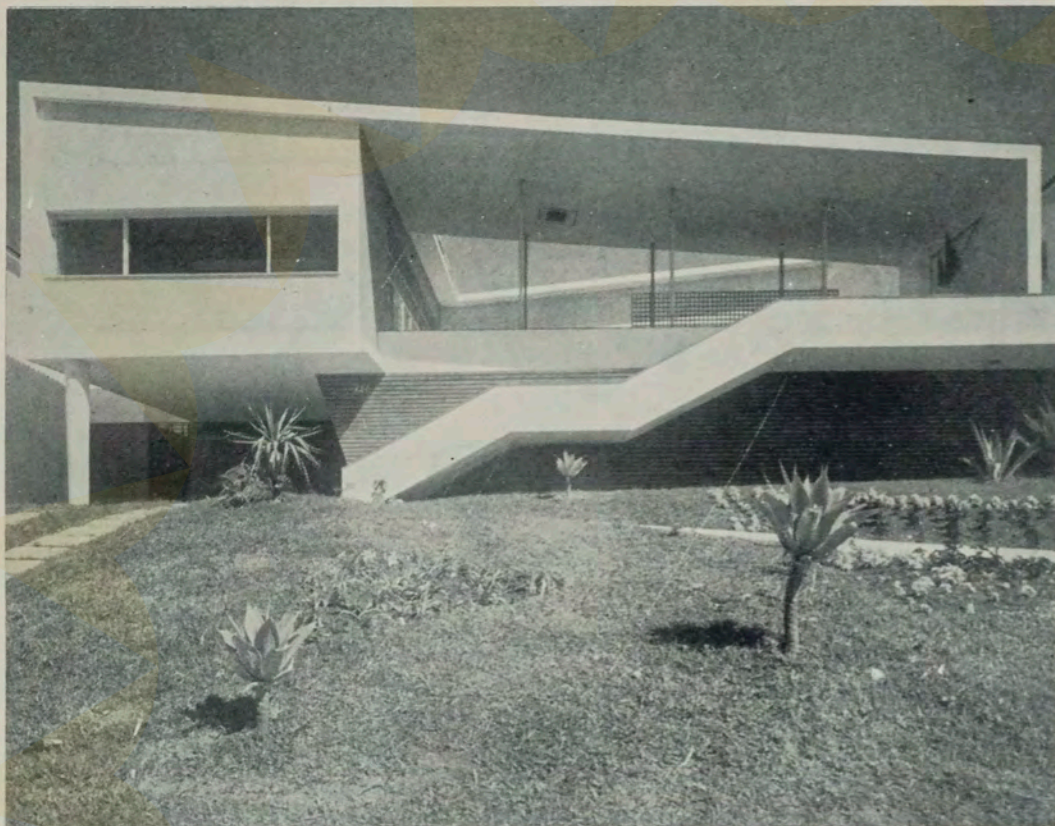
Um bloco, casa do vigia, campo de basket-ball.

Detalhe de um dos blocos.

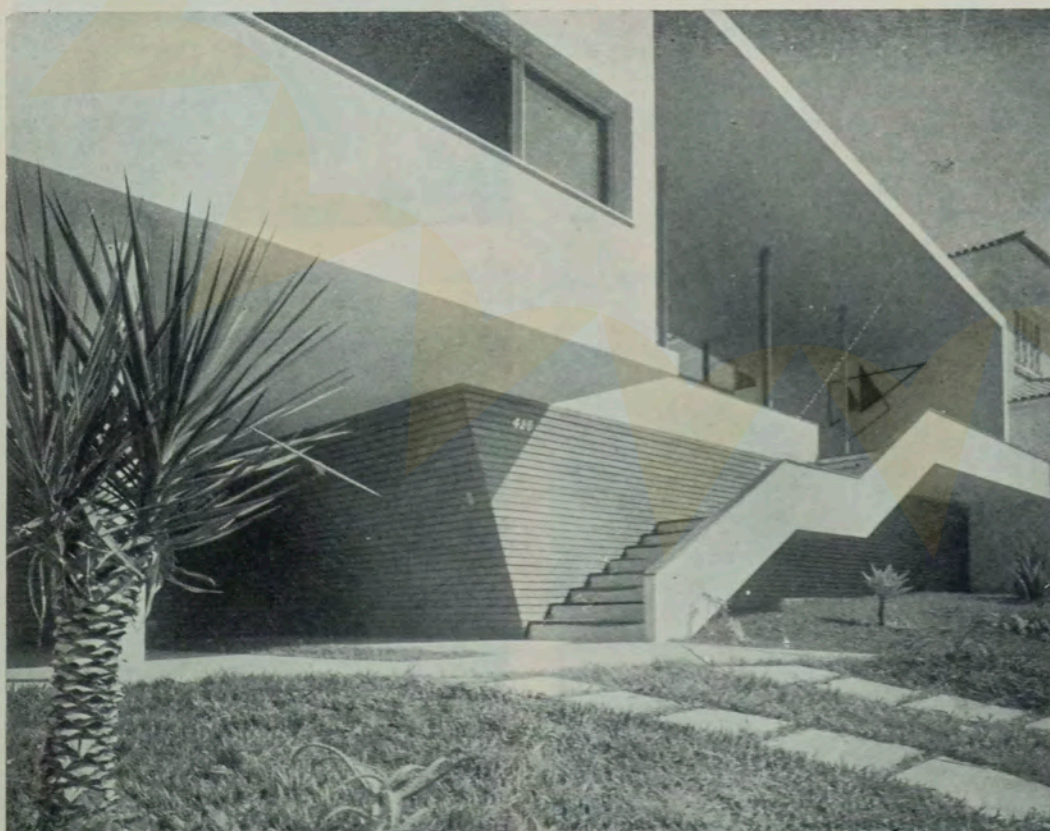


Residência em Belo Horizonte

Projeto: arq. David Libeskind



A entrada.

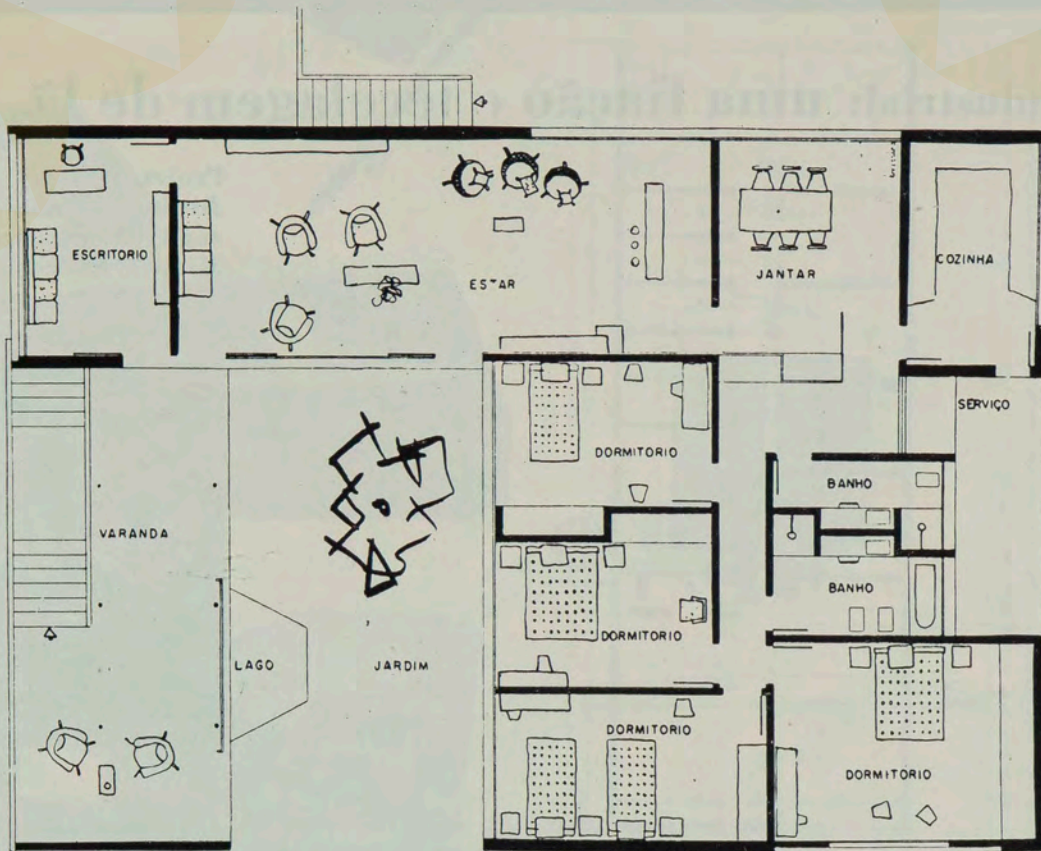
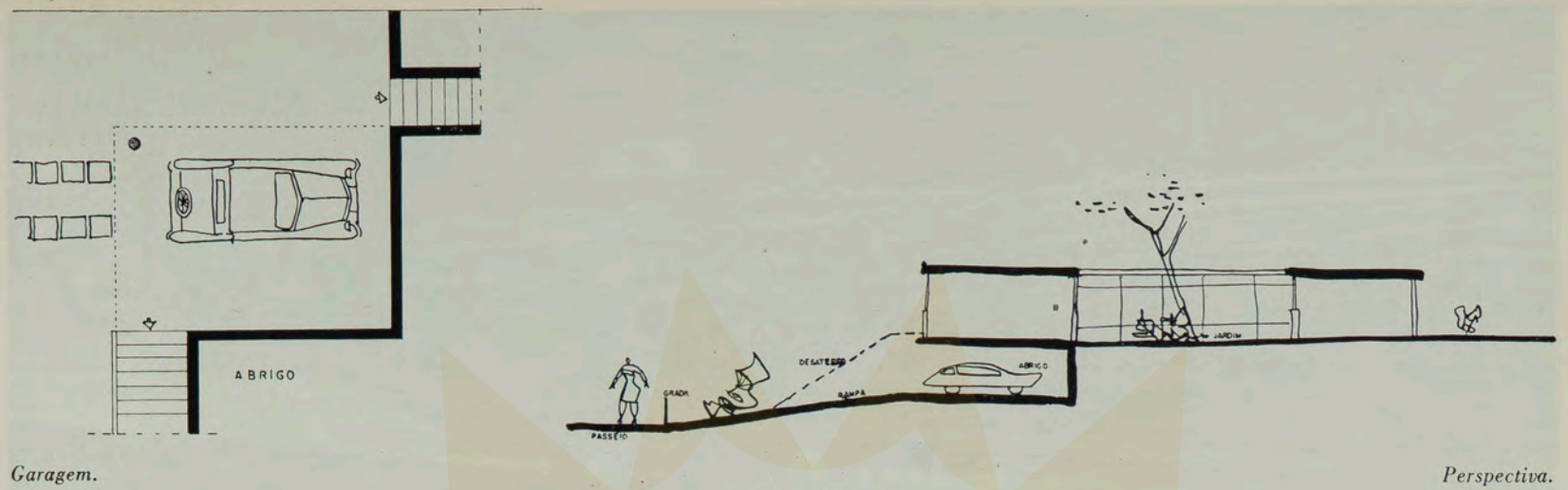


Digno representante da nova geração, David Libeskind apresenta-nos este trabalho realizado em Belo Horizonte.

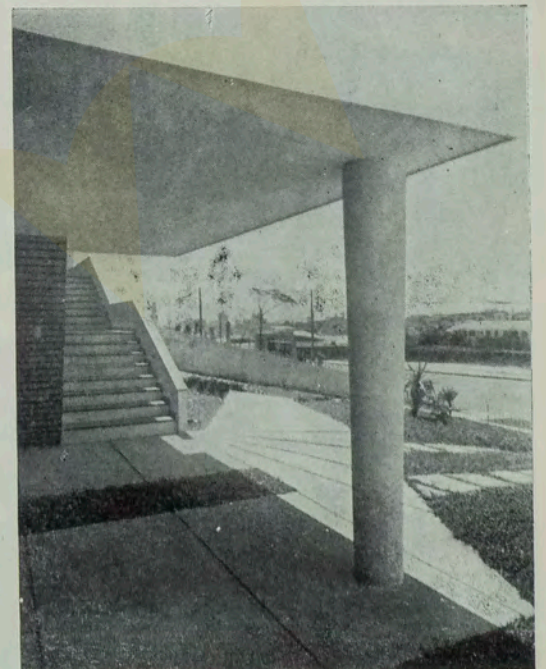
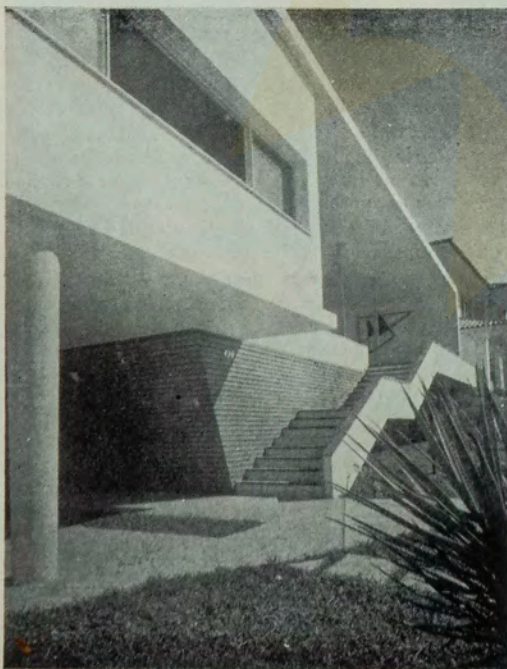
Projeto estudado em seus mínimos detalhes, para sua realização deu um bom equilíbrio plástico. Admirável na obra do jovem arquiteto é a simplicidade e a harmonia das linhas, mas sobretudo, um trabalho honesto. Não buscou formas complicadas para impressionar nem torturou o material para tirar efeito plástico; fez arquitetura com proporção, bom senso e estudo.

Harmonia e sobriedade neste ângulo do prédio.

O terreno com leve declive deu possibilidades para que o arquiteto fizesse um projeto, o qual visto de certa distância, mais belo e mais imponente nos parecesse.



Planta.



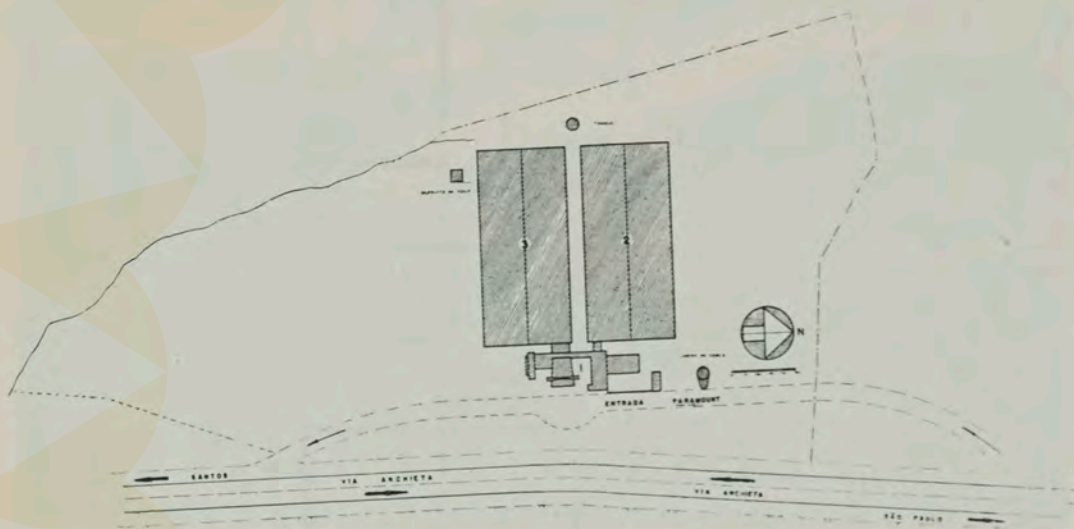
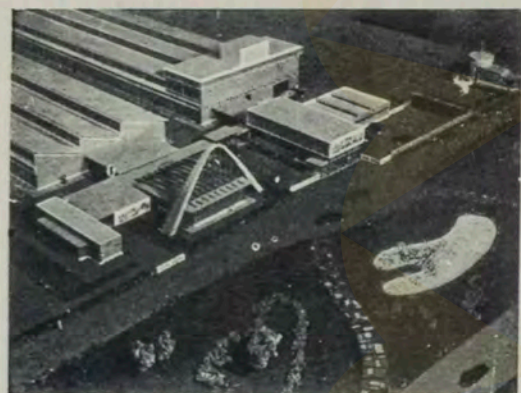
Tudo aqui não é somente beleza e tranquilidade; é, sobretudo, boa arquitetura.



Arquitetura industrial: uma fição e tecelagem de lã

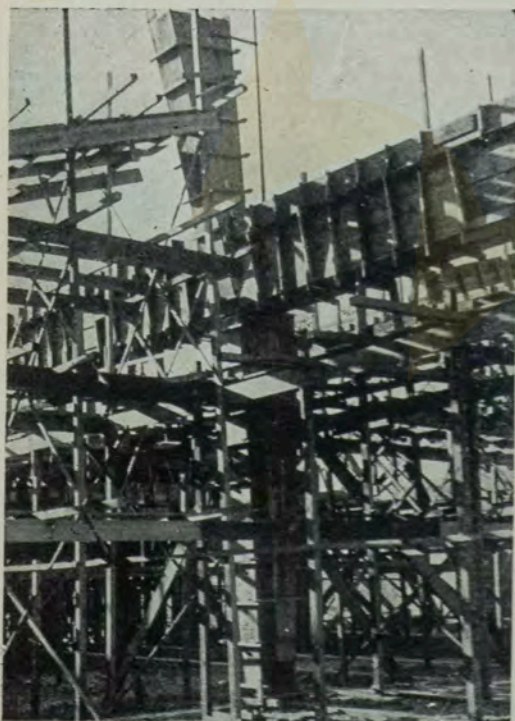
Projeto: engs. arqs. Miguel Badra Junior, colaboração de Aldo Burzagli. Construção: Alberto Badra, Miguel Badra Junior & Cia. Ltda.

Vista aérea da maquete; parte da entrada central.



Planta de situação.

- 1 Entrada central.
- 2 Tanque.
- 3 Depósito de água.



Num terreno de 160.000 m², numa das margens da Via Anchieta, no quilômetro 11, ergue-se a nova fição e tecelagem de lã da Indústria de Tecidos Paramount S.A., a mais moderna do Brasil. A fábrica tem uma área construída de 31.530 m², dos quais 15.524 m² estão divididos em dois pavilhões iguais destinados à seção de fição; 13.066 m² para a seção de tecelagem, inclusive a tinturaria, em dois pavilhões de 2.940 m² destinados aos serviços gerais como escritórios, refeitório, enfermaria, vestiários e sanitários.

O restante da área está destinado a uma eventual ampliação da indústria, como e também a futura localização de unidades residenciais para diretores, técnicos e operários. Não foram esquecidos os centros cívicos, sociais, escolas, play-grounds, play-field, igreja, etc.

De acordo com o projeto, a matéria prima, a lã bruta, será trabalhada numa proporção de 3.000 quilos por dia de 24 horas, divididas em três turmas de 8 horas cada. A lã, após vários processos de trabalho será fiada em 4.200 fusos. A lã bruta, chegando à fábrica, é descarregada no depósito central e após uma requisição, segue por um elevador à seção de classificação, que fica situado no plano mais alto da fábrica. Após abertura dos fardos começa a classificação; depois a lã bruta, por gravidade, cai no segundo andar, em sua gaiola respectiva (em geral trabalha-se com 12 tipos). Após nova requisição, a lã bruta já classificada desce, ainda por gravidade, para a máquina onde deverá ser lavada. Após a lavagem, automaticamente entra no secador, de onde é levada por dutos, mediante sucção, à respectiva nova gaiola; passa pelas cardas, intersectings e penteadeiras, saído já in-

dustrializada (tops). Estes irão repousar no subsolo por um espaço de 30 a 60 dias, para voltar ao seu estado natural, pois adquirem durante o tratamento descrito acima, eletricidade estática, além de propriedades inaptas à continuidade do trabalho.

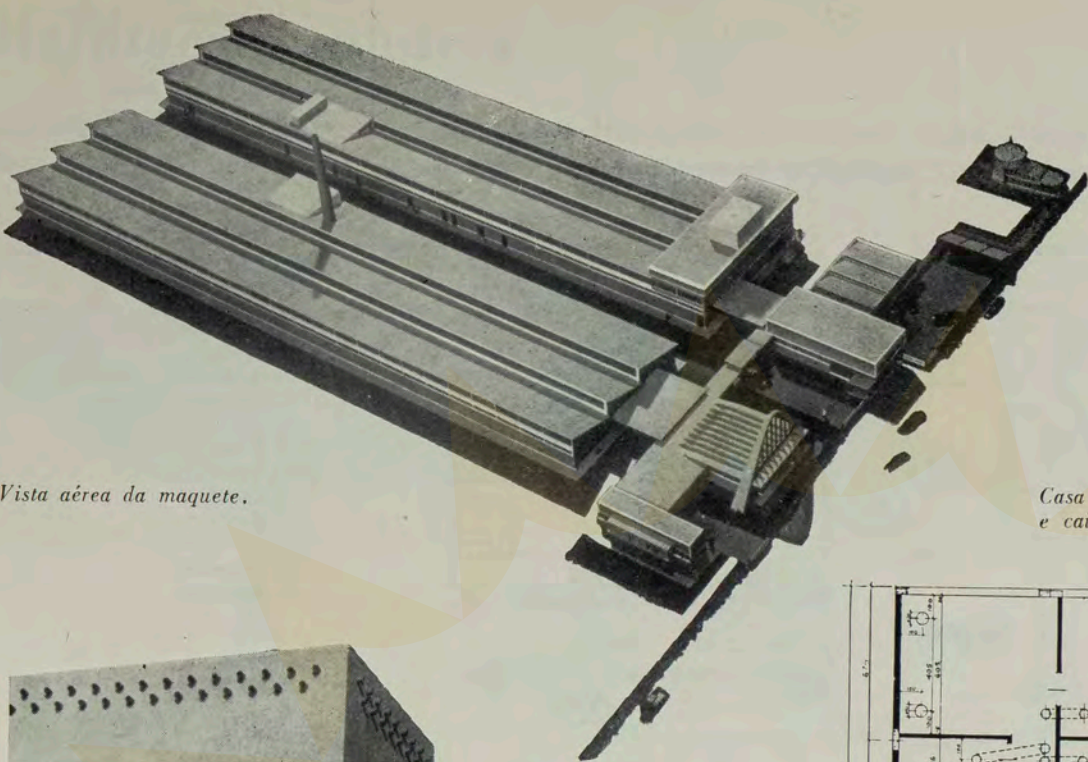
De volta do sub-solo, a lã passa pelas máquinas de preparação e pelos "rings", os quais determinam o título exato do fio. Ao sair dos mesmos, passa pelas máquinas de acabamento, terminando neste processo a fase de fição.

Nestas condições, o fio que se encontrava no pavilhão passa para o de tecelagem, iniciando-se pelas urdideiras e daí aos teares. O tecido fabricado irá à tinturaria e, em seguida, à expedição.

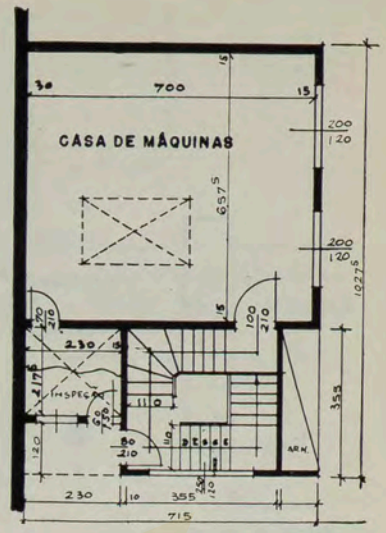
A indústria de fição é dotada de ar condicionado com as seguintes características: próximo às cardas — umidade... 65% — temperatura... 29°C. Restante da fábrica — umidade. 70-80% temperatura... 27°C.

Amplos são os locais destinados às instalações elétricas, hidráulicas e vapor. No subterrâneo da fábrica está localizada toda rede de abastecimento de água, de poço arteziano com um reservatório de 1.200.000 litros, com rede de esgoto e águas pluviais.

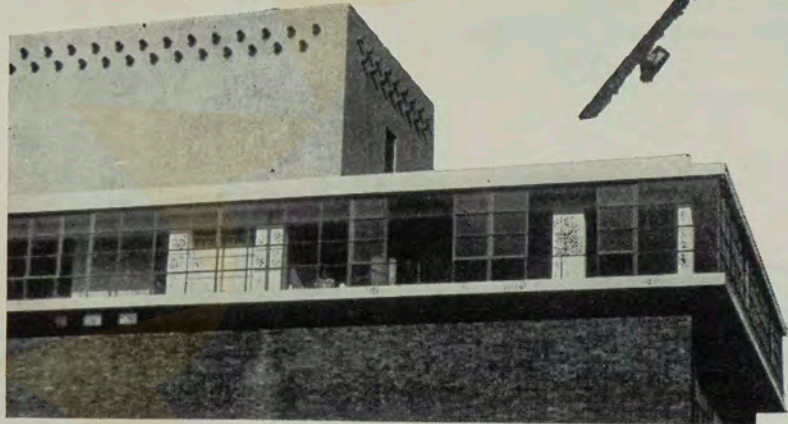
A estrutura é toda de concreto armado sem viga transversal. O fôrro inclinado foi estudado em lage nervurada com caixões regulares e aparentes para maior absorção do ruído das máquinas. O grande arco que se observa na entrada é elemento de sustentação, pelos tirantes, da lage de cobertura do refeitório e salão de festas para evitar elementos de apoio isolados e intercalados no interior do salão. As fachadas excessivamente insoladas são dotadas de "brise-soleil".



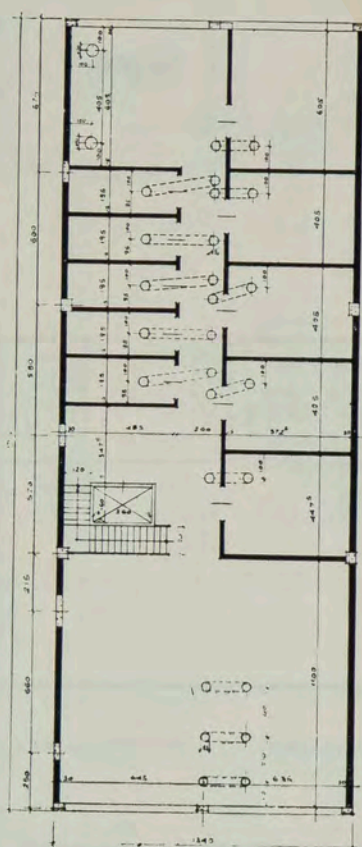
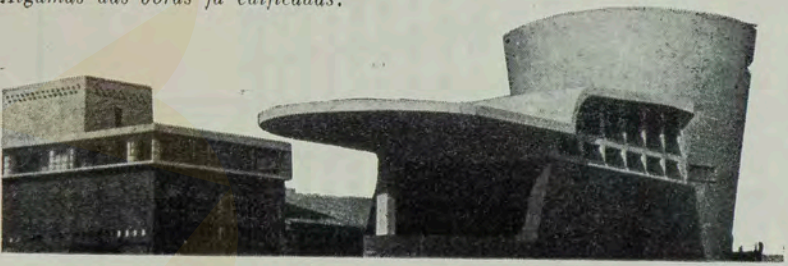
Vista aérea da maquete.



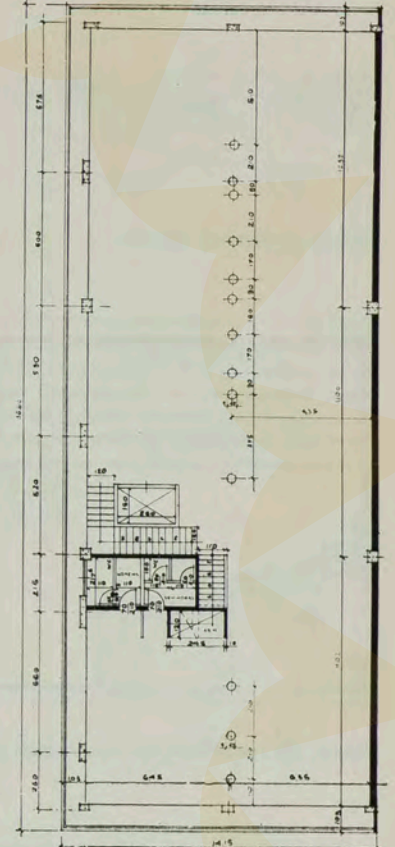
Casa de máquinas e caixa d'água.



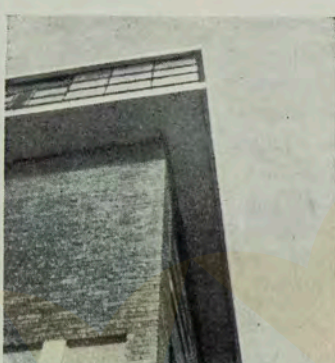
Algumas das obras já edificadas.



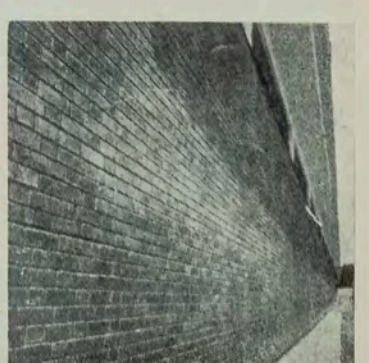
Planta do 1.º andar.

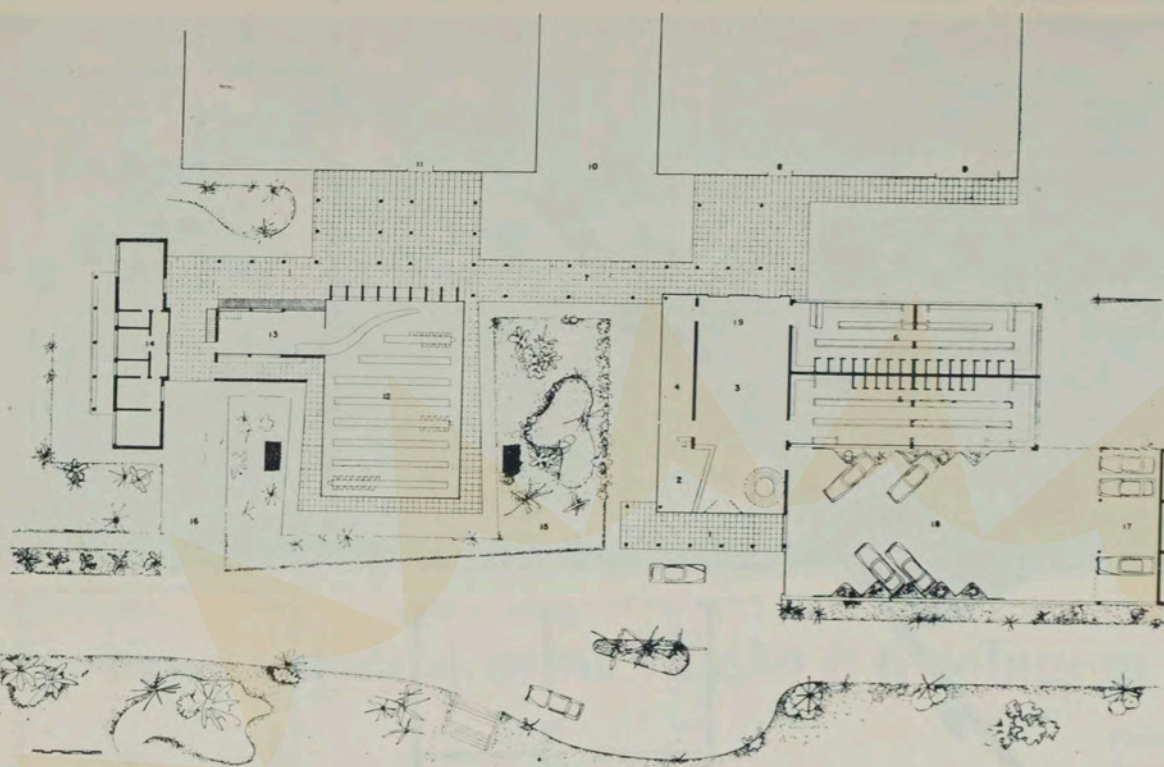


Planta do andar superior. Seleção de lans.



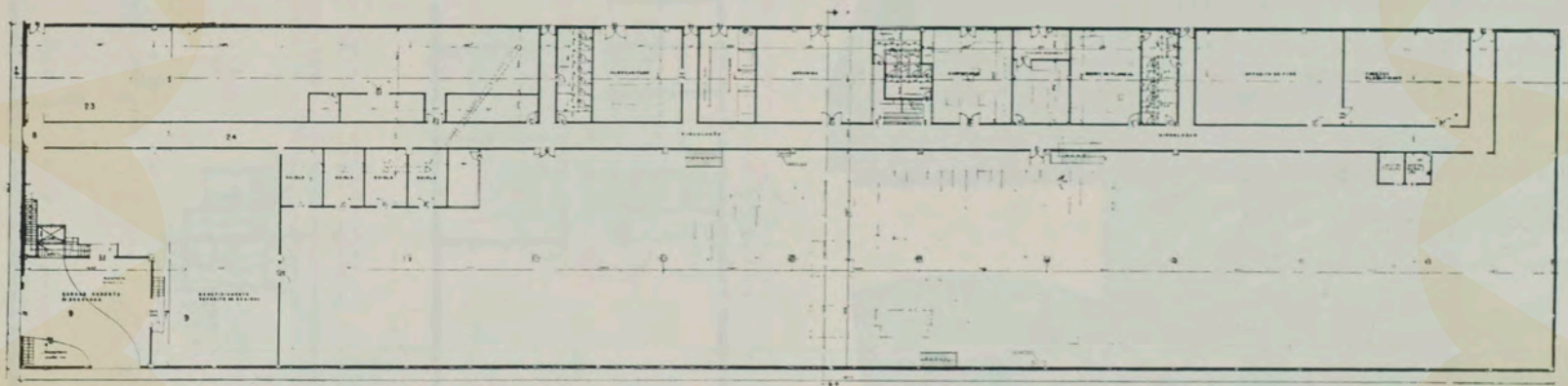
A nova fábrica da "Indústria de Tecidos Paramount S. A.", em seus diferentes ângulos.



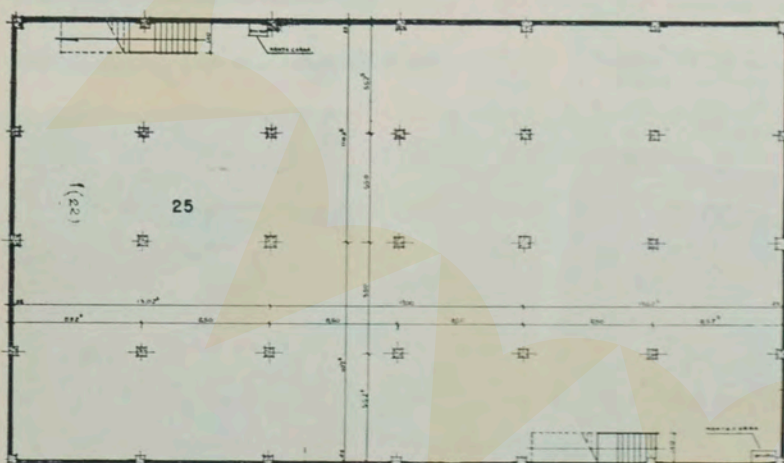


- 1 Entrada.
- 2 Contrôl.
- 3 Distribuição.
- 4 Escritório geral.
- 5 Vestiário homens.
- 6 Vestiário mulheres.
- 7 Distribuição.
- 8 Entrada fiação.
- 9 Depósito de lã.
- 10 Entrada central.
- 11 Entrada tecelagem.
- 12 Refeitório.
- 13 Cozinha.
- 14 Enfermaria.
- 15 Jardim.
- 16 Reservado enfermaria.
- 17 Garagem coberta.
- 18 Garagem descoberta.
- 19 Ponto.
- 20 Ponto.
- 21 Escada.
- 22 Escritório.
- 23 Lavanderia.
- 24 Corredor.
- 25 Depósito.

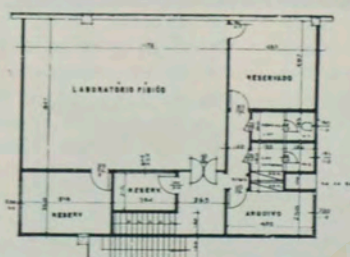
Planta pavimento térreo.



Planta do pavilhão de tecelagem, com instalações de ar condicionado.

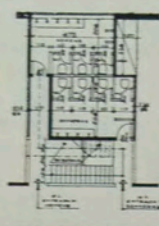
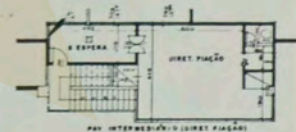


Porão. Depósito de "tops".

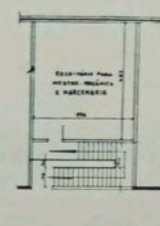


Pavimento superior. Laboratório de física e química.

Pavimento intermediário. Diretoria de fiação.



Pavimento térreo. W. C.

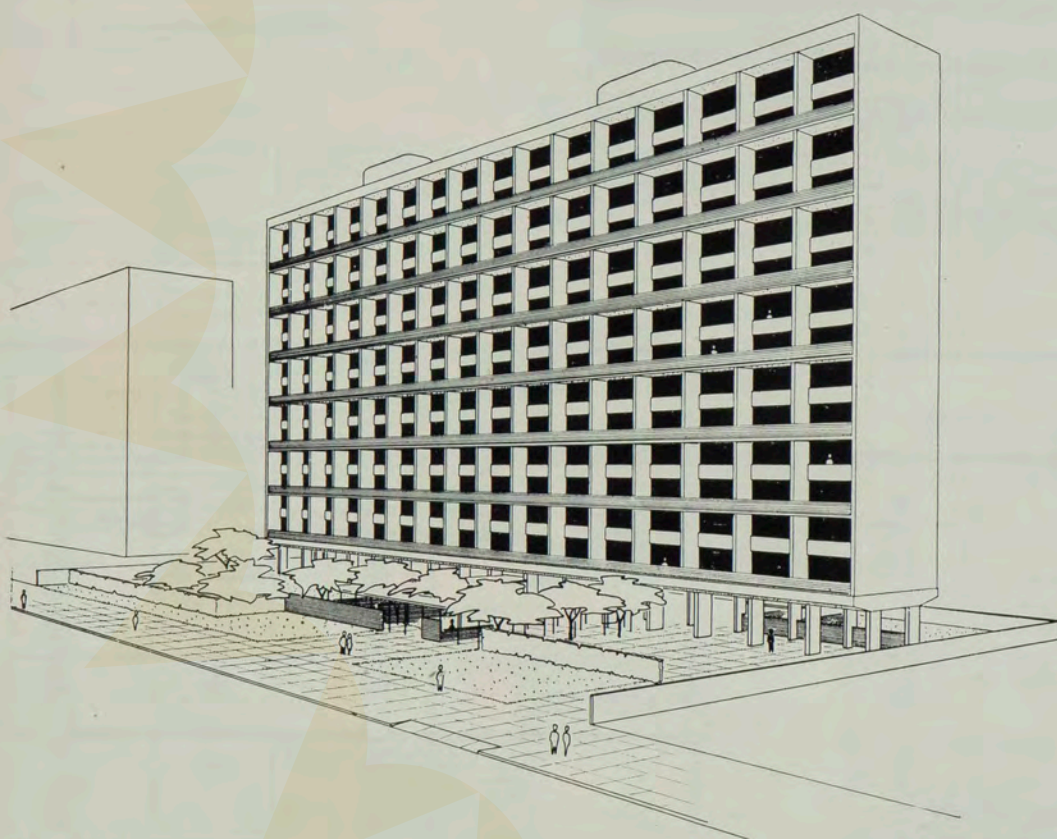
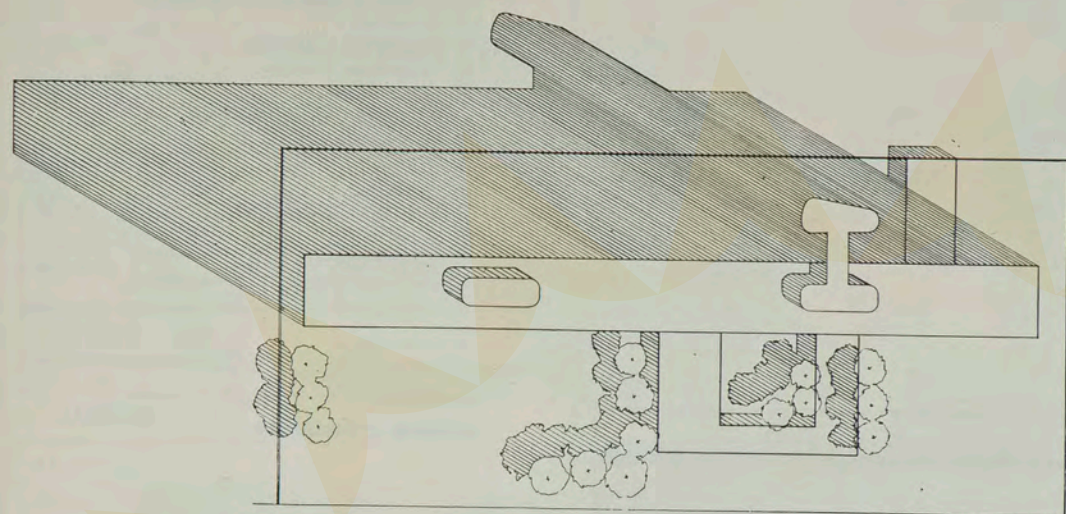


Pavimento superior. Sala do engenheiro manutenção.

Habitação coletiva

Trabalho em equipe (3.º ano, 1953): Dario Imparato, Fukugawa Akira, Nelson Brotto, Nestor R. Goulart Filho, Rodolpho A. Fernandes, Rubens S. Magliano.

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (Professores: Hélio Duarte e Ernest R. C. Mange).



Perspectiva.

Sentimo-nos satisfeitos quando vemos que os nossos futuros arquitetos estão enxergando a arquitetura por um prisma certo. Habitação coletiva, futura morada do homem, quando este compreender que precisa viver em sociedade. A casa isolada, dentro da arquitetura e do urbanismo modernos, não tem mais razão de ser.

Tema:

UNIDADE DE HABITAÇÃO para ..(N).. famílias de associados de um I.A.P. "X." em terreno da Avenida do Estado. O programa deverá ser estudado pelos alunos, de acordo com pesquisas de padrão de vida efetuadas para estabelecer as necessidades dos moradores, tanto na parte individual, célula de habitação, como na parte coletiva, cultural-recreativa.

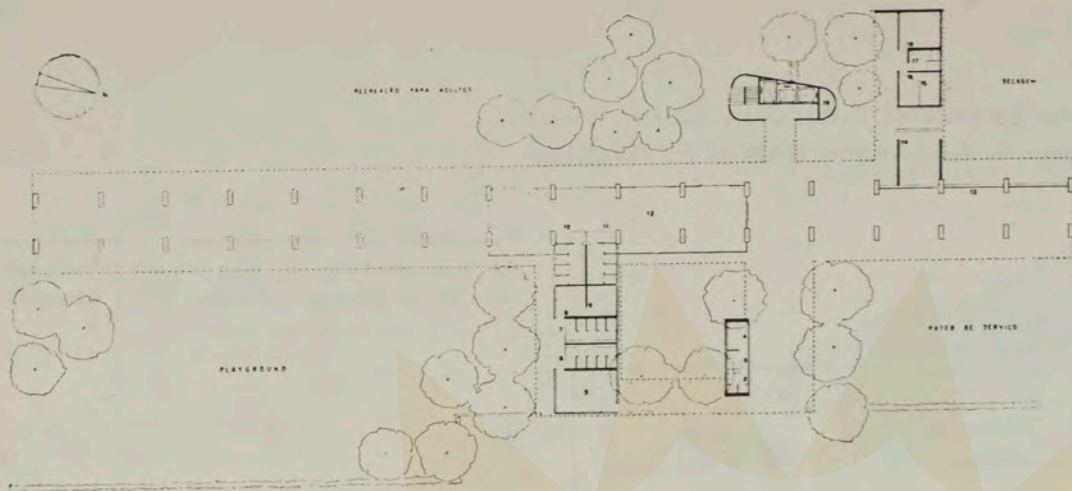


Andar inferior.

A célula no bloco. Andar tipo.



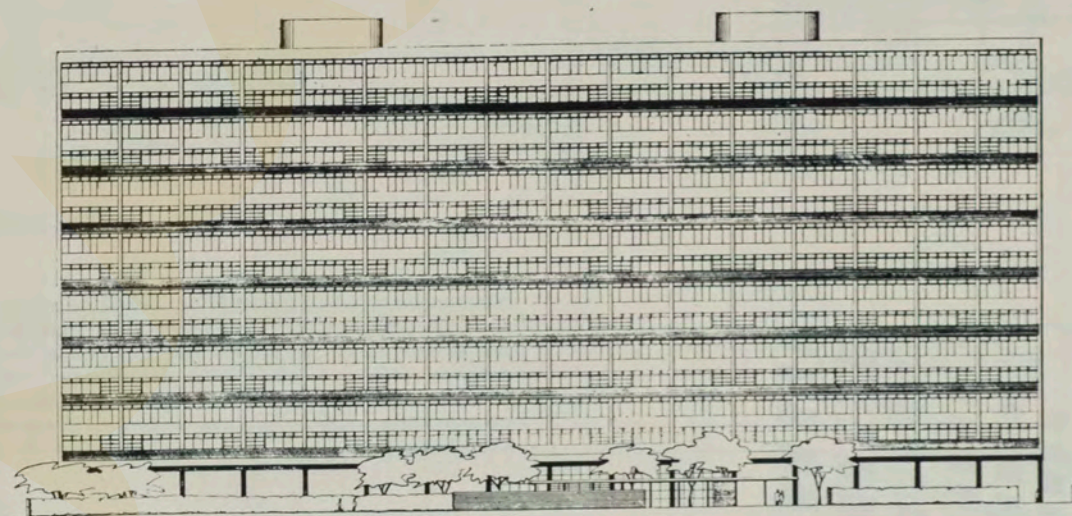
Andar superior.



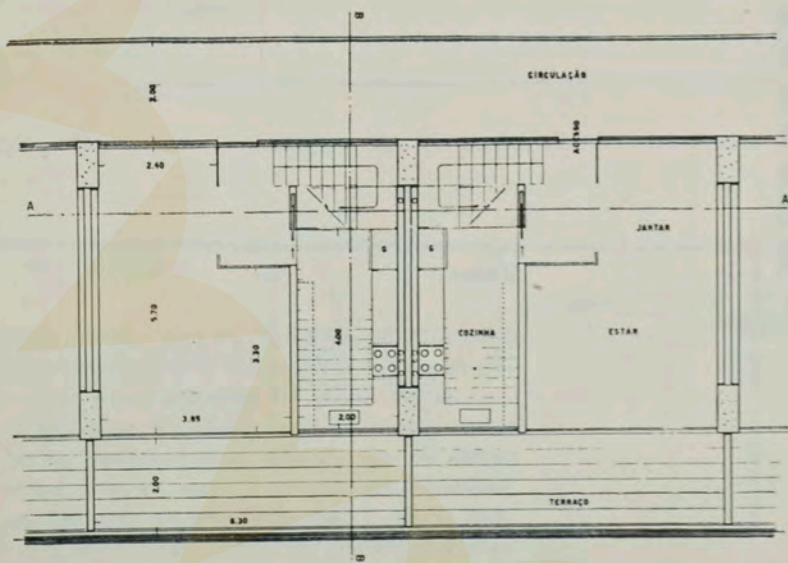
PLANTA ANDAR TERREO.

- 1 Acesso.
- 2 Telefone e PBX.
- 3 Portaria.
- 4 Medidores.
- 5 Nursery.
- 6 Sanitários meninas.
- 7 Sanitários meninos.
- 8 Médico e educadora sanitária.
- 9 Dentista.
- 10 Sanitários mulheres.
- 11 Sanitários homens.
- 12 Salão coletivo.
- 13 Caixas de abastecimentos.
- 14 Lavanderia.
- 15 Oficina.
- 16 Depósito.
- 17 Vestiário de serviço.
- 18 Gerador.
- 19 Incinerador de lixo.

A célula:
plantas e fachadas

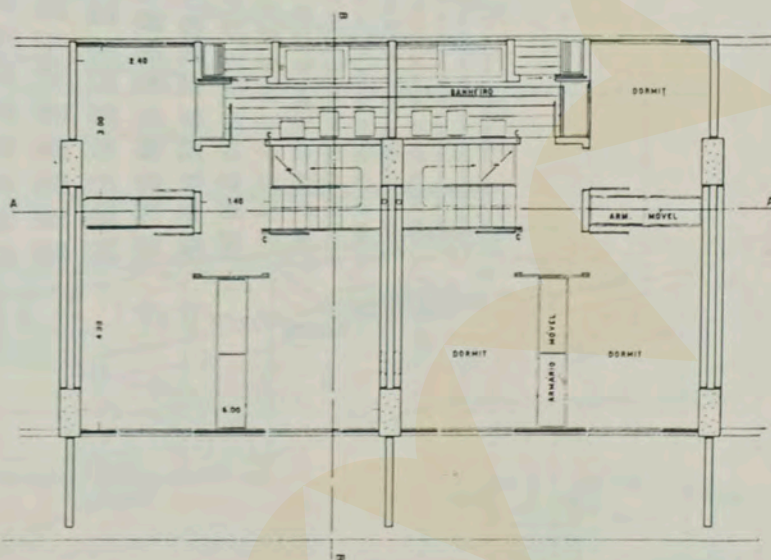


Fachada anterior.



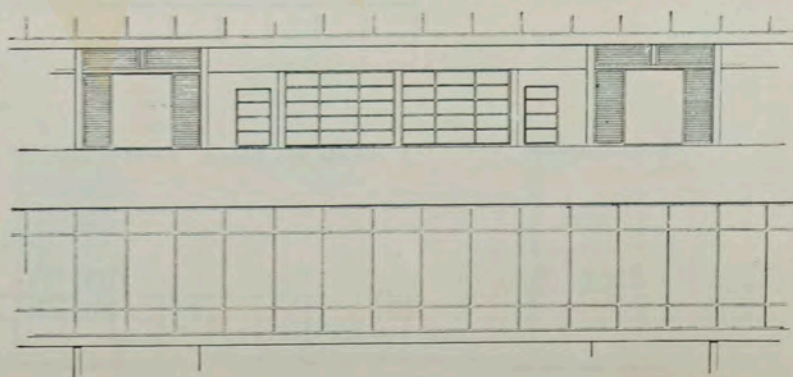
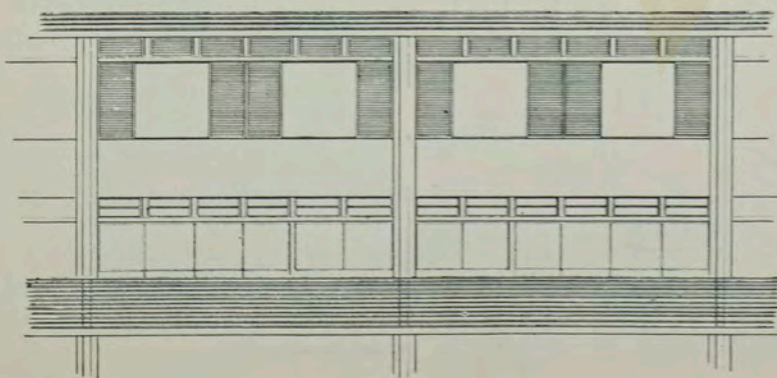
Planta inferior.

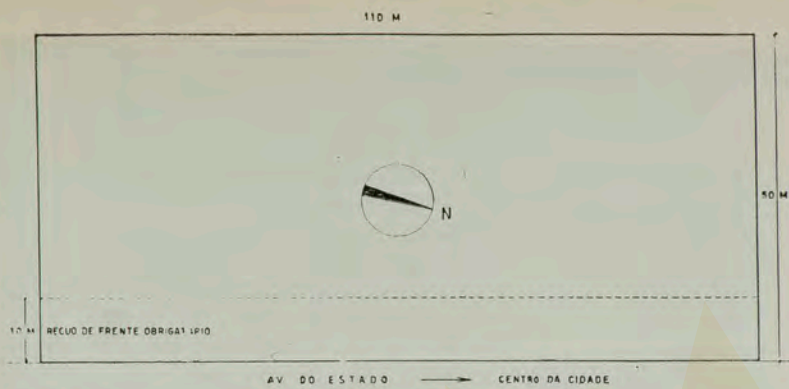
Fachada anterior.



Planta superior.

Fachada posterior.





ASSUNTO	PRO'S	CONTRAS
TERRENO	PLANO, ORIENTAÇÃO FAVORÁVEL	SUB-SOLO DE BAIXA RESISTÊNCIA
LOCALIZAÇÃO QUANTO A	TRABALHO: PRÓXIMO DO CENTRO COMERCIAL E ÁREAS INDUSTRIAIS CONDUÇÃO: SERVIDO POR MUITAS LINHAS COM OS MAIS VARIADOS DESTINOS ABASTECIMENTO: SERVIDO POR ÁGUA, ESGOTO, LUZ E GÁS DE RUA	A LOCALIZAÇÃO A MEIO-ITINERÁRIO SÓ ENCONTRA VEÍCULOS LOTADOS ABASTECIMENTO DE VIVERES RELATIVAMENTE DISTANTE
SAÚDE PÚBLICA		GRANDE CONCENTRAÇÃO DE FUMACA DAS INDÚSTRIAS E VEÍCULOS, PROXIMIDADE DOS GÁSÔMETROS E DO RIO TAMANAUATEÍ
RESUMO	BEM LOCALIZADO QUANTO AOS LOCAIS DE TRABALHO DOS ASSOCIADOS	LOCAL DECIDIDAMENTE DESPROVIDO DAS CARACTERÍSTICAS DE BAIRRO RESIDENCIAL

1 - O local.

SOLTEIROS		A FALTA ATUAL DE HABITAÇÕES NÃO PERMITE ALOJAR SOLTEIROS OU CASAS SEM FILHOS, UMA VEZ QUE OS QUE MAIS SOFREM COM O PROBLEMA SÃO AS FAMÍLIAS NUMEROSAS
CASAS	SEM FILHOS COM FILHOS E COM EVENTUAIS AGREGADOS	OS ÚNICOS TIPOS DE FAMÍLIAS ADMITIDAS PELAS RAZÕES EXPOSTAS ACIMA
FIXAÇÃO DAS FAMÍLIAS - TIPO		INCABÍVEL PARA UM CONJUNTO DE APROXIMADAMENTE 100 FAMÍLIAS
CONVENÇÃO	SOLUÇÃO ADOPTADA	

2 - A natureza dos associados.

4 - As necessidades coletivas.

ASSUNTO	PRO'S	CONTRAS
ABASTECIMENTO DE ÁGUA, LUZ E GÁS	CONSUMO INDIVIDUAL: GRANDE ECONOMIA NAS INSTALAÇÕES E NO ESPACIO DESTINADO AOS MEDIADORES CONSUMO DE TARIFA: GERADOR DE LUZ E FORÇA	CONSUMO EXAGERADO DE TUBULAÇÕES E MEDIADORES - CUSTO EXAGERADO DAS INSTALAÇÕES NECESSIDADE DE GRANDE ÁREA PARA LOCAÇÃO DOS MEDIADORES
LAVANDARIA COLETIVA	MAQUINA ÚNICA DE GRANDE CAPACIDADE VÁRIAS MÁQUINAS DE PEQUENA CAPACIDADE	ECONOMIA DE INSTALAÇÕES E MAIOR RENDIMENTO EVITA A MISTURA DE ROUPA DAS DIFERENTES FAMÍLIAS
SECAGEM DE ROUPA	EM ÁREA COLETIVA NA CÉLULA	EXTENSÃO NATURAL DA LAVANDARIA COLETIVA EVITA O TRANSPORTE DE ROUPA MOLHADA DA LAVANDARIA PARA AS CÉLULAS AS DIMENSÕES DA ÁREA DE SERVIÇO DA CÉLULA NÃO COMPORTAM VOLUME DE ROUPA
COZINHA	COLETIVA INDIVIDUAL	ECONOMIA DE ESPAÇO NAS CÉLULAS PERMITINDO MAIOR NÚMERO DELAS OU ACOMODAÇÕES MAIS AMPLAS RESOLUÇÃO PARCIAL DO PROBLEMA DE ABASTECIMENTO DE VIVERES MAIS SADIJA SOB O PONTO DE VISTA HUMANO
ABASTECIMENTO DE CARNE, LEITE E PÃO - CORN	CAIXAS INDIVIDUAIS CAIXA COLETIVA	INDESEJÁVEL ECONOMIA DE INSTALAÇÕES E ESPAÇO
ADMINISTRAÇÃO	CÉLULA RESERVADA AO ZELADOR PORTARIA SERVIÇO PBX CABINA TELEF. PÚBLICA DEPÓSITO DE MATERIAL DE LIMPEZA E JARDINAGEM VESTIÁRIO DE SERVIÇO COM SANIT. E CHUVA PEQUENA OFICINA DE EMERGÊNCIA	NECESSIDADE DE UM RESPONSÁVEL PERMANENTEMENTE À DISPOSIÇÃO NECESSIDADE DE UM RESPONSÁVEL PARA CONSERVAÇÃO, FUNCIONAMENTO, DISCIPLINA, ETC. ECONOMIA DE INSTALAÇÕES POSSIBILIDADE DE TELEFONE P/TODAS CÉLULAS NECESSIDADES EVIDENTES POR SI MESMAS
ASSISTÊNCIA SOCIAL	PRACA DE ESPORTES ESCOLA PARQUE INFANTIL, CINEMA POSTO DE ABASTECIMENTO DE VIVERES, AMBULATÓRIO PLAYGROUND E NURSERY SALA DE CONSULTAS P/MÉDICO, DENTISTA, ASSISTENTE SOCIAL COM EXPEDIENTE NÃO PERMANENTE AMBIENTES DE RECREAÇÃO PARA ADULTOS E ADOLESCENTES EVENTUALMENTE ESCOLARES	NECESSIDADE DE PREVER UMA ASSISTÊNCIA ADEQUADA AS CRIANÇAS ABAIXO DA IDADE ESCOLAR COMPLEMENTANDO A ASSISTÊNCIA MATERNA DEVER SER ISOLADA DA RUA, CONTROLADA POR UM FUNCIONÁRIO, PARTE DA SUA ÁREA LIVRE E PARTE COBERTA NECESSIDADE DE EVITAR, NOS CASOS MAIS SIMPLIS O USO DOS AMBULATÓRIOS CENTRAIS JÁ SUPERLOTADOS A COMODIDADE DE SE UTILIZAR DESSES SERVIÇOS AUMENTA A PROCURA DOS MESMOS POR PARTE DOS ASSOCIADOS, MELHORANDO AS CONDIÇÕES DE SAÚDE DO CONJUNTO NECESSIDADE DE PROPORCIONAR DIVERSÕES NECESSIDADE DE EVITAR AGLOMERAÇÕES NAS ÁREAS DESTINADAS À CIRCULAÇÃO INCONVENIENTE FREQUENTEMENTE OBSERVADO NAS HABITAÇÕES COLETIVAS QUE NÃO DISPÕEM DE ÁREAS ADEQUADAS PARA RECREAÇÃO NECESSIDADE DE DESENVOLVER O SENTIMENTO DE COLETIVIDADE DEVERÃO SER SUFICIENTEMENTE AMPLOS PARA PERMITIR FESTA, ETC. PARTE LIVRE E PARTE COBERTA

5 - A célula no bloco.

7 - Disciplina de composição.

Escala de valores: 1 - Primordial, 2 - Secundário.

ASSUNTO	JUSTIFICAÇÃO
INSOLAÇÃO	DORMITÓRIOS: 1 DE TODAS AS PEÇAS SÃO AS QUE EXIGEM MELHORES CONDIÇÕES DE AQUECIMENTO E AÇÃO BACTERICIDA SOCIAL: 2 EXIGEM INSOLAÇÃO TAMBÉM, EMBORA EM MENOR GRAU QUE OS DORMITÓRIOS SERVIÇO: 2
ILUMIN. NATURAL	DORMITÓRIOS: 1 DECORRÊNCIA NATURAL DE UMA BOA INSOLAÇÃO SOCIAL: 1 SERVIÇO: 1
VENTIL. NATURAL	DORMITÓRIOS: 1 IMPRESCINDÍVEL POR QUESTÕES DE HIGIENE SOCIAL: 1 SERVIÇO: 1
PROTEÇÃO VENTO	DORMITÓRIOS: 2 NECESSÁRIA, PORÉM DE IMPORTÂNCIA SECUNDÁRIA SOCIAL: 2 SERVIÇO: 2
ISOLAM. ACÚSTICO	DORMITÓRIOS: 1 NECESS. DE PROMOVER UM REAL AMBIENTE DE REPOUSO E ISOLAMENTO DENTRO DA CÉLULA - O BARULHO É UM DOS PIORES INCONVENIENTES DAS HABITAÇÕES COLETIVAS SOCIAL: 1 SERVIÇO: 2
CIRCULAÇÃO	1 CONDIÇÃO PRIMÁRIA DE BOM FUNCIONAMENTO
ESTRUTURA	1 ECONOMIA E FACILIDADE DE EXECUÇÃO
PLÁSTICA	2 DECORRÊNCIA NATURAL DAS PLANTAS

ASSUNTO	PRO'S	CONTRAS
SOLUÇÃO	UNICA: FACILIDADE DE COMPOSIÇÃO VARIADA: PEQUENO AUMENTO NAS POSSIBILIDADES DE ACOMODAÇÃO DAS FAMÍLIAS PLANTA LIVRE PARCIAL: AS PARTES DE SERVIÇO E SOCIAL (PERMANÊNCIA DIURNA) COMPORTAM-SE DENTRO DE CERTOS LIMITES, UM Nº FLEXÍVEL DE OCUPANTES PORTANTO PODEM, NO CASO PRESENTE, SER PADRONIZADAS O Nº DE PESSOAS NOS DORMITÓRIOS ESTÁ SUJEITO À ALTERAÇÕES PELO AUMENTO DA FAMÍLIA - DAI A NECESSIDADE DE FLEXIBILIDADE DE ESPAÇO, OBTIDA POR MEIO DE DIVISÕES MÓVEIS, DENTRO DE UMA PLANTA LIVRE	SOLUÇÃO RÍGIDA RESTRITA A UM SO TIPO DE FAMÍLIA IMPOSSIBILIDADE DE COMPORTAR O DESDOBRAMENTO PROVÁVEL DA FAMÍLIA, PRINCIPALMENTE NO QUE SE REFERE AOS DORMITÓRIOS MAIOR DIFICULDADE DE COMPOSIÇÃO OS MESMOS DEFEITOS ACIMA, ATENUADOS EM PARTE
SUAS PEÇAS CONSTITUINTES	ÁREA LIVRE DESTINADA AOS DORMITÓRIOS (JUSTIFICADA ACIMA) BANHEIRO: BANHEIRA, BOX, CHUVEIRO, VASO SANITÁRIO, BIDÊ, LAVATÓRIO PEQUENO TERRAÇO COM TANQUE COZINHA: FOGÃO A GÁS, EXAUSTOR, COFAS, CONJ. PIA-MESA DE PREPARO, GELADO, ELETRODOMÉSTICA ACESSO: SALAS DE ESTAR - JANTAR PEQUENO TERRAÇO	REJEITADO POR RAZÕES ECONÔMICAS NECESSIDADES MÍNIMAS, EVIDENTES POR SI MESMAS NECESS. DE LAVAR E SECAR ROUPA MUITA, COMPLETANDO O TRAB. DA LAV. COL. EQUIPAMENTO PADRONIZADO INTEGRADO NA CONSTRUÇÃO AMBIENTE, UNIFICADO E IGUAL PARA TODAS CÉLULAS PELAS RAZÕES EXPOSTAS ANTERIORMENTE PERMITIR CONTACTO, EMBORA SUMÁRIO, COM O MEIO EXTERIOR

3 - A célula-tipo.

BLOCO UNICO		UNIDADE DE COMPOSIÇÃO MELHOR APROVEITAMENTO DO TERRENO FACILIDADE DE LOCALIZAÇÃO RACIONAL DAS NECESSIDADES COLETIVAS FACILIDADE DE CONTROLE E ADMINISTRAÇÃO POSSIBILITA MELHOR SOLUÇÃO PLÁSTICA	DAS SOLUÇÕES ESTUDADAS, ESTA É A MAIS SUJEITA, DO PONTO DE VISTA DA ESTATICA, À PRESSÃO DO VENTO
BLOCOS SEPARADOS		ALTURA MENOR, MENOS SUJEITA À AÇÃO DO VENTO DE UMA MANEIRA GERAL, APRESENTA AS MESMAS VANTAGENS DA SOLUÇÃO ANTERIOR, EMBORA PIORANDO AS CONDIÇÕES DE APROVEITAMENTO DO TERRENO	DIFICULDADE DE ILUMINAÇÃO E VENTILAÇÃO DA RUA INTERNA - PROVÁVEL NECESSIDADE DE POÇOS DE ILUMINAÇÃO E VENTILAÇÃO - SOLUÇÃO TORTURADA
BLOCOS SEPARADOS			MAU APROVEITAMENTO DO TERRENO DIFICULDADE DE LOCALIZAÇÃO DAS NECESSIDADES COLETIVAS IDEIA DE CONTROLE E ADMINISTRAÇÃO AUMENTO DAS ÁREAS DE CIRCULAÇÃO E DO Nº DE ELEVADORES DEFRONTAÇÃO DESAGRADÁVEL DE AMBIENTES DE ESTAR E SERVIÇO DE UM BLOCO PARA OUTRO

6 - A disposição geral do conjunto.

SOLUÇÃO	PRO'S	CONTRAS
	NÃO POSSUE ESCADA INTERNA	UMA FACE INTEIRAMENTE TOMADA PELA CIRCULAÇÃO, OBRIGANDO A ABRIR TODAS AS DEPENDÊNCIAS PARA A MESMA FACE DECORRÊNCIA DISSA, A EXCESSIVA FRENTES OCUPADA POR CÉLULA UM CORREDOR DE CIRCULAÇÃO E UMA PARADA DE ELEVADOR POR ANDAR
	ECONOMIA MAIOR DE CIRCULAÇÃO E ELEVADORES (PARADAS DE 3 EM 3 ANDAR) AS CÉLULAS TIPOS "A" E "C" ABREM PARA AS DUAS FACES	A CÉLULA TIPO "B" SÓ ABRE PARA UMA FACE E PROVAVELMENTE ESTARÁ CONDICIONADA À ESTRUTURA DECORRENTE DOS TIPOS "A" E "C" TORNA OBRIGATÓRIO O USO DA ESCADA PARA TODO E QUALQUER CONTACTO DA CÉLULA COM O EXTERIOR
	ECONOMIA DE CIRCULAÇÃO E RESPECTIVAS PARADAS DE ELEVADORES (ANDARES ALTERNADOS) APROVEITAMENTO INTEGRAL DAS DUAS FACES SEPARAÇÃO DAS FUNÇÕES BÁSICAS EM 2 NÍVEIS	EXISTÊNCIA DA ESCADA NA CÉLULA COMPLEXIFICAÇÃO ESTRUTURAL DEVIDA AOS DESNÍVEIS ENTRE AS LAJES CORREDOR INTERNO DESPROVIDO DE ILUMINAÇÃO E VENTIL. NATURAIS DOIS TIPOS DE CÉLULA, EVENTUALMENTE 3
	MELHORA A ESTRUTURA IDEM CIRCULAÇÃO E ELEVADORES APROVEITAMENTO INTEGRAL DAS DUAS FACES SEPARAÇÃO DAS FUNÇÕES BÁSICAS EM 2 NÍVEIS	EXISTÊNCIA DE ESCADA NA CÉLULA OS MESMOS INCONVENIENTES DO CORREDOR INTERNO
	MELHORA A ESTRUT. CIRCUL. E ELEVADORES CIRCULAÇÃO DOTADA DE ILUMINAÇÃO E VENTIL. NATURAIS SEPAR. DAS FUNÇÕES BÁSICAS EM 2 NÍVEIS	EXISTÊNCIA DA ESCADA NA CÉLULA
	APROVEITAMENTO PARCIAL DE UMA DAS FACES - ISTO É, A SOLUÇÃO PERMITE ABRIR EM ANDARES ALTERNADOS	

Edifício de apartamentos em São Paulo



Projeto da Heep Ltda.

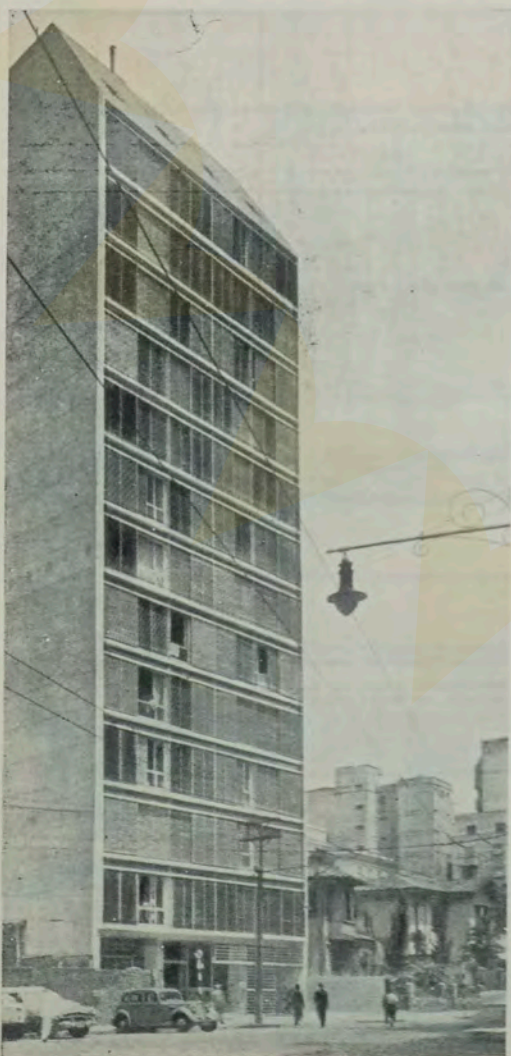
Valendo-se da esplêndida localização de um terreno situado à Rua Martins Fontes, portanto há poucos metros do centro da cidade, a Imobiliária e Incorporadora Otto Meinberg S. A. vem de concluir um prédio de apartamentos ao qual deu o nome de Edifício Tucuman.

Trata-se de um edifício que apresenta algumas inovações e características que aqui registramos. Possui ele doze apartamentos, um por andar, todos insolados abundantemente, o que, para um melhor controle da luz, tornou necessário a aplicação de "brise-soleils" horizontais. O "hall" de entrada do edifício teve o seu nível levantado em oitenta centímetros para um mais fácil acesso às dependências de serviço, no subsolo, o que é feito por um declive suave. Ainda no andar térreo foi instalado o apartamento do zelador o qual estará, assim, mais habilitado a cumprir sua missão. Outro fato importante que se nota no edifício é a ausência de lojas. Segundo o projeto, o espaço que seria reservado a essa finalidade foi utilizado pela garagem, em número de doze, uma, portanto, para cada apartamento. Além das acomodações destinadas aos serviços e às serviais, localizadas nos apartamentos, existe, ainda, no 13.º andar, habitações para empregados e no 14.º andar, lavanderias individuais.

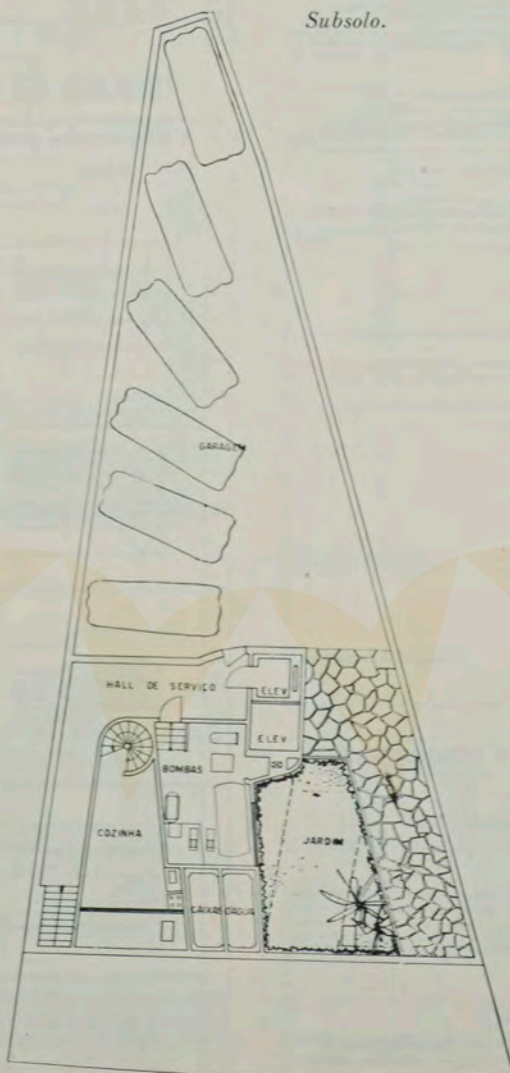
Apesar de ter sido construído em local cujo terreno é sobremaneira valorizado, o preço da construção, após reajuste final, para cada apartamento com uma área de 326,60 m², ficou em Cr\$ 4.495,00 por metro quadrado.

O prédio, cujo projeto foi executado pela Heep Ltda., resultou magnífico pelo seu aspecto arquitetônico; linhas modernas e funcionais, aliadas à boa aplicação dos elementos decorativos e de revestimento da fachada.

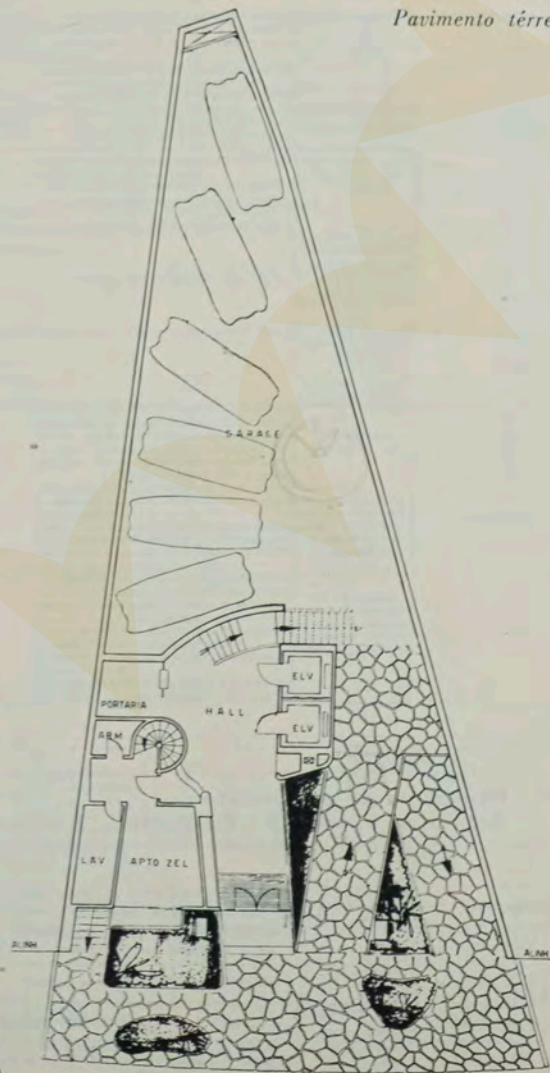
Fachada do edifício Tucuman.

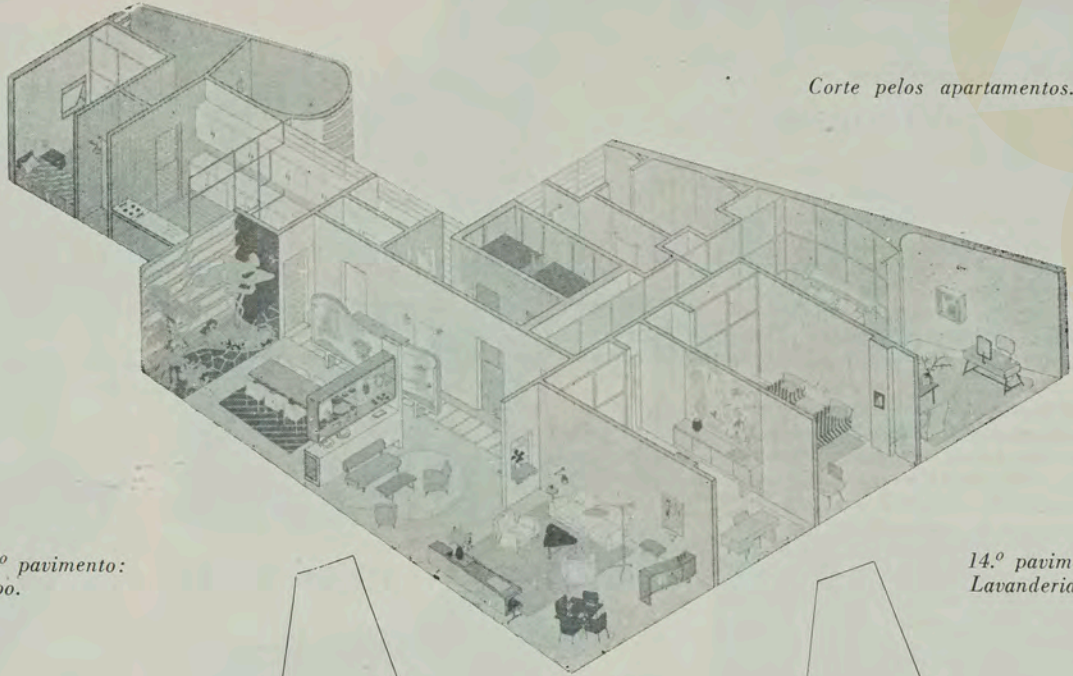
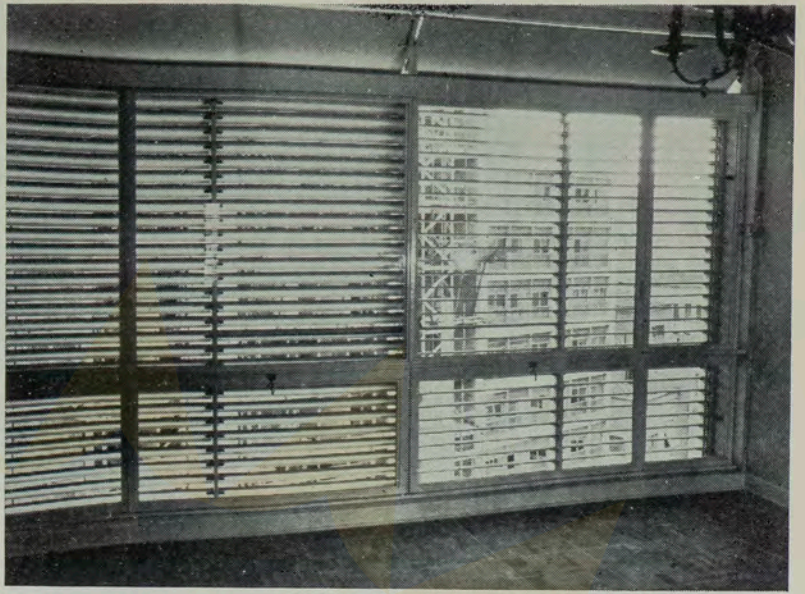
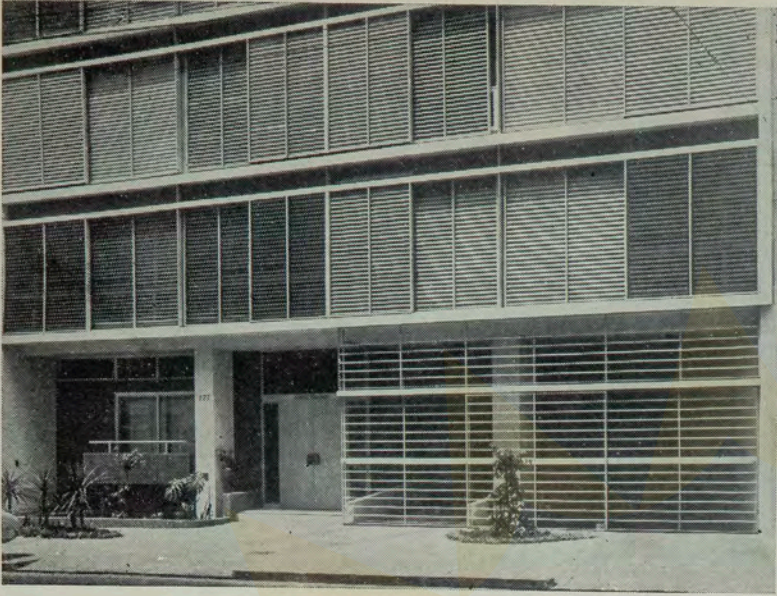


Subsolo.



Pavimento térreo.



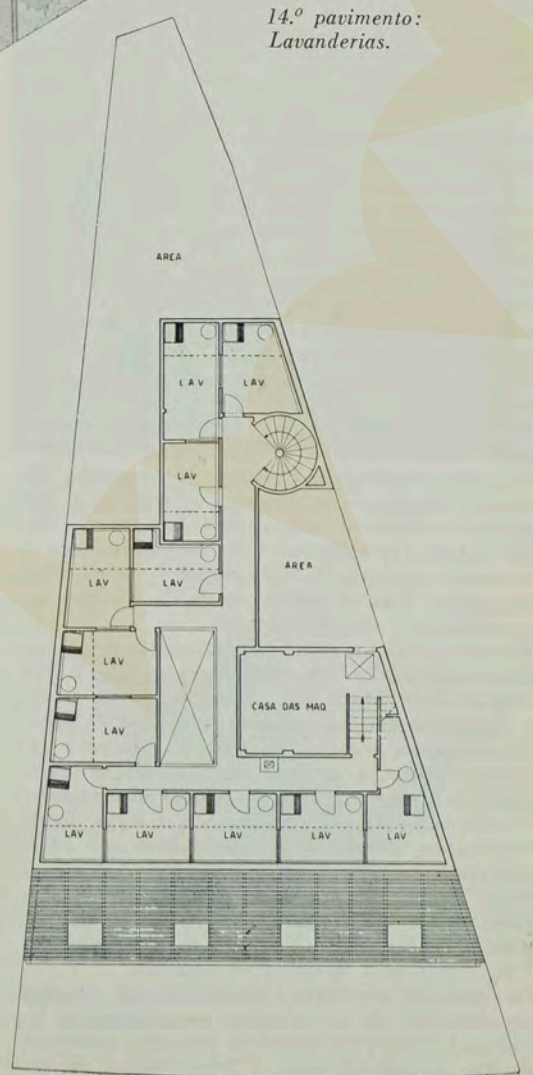
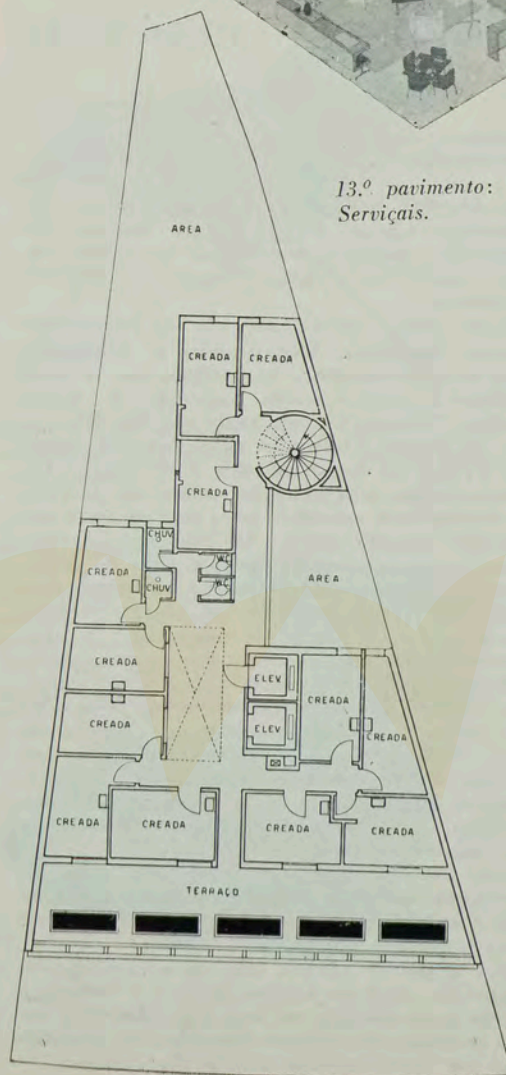
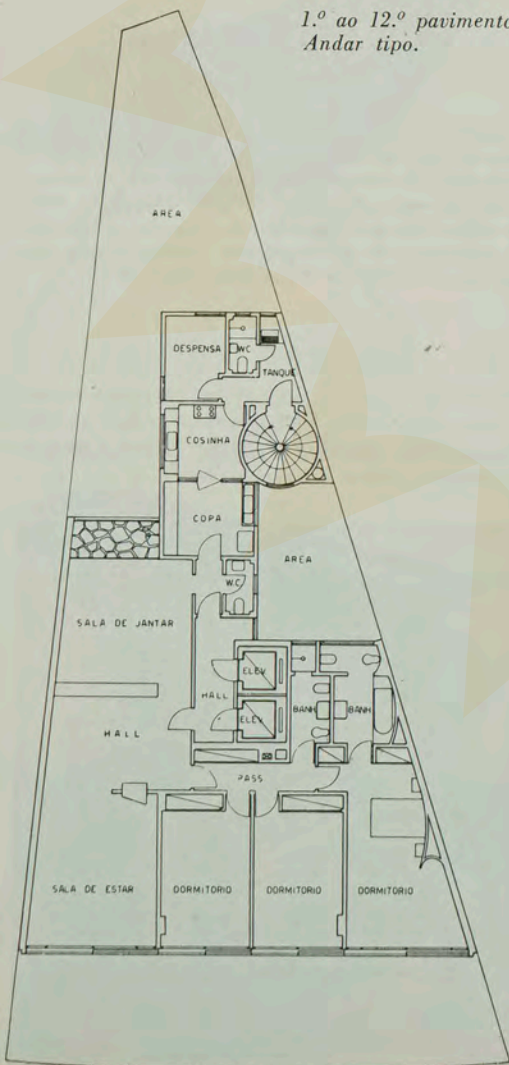


Corte pelos apartamentos.

1.º ao 12.º pavimento:
Andar tipo.

14.º pavimento:
Lavanderias.

13.º pavimento:
Serviços.





Cadeira Chippendale, gótica, 1755.



Cadeira Chippendale, inglesa, 1770.



Cadeiras estilo Windsor, inglesas, ca. 1790.

Os móveis de assento: Cadeiras e poltronas

Cadeiras e poltronas, são elementos decorativos com os quais o homem tem o mais constante contacto e, por conseguinte, a forma anatómica influe em sua criação final. Existindo várias maneiras de se estar sentado, existem vários modelos anatómicos diferentes, que proporcionam absoluta comodidade. Observamos que este critério não tem sido levado em conta em estilos anteriores, justamente o que poderíamos chamar a maneira de viver dos nossos dias: o requisito principal da decoração hodierna é criar ambientes plenos de comodidades.

A tendência de descansar, de estar à vontade em sua própria casa, de juntar diferentes formas e cores bem como criar um ambiente alegre afim de que haja uma elevação espiritual nos momentos de lazer, deu margem à existência de um novo critério de decoração do lugar em que vivemos. O elemento mais viável para colimar aquele objetivo, são, justamente, as poltronas e cadeiras, representadas pelas formas, cores e textura dos tecidos.

Pode-se afirmar com segurança que o móvel de assento, ou seja, a cadeira, a poltrona e o sofá, é o mais importante do mobiliário das residências. A importância reside no conforto e na proporção de sua estrutura e na elegância e leveza de sua plástica, ambas intimamente ligadas e inseparáveis. Eis a razão porque o móvel de assento é o mais difícil de ser construído, e o número dos que se destacam pela beleza de linhas e pela grande comodidade, é reduzido. São geralmente destinados a se tornarem clássicos, como toda boa obra de arte.

É certo que o homem pode sentar-se praticamente sobre qualquer objeto; é raro, porém, que proceda assim indiscriminadamente. Ao contrário, há provas concretas que, através dos séculos, a humanidade tornou-se mais e mais exigente no que diz respeito ao conforto. Com novos materiais e modernos processos de fabricação, o móvel contemporâneo está se aperfeiçoando de maneira inconvencional e nunca imaginada.

São em geral os arquitetos, decoradores e designers-marceneiros que se preocupam com a realização deste móvel difícil, mas fascinante. Desde o Cinquentenário renascentista, os nomes de grandes arquitetos e designers estavam ligados a cadeiras e poltronas, que, por seu estilo nítido e marcado, eram considerados os expoentes de sua época. Claude Sene, Nicolás Heurtant e George Jacob construíram graciosas cadeiras, poltronas e chaise-longues durante os reinados de Luís XV e Luís XVI. Thomas Chippendale, Hepplewhite e Sheraton deram seus nomes a estilos e escolas de mobiliários famosos; o que mais os distinguiu, porém, foram seus desenhos de cadeiras.

Os maiores arquitetos contemporâneos criaram cadeiras que já se tornaram universalmente famosas. Le Corbusier concebeu levíssimas poltronas de aço inoxidável, couro e lona. Marcel Breuer



Cadeira Luís XV, construída por Claude Sene.



Cadeira Luís XVI, francesa, construída por Jean Baptiste Lelarge III

inventou uma cadeira de aço que lhe deu renome internacional. Ludwig Mies van der Rohe criou o prodígio de conforto e graça numa poltrona que desenhou para um pavilhão de exposição em Barcelona. Charles Eames e Eero Saarinen são conhecidos arquitetos americanos; seu grande mérito, todavia, são a cadeira "Eames" e a poltrona "Saarinen".

Existem outras cadeiras que não são produtos de criação individual. Estes modelos se desenvolveram espontaneamente e sua origem não se pode atribuir a nenhum artista conhecido. A célebre cadeira "Windsor", usada tanto nos EE. UU. como na Europa, nasceu nas vizinhanças do castelo de Windsor na Inglaterra entre 1700 e 1725. Foi provavelmente uma imitação rústica das cadeiras da Rainha Ana, executada pelos marceneiros e carpinteiros daquela época. Os primeiros colonizadores levaram-na para a América, onde foi desenvolvida e aperfeiçoada. A cadeira comumente chamada "Tripolina" foi usada por oficiais italianos na África como cadeira de campanha. É simplesmente uma capa de couro suspensa nas quatro extremidades de uma armação de madeira dobrável. Foram fabricadas provavelmente pelos nativos da região. Hardoy adaptou esta cadeira em duas versões; uma, de ferro ou aço tubular, com a capa de couro ou lona dependurada dos quatro ângulos formados pelo bêrço rígido da estrutura. A outra, de madeira, conservou quase inteiramente seu aspecto primitivo.

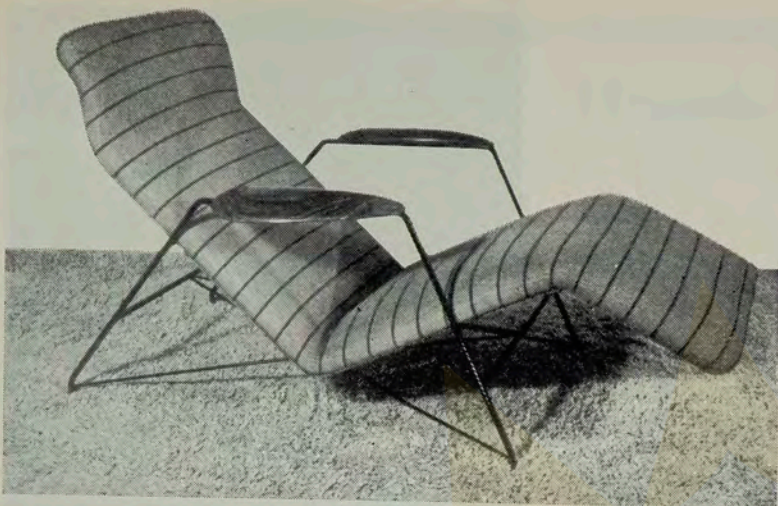
Assim existem outras cadeiras criadas pelos homens, em função de suas necessidades, e adaptadas e aperfeiçoadas com os materiais em uso nas suas respectivas épocas.

Estes móveis de assento, uma vez aceitos pela comunidade, caem no domínio público, e continuam sendo peças clássicas, até uma nova idade com novos materiais que venham adaptá-los ou substituí-los por outros modelos mais revolucionários.

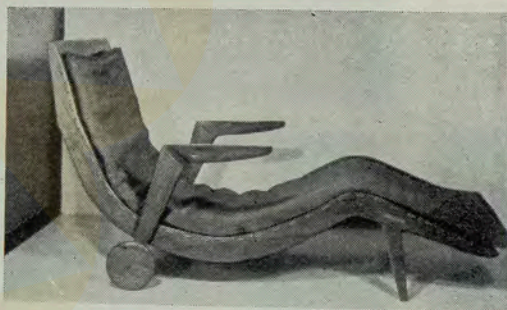
Quando o projetista idealizou esta cadeira em tubos de aço, demonstrou que o fator principal na "técnica" de manufaturar cadeiras consiste no emprego de novos materiais. A contribuição de Breuer aliás, não foi somente esta: ele foi o primeiro a substituir as convencionais quatro pernas por um suporte feito de tubos retorcidos em "S".

Cadeira com estrutura metálica, desenho de Marcel Breuer, Thonet Industries, Inc.





Poltrona para descanso, com esqueleto de ferro e perfis de aço, estofamento com crinex.



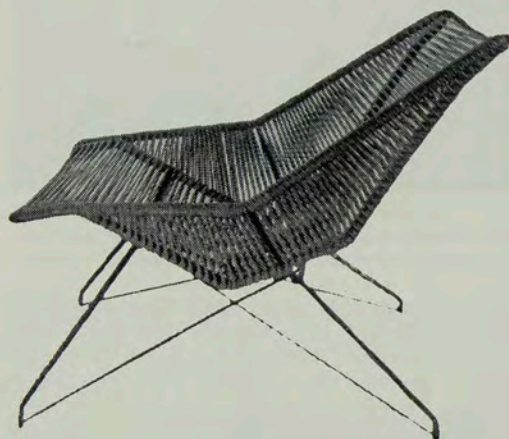
Poltrona com braços e esqueleto de madeira; estofamento de borracha; base sobre rodas para maior mobilidade.



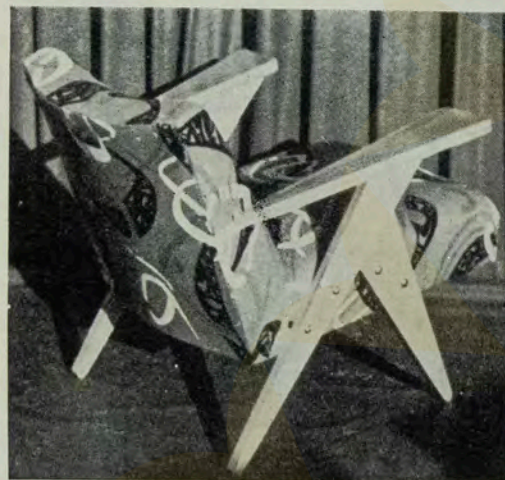
Cadeira de três pernas com assento e encosto moldado em compensado fixado no esqueleto. A forma das três pernas dá estabilidade, desde que o pendor do assento para além da linha que passa entre a perna da frente não seja excessivo. Desenho de Guy Ugan.



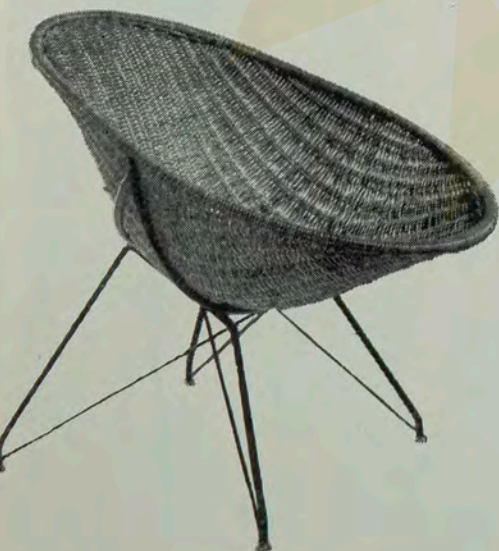
Poltrona estofada, com perfis de aço e borracha esponjosa, muito reclinada, com pés de ferro e tecido feito à mão. Desenho arq. Martin Eisler.



Poltrona com esqueleto feito de perfis de aço e acabamento com jiletas. Muito reclinada, dispensa os braços.



Poltrona de madeira compensada, à prova de umidade e deformação, pintada a revolver.



Poltrona em concha, de junco.



Bergère cujo esqueleto é feito de perfis de aço e revestida de tecido escocês, assemelha-se ao assento de avião. Sua forma anatômica, ajusta-se às partes do corpo.



Desenho de Hardoy, Bonet e Kurchan. Knoll Ass.



Cadeira para bar, desenho de H. A. Duckworth, Royal College of Art, Londres.

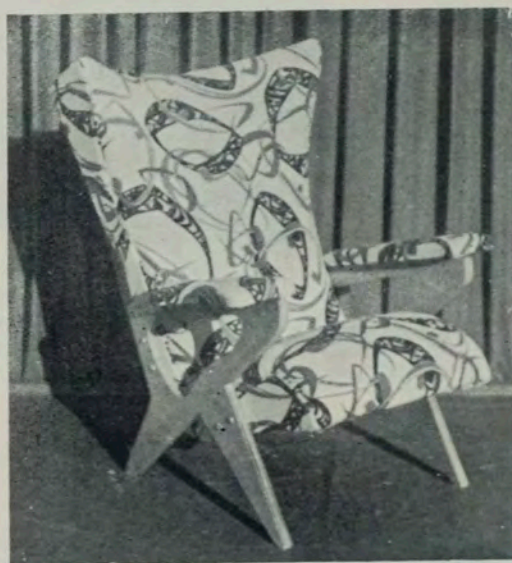


Cadeira desenhada por Charles Eames.

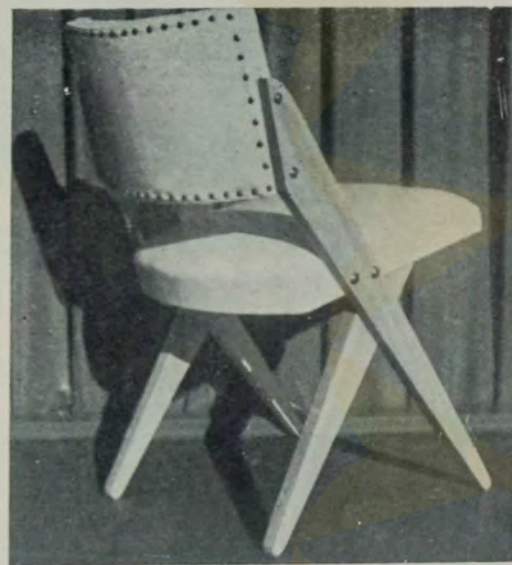
As cadeiras de Charles Eames tem características definidas e personalidade própria devido ao emprego de novos materiais e estudo da postura e do contorno do corpo humano. O metal, o compensado e a borracha são reunidos para simbolizar a cadeira moderna.



Lina Bo, Poltrona de três pernas, em tubo de ferro, com fôrro sôlto de lona.



Poltrona, madeira compensada, à prova de umidade e deformação, assento e encôsto em tecido moderno.



Poltrona em madeira compensada à prova de deformação e umidade; couro plástico.



Cadeira premoldada para restaurantes e com assento de borracha.



Poltrona pequena, com esqueleto premoldado, estofada com borracha-espuma e com revestimento de tecido estampado. Pernas de ferro redondo



Poltrona estofada com crinex, esqueleto de perfis de ferro e encôsto flexível. De construção bastante simples, têm-se, contudo, plena liberdade de movimento e máxima comodidade.



Cadeira de restaurante de madeira e com pés de perfis de ferro; assento e encôsto revestido de esteirinha. Desenho arq. Martin Eisler.

Mostra de Arte barroca italiana no Ibirapuera

“De Caravaggio a Tiepolo”

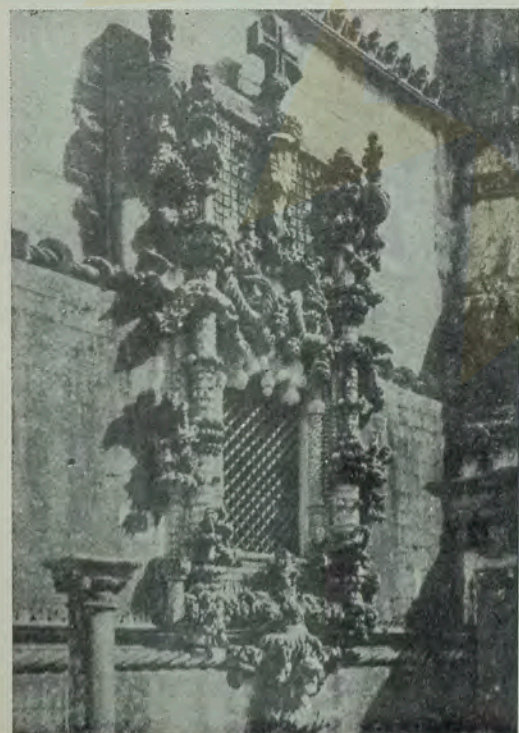


“Capela Dourada”, Recife.



Portais da catedral do Salvador.

A janela de Tomar.



Fachada da igreja de São Francisco Xavier, Belém do Pará.



Presidiu à escolha da homenagem da Itália ao IV Centenário de São Paulo um sentido de muita coerência. Dentro da multiplicidade de acervos passíveis de homenagear esta cidade como delegações autênticas, o governo italiano podia se ter voltado para qualquer centro de obras primas. Contudo, o critério de optar pelo material barroco deu ao caráter protocolar da homenagem um gesto de significação direta pela consanguinidade histórica. Sim, afinal de contas a mostra de arte barroca que forma o escritório central do Ibirapuera, não deixa de ser uma visita de bisavós a bisnetos. Pois, se os avós da arte barroca brasileira foram aqueles artesãos que pularam a janela de Tomar e o retábulo maior de São Bento do Pôrto e se meteram nos porões das naus trazendo utensílios e, às vezes, até pedras irmãs das de Santa Clara, dos Clerigos, da Cruz de Amarante, do castelo de Queluz e da basílica da Estrêla, os bisavós trabalharam na Itália com Giacomo della Porta, Rainaldi, Bernini e Cortona, sob uma espécie de mecenato de Urbano VIII e Alexandre VI.

Afinal, que é a arte transportada, aclimatada e desenvolvida na América latina colonial, senão o barroco? Isso explica a nossa ufanía em, quando se fala na monumentalidade da fachada da igreja de Jesus (de Roma) nos lembrarmos do frontispício da igreja de São Francisco Xavier (de Belém do Pará); quando se fala no ascetismo da igreja de Santa Maria dos Anjos (de Assis) nos lembrarmos das linhas dos portais da catedral do Salvador; quando se fala da igreja de Santo Inácio (de Roma) nos lembrarmos da Capela Dourada do Recife... E não se diga que o fato de só ter vindo pintura e desenho impeça a transferência do clima pomposo e retórico, ou severo e enxuto da arquitetura e da escultura. Qualquer tela de Cortona ou do Magnasco, de Solimena ou de Tiepolo, traz no fausto dos volumes e das côres, das figuras e das perspectivas, a riqueza das Descobertas, a plétora do mundo aumentado pelas caravelas.

A arte barroca que nos vem das escolas caravaggesca, bolonhesa, romana, lombarda, napolitana, genovesa e veneziana se acamou sem dificuldade nas áreas da arte ocidental, muito embora visões vesgas tivessem no princípio pensado que o barroco era fenômeno histórico afetando apenas a arquitetura e algumas artes vizinhas; que se tratava de fenômeno patológico de mau gosto, espécie de corrupção do estilo clássico.

A presente exposição no Ibirapuera já não vem como embaixada artística passível de debates; é um tesouro que atravessou o oceano, significa um núcleo denso, um fenômeno polivalente de cultura que além de interessar a arte, atuou sobre a literatura, a ciência, a filosofia e a vida. Natural, portanto, que se acame com maior facilidade ainda no chão de azulejos do trópico

português e se insira fisiologicamente na arte colonial brasileira como raízes se conjugando com ramos, como sementes se encontrando com frutos. Se a Itália nos mandasse peças do Renascimento, cometeria um gesto solene de protocolo cerimonioso; se nos remetesse a ampla secção nacional da XXVII Bienal de Veneza, viria como um público bem curioso desejando assistir a uma quermesse; ao passo que mandando os barrocos mais característicos, o caravaggismo, os inauguradores do naturalismo, os refundidores da classicidade (no sentido que tal termo crociano se opõe ao classicismo) e espécimes notáveis das diversas escolas que se degladiaram e se fundiram, está remetendo de fato a prata de casa latina carimbada por Cochim com a pérola tumefata do rococó; despejando em amplexos efusivos a exuberância de uma época ecumênica, de união do Ocidente e do clássico com o Oriente e o exótico, de fusão romântica e geográfica, mediterrânea e tropical, mística e naturalista.

Indubitavelmente houve um critério de alta coerência na escolha do material mais adequado para a homenagem oficial da Itália ao IV Centenário de São Paulo. A remessa de obras barrocas da categoria mais típica, revestiu o gesto de uma significação direta e magnânima, com muito de intimidade familiar.

Na verdade, esse escritório não se enquista no Ibirapuera como presença imóvel, protocolar. Coisa humana e viva que é, se expandirá como radioatividade até Congonhas do Campo, Ouro Preto, Mariana, Salvador, Olinda e Recife; os halos de fibrilação mais clônica vibrarão sobre o Embu, São Vicente, São Sebastião, Mogi das Cruzes, o Carmo e a Luz.

Avaliar o que veio, o autentico têsouro maciço remetido, chega a constituir tarefa que só peritos da categoria de H. Woelfflin, M. Marangoni, Eugênio d'Ors, G. Lorenzetti e V. Golzio seriam capazes de precisar. Imagine-se então se viessem esculturas também! E, mesmo em pintura, viessem os representantes da escola de Ferrara, inauguradores do surrealismo ao lado de Monsu Desiderio, Arcimboldo e Fieravino?!

Há que agradecer aos patrocinadores, à comissão executiva e encarecer o catálogo que constitui não só um guia como um curso sobre tema tão difícil de se ver reunido no mesmo local. Acreditamos que esta exposição, junto com a de arte veneziana que esteve em Bruxelas, é das mais importantes que já deixaram a Península em demonstração tão sincera de aprêço. Sua finalidade está sendo assimilada com proveito por milhares de pessoas. Em meio aos “ismos” que ali mesmo no Ibirapuera se defrontaram na II Bienal de São Paulo, a Mostra de Arte Barroca indica a revolução e a evolução da arte durante dois séculos demasiado severos para a humanidade.



Giambattista Pittoni, "O Sacrifício de Jefté". 1732-35.



Fetti, "A Parábola da palhinha". Roma, Busiri-Vici.



Caravaggio, "Davi com a cabeça de Golias". Roma, Galeria Borghese.



Pietro Longhi, "O Rinoceronte". Veneza, Cá Rezzonico.



Giacomo Cerutti, "Velho mendigo e menino com cesto".

A. Carracci, "Venus e o Amor". Modena, Galeria Estense.





Pietro Longhi, "A Recepção".

Da imensa bibliografia sobre o barroco há que acentuar: L. Lanzi, *Storia pittorica dell'Italia, dal resorgimento delle belle Arti fin presso alla fine del sec. XVIII*.

H. Wölfflin, *Renaissance und Barock*.

W. Weisbach, *Die Kunst des Barocks in Italien, Frankreich, Deutschland und Spanien*.

M. Marangoni, *Arte Baroca*.

Benedetto Croce, *Storia dell'età barocca in Italia*.

Pensiero, Poesia e Letteratura. Vita morale.

A. E. Brinckmann, *Die Kunst des Rokoko*.

G. Lorenzetti, *La pittura italiana del Settecento*.

Eugenio d'Ors, *Del barocco*.

Francesco Furini, "Daví". Roma, Busiri-Vici.



Ludovico Carracci, "Madona com o Infante e os Santos". Cento, Pinacoteca.

F. Solimena, *Madona*, Roma, Galleria Nazionale d'Arte Antica.





Antonio Canal, "Bacia de São Marcos". Milão, Galeria.



Caravaggio, "Sacrifício de Isaac". Florença, Galeria dos Ofícios.



Giambattista Tiepolo, "Consilium in Arena". Udine, Museu Cívico.



Giambattista Tiepolo, "A Justiça e a Paz", 1734.

Síntese bio-bibliográfica

A mostra de arte barroca italiana — remetida como comemoração oficial ao IV Centenário de São Paulo, é constituída por obras (pinturas e gravuras) das diversas escolas dos séculos XVII e XVIII. Do movimento caravaggista vieram telas de Caravaggio, Borgianni, Saraceni, Caracciolo, Preti e Gentileschi; da escola de Bolonha foram remetidos trabalhos de Annibale e Ludovico Carracci, Reni, Domenichino, Guercino, Lanfranco, Albani, Masteletta, Crespi e Bigari; da escola de Roma constam peças de Cortona, Baciccio, Bernini, Mola, Cerquozzi, Maratta, Batoni e Pannini; integram a escola de Nápoles obras de Stanzione, Cavallino, Giordano, Salvator Rosa, Recco, Belvedere, Solimena, Mura, Giaquinto e Traversi; da escola toscana há obras de S. Giovanni, Lippi, Furini e Dolci; da escola lombarda vieram espécimes de Procaccini, Cerano, Morazzone, Del Cairo, Baschenis, Varallo, Fra Galgario, Cerutti e Bazzani; da escola genovesa vieram trabalhos de Castello, Piola, Ansaldo, Asseretto, Grechetto, Scorza, Strozzi, Ferrari e Magnasco; da escola veneziana foram enviados trabalhos de Forabosco, Fetti, Maffei, Mazzoni, Piranesi, dos Ricci, dos Longhi, Piazzetta, dos Tiepoli, de Peregrini, Pittoni, Carreria, Amigoni, Zuccarelli, Canaletto, Belotto, Mareschi e dos Guardi.

Os Carracci. Os irmãos Agostinho e Anibal fundaram com o primo Ludovico a Academia dos "Desiderosi" e mais tarde a dos "Incaministi". Naturais de Bolonha, logo formaram discípulos de um movimento cultural em oposição ao clássico estragado por Vasari, Salviati e Allori; seria, pois, um programa de restauração das boas regras e métodos, e do qual adveio uma espécie de retórica plástica que passou a imperar na Itália e no Ocidente.

Michelangelo Merisi da Caravaggio. Homem de vida atribulada e romanêsca, às voltas com brigas, condenações e fugas, deixou fama de louco e de gênio respectivamente em Milão, Roma, Nápoles, Malta, Siracusa e Pôrto Ercole, onde morreu de insolação ou malária, em condições miseráveis. Trabalhador incansável, renovou a mentalidade e a técnica da pintura da época, em oposição aos Carracci, isto é, o intelectualismo retórico, e a favor do humano e do terreno; mestre do chamado naturalismo. 1573-1610.

Lucas Giordano. Divulgou em Nápoles, Florença e Madrid a maneira veneziana. Grande virtuose e artesão, foi em arte, por seu otimismo dionisiaco, o oposto de Salvator Rosa. Pode ser considerado o bisavô do expressionismo, bastando para isso as pinturas da Capela do Tesouro de S. Martinho. 1632-1705.

Francesco Guardi. Conquanto mais conhecido como paisagista, não foi apenas essa modalidade que o interessou. Se por um lado lembra o Canaletto, por outro sugere influxos de Magnasco. Mestre na grafia, na luminosidade e na cor. Nasceu em Veneza em 1712 e aí faleceu em 1793.

Pietro Longhi. Estudou em Veneza e em Bolonha, pintou o cotidiano após tentativas malogradas do monumental; sua maneira lembra às vezes Goya e Le Nain. 1702-1785.

Alessandro Magnasco. Nascido em Gênova, atuou em Milão, Florença e em sua cidade natal. Sua dicção tem mais caráter musical do que gráfico. Quase um simbolista. 1667-1749.

Giovanni Battista Piazzetta. Trabalhou em Veneza e Bolonha. Nele confluem as qualidades de Fetti, Strozzi e Crespi, até atingir uma personalidade marcante que infelizmente cai mesmo no "barroco" teatralizante. 1683-1764.

Salvator Rosa. Paisagista, a princípio influenciado por Ribera e Falcone. Deixando Nápoles, funda em Roma a "Accademia dei Percossi", mais literária do que artística. Morre em Roma. Tentou quadros históricos e monumentais e descambou para o clássico, negando-se a si mesmo.

Francesco Solimena. Um dos mais famosos decoradores do século XVIII, exerceu influência notável inclusive na escultura e na arquitetura. Influenciou muitos artistas, principalmente Matteis, Conca e Giaquinto. 1657-1704.

Massimo Stanzione. Trabalhador fecundo, deixou obras em muitas igrejas de Roma, Nápoles, etc., principalmente em São Bruno, Gesù Nuovo e S. Paolo Maggiore. E' das figuras mais importantes do século XVII napolitano, influenciando Vaccaro, Salvator Rosa e Cavallino.

Bernardo Strozzi. Capuchinho e prelado, primeiro seguiu a corrente decorativista, depois se empolgou pela escola flamenga. 1581-1644.

Giambattista Piranesi. Nasceu em Mogliano em 1720 e faleceu em Roma em 1778. Estudou perspectiva e arquitetura em Veneza. Em 1740 foi para Roma, como desenhador da Embaixada veneziana. Um dos mestres do desenho e da gravura. Imaginação fantástica e exatidão gráfica.

Giambattista Tiepolo. Nasceu em Veneza em 1696 e morreu em Madrid em 1770. Teve uma atividade extraordinária, pintando em igrejas e palácios de Veneza, Udine, Milão, Vicenza, Wurzburg e Madrid. Tendo iniciado uma pintura nos moldes de Piazzetta e de Ricci, cai no colorido e no monumental de Veronese. Gosto inteiramente pessoal em turbulenta ascensão para a atmosfera barroca. O maior decorador de todos os tempos, lembra, contudo, a visão rembrandteana.



Jean Arp, *Forma vista e escutada*, Mármore. Coleção M. Hagenbach, Basileia.



Jean Dewasne, *Pintura mural para uma usina eletromecânica*, 1954.



Robert Jacobsen, *Escultura em ferro*, 1952.

Museu de Arte Moderna de São Paulo

A vanguarda da Escola de Paris

Exposição organizada pelo "Art d'Aujourd'hui"

Ao ouvir falar em Escola de Paris, no campo das artes, o colecionador de verbetes sintéticos cuidaria tratar-se de uma realidade antiga, difusa e permanente, como limitação geográfica e ecológica, abrangendo a evolução e o acervo artístico dentro do recinto crescente da cidade, desde séculos. Tal suposição, no entretanto, adviria de uma rubrica simplista, de caráter léxico.

Ora, a Escola de Paris, é todavia um movimento histórico, iniciado relativamente há poucos anos, em 1925 mais ou menos, e se tivéssemos que lhe dar batismo local deveria se chamar Escola de Montparnasse, já que nasceu quando Montmartre perdeu o interesse e bandos parisienses e estrangeiros se foram aboletando em outro bairro cujos núcleos passaram a ser os cafés *Dôme* e *La Rotonde*, e as boîtes *Le Dingo* e *Le Caméléon*, no trecho do boulevard Montparnasse entre as ruas de Rennes e o boulevard Raspail.

Nos terraços e interiores de cafés começou a se ins-

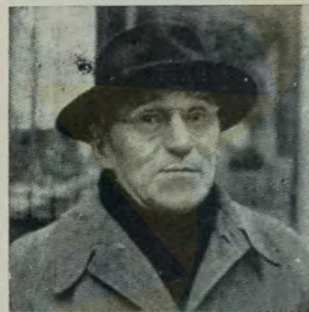
talar, principalmente perto da estação do metrô Vavin, uma turma boêmia, de *pull-over* e *sweater*, calças de veludo, barbas românticas, pobreza provisória e entusiasmo alternado; turma essa onde formavam núcleos alguns veteranos como Dufy, Vlaminck, Matisse, Picasso, Marcoussis, Lhote, Léger e Marie Laurencin; e onde se popularizavam criações estranhas como Roger Wild, Guy Arnoux, Leopold Lévy, Suzanne Roger, Maria Blanchard e Chana Orloff. Enfim, gente muito outra da que — um quarto de século antes — Bonnard registrara no desenho "Place Vichy — Place Blanche..." mas que um André Warnod ou um Michel Georges-Michel, cada qual à maneira de cronista-mor, denominaria Escola de Paris assim que ambos descobriram artistas que tomavam média, fumavam e desenhavam entre modelos, cães e fumaça nas mesas de *La Rotonde*. Artistas ainda meio anônimos, mas que já eram os homens Modigliani, Chagall, Soutine, Pascin, Kisling e Fujita.

**PIERRE TAL-COAT**

Filho de pescadores, nasceu em Clohars-Carnoël em 1905. Recebeu o Prêmio Guillaume em 1936. Desde a II Guerra até agora reside no Château Noir, em Aix-en-Provence — onde habitou Cézanne. Diversas obras de épocas diferentes em museus e coleções em França e no estrangeiro.

**HANS HARTUNG**

Nasceu em Leipzig em 1905, estudou em Dresde; pinta desde a infância. Filiou-se ao abstracionismo em 1923. Viajou pela Itália, Holanda e Bélgica e fixou-se em Paris onde tomou contato com o cubismo. Naturalizado francês desde 1946; participa sempre de exposições na França e no estrangeiro.

**SERGE CHARCHOUNE**

Nasceu em Buguruslã, na Rússia, em 1898. Transferiu-se para Berlim e finalmente para Paris, onde expôs na Retrospectiva dos Independentes em 1929. Trabalhos em coleções particulares em diversos países. Costuma expor nas Galerias Dausset e Waldberg.

**RICHARD MORTENSEN**

Nasceu em Copenhague em 1910. Matriculou-se na Academia Real em 1929, mas logo passou a trabalhar sozinho. Influenciado pela obra de Kandinsky, fez sua primeira exposição em Berlim em 1933. Levou a Copenhague uma exposição de abstratos da Escola de Paris. Especializou-se em encenação e costumes teatrais. Ganhou em 1946 o Prêmio Edvard Munch, e em 1951 o Prêmio Kandinsky. Numerosas exposições internacionais.

**EDGARD PILLET**

Nasceu nas cercanias de Bordéus em 1912, em cuja Escola de Belas-Artes estudou antes de se transferir para a Escola Nacional Superior de Belas Artes de Paris. Obteve os prêmios El Tiff (Argélia) e Pintura Jovem (Paris). Secretário geral de Art d'Aujourd'hui desde sua fundação. Co-fundador e professor do Atelier d'Art Abstrait. Exposições individuais e coletivas. Realizou dois filmes: um sobre Magnelli e outro sobre H. Laurens.

**MARIA HELENA VIEIRA DA SILVA**

Nascida em Lisboa, mudou-se para Paris em 1925. Viagens à Hungria, Itália e Portugal. Estadia no Brasil onde conheceu todas as rodas intelectuais e artísticas. Obras nas principais coleções francesas e estrangeiras. Expõe geralmente em Jeanne Bucher e Pierre Loeb. Premiada na II Bienal de São Paulo.

**NICOLAS DE STAEL**

Nasceu em São Peterburgo em 1914. Transferiu-se para Berlim em 1918 e depois para Bruxelas. Constantes viagens à Holanda, Espanha, Marrocos, Argélia e Itália. Desde 1945 tem exposto nas galerias Jeanne Bucher, Jacques Dubourg (Paris) e Knoedler (Nova York).



Jean Arp, "Símbolo da metamorfose e do vir a ser dos corpos", Madeira. Coleção Dr. Schwarzmann, Basiléia.

Não se tratava de elementos ortodoxos de uma doutrina plástica, como aqueles outros grupos definidos cujos trabalhos se pautavam nitidamente pelas rubricas cubismo, futurismo, expressionismo, fauvismo, suprematismo, neoplasticismo, orfismo, dadaísmo, surrealismo, abstracionismo, concretismo, etc. Também o nome Escola de Paris, àquela altura, seria talvez apenas para ombrear com a de Munique, Berlim e Zurique, não significando, contudo, gente de Paris, e sim grupos em Paris. Em artigo anterior já disse que se poderia até chamar de Legião Estrangeira, pois era gente vinda da Itália, da Rússia, da Bulgária, da Polónia, do Japão... e até mesmo do outro lado do Sena, de Montmartre.

Não se caracterizava por um manifesto ou pela dependência a um chefe e a uma técnica, como nos casos mais típicos e já agora históricos de *A Ponte*, *O Cavaleiro Azul*, *Cabaret Voltaire*, *Minotauro*, etc. As relações com os diversos movimentos estéticos eram de plena liberdade, o termo *escola* devendo aqui ter o significado que tem o *campus* de uma universidade: encruzilhada de estacionamento, permuta, alfândega e trabalho simultâneo. Assim, inicialmente, Modigliani tinha a pureza plástica severa florentina; Soutine era o expressionista convulsivo e paroxístico; Chagall, o místico onírico; Kisling, o romântico da ternura; Pascin, a centrifugação plástica dostoiéwskiana; Fujita, o Extremo-Oriente em pureza de laca...

Disse eu que a Escola de Paris se devia chamar Legião Estrangeira, ao passo que J. Alvard a batiza de escola de "hommes de nulle part".

Sua estrutura técnica é múltipla, dentro de uma simultaneidade pasmosa. Figuras insignes como Braque já adquiriram um estágio de perfeição acima dos "ismos". Há grupos figurativos como aquele que expôs em São Paulo em setembro de 1946, mostrando-se heterogêneo como origens e como idades, desde Dufy, Utrillo, Asselin Planson, Heuzé e Neillhot, até Jannot e Despierres.

Mas se a Escola de Paris é assim eclética e disponível, a sua ala vanguardista representa na época atual o mesmo que a ala fundadora em 1925. De fato, se Jean Arp está ligado à fundação do surrealismo, outros escultores como Bloc, Giglioli, Lardera e Jacobsen representam uma vanguarda outra mais atual na ânsia de pesquisas formais, insatisfeitos sempre com as soluções. O mesmo se dirá das telas e gravuras onde há trabalhos de verdadeiros azes do abstracionismo, como Herbin e Delaunay, ou Magnelli e Hartung.

Esta exposição (organizada pelo Art d'Aujourd'hui) de artistas da Vanguarda da Escola de Paris, mostra, através da excelente seleção de André Bloc, que existe dentro da expansão amebiana desse organismo centros corados pela fucsina da genialidade criadora, verdadeiros responsáveis pelo itinerário de pesquisas por onde caminha a arte em sua transfiguração permanente.



André Bloc, Escultura em Mármore, 1952.

JEAN ARP

Escultor e poeta surrealista. Nasceu em 1887 em Estrasburgo. Exposições na maior parte dos países da Europa e da América. Obras nos principais museus do mundo. Grande relêvo na Universidade de Harvard, bronze na Universidade de Caracas, piaas batismais na Igreja de Todos os Santos em Basiléia. Poemas e ensaios editados em França, Alemanha, Suíça e América do Norte. Prêmio de Escultura na XXVII Bienal de Veneza.

ANDRÉ BLOC

Nasceu em Argel em 1896. Escultor e engenheiro. Presidente do Grupo Espaço. Diretor de l'Architecture d'Aujourd'hui. Trabalha pela integração das artes plásticas na arquitetura.

SONIA DELAUNAY

Nasceu na Rússia e se instalou definitivamente em Paris com a idade de vinte anos. Obras no Museu de Arte Moderna, no Petit Palais e em coleções particulares em França e alhures. Participa de todos os salões de importância.

AUGUSTE HERBIN

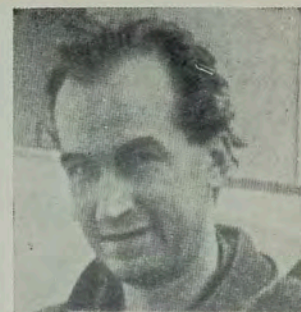
Nasceu no norte da França (Quiévy) em 1882. Estudou em Lille, sofreu influência dos impressionistas. Cubista desde 1909, mas em 1913 introduz elementos geométricos puros que o conduzem a uma arte monumental. Voltou definitivamente à abstração em 1926.

ALBERTO MAGNELLI

Nasceu em Florença em 1888. Frequentou os futuristas. Amigo de Apollinaire, Max Jacob, Picasso e Léger. Trabalhos abstratos em 1915. De 1920 a 1930, figurativismo violento. Volta ao abstracionismo integral em 1933. Reside em Paris e expõe mais na Galerie Drouin.

ALEXANDRE ISTRATI

Nasceu na Rumênia em 1915. Formado pela Academia de Belas Artes de Bucarest, ensinou pintura até 1947, ano em que foi para Paris trabalhar com Lhote. Participou dos salões de Maio, e Realidades Novas. Diversas exposições em Bucarest e em Paris.



CICERO DIAS

Nasceu no Recife em 1908. Em 1925 abandonou a Escola de Arquitetura do Rio para pintar, expondo pela primeira vez em 1937. Vive em Paris desde 1938. Realizou no Recife a primeira decoração mural abstrata da América do Sul. Exposições em Lisboa, Nova York, Avinhão, Veneza, Paris, Rio, Recife e São Paulo.



VICTOR VASARELY.

Nasceu na Hungria em 1908. Estudou medicina, e seguiu em Budapeste os cursos de Bortnyik Nagy e Huszara, familiarizando-se com a mentalidade do Bauhaus. Estabeleceu-se em Paris desde 1930. Numerosas exposições na Europa e na América do Norte.



SERGE POLIAKOFF.

Nasceu em Moscou em 1906. Chegou a Paris em 1924, estudando na Academia Frochot e na Grande Chaumière. Voltou a Paris após um estágio de dois anos em Londres. Entrou para o grupo da Galeria Denise René. Em 1947 tirou o Prêmio Kandinsky. Diversas exposições individuais e coletivas.



BRAM VAN VELDE

Nasceu em Leyde (Holanda) em 1895. Autodidata. Chegou a Paris em 1924, expondo nos Independentes. Após estágios em ilhas do Mediterrâneo, se instala em Paris, tendo exposto nos Independentes, Superindependentes e na Galeria Maeght.



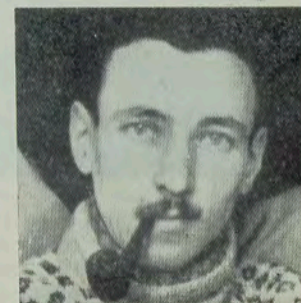
BERNARD DUFOUR

Nasceu em Paris em 1923. E' dos elementos mais recentes da ala vanguardista da Escola que conta veteranos como Magnelli e Bram van Velde. Tem participado dos Salões das Realidades Novas e dos Independentes.



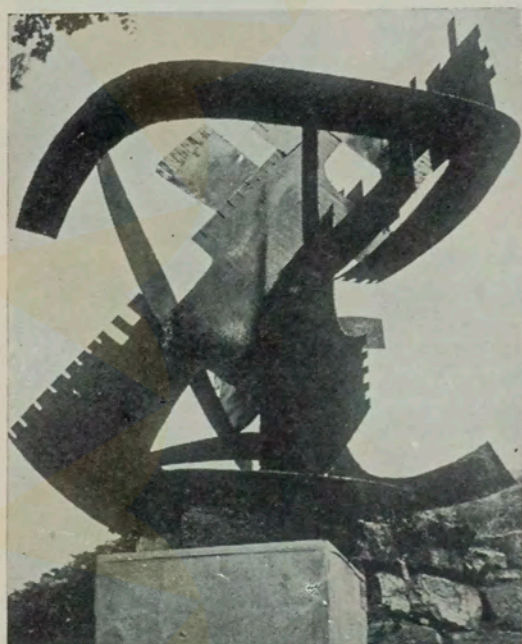
PIERRE DMITRIENKO

Nasceu em Paris em 1925, fez sua primeira exposição particular em Lausanne. Tem participado de diversas manifestações de grupos em Paris nas Galerias Maeght, Arnaud, Denise René, Babylone, etc. O caçula da Escola; também expõe na província e no estrangeiro.

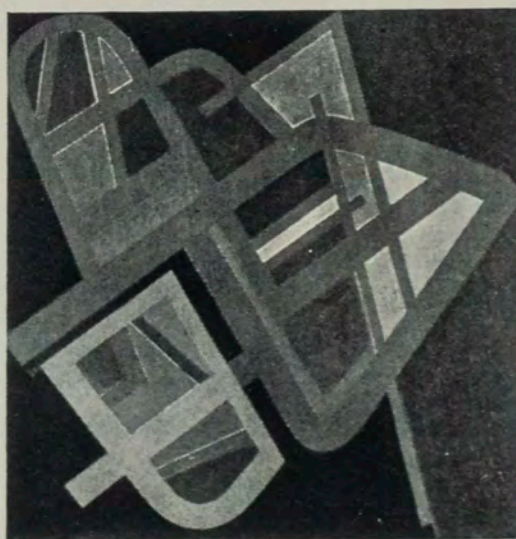




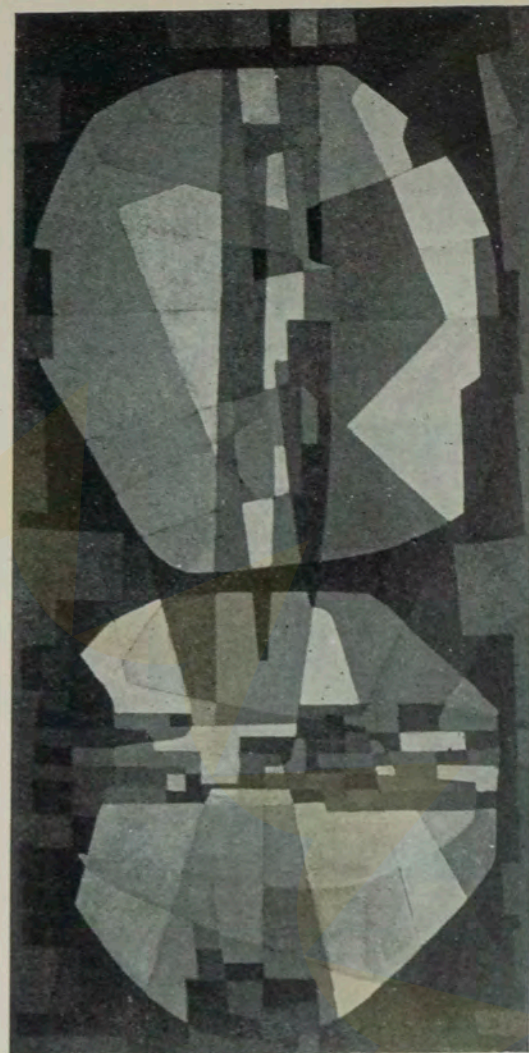
Hans Hartung, Óleo, "Composição".



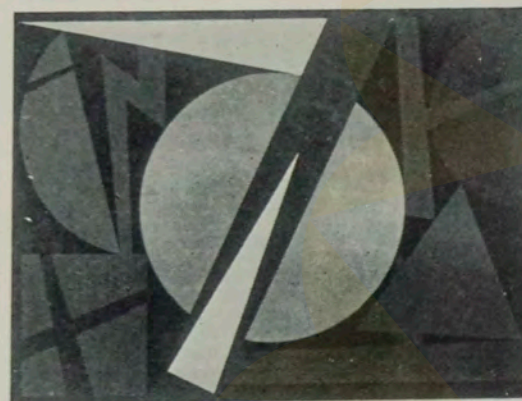
Berto Lardera, "Escultura", Ferro e cobre, 1954.



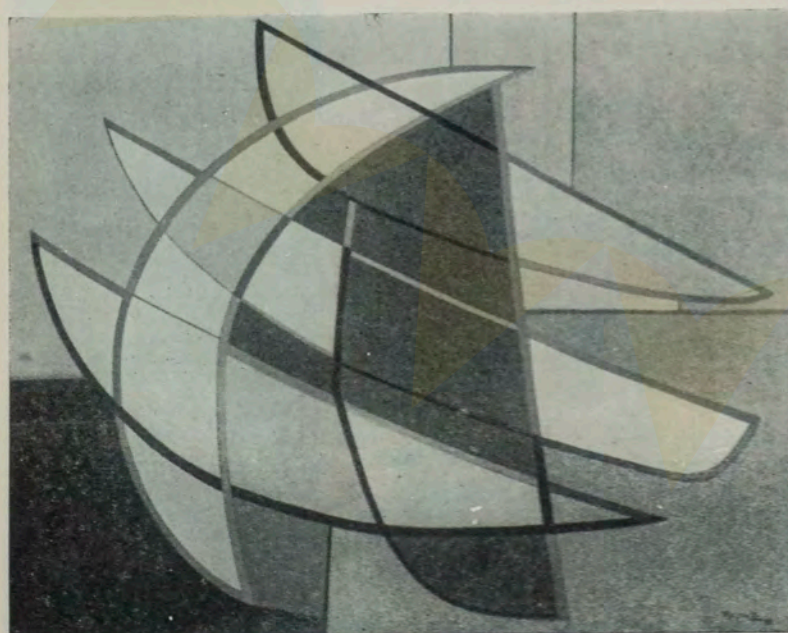
Edgard Pillet, "Cotinga", 1953.



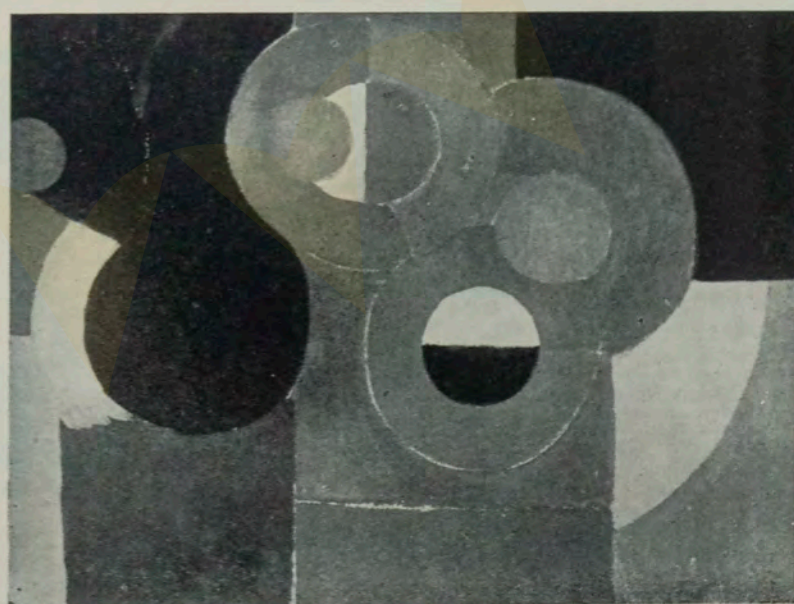
Jean Deyrolle, "Adrien".



Auguste Herbin, "Tempestade".



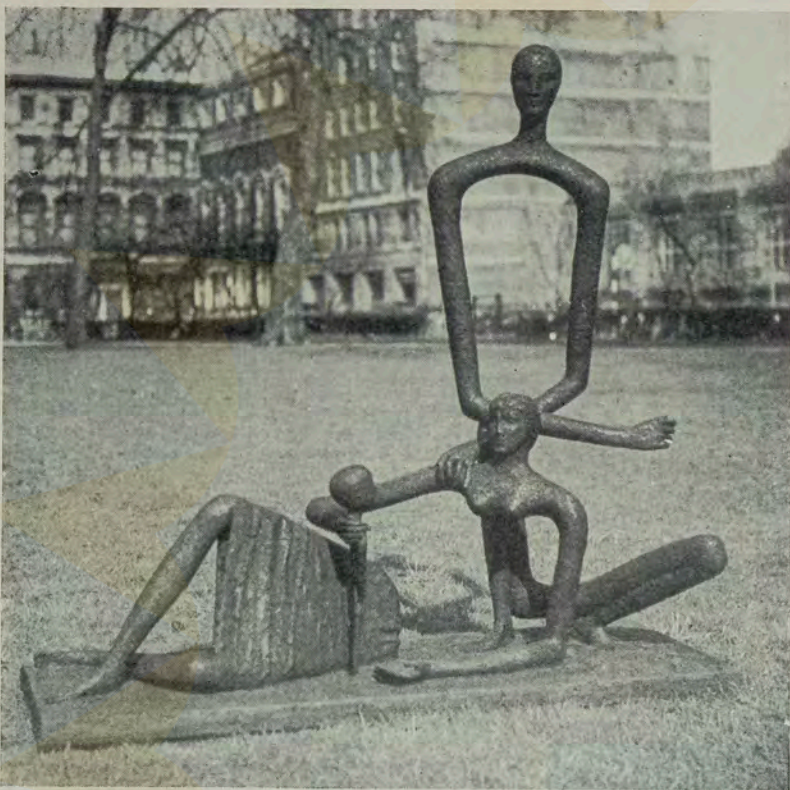
Alberto Magnelli, "Presença repetida".



Sonia Delaunay, "Composição", Guache, 1952.

Artistas contemporâneos britânicos

Rosy F. de Borba



F. E. McWilliam, "Pais e Filho". Madeira.

Kenneth Armitage, "Família a passeio". Bronze - 1951.



O período moderno da arte britânica principiou em 1910, quando houve em Londres a primeira exposição post-impressionista. Surgiram naquele momento, dominando o cenário artístico inglês: Frank Brangwyn, August John e Jacob Epstein. A vanguarda inglesa, que nos primeiros decênios deste século costumava seguir Paris com surpreendente atraso, influenciada pelos fauvistas, cubistas e futuristas, conseguiu finalmente, em larga escala, a sua independência. Londres tornou-se um "melting pot" de várias tendências, divergentes e contraditórias. Mas, a maioria dos artistas se exprime em linguagem moderna e há um número sempre maior de galerias exibindo suas obras. Verdadeira renascença artística está se dando na Grã-Bretanha e nota-se depois dessa última guerra grande vitalidade e interesse pela pintura como pela escultura. O aparecimento de uma escola de escultura na Inglaterra é acontecimento de enorme significação, pois durante séculos essa arte pouco se distinguiu naquele país.

No comêço do século XVI, a sensibilidade estética inglesa pareceu atrofiar-se e a Inglaterra, que durante alguns séculos tinha sido fonte de invenções plásticas, contribuindo generosamente com suas magníficas iluminuras de manuscritos, esculturas de alabastro e marfim, vitrais e arquitetura de catedrais para evolução do estilo gótico, manifestou-se nesse período apenas na arquitetura doméstica e no artesanato.

E assim, durante quase três séculos, a arte existente na Inglaterra foi em grande parte uma arte de importação com Van Dyck e Holbein na pintura, com escultores franceses, italianos e holandeses.

Enquanto na Europa, durante a Renascença, a arte se desenvolvia, descobrindo-se novos métodos, novas técnicas, na Inglaterra se discutia se a arte deveria continuar ou não.

A vitória do protestantismo na Inglaterra, a hostilidade dos Puritanos para com as imagens e pinturas de santos nas igrejas, golpearam severamente a tradição artística do país, perdendo assim os artistas sua melhor fonte de renda, a pintura dos painéis dos altares. Os mecenas daquela época, incapazes de estabelecerem comissões com os artistas locais, preferiam adquirir para suas coleções quadros de mestres antigos e os grandes nomes da pintura italiana. Esse estado irritou sobremaneira um jovem gravador inglês que para viver ilustrava seus livros. Seu nome era William Hogarth (1697-1764). Finalmente, na segunda metade do século XVIII e na primeira do XIX, a adormecida sensibilidade inglesa parece acordar e reviver com expressão nas consideráveis figuras de Reynolds (1723-1792), Gainsborough (1727-1788), Constable (1776-1837), Turner (1775-1851) e toda uma escola de aquarelistas e paisagistas. Nesse mesmo século XVIII, surge a figura original do poeta e místico William Blake (1757-1827) que se considera como um fenômeno isolado, à parte. Acrescentando a esses acontecimentos, os fatores materiais surgidos com a Revolução Industrial, compreenderemos melhor a posição desajustada do artista inglês na sociedade da época.

Os anos que precederam a segunda guerra mundial, com seus tristes eventos, violências, conflitos e transição social, poderiam parecer os mais inoportunos para uma recuperação artística. Mas a arte ressurgiu na Inglaterra dando sua contribuição ao movimento cultural europeu.

Conscientes dos problemas artísticos que são basicamente idênticos em toda parte, os artistas ingleses como em outros lugares poderão ser clas-



Henry Moore, "Grupo Familiar". Gesso com camada de bronze, 1945-49.

Bernard Meadows, "O Galo", Bronze, 1951.



Kenneth Armitage, "De Encontro ao Vento", Bronze.

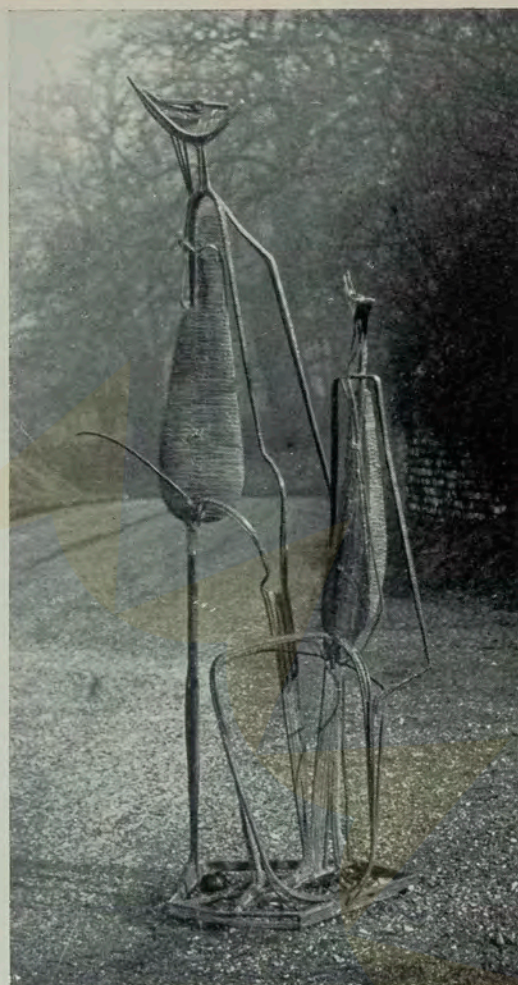
sificados aproximadamente em figurativos e abstracionistas. Dentro desses dois grupos ainda se encontra um domínio fértil de semi-abstracionistas e de semi-figurativos. Neste campo é que poderão ser achados os mais genuínos exemplos da arte inglesa.

Características desse movimento são a qualidade poética, o romantismo e o uso subsidiário da cor. O caráter das obras de muitos pintores ingleses nos parece ser comumente mais intelectual do que sensual.

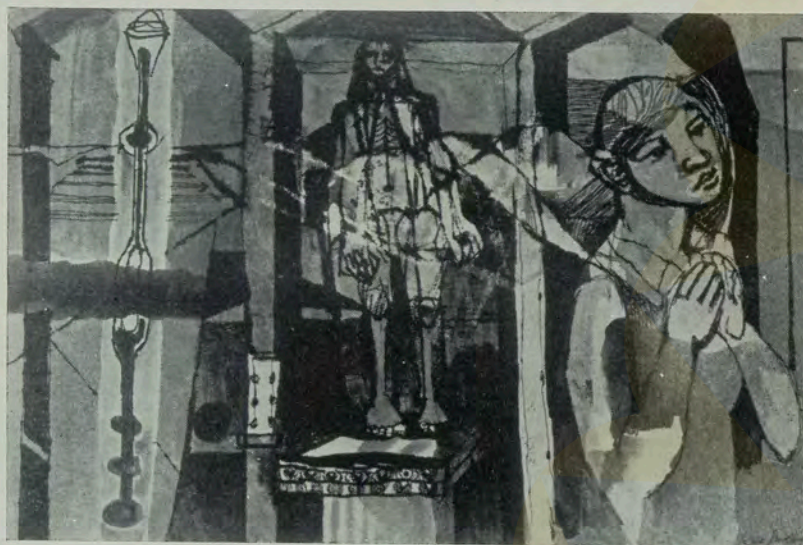
Essa qualidade manifesta-se tanto na escultura como na pintura e aplica-se à arte figurativa como à abstrata.

Falando dos artistas contemporâneos britânicos, mencionaremos Graham Sutherland (1903), figura das mais representativas, com influência da antiga Britannia, uma visão pessoal construída em Palmer e Paul Nash, com desenho de grande vitalidade, cores fortes nas obras mais antigas e cinzas de várias tonalidades e intensidade nas obras atuais; criando formas vegetais ou minerais, de dimensões superaugmentadas, procura dar uma impressão de estranha e exuberante vida de outros planetas. Pintou alguns retratos realistas como o de Lord Beaverbrook e Somerset Maugham e muito em breve executará o de Churchill. Procurando traduzir o espírito da obra de Sutherland, surge um grupo de jovens pintores: John Milton (1917), que se dedica atualmente mais ao gênero ilustrativo; John Craxton (1922), um dos mais audazes naturalistas românticos; Keith Vaughan (1912), o mais talentoso talvez dos jovens pintores ingleses, requintado desenhista, sensível, exemplo de humanismo contemporâneo e de traço expressionista; e Michael Ayrton (1922), realista, representativo, alegórico, autor fundamental de um único retrato, repetido com obsessão, como o fez Francis Bacon (1910). Este último, é certamente o artista mais discutido em Londres. Considerado por alguns críticos como um dos mais importantes pintores que a Inglaterra produziu nas últimas gerações, é por outros julgado sensacionalista e excêntrico, Bacon pode ser visto como um pintor trágico, pois suas personagens, em seus últimos trabalhos, não são simplesmente as vítimas de uma situação angustiada: assinalam-se não apenas por certo ar de desconfiança para com o destino, produto do senso de luxo eduardino com o qual ele procura envolvê-las, mas também pela grandiosidade e amplitude com que são realizadas. Que as novas tendências da arte contemporânea inglesa não estão limitadas a paisagens, mostram Robert Colquhoun (1914), discípulo do expressionista Jankel Adler e cujas formas são violentas e deformadas, negras e intensas as cores, tridimensionais de torturante qualidade e enigmáticos gestos das personagens. Nesse mesmo Movimento expressionista poderiam ser incluídos pintores como Robert MacBryde (1913), o decorativo Louis Le Brocqy (1917), Edward Burra (1905), que pinta em grandes dimensões e com predominância de cores vermelhas, homens transformados em automatismos crudelíssimos; sua fantasia podendo ser considerada mais surrealista do que expressionista; Ivon Hitchens (1893), sutil, extremamente inglês, com poética apoteose da natureza; John Piper (1903), arquitetônico e decorativo, famoso como cenógrafo; suas obras estão carregadas de melancolia romântica; Lucian Freud (1922), metódico, com um encanto mórbido, grande força e real autenticidade. Representando a pintura ingênua citaremos Halina Korn (1912), que com pura alegria pinta

Reg Butler, "Rapaz e rapariga". Ferro, 1949-51.



Keith Vaughan, "Viagem do Megallon", Guache.



Keith Vaughan, "No Pomar". Óleo.



cenar das ruas, do campo, flores e interiores. No grupo dos pintores abstracionistas colocaremos o harmonioso e plácido Ben Nicholson (1894); o áustero Victor Pasmore (1908), que desde 1951 abandonou a pintura para se dedicar a novas experiências estéticas: "Square Motives" e "Spiral Motives"; o violento e dinâmico William Gear (1915), aluno de Léger, e William Scott (1913), de grande imaginação, integridade e concentração dos vários problemas pictóricos.

As condições de vida na Inglaterra, sem grandes contrastes de riqueza e pobreza, não produziram grande número de pintores que poderiam ser considerados do social realismo. Talvez L. S. Lowry (1887) seja o único que, pintando fábricas de Manchester, nos deu uma pintura mais realista da vida industrial dos trabalhadores desse país.

Outros pintores que não podemos deixar de citar são ainda Marek Zulawski (1911), com uma concepção muito pessoal da forma baseada na profunda observação da natureza, com uma preocupação dos problemas cotidianos do homem, que encontramos constantemente reproduzidas em suas poderosas composições; Prunella Clough (1919), preocupado com temas sociais; o humano Felix Topolski (1910), com seus excelentes desenhos; Ceri Richards (1903), com sua exuberância gaulesa; Joseph Herman (1915), com suas escuras e poderosas telas; Patrick Heron (1920), imitador de Braque, com tendências à abstração; e finalmente Matthew Smith (1879), com seus nus sensuais e flores pintadas em violentas cores.

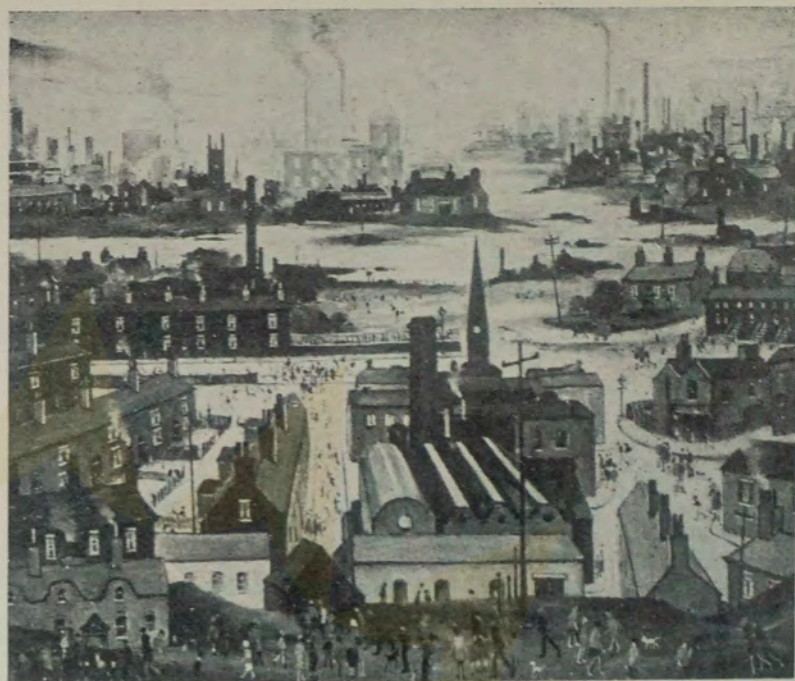
A arte de Henry Moore (1898) representa uma nova tendência na evolução da moderna escultura. Estudando a escultura negra, sumeriana, azteca, os grafitos paleolíticos de Altamira, Moore sentiu a instintiva compreensão do artista primitivo para com a natureza do material e procurou fazer reviver a pre-história, atualizando-a. Pela grande vitalidade que se exterioriza nas mais variadas formas, todas muito coerentes, apesar da diversidade de intenções; pela sua originalidade e respeito à natureza do material usado adequadamente; pela observação das formas naturais, Moore ocupa um lugar distinto na vida da escultura contemporânea. Características de suas figuras são uma contínua sucessão de concavidades e convexidades, de grande sugestão espacial que encontramos também na obra de Barbara Hepworth (1903). Essa última através de formas puras, demonstra-nos sempre equilíbrio, sensibilidade e a mesma preocupação da vida íntima do material, sempre orientado num sentido muito feliz como o fez Henry Moore.

Deve-se em grande parte a Moore, o desenvolvimento da arte escultórica na Inglaterra, e a influência que exerce em muitos artistas é evidente. Tomando a forma humana como ponto de partida, encontramos um tipo de escultura mais ligada ao recurso da modelagem; é a escultura maciça de Adams (1917) e Bernard Meadows (1915). Outra tendência também bastante importante do momento atual, está sendo representada pelas construções espaciais de Reg Butler (1913), vencedor do prêmio ao "Prisioneiro Político".

Derivando de Giacometti, essa escultura linear, essa representação do ritmo por meio de arames e barras de ferro, encontra vários adeptos na Inglaterra. Entre eles Paolozzi (1924) e Chadwick (1914) que pertencem à "wirry school", por jocosidade também chamada a "Blacksmithery". São esses os principais artistas que contribuem para demonstrar a vitalidade do povo inglês num momento onde mais séria parece a crise da arte e da cultura.

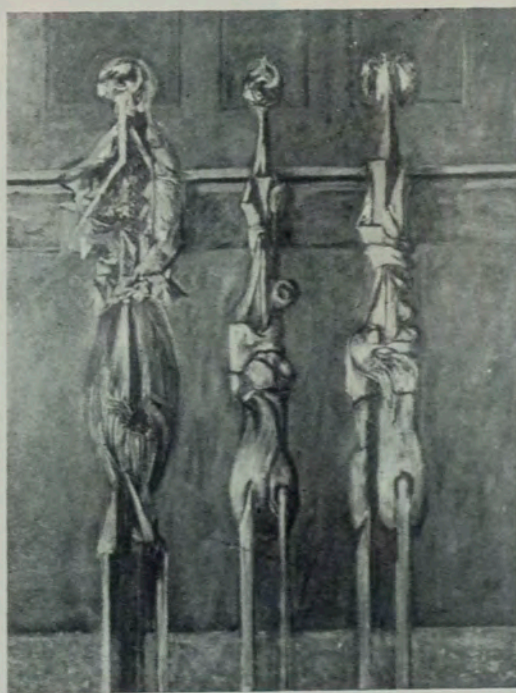


Lucian Freud, "Paddington Interior". Óleo, 1951.



L. S. Lowry, "Cidade Industrial". Óleo, 1948.

Graham Sutherland, "Formas em pé". Óleo, 1953.



Robert Colquhoun, "Mulher de chale xadrez".



Halina Korn, "Glyndebourne". Óleo, 1953.

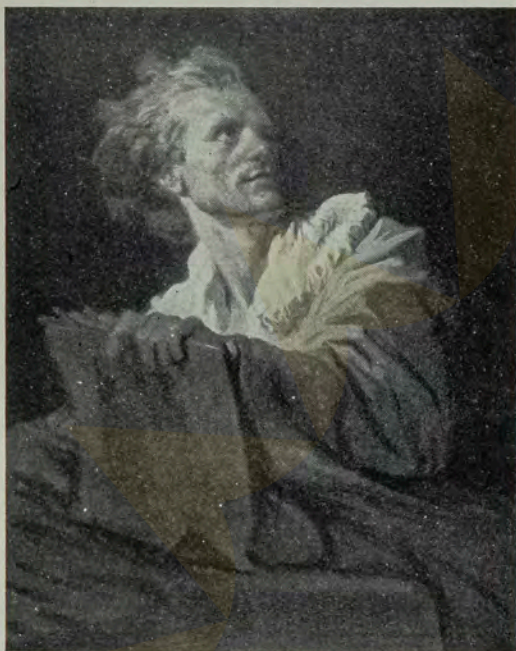


Patrick Heron, "Retrato de Herbert Read", 1950.



Exposições - Museus e Galerias

NO ESTRANGEIRO:



Fragonard, "O pintor Naigeon".

Fragonard

Realizou-se em agosto e setembro no Museu de Belas Artes de Berna a exposição de Fragonard organizada pelo prof. Max Huggler. Idêntica, só a de -921 no Pavilhão de Marsan e cujo catálogo foi redigido por Georges Wildenstein. A crítica e o público suíços admiraram o principal caráter da obra do autor de *O Balanço*: o senso de composição, harmonia cromática e imaginação bem objetivada que formam a graça essencial de "notre chér Frago".

A magnanimidade de Jean-Honoré fez que se dispersassem muitos documentos e fotografias que ajudariam a estabelecer não só catálogos bem informativos como lances biográficos. Isso explica, talvez, a injustiça de Fragonard ter poucos historiadores precisando ter sido redescoberto por Lacaze e pelos Marcilles e Concourt. Mas as quatro fases de sua evolução se patenteiam no conjunto mandado para Berna. Em *A Jardineira* ele ainda é o brilhante discípulo de Boucher quanto à assuntos mitológicos e bíblicos. Em *Renaud na floresta encantada* houve influência da paisagem romana e dos mestres italianos barrocos. Em *O Balanço* coexiste o pintor que ficou em moda social e teve que realizar encomendas de cenas ligeiras e galantes. Em *O Sacrifício da Rosa* está bem a última fase técnica que as gravuras viriam a celebrar. Os influxos de Van Loo, Natoire e do abade Saint-No, mais o solfejo plástico que significaram as cópias dos barrocos italianos, principalmente dos Carracci, Caravaggio e Cortona, de certo o habilitaram para criações bem diversas das que, já de regresso a Paris o morador do Louvre, lhe foram encomendadas por gente da índole do barão de Saint-Julien, de Mme. du Barry, e de Mlle. Guimard. Morreu aos setenta e quatro anos, aposentado num cargo arranjado por David. Além de sua obra plástica, deixou no filho Evaristo o continuador de sua glória. Dentre a variedade da mostra de Berna, parece que o retrato da atriz Mlle. Colombe é a peça que reúne as grandes características do gênio de Grasse que cedo se tornou universal.



Lucas Cranach, "Retrato de jovem membro da família Rava".

Pinacoteca do Museu de Arte de São Paulo

Continuando o seu periplo vitorioso pela Europa, a pinacoteca do Museu de Arte de São Paulo — rubricada com o título cronológico "De Mantegna a Picasso" que prova sua ambivalência clássica e moderna — esteve exposta em Düsseldorf e em Londres. Na Alemanha des-

pertou a curiosidade de, entre outros, o escritor Thomas Mann que se abalou da sua solidão para ver um conjunto onde pompeiam Chanach e Holbein. Em Londres, na Tate Gallery, telas do trio Lawrence-Turner-Constable, gloriosamente exiladas no trópico, sensibilizaram os ingleses que, através de *The Arts Council of Great Britain*, organizaram um suplemento ilustrado em anexo ao excelente catálogo.

Thomas Mann visita em Dusseldorf a exposição "De Mantegna a Picasso", do Museu de Arte de S. Paulo



A vida parisiense no século XIX

No Gabinete de Desenhos do Louvre esteve franqueada ao público uma série de 64 trabalhos que registram a vida política, social e íntima de Paris entre 1800 e 1900, começando pelo estudo de David que surpreende a entrada de Napoleão na Municipalidade e terminando no croquis de Marcelle Lender feito por Toulouse-Lautrec. A seleção organizada pelos conservadores Mme. Bouchot-Saupique e M. Serullaz dá a essa oitava mostra do Gabinete de Desenhos do grande museu uma categoria vivaz, anedótica, mundana e sentimental, através dos românticos, neoclássicos, impressionistas e realistas que, como Gericault, Courbet, Georges Michel, Hervieu, bem como Lépine, Daumier, Guys, Gavarni, Deveria, Jongkind, Delacroix, Monet, Forain, Lautrec e Degas documentaram todo um século.



Estampa, Carnavalet, do figurino "Petit Courier des Dames".

Paris, 1900

Uma exposição com o título "Paris, 1900" despertou tanto interesse em Londres na Galeria Wildenstein, que o tema acaba de ter seu desenvolvimento mais minucioso em Vevey no Museu Jenish, com desenhos, litografias, pinturas e cartazes da "Bela Época" por Maurice Denis, Bonnard, Sérusier, Vallotton, Vuillard, Laprade e Lautrec. Aquêlo foi o tempo da grande reportagem gráfica.



Paris, 1900, Bonnard, "Da praça Clichy à praça Blanche".

Os prazeres da campanha

Nesta época de fuga ao terreno e ao humano — não por misticismo e sim por pesquisa formal de arte "pura", André Fraigneau organizou na Galeria Charpentier, em Paris, uma reação romântico-bucólica em forma de retorno à paisagem. Cerca de trezentos quadros abrangendo quase quatro séculos. Alguns do valor excepcional de *A Duquesa de Lorena caçando*, de Deruet; *O Passeio na Floresta*, de Dedreux; e *Piquenique em Louvar*, de Van Dongen.



Despierre, "Pescador", 1945.



Raoul Dufy, "Deauville, A Saída dos Cinco metros".

Raoul Dufy

Em fins do verão, a cidade de Honfleur homenageou a memória de Raoul Dufy organizando no Hotel de Ville uma exposição de trabalhos seus feitos na Normandia, e que são admiráveis flagrantes poéticos do Havre, Honfleur, Falaise, Trouville, etc.

Convém lembrar que há duas províncias francesas fortemente ligadas às artes: a Provença e a Normandia. Quanto à primeira, citaríamos Cézanne, Renoir, Van Gogh e Gauguin. Quanto à Normandia, citaríamos Boudin, Monet, Braque, Friesz, Dufy, Gromaire, Jacques Villon, Bezombes e Dries.

Emile-Othon Friesz

O caso de Friesz assemelha-se um pouco ao de Derain, pois ambos ficaram mais conhecidos por sua participação no fauvismo do que pela evolução diferentíssima que tomaram depois. Friesz, por exemplo, desde o período em que se ligou à Galeria Pétrides (de 1938 até à sua morte em 49) passou da fórmula expressionista e cromática dos fauves para o despojamento cézanneano. Foi o que provou exuberantemente a exposição de quarenta telas na galeria da Rue de la Boétie.

Renoir, Retrato de Mlle. Madeleine Adam.



Renoir

Henry Asselin, a propósito da exposição de coleções particulares na Galerie des Beaux-Arts e da passagem da pinacoteca do Museu de Arte de São Paulo pelas metrópoles européias, dedica artigos de recordações pessoais sobre Renoir em sua casa na Rue Caulaincourt, em Montmartre. Conta-nos que no dia de sua morte, em 1919, desenhava uma rosa. A sua revalorização atual como retratista está bem patente nos debates que tais exposições provocaram e altera a conceituação de que o impressionismo foi apenas um novo caravaggismo da paisagem; muito pelo contrário, seria também um novo caravaggismo através do retrato.

Dez séculos de pintura de flores

Houve em agosto, no Museu Natural de Paris, uma exposição que poderia se chamar "A Retrospectiva da Flor", pois abrangeu dez séculos da sua imagem, desde planchas de herbários do Oriente e do Ocidente, até assuntos em que, através dos séculos, a flor entra como suplemento ou tema no desenho e na pintura. Mas, evidentemente, faltou muita coisa, por exemplo, Redouté, Deshayes, Renoir, Vuillard, Willette, Laprade, Valladon, Boucher, Fantin-Latour e Drouais.

Drouais, "A Rosa mal defendida".





Picasso, *Retrato de Moça*, 1954.

Dois períodos de Picasso

Em La Maison de la Pensée Française houve em julho uma exposição de cinquenta trabalhos de Picasso, de 1900 a 1914. Quase tudo da "manière rose" e que estivera exposto antes em Moscou e Leningrado. Agora, na mesma instituição, uma segunda mostra abrange dois períodos com intervalo de 40 anos de pintura, pois uma fase vai até 1914 e a outra começa em 1950 e termina em 54. Temos pois as origens e a maturidade de Picasso. Riqueza e liberdade de invenção num desenvolvimento que o êxito espetacular e a fama universal não conseguiram deter. Pesquisas, visão apocalíptica do mundo e, por fim, serenidade e novo interesse pela figura humana, principalmente a juventude em seu estado órfico.

Exposição itinerante

Apresentada por Carl O. Schniewind, conservador do Gabinete de Desenhos e Estampas do Instituto de Arte de Chicago, andou por Aix-en-Provence, Grenoble e Paris — antes de percorrer outras cidades européias — uma exposição de desenhos norte-americanos. Conquanto limitada aos dez últimos anos com trabalhos de Theodore Roszak, Carlyle Brown, John Wildo, Abraham Rettner e vários outros, de sentido mais vanguardista. A técnica e a mentalidade são bem diferentes do tempo dos pioneiros como Palmer, Currier e Ives.

Positivamente o influxo de imigrantes, principalmente de certos elementos como Ben Shahn, alterou profundamente os caminhos que a arte norte-americana vinha seguido. Mantendo características nacionais, pôde ampliar-se sob o estímulo de maneiras diferentes que agiam simultaneamente, criando concorrências. Hoje em dia se pode dizer que gerações novas constituem distintas corporações artesanais e distintas correntes estéticas. Cabe a um Ben Shahn haver transfigurado o desenho nos Estados Unidos, da mesma forma que coube a Calder haver alterado naquele país e no mundo a concepção do movimento e do espaço em escultura.

Manfredo Borsi

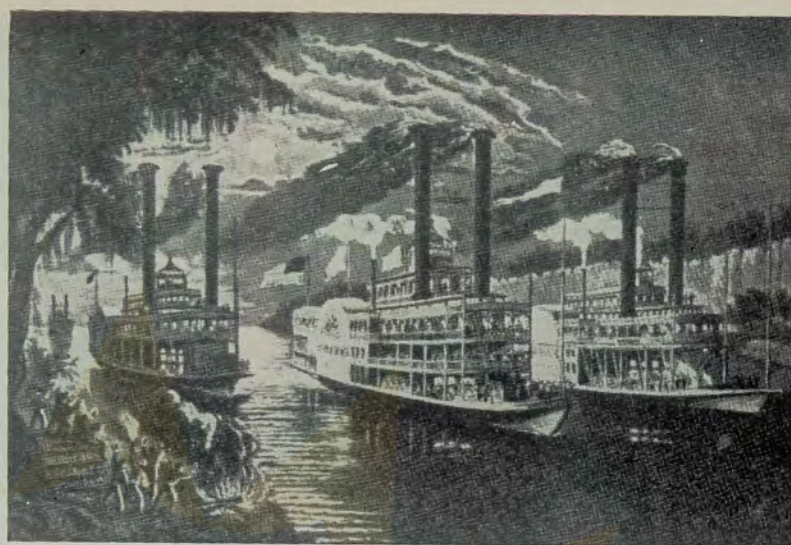
A cidade greco-romana de Antibes acaba de abrir o seu castelo-museu aos trabalhos de Borsi, Varga, Malausséna e Gastaud. O primeiro é escultor, pintor e ceramista; Varga opta pelo abstracionismo severo; Malausséna é intimista e melancólico; e Gastaud é realista. Trata-se duma geração que na área Vallauris-Antibes está criando uma escola à sombra de Picasso.



Virgem com o Infante (Dahomey), Exposição na Catedral de Chartres, em 1954.



Manfredo Borsi.



Litografia de Currier e Ives, dum desenho de Palmer, "Os camponeses do Mississippi" (1886).

Exposição na Catedral de Chartres

Natural que num recinto desses a exposição seja de "artes sacras missionárias". No ambiente histórico-litúrgico, o tema da exposição foi a Virgem Maria. Verdadeiro concurso plástico entre a África negra e o Extremo-Oriente amarelo. Este fez trabalhos de bondieuserie, de academismo decadente; ao passo que a África apresentou coisa específica, como a Virgem com o Menino Jesus, escultura vinda de paragens daomeanas.

XXVII Bienal de Veneza

Pretendem solapar a Bienal de Veneza duas exposições espetaculares na mesma cidade: a de Dali nas masmorras do Palácio dos Doges onde ele expõe em atmosfera de museu de cera uma fusão de Bosch, Breughel, com o academismo e a exatidão fotográfica da sua técnica paranóica, batizada com nomes assim: *Assunção corpuscular*, *Lapislazulina* e *Corpus Hypercubicum*; e a de Chirico que é quase uma retrospectiva pois apresenta a face metafísica e a atual.

No palácio dos Giardini e respectivos pavilhões, a XXVII Bienal apresentou trabalhos de 31 nações. Sintetizando muito, se pode dizer que foram boas as retrospectivas do surrealismo, de Courbet, e do fauvismo; e fracas ou incompletas as de Edvard Munch, Paul Klee, Schlemmer e Nonell. No mais, cumpre destacar os trabalhos de Marchand, Singier e Chauvin, da França; de Nicholson, Freud, Bacon e Butler, da Inglaterra; de Amiet e Speck, da Suíça; de Stojanovic, da Iugoslávia; de De Kooning e Ben Shahn, dos Estados Unidos; de Serpa, Volpi, Portinari e Pedrosa d'Horta, do Brasil; os de Tran Tho, do Viet-Nam. Muitos outros artistas de fama notória não são citados aqui por ser conhecida a "maneira" dos mesmos.



A ESCULTURA NO MUNDO



Reg Butler. Estudo para "Os 3 Guardas". 1953.

Dados os limites desta resenha, restringimo-nos a anotar:

A exposição de trabalhos de Rodin no Instituto de Artes de Minneapolis, organizada por Russel A. Plimpton, com 44 bronzes tendo como bastidores 37 desenhos e aquarelas; dos bronzes, cinco são de tamanho natural: *A idade de Bronze*, *São João Batista*, *Adão*, *Eva* e as figuras do bloco *Burgueses de Calais*; além dos retratos de Baudelaire, Shaw, Pulitzer e uma versão do monumento a Balzac.

De bronzes chineses antigos no Rijksmuseum, de Amsterdão. De 100 peças dos mais importantes escultores italianos como Manzu, Mascherini, Minguzzi, Greco, Pepe, Calvani, Lardera e Giglioli, nos jardins do Museu Boymans, de Roterdão. De 40 bronzes de Bourdelle no Museu Waldenandde, de Estocolmo. De sete pioneiros da escultura moderna, Arp, Brancusi, Chauvin, Duchamp-Villon, Gonzales, Laurens e Pevsner, na Municipalidade de Yverdon. De Bloc, Lardera e Giglioli na Exposição da Vanguarda da Escola de Paris nos museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio. De Picasso, Lipsi e Beaudin na Galeria Doucet, em Paris, sobre motivos de bichos.

Já a exposição do escultor espanhol Enrique Monjo no Cercle Volney, em Paris, comprova através de sessenta peças em granito, madeira e bronze uma das maiores vocações contemporâneas para a estatutária monumental. O seu artesanato é tão completo que, não obstante a índole gongórica e a exuberância barroca, Monjo é capaz de incursões ciclópicas ao passado egípcio, grego e renascentista.

A tal respeito a escultura nórdica tão avançada formalmente através de Jacobsen mas também tão



Beaudin, "Cabeça de cavalo".



Enrique Monjo, "São Mateus".

NO BRASIL

No Rio, as exposições de maior interesse, ultimamente, foram as de: Di Cavalcanti, no Museu de Arte Moderna; Jean Lurçat, Sérgio de Campos Melo e Radomira Glinsky na Escola Nacional de Belas Artes; Leopoldo Gotuzzo na Galeria Esslinger; Iberê Camargo, no Instituto Brasil-Estados Unidos; Pilar Fernandez, na Associação Cultural Franco-Brasileira; Armando Viana, Eleonora de Figueiredo e Maria Amélia A. B. de Sousa Aranha no Museu Nacional de Belas Artes; e Vera Bocayuva e Darel Valença na ABL.

Sobre Di Cavalcanti, Lurçat e Gotuzzo já nos temos manifestado em outras ocasiões. De Iberê Camargo apreciamos as cores e a luminosidade das telas, mas preferimos as gravuras, principalmente a série em aquatinta. Quanto aos demais expositores, não tivemos ensejo de ir ao Rio, desconhecendo, portanto, seus trabalhos, mas nos orientando pela crítica eventual. Trataremos futuramente do Salão Nacional de Belas Artes.

Em São Paulo houve as seguintes exposições: De Oswald de Andrade Filho, José Rueda, Peter Sussmann, Nicolas Rubio, Harry Elsas, Fernando Lemos e Mira Hargesheimer, no Museu de Arte Moderna; de Willys, no Museu de Arte; uma retrospectiva de Oscar Pereira da Silva, na Galeria de Arte IV Centenário; da escultora Charis Brandt, na Galeria Ambiente; da pintora italiana Ena Laio na Galeria Interiores; de iluminuras de Frei Lucas Teixeira na Escola Caetano de Campos; do XIX Salão Paulista de Belas Artes na Galeria Prestes Maia; do pintor espanhol Fernando P. Odriozola na Galeria Portinari.

Oswald de Andrade Filho

Oswald de Andrade Filho, que nas ilustrações de livros e nas primeiras exposições mostrava analogias com Bombois, Vivin e Tarsila, já ultimamente vinha adquirindo uma excelente maturidade com limpeza e equilíbrio de cores e segurança de composição e fatura. Na presente mostra atinge personalidade evidente em temas folclóricos e poéticos. Nos desenhos já obteve um vocabulário gráfico bem específico; mas nos gauches há ainda uma inocência de primitivismo que lhe garante essa personalidade a serviço de temário regional e ecológico com atmosfera ora ornítica ora surrealista.

Exposição Feminina de Arte

A Exposição Feminina de Arte, no Instituto dos Arquitetos, reuniu trabalhos de Alice Brill, Celina

clássica através de Axelsen e Svend Hansen, será a que consegue, na modalidade antiga, fugir à exuberância barroca. Todavia, em sentido monumental, a capacidade de Enrique Monjo só encontra entre os escultores vivos um companheiro de proezas ciclópicas: o mesmo Svend Hansen cujas peças pompeiam nas coleções de Carl Rasmussen, e Moller Nielsen e no Museu Real de Belas Artes de Copenhague; principalmente os blocos "Mulher Sentada" e "A Solitária".

Pelizzari, Charis Brandt, Diva Gomes Rodrigues, Elizabeth Nobiling, Gilberta, Gisela Eichbaum, Giuliana Ferrari, Hebe de Carvalho, Lily Richter-Montagne, Maria Antonieta, Maria Leontina, Mercedes Massera, Pola Resende, Regina Graz, Renée Lefèvre, Renina Katz, Rita Rosenmayer, Vega Neri Gomes Pinto e Iolanda Mohalyi. Valores e tendências diversas, mas um quociente das artes plásticas exercidas pela ala feminina mais significativa do País.

Trabalhadores Industriais do Sesi

A Exposição de Arte dos Trabalhadores Industriais promovida pelo Serviço Social da Indústria, SESI, apresentou duzentas unidades de desenho, pintura e escultura, evidenciando uma graduação desde o empirismo até ao artesanato e onde se entrevêem algumas vocações.

Oswald de Andrade Filho. "Desenho".





Frei Lucas Teixeira.

Iluminuras

A exposição de iluminuras do monge beneditino português Dom Lucas Teixeira é um conjunto artístico em função religiosa. As capitulares, o texto, as bordaduras, as tarjas e os invólucros que marginam o pergaminho são o formal periférico onde a essência dos versículos bíblicos serve de "morada" para a miniatura laica ou hagiográfica. Seu artesanato quase medieval de caligrafia e seu dom de reduzir e reproduzir como lente menor telas antigas em fruição microscópica o incluem entre os grandes iluminuristas contemporâneos. Esse chão de pergaminho é elaborado com uma alegria dionisiaca, onde flores, pássaros, bichos, conchas, criam uma quermesse de bem-aventurança. E nos postigos vagos ele então insere a miniatura. O resultado é lírico, bucólico, pagão e místico.



"Sagrada Família".

"Dança Pastoril Medieval".



José Rueda, "Chola y gallo".

José Rueda, Peter Sussmann e Nicolas Rubio

José Rueda, Peter Sussmann e Nicolas Rubio, percorrendo a América do Sul em carro atrelado a cavalos e com telas sacolejando ao sol e à chuva, chegaram a São Paulo a tempo de assistir à II Bienal. Sem bolsas de estudos, viajando por conta própria, refratários ao navio, ao trem, ao avião e ao ônibus, esses três jovens expuseram primeiro na Livraria Francesa e, recentemente, no Museu de Arte Moderna, que se honra da sua finalidade de museu democrático. Nicolas Rubio evoluindo do cubismo para o purismo apresenta, principalmente em *Figura*, harmonia de composição em síntese de painéis; Sussmann, com dons de luminosidade e transparência, dilue em leve simbolismo planos de vária perspectiva, como em *Valparaíso*; e José Rueda, entre o verismo mágico e o folclore barroco, obtém em peças como *Chola y gallo* um sentido mais ecológico.



Peter Sussmann, "Valparaíso".

A escultora Charis Brandt

A escultora Charis Brandt plasma e talha com sentido muito plástico, de ritmos, a serviço do sentimento e do símbolo. Foge a experimentos de pesquisa formal vanguardista entre os módulos antitéticos e de modo pessoal interpreta e sublima o terreno e o humano.



Nicolas Rubio, "Figura".



Fernando Lemos

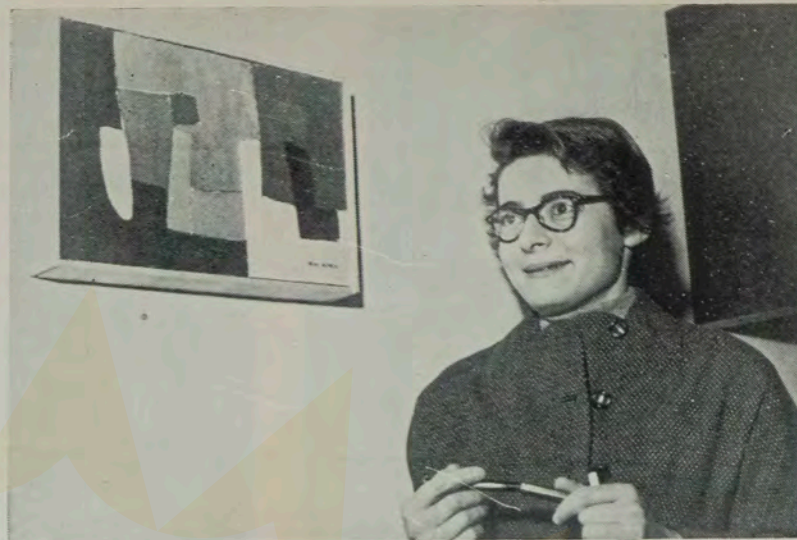
Fernando Lemos, poeta, fotógrafo, desenhista e pintor, um dos responsáveis pelo irrompimento do surrealismo em Portugal, já tem uma experiência que, apenas por necessidade de definição comparada, diremos ter vindo do expressionismo gráfico alemão, de uma virtualidade temperamental barroca que sua disciplina domou e de um prodigioso vocabulário onde o léxico gráfico está acionado pela sintaxe cromática. Agora se acha em plena fase de invenção formal, rodopiando num ritmo de criações abstratas, distante do episódico e do anedótico, em pura atmosfera de unidade contínua.

Harry Elsas

Harry Elsas, que ora expõe em São Paulo material que expôs em Copacabana, é um jovem alemão que exacerbou seu expressionismo cromático a Lubarda na atmosfera fibrilante do Ceará. Pondo de lado seu artesanato diuturno, painéis, composições tipo *stabile*, onde se nota um virtuosismo de vocação que se adextra para a vida prática, analisamos sua pintura sob superfícies negras. Figuras hirtas, edemaciadas, como que inchadas e submersas. Esse expressionismo que alguém comparou a Segall, me parece resultante de uma vontade expressa de manifestação exterior de estados interiores; a tal respeito o formal gráfico e a repleção cromática são tão originais em sua feitura proposital quanto certas telas de epígonos de Permeke.



Harry Elsas. Óleo.



Mira Hargesheimer

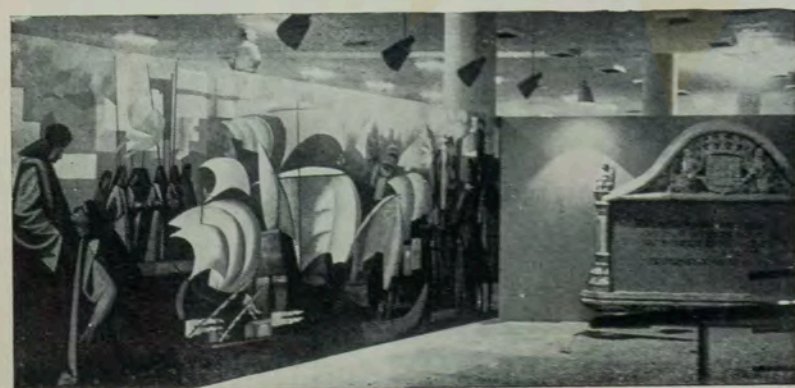
Mira Hargesheimer é, como criatura, uma espécie de sosia de Simone Weil às voltas com *"la pesanteur et la grace"*. Temperamental até à acidez, insatisfeita e polêmica, criou uma variante que chamariamos até mesmo de planos arquitetônicos e de retábulos pretos e brancos, onde seu escrúpulo se agarra como às paredes de um *"huis clos"*. Pintura cerebral, levando o tratamento da matéria a gamas de cores noturnas, está segura do seu mundo não-figurativista mas que sugere nas quedas verticais bastidores de peças para Kafka. Autodidata no sentido de um isolacionismo erigido, tendo consciência de sua dicção formal e substancial, despreza a luminosidade e o analógico, o movimento e a perspectiva, trabalhando sempre num primeiro plano crepuscular como a sibila que vigia portais litúrgicos. E' extraordinário que um artista assim anti-figurativo possa dar a emoção que ela transmite como corte sucessivo de sua índole, numa espécie de *"voyage au bout de la nuit"*.



"Largo do Paço". Exposição de História.



Vestes e Objetos Imperiais. Exposição no Instituto Histórico e Geográfico.



O painel de Manuel Lapa na Exposição de História.

História de São Paulo

Cumpramos acentuar a amplitude com que foi programada em sentido popular, didático e monumental, um pouco entre painel e cartaz, a série de retábulos e bastidores para a exposição de História de São Paulo no Ibirapuera. Um sentido de aplicação da museologia dirigiu a disposição do conjunto, e o objetivo foi bem atingido. Teria sido bom que o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo se tivesse encenado também neste teor para melhor aclimação da exposição de vestes e objetos imperiais.

Das demais exposições falaremos futuramente.

Um “bestiário”... alheio



A obra da qual foram tiradas estas gravuras que aqui se reproduzem, é a primeira que apareceu sobre a história natural do Brasil. Apesar de velha, de três séculos, é ainda hoje útil para ser consultada, tanto pelo estudioso como pelo pesquisador de curiosidades. Seu título completo é

HISTORIA NATURALIS BRASILIAE AUSPICIO ET BENEFICIO ILLUSTRIS. I. MAURITII COM. NASSAU. ILLIUS PROVINCIAE ET MARIS SUMMI PRAEFECTI ADORNATA IN QUA NON TATUM PLANTAE ET ANIMALIA, SED ET INDIGENARUM morbi, ingenia et mores describuntur et Iconibus supra quingentas illustrantur.

A obra, como vem especificado em seguida, é de dois autores, mas está catalogada e é especialmente conhecida sob o nome de GUILIELMI PISONIS, M. D. Apesar de não ser dos grandes Elzevirios, o volume, em folio pequeno, está impresso com uma apresentação editorial excelente, seja pela nitidez e beleza dos caracteres, seja pelas gravuras, e também pela perfeita paginação com largas margens.

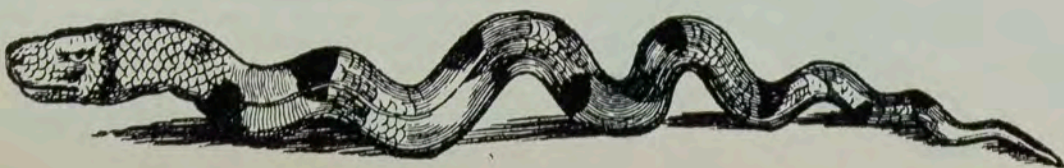
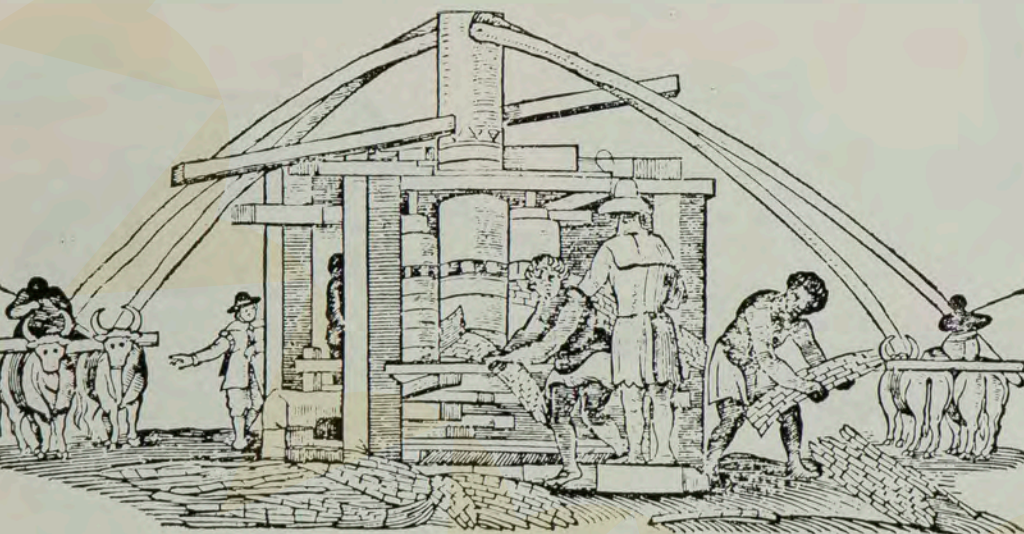
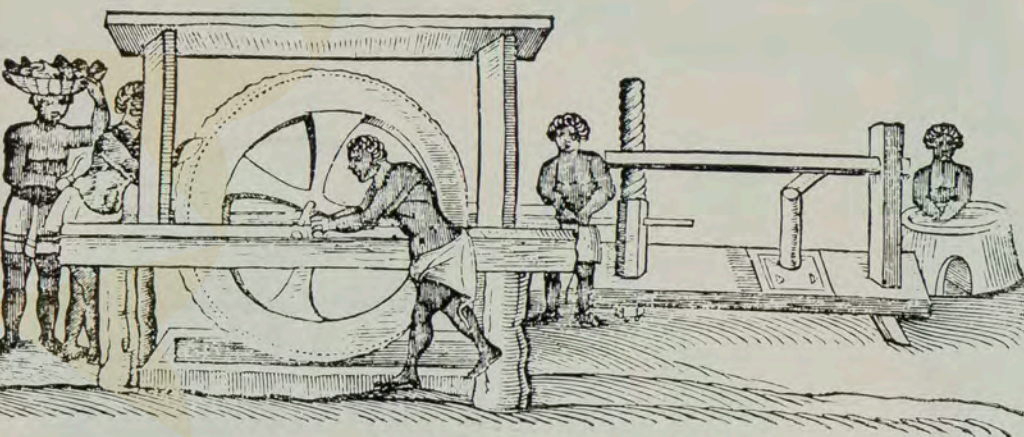
Está dividida em duas partes; a primeira, escrita pelo médico holandês GUILIELMI PISONIS, trata da Medicina do Brasil, sendo subdividida em quatro livros dos quais eis os assuntos: 1) Do ar, água e lugares; 2) das doenças endêmicas; 3) dos venenos e dos antídotos; 4) das propriedades dos simples (isto é das ervas e plantas medicinais).

Esta primeira parte, talvez a mais importante do livro, é rica de agudas observações. Com referência à época em que foi escrita e considerando as bases e os ditames da medicina de então, e os conhecimentos médicos, pode-se, sem entrar em detalhes ou fazer críticas comparativas, aqui fora de lugar, considerá-la uma obra de aproveitável consulta. A segunda parte é intitulada “História das Coisas Naturais do Brasil”, escrita por GEORGI MARCGRAVI DE LIEBSTAD, está dividida em oito livros dos quais os três primeiros tratam das plantas, o quarto dos peixes, o quinto dos pássaros, o sexto dos quadrúpedes e das cobras, o sétimo dos insetos e o oitavo da região e dos habitantes.

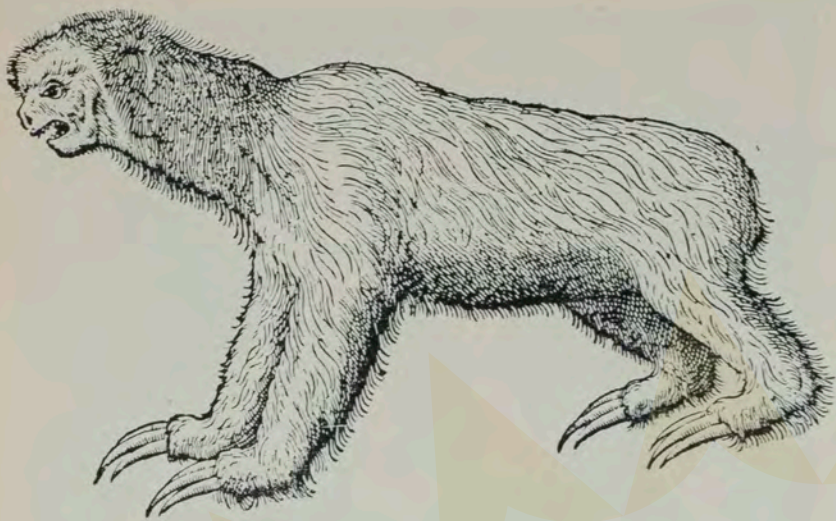
Os livros se ocupam de temas diversos e apresentam um valor desigual. A mais interessante é a primeira obra que trata da flora e da fauna do Brasil; embora contendo inúmeras falhas representa, considerando a época, uma extraordinária conquista científica, sobretudo quando se tem presente os limitados conhecimentos da zoologia de então. As gravuras revelam fidelidade e, normalmente, são boas.

Não sabemos se alguém já pensou em compilar um “Bestiário” brasileiro, um daqueles trabalhos didáticos-morais, segundo a espécie de contos tão comuns na Idade Média.

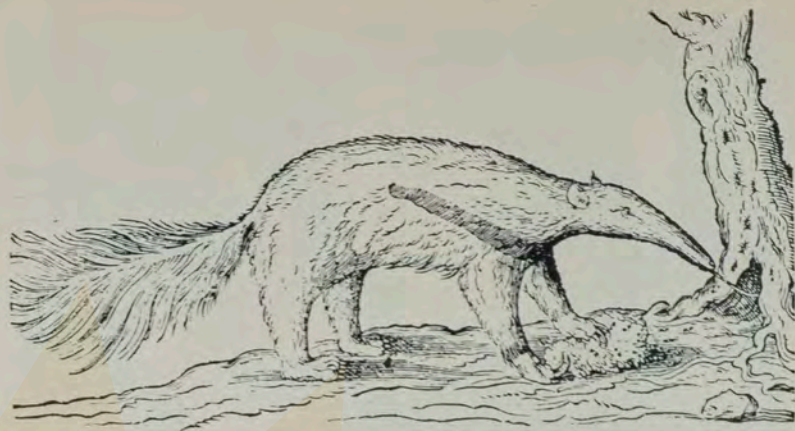
Desde o “Physiologus” grego até o “Bestiário” de Clereci, grande número de autores entregou-se à bela tarefa de observar fatos e acontecimentos de animais. “Bestiário” brasileiro pode ser considerado num certo sentido a “História Naturalis Brasiliae” que Guilielmi Pisonis e Georgi Marcgravi de Liebstad publicaram sob os auspícios do Príncipe de Nassau. Estávamos pensando nisto virando aquelas páginas e vendo as figurinhas que representam a fauna e flora brasileira, além das cenas da vida daqueles tempos em que o Brasil ainda era um paraíso terrestre.



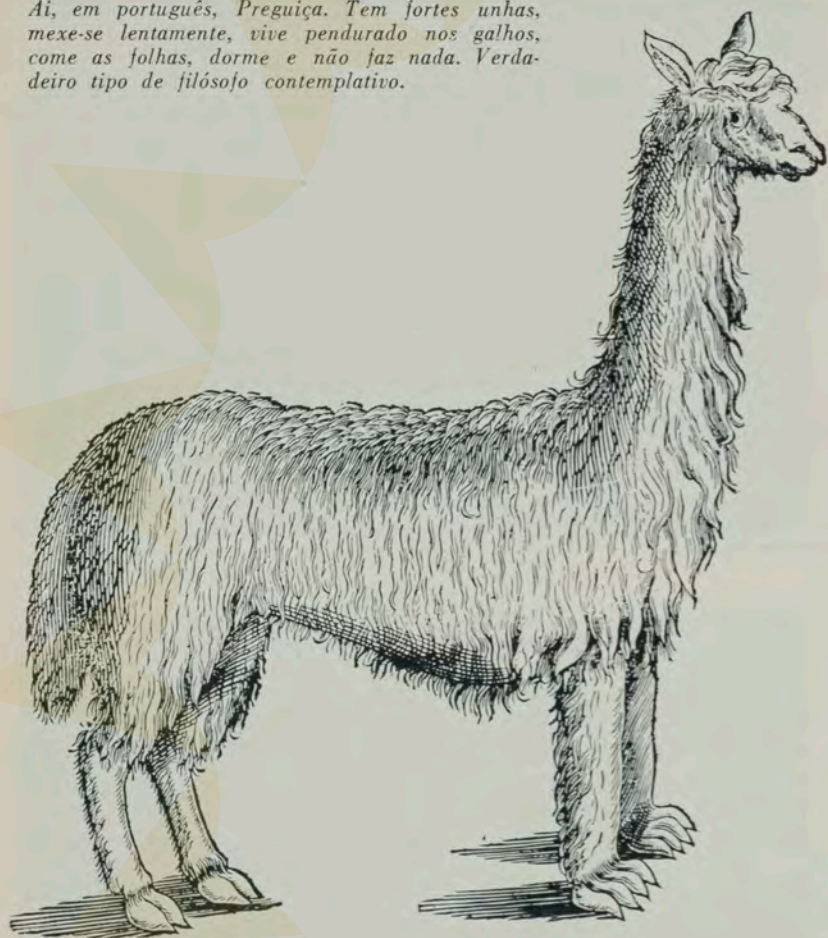
Eis a Ibibobora também chamada cobra de coral. Uma cobra estranha, assás musculosa, com pescoço taurino, olhar sinistro, como aliás tem todas as cobras. Deve ter dado muitas dores de cabeça ao desenhista.



Ai, em português, Preguiça. Tem fortes unhas, mexe-se lentamente, vive pendurado nos galhos, come as folhas, dorme e não faz nada. Verdadeiro tipo de filósofo contemplativo.



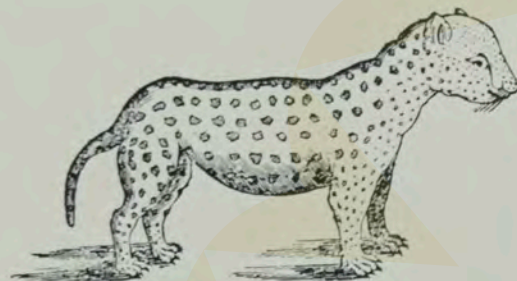
Tamanduá Guacú Brasiensis, em português, Umbula. Não tem dentes mas uma língua compridíssima que enfia nos formigueiros removendo os habitantes para o seu estômago.



Paco, vulgo Llama. Animal próprio do Perú e do Chile, parece-se com o camelo e o reado. Procurada a sua lã; sabe-se feio e, muito soberbo, cospe em quem o olha com insistência.



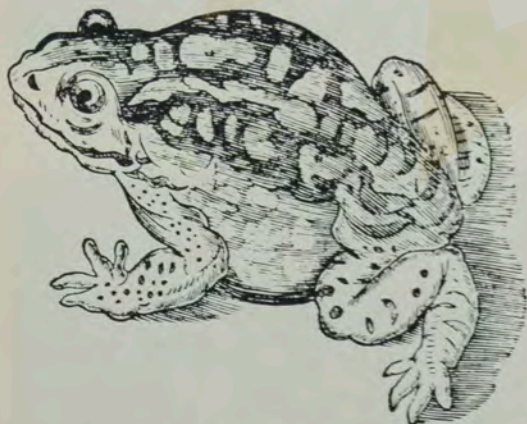
Coati Brasiensis, em português Coatimondi. Tem patas de macaco e gosta de viver nas árvores. São herbívoros, mas não desdenham as galinhas.



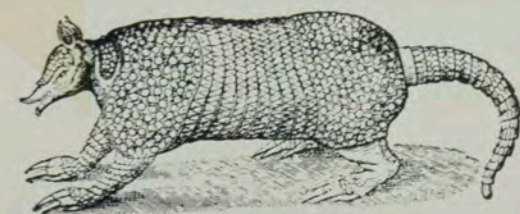
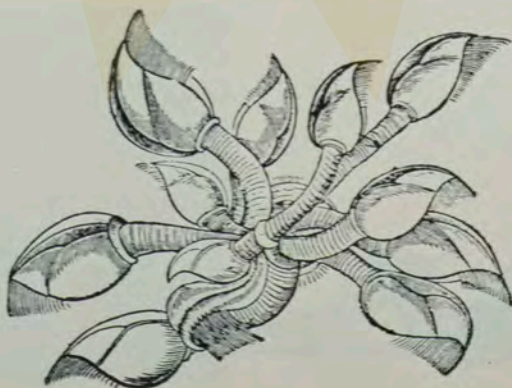
Iguara Brasiensis, em português Onça. Conhecido felino que, devido à sua índole, criou inúmeras amizades. Célebre o bípode conhecido com o nome de "amigo da onça".



Cariqueya Brasiensibus ou Iupatiima, em português Tambejo. Uma espécie de gato com focinho de raposa e uma bolsa como os cangurus. Gênio ruim e gulosíssimo de galináceos.

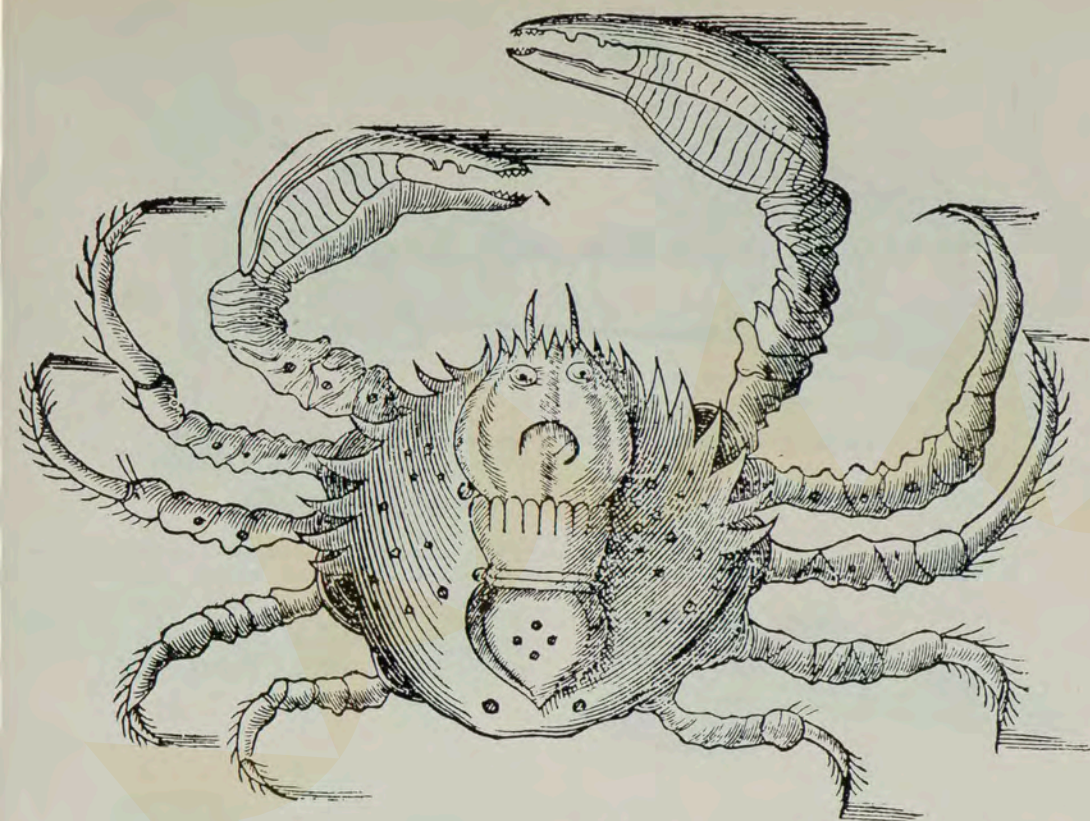


Cururu-gordíssimo, sapo de humor e saliva venenosa (sic?). Os indígenas o punham no fogo e o reduziam a pó. Este pó sabiamente dosado e administrado com moderação, tinha grande poder mágico.

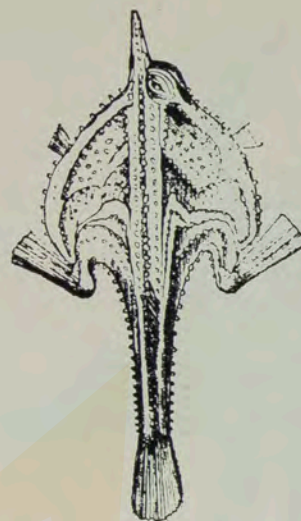


Tatá ou Armadillo, em português Encuberto. Elegante e fortemente encouraçado por escamas ósseas. Particularidade: dobra-se sobre si mesmo e torna-se uma bola.

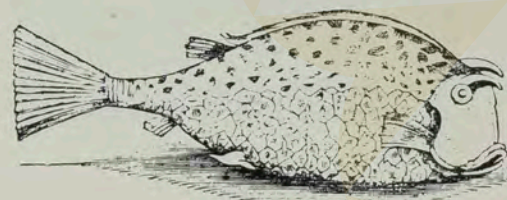
Reri Brasiensibus, à espera de um joalheiro que o tome por modelo de broche.



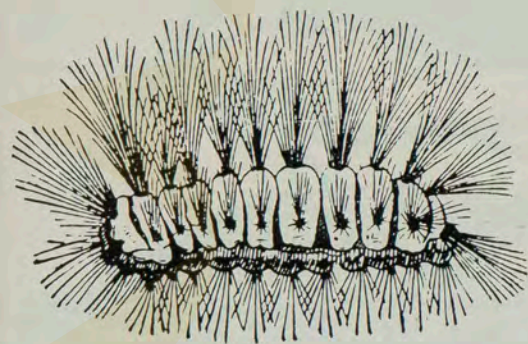
Guaia-grande caranguejo, muito pontudo, com tenazes bem perigosas. Aproximar-se d'êlê só quando estiver cozido.



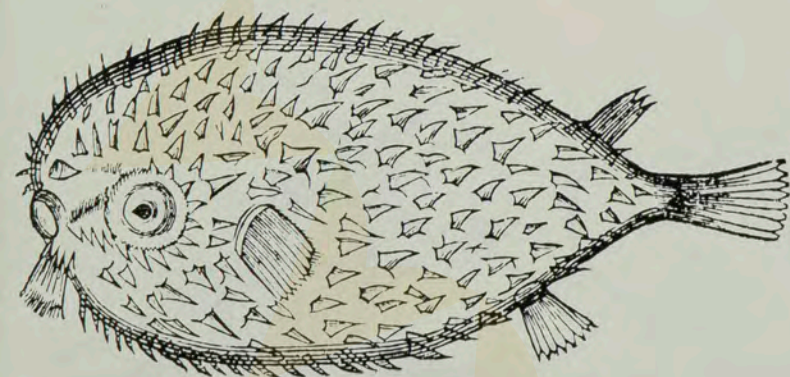
Guacucuia, primo do guamaiaçuape, também muito feio, assemelha-se à rêlha de um arado.



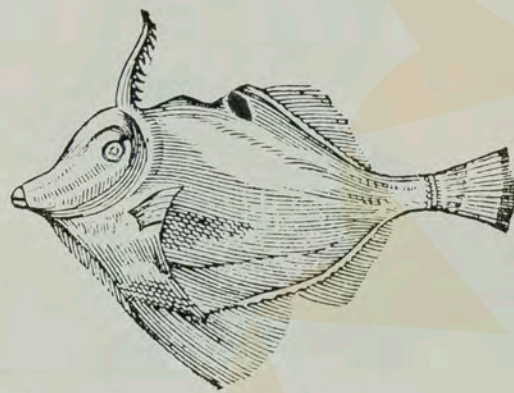
Guamaiaçuape brasiliensibus — duas variedades: com ou sem chifres. Cartilaginoso. Quando sêco tem o aspecto de velhos couraçados do fim do século XIX.



Scolopendrae grandes e pequenas ou centopeias hirsutas ditas *Ambua*. São venenosas apesar de não aparentarem no desenho: embora não se assemelhem muito a êle...

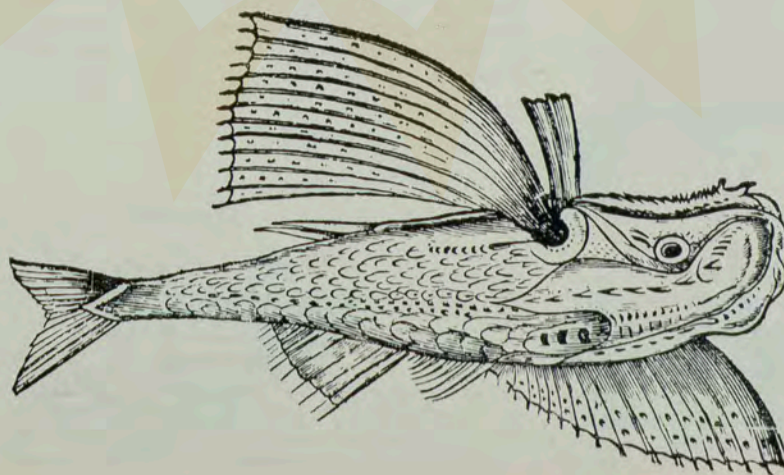


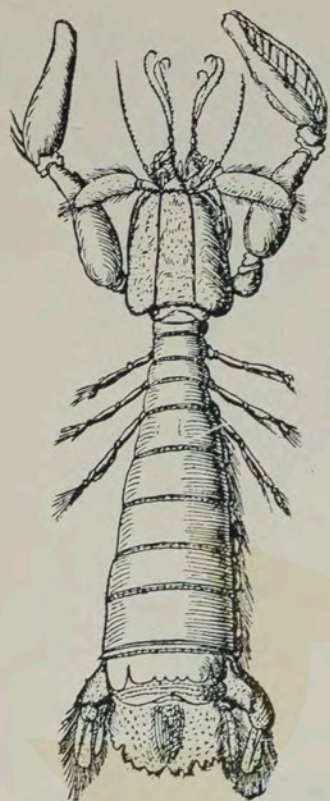
Muito feio, gordo, redondo como uma bola, coberto de pontas, com olhos grandes e expressão pouco inteligente. sua cara lembra a de um porco, daí o nome de Peixe-Porco. Cientificamente, *Guamaia Guara*



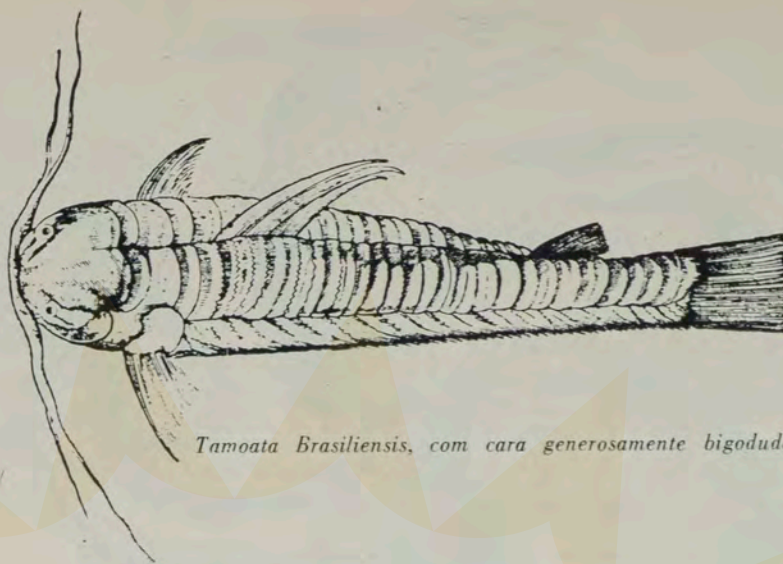
Pira-aca. Peixe-porco. O chifre de sua cabeça poderia fazê-lo parecer com um rinoceronte, mas a grande semelhança é, sem dúvida, com o porco.

Mivipera e *Pirabebe Brasiliensis* ou Peixe Voador. Muito conhecido por dispor de variedades inúmeras; dando rabanadas e com movimentos de nadadeiras saltam acima da superfície da água, executando verdadeiros vôos sobre o mar. Existência extremamente inquieta, sua carne é muito cobiçada seja pelos peixes maiores dos quais foge planando no ar, seja por aves marinhas que o bicam quando fora da água.

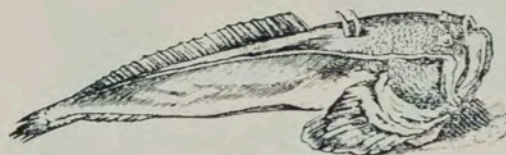




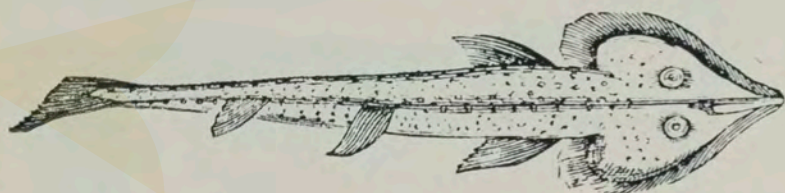
Tamarú Guaçu, o Camarão de água salgada. Não se come. As brânquias produzem ferimentos muito dolorosos.



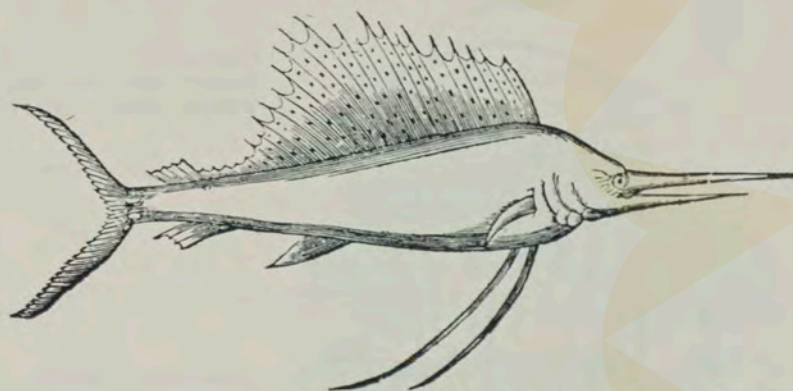
Tamoata Brasiliensis, com cara generosamente bigoduda.



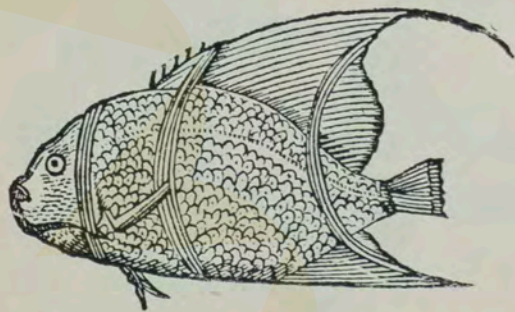
Niqui Brasiliensis. Peixe com duas pontas no dorso. Toma banhos de areia à beira mar. Conquanto invisível, espeta o pé que o pisa.



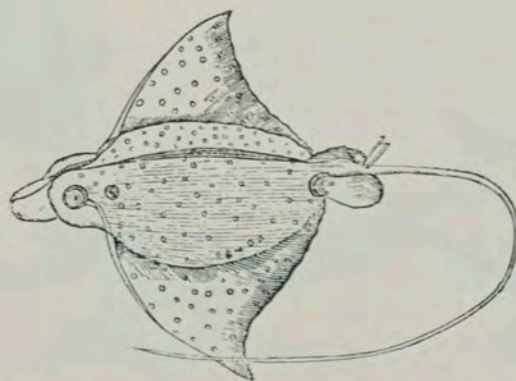
Puraquê Brasiliensis, em português Peixe-viola. Deve o seu nome à semelhança com uma viola. Mas é muito menos harmonioso.



Guebucu Brasiliensis, em português Bicuda. Peixe de grande dimensão e com cauda como chifres de touro.



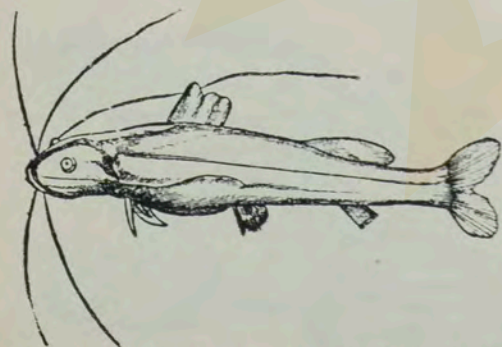
Guarerua Barsiliensis. Peixe de corpo achatado com forma de paralelogramo e com listas negras que circundam seu corpo como aros de barril.



Narinari Brasiliensis, em português Raia. Comum em todos os mares de zonas quentes. Tem longa cauda fina, terminando em ponta venenosa. Na África, nas margens do mar Vermelho, os "dandys" indígenas fazem com a cauda elegantíssimas bengalas.



Escaravelho

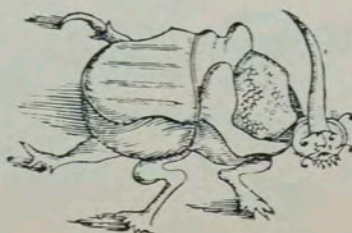


Nhamdia Brasiliensis, em português Bagre do rio. É um peixe de olhos pequenos, ligeiramente saltados, redondos, de pupila negra e íris dourada. A silhueta deixa muito a desejar, enquanto que o seu corpo é oblongo, obeso e tem o ventre mole. Bom para se comer. A boca é ornada por uma barba filiforme, dois fios em cima e quatro em baixo, longos quase tanto quanto a metade do corpo.



Escaravelho.

Escaravelho.



Enena Brasiliensis, em português Escaravelho, três variedades. Pouco diferentes um do outro, mas todos bastante feios para não dizer pior. Um herdou o chifre do rinoceronte, o outro os chifres do touro e o terceiro é um intermediário entre o perfurador e o "bull-dozer".



Pullus Gallinaceus Monstrosus. A cabeça e o bico de pato, quatro pernas com pés de frango que, como se não bastassem, eram virados para fora. No corpo, em lugar de penas, longos pêlos negros. Parece que tinha muito bom coração e por isso talvez não seja mais encontrado.



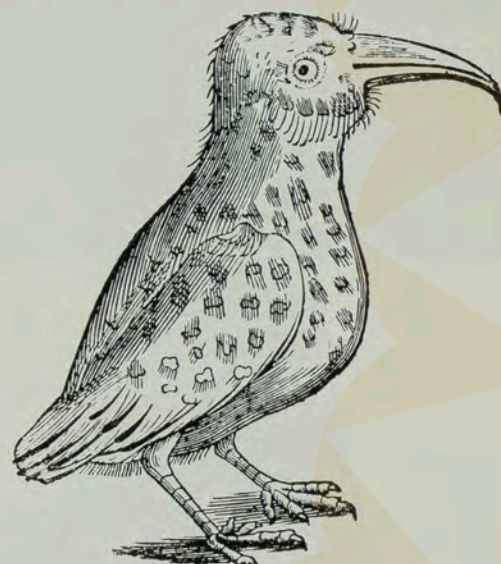
Guira Guainumbi, Brs. Tupinambis. Faz muita questão da aparência, parece grande como um pombo; na realidade, tiradas as penas, não é maior do que um tordo: um verdadeiro "bluff".



Curicaca Brasiliensis, em português *Masarino*. Tem um bico característico curvado de um palmo. A sua carne é apetitosa, especialmente se cozida ou frita na manteiga. A sua inteligência e astúcia são muito relativas e do célebre cardeal só tem o nome em comum.



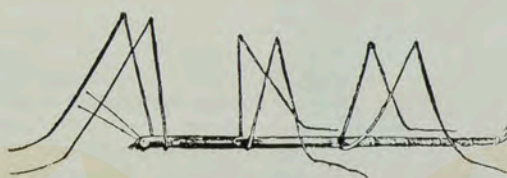
Anhinga Brasiliensis Tupinamb. Parecido com o pato, mas com pescoço como o do cisne; tem um bico mais comprido. É mais belo para ser visto do que para ser comido.



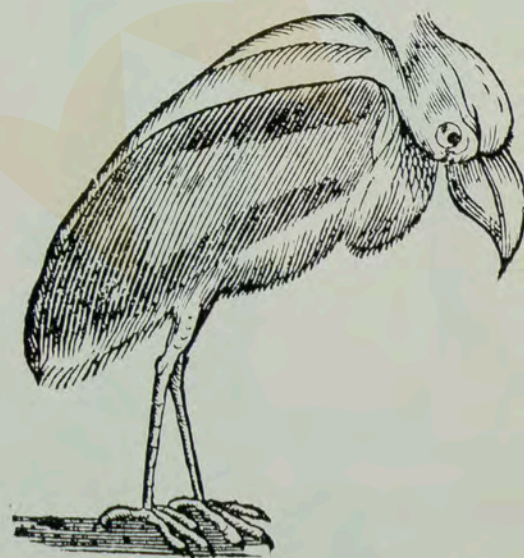
Tamatia Brasiliensis. Primo do frango d'água. Parece um tordo, é todo pontilhado, tem um longo bico vermelho, é desproporcionado e tem um ar malandro.



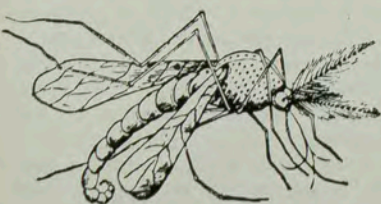
Iamacaï Brasiliensis. Do tamanho de uma cotovia, com penas negras, cinzas e brancas. É muito chic, de uma elegância sóbria.



Isacucu.



Tamatia Brasiliensis. Frango d'água. Grande cabeça, grandes olhos nada lânguidos, longo e pontudo bico.



Nhatui Brasiliensis, em português *Mosquito pernilongo*. Pontada muito forte, provoca coceiras não nos deixando dormir.



Arumatia Brasiliensis, em português *Isocucu*. Parecem galinhos de betula e confundem-se de tal forma com o ambiente que às vezes não conseguem encontrar a si próprios...



A escultura de Zamoyski

Manuel Germano

Devendo em breve o Museu de Arte Moderna expor entre o conjunto da Vanguarda da Escola de Paris esculturas de experiências ilimitadas remetidas por André Bloc, Robert Jacobsen, Berto Lardera e Emilio Giglioli, a atual exposição do escultor figurativo Zamoyski estabelece desde já, no mesmo local, o primeiro termo de debate quanto a duas tendências inteiramente antitéticas.

Aliás, essas duas tendências opostas coabitam todas as grandes exposições coletivas; basta se ver o material de escultura constante da XXVII Bienal de Veneza. De um lado, peças vanguardistas de Salvatore, Lardera, Consagra, Franchina, Goyri, Chauvin, Uhlmann, Smith e Butler. De outro lado, peças tradicionalistas de Mascherini, Mirko, Fazzini, Aaltonen, Bertoni, Leinfellner, Hansen, Hamdy, Dunikowski e Speck. O primeiro grupo faz pesquisas formais puras; o segundo se inspira na figura real.

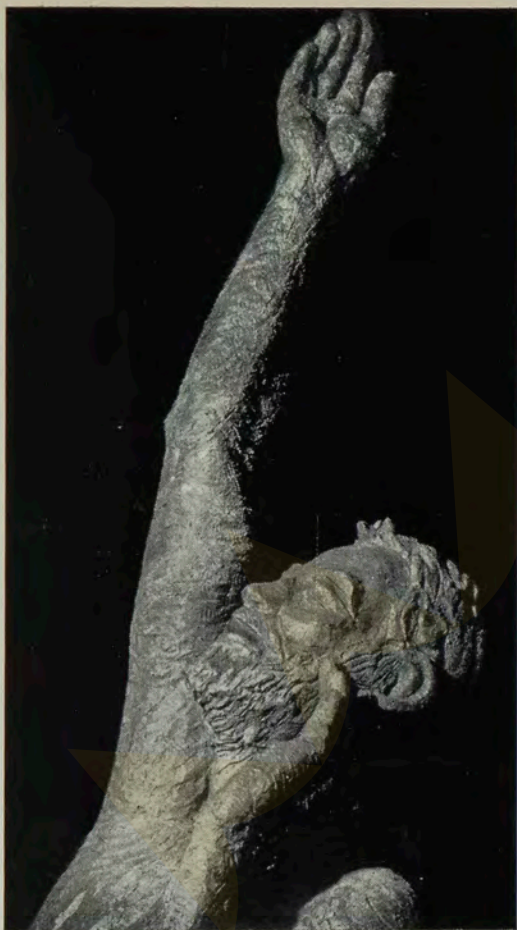
Evidentemente, em muitos dos figurativistas tomados como exemplo, principalmente em Fazzini e Speck, há influxos das práticas abstracionistas; raros ficam na linha arcáica ou clássica, como é o caso de Mascherini e Mirko. Já entre os "avançados", Lardera e Uhlmann fogem cada vez mais para a invenção. Querer discutir com qual grupo se acha a razão, é impossível, pois que mesmo pessoalmente o conceito de arte já é resultante de índole, e nem se poderia limitar o trabalho dos ateliês como laboratórios onde sempre continuam abertas as experiências. A crítica e o público têm que aceitar essa multiplicidade como falanges antitéticas, e escolher segundo suas simpatias e opções estéticas.

Analisemos, porém, o caso do escultor polonês August Zamoyski. Este discípulo de Wackerle explorou na mocidade os problemas plásticos à cata de invenções ineditas; mas ao atingir o amadurecimento abandonou tais pesquisas artísticas como também largou doutrinas revolucionárias, manifestos e grupos que aceitou, defendeu e frequentou durante sua vida cosmopolita de nobre polonês amesendado em bibliotecas, cafés, galerias e ateliês de Varsovia, Munique e Paris logo depois da primeira guerra mundial. E nem ficou resquício daquela fase em sua atual obra.

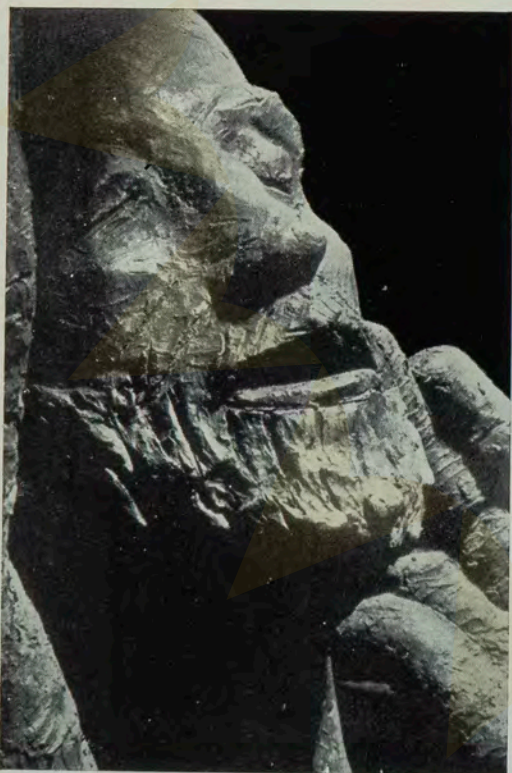
Lendo-se, contudo, a sua tese *Arte e Substância* apresentada à Secção de Estética do Congresso Internacional de Filosofia de São Paulo, se compreende o comportamento desse antigo aluno da Universidade de Heidelberg. Deduz-se que ele esgotou na mocidade não um temperamento exuberante moderno, mas apenas uma curiosidade pelo disponível e que, em seguida, o clima reinante entre as duas hecatombes mundiais lhe criou o senso ético da necessidade de uma opção. A crise espiritual refletiu-se na sua arte, convertendo-a, também. Se o filósofo se voltou para uma quase ascese sobrenatural, o artista aproveitou a vocação e a experiência artesanal numa espécie de missão religiosa laica. A melhor prova disso foi o curso-cooperativa que deu durante dez anos no Ministério da Educação, ao tempo de Gustavo Capaneza, ensinando aos alunos a disciplina da talha direta e não trabalhos em arame, lâminas e pedra sabão. Sua escultura também se inseriu na linha greco-latina e depois medieval de plasmar e esculpir a forma humana como realidade terrena ou como símbolo de mitos. (Exemplos: *A Rapariga* em mármore branco, e *Rhea*, mulher opulentamente mariniana representando as forças telúricas).

Sua tese filosófica principia com a seguinte asserção: *A parte a experiência sobrenatural dos grandes místicos, a arte é a prova mais natural da existência de Deus; a mais convincente, por ser a mais concreta, baseada numa experiência direta*. Ora, isso condiz com o plano em que Malraux explica a função da arte: *"A Presença daquilo que escapa à aparência exige o local sagrado, a estátua, a dança, a máscara, a música ou o poema; enfim, formas. Toda vez que, afastando qualquer estética, procuramos saber — diante do museu imaginário das civilizações antigas, o que é que chamamos arte, só cabe uma resposta: é tudo quanto cria as formas vitoriosas da aparência"*.

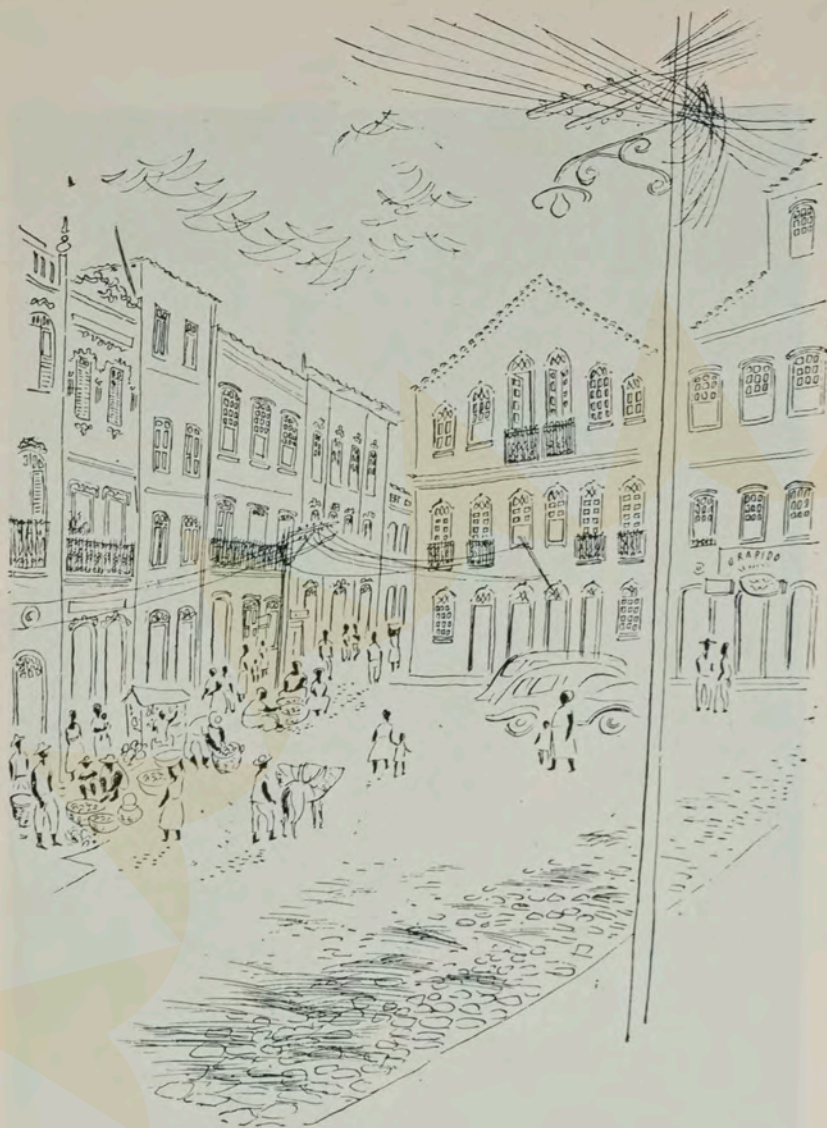
Ecolhendo as caminhos de Rodin, Bourdelle, Maillol e Despiaux, está Zamoyski convicto de continuar numa tarefa que jamais esgotará a imagem e a semelhança da Criação. Acredita mesmo que, quanto mais aparentemente se arcaizar, mais perto estará da emanência.



Zamoyski, "São João Batista", Detalhes.



Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos.



Noêmia

Foi publicado no ano passado, pelo Editor Viau, de Buenos Aires, um grande album sobre a Bahia, de autoria de Noêmia.

Trata-se de uma série de desenhos e aquarelas que, com finura, colhem alguns aspectos da arquitetura e da vida da Cidade do Salvador. Aos desenhos, Murilo Mendes dedicou o seguinte prefácio:

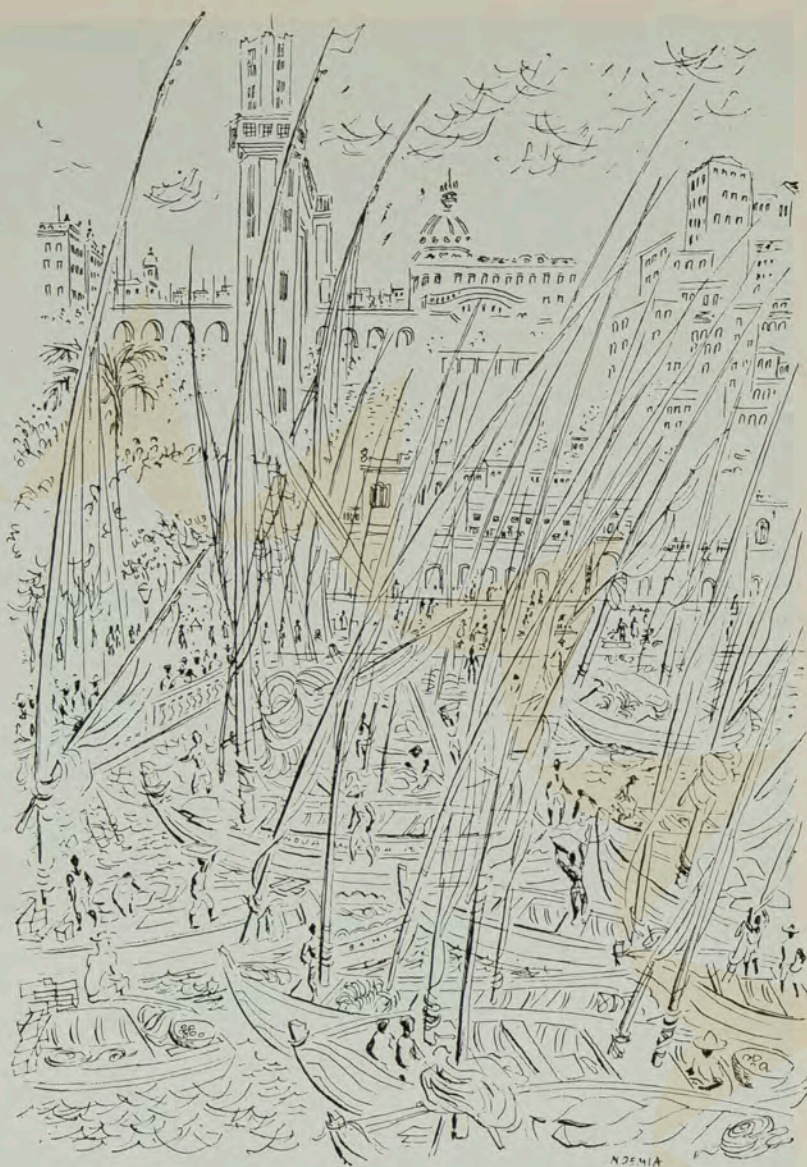
"Confiando-me a apresentação dos belos textos plásticos que implicam uma feliz exegese da força e grandeza da Bahia, minha amiga Noêmia quiz distinguir alguém que ela percebeu, através de longos comentários, ter sido particularmente tocado pela densa atmosfera humana, social e artística da Cidade do Salvador. Sem dúvida alguma, a palavra de um Godofredo Filho, baiano de nascimento, ou de um Odorico Tavares, baiano de adoção, seria no caso, mais autorizada e persuasiva. Mas a artista preferiu o depoimento de um seu vizinho do Sul, que, habituado ao clima de Belo Horizonte, Ouro Preto, Rio e São Paulo, recebeu há quatro anos o que se poderia chamar, sem nenhum exagero, o choque da Bahia. Realmente, a Bahia atira-nos um impacto, soberbo impacto que não provoca a destruição, antes nos reconduz às nossas origens brasileiras, propondo-nos uma nova medida de aparente desproporção das partes, de confronto entre as diversas faces

Rua do Paço.





Largo do Pelourinho.



Saveiros no porto.

da realidade, realidade ao mesmo tempo espiritual e telúrica.

Para mim a Bahia é uma totalidade barroca a se alimentar do sangue da terra, uma presença humana cuja espontaneidade torna maior sua comunhão na luta de todos os instantes. A Bahia é um prodigioso espelho barroco, barroco antigo e atual, onde céu e terra se misturam em curvas desmesuradas que ultrapassam a noção habitual dos limites. E a força clássica do mar torna-se mais flexível pela linha flutuante dos saveiros, ou se detém ante a arquitetura dos fortins que traduzem a vontade conquistadora do português. Nos saveiros da Bahia, nos homens e nos barcos sente-se uma espécie de continuação da terra, como se o mar não isolasse e não individualizasse. Esse grande mistério da comunhão humana apoiada em elementos díspares, até mesmo ferozmente opostos, produz na capital da Bahia uma efervescência, uma poderosa circulação de vida, um movimento de enorme carrossel, imprimindo-lhe essa atmosfera de generosidade e riqueza de sentimento que dá ao forasteiro a sensação da coisa autêntica, da experiência em bases de realidade profunda. O Largo do Pelourinho é um dos pontos nevrálgicos da sensibilidade baiana, com esses espan-

tosos sobrados em deslocamento de nível, essas igrejas que interrompem o curso da ladeira, essa movimentação de povo em contínuo diálogo e atrito, essa irrupção de animais fraternizando com o homem, essa vida natural e pública... De fato, o espírito da Bahia não comporta satisfação. As macumbas e candomblés transmitem ritos que se inserem numa categoria de arte, de tensão humana, de drama pelo sangue, de dança, de toque na terra, de apelo do irracional. Elementos de valor sensível que entram na vasta corrente da magia em que cada iniciado encontra seu destino próprio e sua revelação, oferecendo ao espectador leigo temas perturbadores, contrapontos de luz e treva, motivos de participação às vezes distante, mas de iniludível intensidade estética. Ali o negro se afirma em sua capacidade de organização plástica e musical, ao mesmo tempo que sublima e eleva a luta cotidiana. O gênio do barroco apresenta-nos, não sem malícia, a fisionomia dos anjos de certas igrejas, principalmente na de São Francisco de Assis, em contraste à versão pietista dos anjos de manual.

A lição, antecedente ao aviso dum grande poeta moderno lembrando que todo anjo é terrível, traduz-se plásticamente por essas figuras que parecem decifrar o segredo da terra, encarregadas de

acompanhar nossos mistérios carnavais, anjos que de certa forma participam da nossa condição humana, portadores do erotismo baiano, ao mesmo tempo que contidos pelo poder transformador oculto nos recessos da igreja.

Não sei se Noêmia viu assim a Bahia; cada visão é pessoal. Entretanto, as notas que deixo aqui vieram-me ao espírito quando examinei o caderno de desenhos em que Noêmia condensou sua experiência da capital baiana. A mim, que acompanho sua carreira desde o início, eles me parecem reveladores de uma ampliação do registro da artista, um arco importante no seu caminho. Detive-me sobretudo nesses anjos, cuja série constitui um documentário superior, com esse desenho largo acompanhando de perto os modelos originais; essa força nova ultrapassa o refinamento dos trabalhos anteriores de Noêmia em que as dominantes eram a linha suave e a graça; esses amplos planejamentos que não absorvem, antes fazem destacar as linhas voluptuosas de tão magníficos seres, mais terrestres, sem dúvida, que celestes, os anjos da Bahia que Noêmia assimilou como ninguém, e que se nos apresentam como a própria síntese, o resumo fascinante dos valores de sangue e vida, que essa grande Bahia faz transbordar do seu corpo barroco".



Bahia

Uma vez no Salvador, se tens método, trata primeiro de conhecer bem a Cidade Baixa, de te ires acostumando a êsse patamar da montanha. Rampa do Mercado, lembrando La Condamine, em Nice. Dormitório e comedouro de saveiros leves, feitos de itaípeva ou de uricurana lá nos estaleiros do Catú. Mastros e prôas; velas e cargas. E' a pequena navegação de cabotagem no Recôncavo, conduzindo brancos, prêtos, mulatos, caboclos, cafusos, cabos-verdes e sararás. E trazendo farinha de Santo Amaro; açúcar de Feira de Santana; fumo de São Felix; cacau do Sul; lenha de São Tomé do Paripe; cerâmica de Cachoeira; cachos de banana de Peri-peri; mangas, araçás, jacas e sapotis de Itaparica; abóbora e melancias de Paraguaçu. Os saveiros do Recôncavo, com seus mastros alfinetando o mormaço, com seus focinhos lustrosos oscilando no remanso. E que nomes! "Não tem pressa!". "Gambôa". "Dandalunda". "Itapoã". "Pega tudo". Pode ser que haja navios ancorados, chegados de longe; chaminés oblíquas, guindastes feito "louva Deus", reticências de escotilhas, nomes e registros nas amuradas grossas como flancos de rinocerontes.

Associação Comercial. Instituto do Cacau. Alfândega. Mesa de Rendas Estadual... Cada edifício dêsses luta com o outro em estilo e em função.

A Associação Comercial tem fachada de monumento, com tímpano e colunas. Já o Instituto do Cacau é moderno, orgânico, parece até torre de comando de aeroporto. Na velha Alfândega há qualquer coisa de alcaçova, ao passo que a Mesa de Rendas Estadual é a repartição típica vigiando o comércio atacadista.

Se queres entrar no Mercado Modelo, não faças cerimônia, pois êsses garotos com cestos e samburás levarão ao hotel o que adquirires. Mercado Modelo! Galpão imenso e alto, cheirando a cais, a galinheiro, a açougue, a armazem geral. Tem de tudo, é despensa e almoxarifado da cidade. Irmão mais robusto do que o mercado de Santa Bárbara e do que o próprio Mercado do Ouro. Pai putativo das feiras do Cortume, do Pôrto da Lenha, do Cabeça, do Largo do Tanque e de Água dos Meninos. E' a tentação das visceras. Se a Feira do Cortume lembra qualquer coisa do Nordeste e serve à gente suburbana de São Caetano e da Calçada, não passa de mercado baírrista; se a feira de Água dos Meninos parece ao mesmo tempo polinésia e daomeana, implantada na vasa como o "Patusan" de Lord Jim, de Conrad, é mero manguê malaio chapado do Recôncavo; se a feira do Pôrto da Lenha se conserva colonial como no tempo dos velhos trapiches de Rugendas; se a feira do Largo do Tan-

que é valhacouto de mormaço tropical, e ao mesmo tempo depósito e varêjo, balcão e botequim. já a do Pôrto de Santo Antônio faz pensar nos embarcadouros arcaicos do Mississippi e do São Francisco.

Mas nenhuma delas tem, como ali o Mercado Modelo, o bestiário exuberante de Lurçat e de Gromaire: macacos, tartarugas, periquitos, galinhas de Angola, gaiolas de canários, perús de roda, galos de briga, imensas garoupas luzidias. Balaões com queijos e chicharos, garrafas de cachaca, pacotes de pimenta, résteas de alho, peças de fazenda, canas de açúcar, laranjas de Cabula, alguidares côr de placentas, feixes de colheiras de pau, pilões, abanadores, painéis de barro, abóboras roliças, melancias com tons rubros de meseta espanhola, frascos de dendê, figas de Guiné, rosários de runjebe, jacas matriarcais, mangas com bochechas de clerigos, papagaios malcriados, berimbaus com ar de arco e flecha ameríndia, caxiris votivos, violões seresteiros, agogôs enferrujados, atabaques do Congo, xararás de São Lázaro, machados de São Jerônimo, paxorós vistosos. Ali encontrarás os apetrechos dos candomblés, o material litúrgico e funambulesco das práticas iorubas e bantus, coisas que tu, amigo, verás ao luar pressago se algum ogã te levar aos terreiros do Manuel Rufino ou do Carrinho, ao fundo



de bairros com chácara frondosa nesse mundo misterioso da rua da Mangueira, da rua do Céu, quando a noite tiver o sortilégio até das mesmas constelações que fulgem no Congo.

Ali no Mercado Velho, depois de tuas compras, podes provar um licôr de genipapo, abancar-te a um canto, experimentar carurú ou vatapá, enquanto os moleques das cestas e dos balaços, muito sorridentes ou desconfiados, muito morenos ou magricelas, comerão por instâncias tuas punhados de abaré e de cocada prêta.

Ouvirás histórias de capoeiras, de mestre Bimba e de mestre Bugalho; convidar-te-ão a ir à roça do Vicente Pastinha ou do Olampo para veres

como é complicado esse jogo de esgrima e duelo. Ouvirás histórias de mandingas e de despachos; romances das arrependidas da Lapa; tragédias das secas; histórias de sombras nos sobrados da Ladeira do Pelourinho; lendas de almas penadas do forte da Gambôa; de Iemanjá se penteando diante do abebé translúcido como a água do mar; relatos dos afogados da lagoa do Abaeté...

Sim, esses garotos levarão ao hotel tudo quanto compraste. Repara como te olham, como confiam em ti, como, tão pequeninos, já têm drama na alma!

E essa mulher nova, de costas, segurando a fi-

lha! É isto Brasil, ou Arabia? Ou deserto? Ou página de *The National Geographic Magazine* mostrando como se vive no antípoda? Que estará fazendo ela? Espera que os filhos mais velhos ganhem qualquer coisinha que mate a fome e disfarce a miséria? Morará na Calçada? Ou é do sertão? Terá vindo a pé? Estará olhando para as coisas do Mercado Velho com vontade apenas teórica de comprar? Ou estará pensando no pau de arara que a levará pela pista pardacenta até uma terra de promessa que, felizmente, ainda é a sua pátria?

A criança não sabe de nada. Apenas te olha, porque precisa te decifrar.



"Eis a minha cara quando nasci. A criada me leva à casa das vizinhas curiosas de ver uma criança com barba e bigodes."

padura, servendo a garapa em um tacho, a fogo nû, como se faz para o melado, até que um pouco de xarope, que

AULAS NOCTURNAS

FRANCEZ
HESPAÑOL
ITALIANO
INGLEZ
CALLIGRAPHIA
DACTYLOGRAPHIA (1)
ESTENOGRAPHIA (2)
MNEMONICA (3)

(1) arte de escrever a machina

(2) signaes convencionaes que permitem a escripta rápida de um discurso

(3) arte de recordar (onde termina a memoria natural, começa a Mnemonica, ou memoria artificial).

MENSALIDADE 5\$000

Por mais informações com o prof. F. Mondino
(Edifício da Escola Normal, gentilmente cedido pela
AUTORIDADE MUNICIPAL).

"Foi graças a essas aulas noturnas que me tornei milionário. Hoje em muitos Bancos tenho em depósito milhares de contos... do vigário."

"Ah, os meus bons tempos salerosos..."



Entre Marinetti e Dali

Maria de Lourdes Teixeira

Francisco Mondino, autor das obras *Alma dos Animais*, *Campagna Romana*, *La Preghiera del Popolo*, *Mnemonica*, *Ou allez-vous*, *Madame?*, *La vie au grand air*, *Beija-me por favor*, *A los toros*, *Visões do sertão*, *Amor sertanejo*, etc., é um marginal inconsciente do movimento dadaísta, que em sua existência cheia de aventuras lembra absurdamente Blaise Cendrars e cujos livros estravagantíssimos o filiam de certa forma ao surrealismo. Monteiro Lobato e Menotti Del Picchia já se referiram a Francisco Mondino, dele tendo afirmado o criador de Jeca Tatu ser "um dos homens mais interessantes que possam existir, e talvez o que há visto maior variedade de coisas e gentes neste mundo e neste país". A passo que o autor de *Juca Mulato* assevera mesmo que "Mondino é um homem mágico".

Antes de mais nada, porém, informemos que Francisco Mondino vive no chamado Alto Ipiranguinha, em Santo André, onde pachorrentemente esmói na velhice pacata as aventuras de uma existência que deixa a léguas de distância as quixotadas de Dali. Sua vida e sua obra — ambas espetaculares — são o resultado conjugado de um temperamento mediterrâneo e do trópico brasileiro. Suas memórias, caso as escrevesse, teriam um sabor inefável, pois esse amigo de cavalos, onças, jaguares, touros, dançarinos, florestas, circos, etc., foi corredor olímpico, vencedor de prêmios de ciclismo, patinação, tiro ao alvo, regatas, esgrima, natação, alpinismo, ginástica, dança, equitação e tauromaquia! Músico espontâneo, ganhou a vida tocando ocarina, bândolim, violão e até... "cristalofonio", esse mistério. Foi colaborador, correspondente e redator de periódicos tais como *La Tribuna Artística*, *La Fiesta Nacional*, *El Mundo Científico*, *Los Sucessos Ilustrados*, *L'Etoile Parisienne* e, se não aprendeu gramática, sabe estenografia e já foi linotipista, fotógrafo ambulante, fotominiaturista. Mais ainda. Conheceu as dignidades e os dissabores dos cargos de vice-cônsul da Bélgica e de delegado da Cruz Vermelha.

Com ou sem êxito financeiro, mas sempre com desenvoltura, chegou a proprietário de seis institutos do famoso grupo da *Mondino's Roman School*; atuou e comercializou em escolas de baile, fábricas de coroas fúnebres (naturais ou de "biscuit"), ateliê fotográfico (só para toureiros e dan-

çarinas), estátuas de gesso, viveiros de fruticultura e apicultura; criou animais de raça, cabras Toggenburgo, marrecos de Pequim, galinhas Leghorn e Rhode Island, pombos, coelhos...

Sendo de poucas letras e auto-didata, foi professor em Londres, Paris, Valencia, Colônia, Madrid, Lisboa, Marselha, Barcelona, Stuttgart, ensinando pelo método Berlitz e pelo dele próprio — italiano, espanhol, francês, caligrafia, estenografia, datilografia, mnemonica, geografia, ginástica, fotominiatura, tudo isso sabe Deus em que sobrados de que bairros cosmopolitas!

Pela vida a fora "meteu a cara" em profissões múltiplas, tendo sido detective, amestrador de cães, secretário de congressos internacionais de tudo e mais alguma coisa, prestidigitador, agente de companhias, empresário, tropeiro nos sertões do Brasil e do Paraguai, negociante de couros, peles e artefatos indígenas, intérprete de hotéis portuários, caixeiro-viajante, praticista de remédios e sementes, corretor imobiliário, importador de linha de costura, exibidor de lanterna mágica, amanuense de tabelião em Turim, fiscal-chefe de colônias agrícolas da Brasil Railway Co., contabilista de firmas atacadistas, vice-gerente de restaurante, administrador noturno de bar, cineasta primitivo, missionário nas selvas e charcos do Paraguai, toureador na Espanha com o pseudônimo de Dom Tancredo, dono de engenho de cana de açúcar, professor substituto da Berlitz School onde quer que se encontrasse e boiadeiro em Goiás.

Ora isso realmente é incrível, mas ainda não é tudo. Pois Mondino elaborou toda uma teoria filosófica baseada em esquemas e gráficos, e que se baseia neste princípio: "Os predestinados a subir até uma certa altura recebem do Destino uma bicicleta, e os predestinados a alcançar o cume do monte desfrutam de uma motocicleta. Os restantes debatem-se na sombra da raiz, cheia de arbustos e sem caminho algum".

Os livros de Francisco Mondino, esse evadido das estradas da rotina, se filiam intuitivamente ao futurismo, ao dadaísmo e ao surrealismo, tanto pelas ilustrações e experiências, que deixam longe as de Dali, como pelo estilo — que faria inveja a Juó Bananere, Mário de Andrade e Antônio de Alcantara Machado.



Dom Francisco Mondino, o mais veloz toureiro da época.



Feito Remo ou Romulo, debaixo do "Guarani".



Touro à minha procura...



O autor, chefe da tribo, palestrando com seus súditos.



Família Mondino, no sertão. Five-o'clock banana.



Reservatório "Pais de Carvalho", Belém, Pará.

Ferro velho

Um dos aspectos mais pitorescos e típicos da cidade de Belém, capital do Estado do Pará, é a silhueta da velha caixa d'água que se vislumbra dominando o "skyline" da metrópole nortista. Obra cuja execução esteve a cargo da firma francesa Boudet, Donon & Cie., o reservatório Pais de Carvalho é de estrutura metálica e "tem a forma esbelta dos altos pilares preconizados por George Eiffel na construção dos grandes viadutos de sua célebre torre de trezentos metros", conforme escreveu o governador Montenegro na mensagem enviada ao legislativo em 1908. Infelizmente nunca funcionou com êxito a mal fadada obra de engenharia, cuja montagem se prolongou por oito anos, isto é, de 1904 a 1912, deixando de ser utilizada outros tantos anos. Atualmente está para ser vendida como ferro velho sem que tenha cumprido sua missão.

Arquitetura?

Nunca será demais insistirmos que *Habitat* é uma revista orientada e dedicada exclusivamente à boa arquitetura, feita em bases honestas, da função para a forma, à uma arquitetura orientada num sentido verdadeiro. *Habitat* não poderá inserir matéria referente a edifícios feitos na base de venda de apartamentos ou para venda de materiais de construção. Caso publicássemos como sendo de nossa responsabilidade, teríamos de dar a relação dos colaboradores da construção. Teríamos, então, Fulano de tal, desenhista; Sr. X, confeiteiro; Sr. Y, fabricante de balaustres, e assim por diante.

Arquitetura, na verdade, é coisa séria. Não é brincadeira e muito menos, como dissemos, venda de materiais de construção.

Nunca será demais chamar a atenção dos arquitetos para que reflitam antes de apresentarem ao público seus trabalhos.

Os arquitetos do Brasil têm um sério compromisso com o mundo, quando apresentam qualquer trabalho profissional. Todos estão com as vistas voltadas para o Brasil, para verificar o que estamos fazendo. São os governos de várias nações a convidarem os nossos arquitetos a darem cursos e pronunciarem conferências. São as revistas especializadas de todo o mundo a solicitarem trabalhos executados no Brasil para publicação.

Tudo o que o Brasil realizou no terreno da arquitetura, foi feito com muito sacrifício e esforço por um pequeno grupo de arquitetos, verdadeiros arquitetos. Daí não podermos refrear nosso desejo de protestar quando vemos em pleno coração de São Paulo, cidade culta e civilizada, se erguerem êsses autênticos amontoados de tijolos com mi-

lhares de balaustres para enfeitar, cópia mal feita de obras clássicas ou carros alegóricos de clubes carnavalescos de subúrbios, numa demonstração gritante de mau gosto e de deshonestidade espiritual. Arquitetos, componentes de sociedades amigas de cidades e responsáveis pela estética urbana: tenham pena de São Paulo.

Não nos move nenhum espírito de agressividade ao atacarmos os autores dos maus projetos, porque nas mais das vezes eles se escondem atrás das organizações e sociedades, o que nos impede de criticá-los, publicamente.

Um clube

Discordamos da arquitetura bastante estranha do Clube da Vitória Regia, pois ela perturba a tranquilidade da praia da Enseada.

São formas chocantes, feitas para impressionar e que se colidem com o que disse o grande Auguste Perret: "Celui qui, sans trahir les matériaux ni les programmes modernes, aurait produit une oeuvre qui semblerait avoir toujours existé, qui, eu un mot, serait banale, je dis que celui-là pourrait se tenir pour satisfait. Car le but de l'art n'est pas de nous étonner ni de nous éblouir".

Entendemos faltar ao conjunto projetado, ambiente, espaço, conjunto e unidade. Parece-nos peças soltas que rolaram do mórro e caíram na praia.

Extremo

Está em construção em Pittsburgh (EE. UU.) um edifício de 4 andares, todo revestido de aço inoxidável, inclusive o terraço.

Não terá janelas, mas ser-lhe-ão afixadas enormes fotografias, à guisa de murais, que darão a ilusão de distância, e terá ar condicionado.

A mais alta estrutura do mundo

Em Oklahoma City foi completada recentemente a mais alta estrutura construída pelo homem: uma torre de aço que atinge a 1.572 pés de altura, a fim de servir de antena para a estação televisora daquela cidade. O Empire State Building, de Nova York, tem 1.250 pés de altura e a antena colocada no seu topo atinge a 1.472 pés.

Estética

Coyne, num dos trabalhos que escreveu, anuncia as quatro regras a que tem de obedecer o construtor que respeita a estética. A primeira regra refere-se à inteligência na escolha do lugar. É preciso respeitar a natureza, não construir nada que a desfigure, mas ao contrário adaptar-se ao seu aspecto e utilizar também os dados geológicos

próprios de cada lugar. A segunda, refere-se à pureza das formas. Já não se trata aqui de respeitar a natureza, mas de respeitar o verdadeiro. O construtor deve sujeitar-se a respeitar a verdade técnica, ser leal com ela e evitar tôdos os ornamentos inúteis. A terceira regra é a de composição a qual consiste em harmonizar a construção. A quarta regra consiste em preservar a escala, isto é, inserir na obra um pormenor à escala humana que mostre as suas dimensões e acentue a sua grandeza e majestade. E' preciso, diz Coyne, não perder de vista o efeito de uma moldura bem colocada, de uma sombra ligeira, não desprezar o contraste das curvas e das retas ou das linhas quebradas e fundir o tôdo numa espécie de música, sem receio das dissonâncias.

Código de obras

Está em vista de ser aprovado pela Câmara Municipal de São Paulo um projeto que transforma em lei o novo Código de Obras para a cidade. Curiosa a história dêsse novo código: tantas foram as emendas e adendos que deu margem a fusão, refusão e várias formas definitivas que mais se assemelha a uma colcha de retalhos. E quantas aberrações. Um código que chega limitar, em metros quadrados, um ambiente, um código que dá margem a diferenciações entre um quarto de empregada e um dormitório principal, por certo que não merece atenção ou confiança.

Francamente não sabemos para que um código que diz como fazer uma casa, quando ainda não temos um plano que nos diga onde fazer essa mesma casa. Inaudito!

Prêmio de arquitetura

O grande prêmio de arquitetura instituído o ano passado por iniciativa de Auguste Perret e Le Corbusier pelo "Centre d'Etudes Architecturales", foi concedido pela primeira vez não a um arquiteto diplomado, mas sim a um engenheiro. André Coyne, é o homem de França e com certeza do mundo que maior número de barragens hidro-elétricas construiu. O que impressiona na sua obra é a preocupação de ordem técnica, revestida de caráter estético, o que explica aliás a distinção que acabam de lhe fazer. Antes, as grandes barragens consistiam em muralhas espessas de cimento armado, construídas num ponto estrangulado do vale que se queria transformar em reservatório e que se opunham à pressão das águas por uma simples questão de massa e peso. Economizando material e procurando dar às obras um aspecto mais de acordo com o terreno, as barragens de Coyne são construídas como abóbodas, escoradas nas paredes do desfiladeiro por arcabouços e adaptadas com exatidão às pressões a suportar. Daí a infinita variedade, elegância e robustez das suas obras, sendo que algumas evocam as abóbodas das catedrais antigas, outras as muralhas dos castelos ou fortificações modernas construídas em plena natureza.

A cidade não é "terra de ninguém"

A cidade — afirmou recentemente renomado urbanista paulistano — não é terra de ninguém, para o exercício de competições comerciais sem ambiente criador de beleza e remunerador aos esforços de todos que nela habitam. Disciplinando seu crescimento, através de planos locais ou regionais, e ensinando aos cidadãos a amarem sua cidade, o desenvolvimento da metrópole será mais harmonioso e, principalmente, mais humano.

Palacio da Unesco

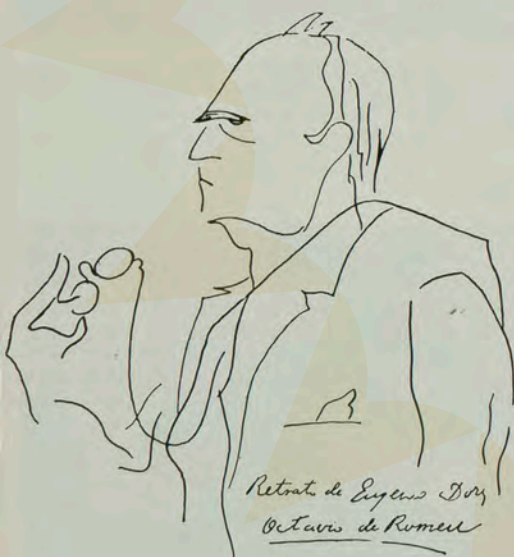
O projeto do edifício destinado à sede da UNESCO, em Paris, cujo estilo tanta discussão e controversia provocou entre os arquitetos e os saudosistas franceses vem de ser aprovado. Prevaleceu, felizmente, o bom senso. Vai ser construído um edifício moderno onde a beleza das suas linhas bem funcionais se casam com o local onde será erguido.



Artes Plásticas

André Derain, Eugenio D'Ors e Lelio Landucci

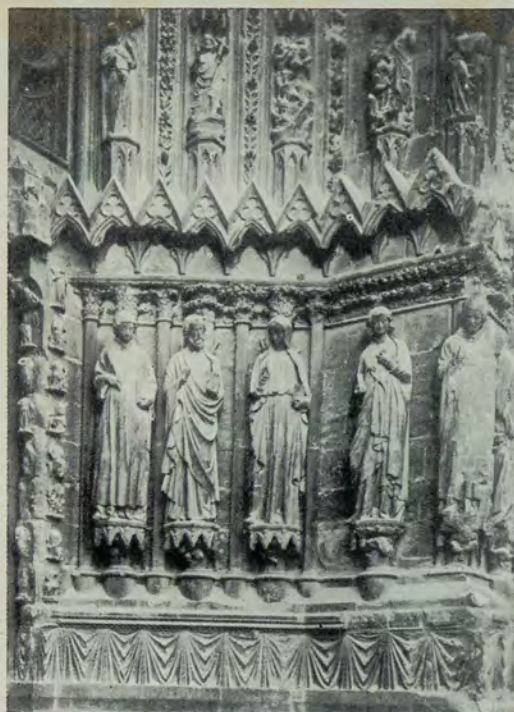
Com o falecimento de Derain, o mundo das artes perde o fauvista e perde o clássico. De fato, atuou com Matisse, Vlaminck, Marquet, Dufy, Braque, Friesz e Van Dongen lançando uma bola de fogo na algidez do Salão de Outono. Isso no tempo em que um faro davinciano como o de Diaghilev podia descobrir valores na música, na pintura e no bailado antes de qualquer crítico. Passado o paroxismo, fez como faria mais tarde Friesz; amadureceu cedo, entrou para a grande linha tradicional, sem nunca desprezar as lições do fauvismo, essa ligação entre o impressionismo francês e o expressionismo alemão. Sua velhice atribulada por aflições domésticas e por um acidente de automóvel o trouxe à baila duas vezes pouco antes do seu falecimento, como dois lembretes ao povo francês daquele que tanto foi aplaudido ao tempo das exposições escandalosas na Galeria Paul-Guillaume.



Retrato de Eugenio D'Ors
O. Tassis de Romeu

Ao se abrir no Ibirapuera a retrospectiva do cubano, morreu alhures Picabia. Agora, ao se inaugurar no mesmo parque a exposição barroca italiana, morre na Espanha Eugenio D'Ors. Há que considerar nesse filósofo e crítico, além de sua obra de cultura e de hispanidade, a obstinação de didatismo que muitas vezes o converteu em monitor de museus... Sua obra sobre o Barroco e sobre Goya e suas lições peripatéticas (digamos assim) pelo Museu do Prado significam uma disciplina de missionário. E' especialmente no campo que mais interessa ao Brasil que seus trabalhos o aproximam de especialistas como Reymond, Weisbach, Marangoni e Brinckmann. No recato da pobreza, faleceu no Rio de Janeiro Lelio Landucci, uma das expressões mais raras da

condição humana e da eficiência artística que já apareceram no Brasil. Florentino, estudava com Fontenay, J. P. Laurens, Landowski e Bouchard em França quando a I Grande Guerra o convocou para a aviação italiana após um estágio de voluntário na infantaria francesa enquanto sua pátria não optava. Desde sua chegada ao Brasil em 1923, atuou como arquiteto e escultor, foi professor na U.D.F., trabalhou na Prefeitura do Distrito Federal, depois no I.N.L. e finalmente na D.P.H.A.N. Deixa o tímpano da estação Barão de Mauá, o vestíbulo do Itamarati, o busto do visconde de Santo Amaro, o anteprojeto do Cristo Redentor (do Corcovado), os medalhões da Estátua da Amizade e o ginásio de Ilhéus. Mas sua obra espiritual — as sólidas amizades que criou — o eleva à categoria de chefe de fila de várias gerações, pela constante lição que emanava de sua vida.



Detalhe do portal da catedral de Reims.

Arte Sacra

Se na Itália e na Espanha a arte sacra propendeu mais para a pintura do que para a escultura, ou conjugou as duas modalidades, é notório que em França e na Inglaterra a estatuária predominou. Mas o problema é ampliar essa tradição, pois a arte moderna oferece os produtos pouco místicos de Germaine Richier ou pomposos demais de Zadkine e que só se coadunam com uma arquitetura adequada. Escultores capacitados para a continuidade dessa tradição, após a morte de Bourdelle, talvez só existam Monjo na Espanha e Epstein na Inglaterra. Nem mesmo os escultores mais populares como Joseph Bernard formam epígonos capazes de fazer algo como a estátua de São João ou a imagem simbólica *A Oração*, que positivamente se ligam a um passado. Epstein conseguiu realizar uma extraordinária *Madona com o Infante* que em 1953 foi aplicada na bossagem do convento de Cavendish. Mas é talvez já na linha gótica, e se filiara mais ao estilo de Reims, provando que o grande artista contemporâneo é capaz de façanhas análogas às de Robert de Coucy, Collard, Gilles e Picque.

Esquinoscópio

O sujeito enervado abeira-se do postigo de venda de bilhetes do cinema, porém deblatera porque o preço da entrada aumentou por causa do cinemascópio, esse painel convexo que lhe apresenta o triplo da habitual superfície do pano. E o homenzinho vai para a primeira esquina e ali goza o esquinoscópio. Do seu ângulo de observação vê o mundo trazido pelos taxis, ônibus, carros particulares e multidões sucessivas. Caso se canse dêsse



Epstein, "Madona e Infante".

close up, segue para a banca do jornaleiro, e espia pachorrentamente as capas das revistas. Pode ser mesmo que na parede haja um *étalage* de postais, esses precursores da indústria do turismo. Convi-te à viagem, ao antípoda, à ubiquidade.

O *étalage* de postais é precursor das agências de turismo e do cinemascópio...





O bikini tem quinze séculos...

Legião de Honra

Guilhotinada ou deportada a nobreza francesa, a lei de recuperação do prestígio pessoal fez subconscientemente o próprio governo consular revolucionário instituir uma entidade igual em tudo às antigas Ordens. Nem faltou o aparato de um grande conselho de administração: comandantes, oficiais e legionários... vitalícios! Mas o povo, o teatro e a novela às vezes ridicularizam os dignitários passando o termo "comendador" a oscilar na aura sarcástica que lhe criaram Gustavo Flaubert e Eça de Queiroz. Espécie de Prêmio Nobel inflacionadíssimo, a Legião só pode ser desprestigiada por uma escolha errada, já que sua sede tem todas as características pomposas de recinto adequado para uma Ordem cujo grão-mestre é o Presidente da República. A grande Chancelaria apresenta a magestade de um palácio, o silêncio hirto de um museu e aspecto litúrgico na arquitetura e na instalação.

Pátio interno do Museu da Grande Chancelaria da Legião de Honra.



Uma arte plástica inadmissível

Na longa história do artesanato, a matéria-prima tem exercido papel indispensável. Só se faz desenho com tais e tais utensílios; gravura, com esta e aquela técnica; pintura, com tais ou quais tintas; escultura com talha direta na pedra ou na madeira, a força de golpes amestrados, ou plasmando uma substância adrede. A finalidade é registrar e testemunhar a vida; ou parafrasear previamente a futura criação. Todas as artes plásticas são admissíveis, como unidades anatômicas e espirituais do organismo artístico, seja qual for a rotulação que se dê a cada modalidade. O que não dá certo é o concreto e o figurativo quererem substituir o que positivamente foi abstraído. Vemos aqui um jovem asiático que perdeu na guerra o braço, essa coisa real e dinâmica. Pois bem, certa arte plástica vicariante tenta concretamente substituir-lhe a peça anatômica por um *compound* metálico ou de matéria plástica. Se as Chancelarias e os Estados-Maiores não tocarem juízo, e vier a hegemonia da bomba atômica, as pernas amputadas, as *gueules cassées*, as entranhas estouradas terão que ser substituídas e tapadas por uma arte plástica com tal procura que haverá lojas governamentais ou mesmo *trusts* para produção em massa e capacidade de fornecimento... Estamos fadados a perder nossa imagem e semelhança com Deus e parecer, num mundo de explosões e ódios, cópias fiéis de espécimes da arte de Chirico, Magritte e Coutaud.

O bikini, peça milenar

Todavia, o culto ao estado dionisiaco, à beleza hígida, provém de milênios. Na verdade, o que mais tarde se chamou esporte ao ar livre nasceu com os primeiros clãs à beira-rio e à beira-mar. O mediterrâneo foi uma piscina olímpica para a liturgia física. Se hoje, numa comemoração de batalha célebre como a do Marne, vemos bandos de inválidos se locomovendo em cadeiras de rodas pneumáticas, sujeitos com monóculos de couro no lugar do olho vasado, ou com um pedaço de matéria plástica sobre o arreganho macabro da face estourada para tapar molares e gengivas, temos o direito de pensar que a forma humana, a integridade física não devem servir de holocausto à política nem às ambições doutrinaárias. Por mais laica ou epicurista que pareça a afirmação, o *bikini* não é um produto de civilização degradada. Pelo contrário, é ainda o último remanescente do período da vida mimetizada com as águas. Prova insofismável é o mosaico que Biagio Pace e Gino Gentile descobriram em Piazza Armerina. Uma rapariga romana com a tanga que hoje voltou a imperar em Miami, Juan-les-Pins e Trouville. Ao invés do leão, do tigre, do minotauro, da fênix e do grifo, o mosaico mostra a rapariga usufruindo a vida, noiva eterna das águas... Sim, antes o *bikini* do que o aparelho ortopédico.

O Museu Arqueológico de Madri

A mentalidade antiga dos museus arqueológicos era fúnebre, pois o recinto tinha mofo e escuridão de mausoléu e o público aceitava a idéia daquilo ser o *sancta sanctorum* do passado. Foi contra esse critério obscurantista que em Madri se bateram Taracena e Burín. Ao cabo de quase dois

Salão do Museu da Grande Chancelaria da Legião de Honra.



Uma outra "arte plástica" que precisa acabar definitivamente.

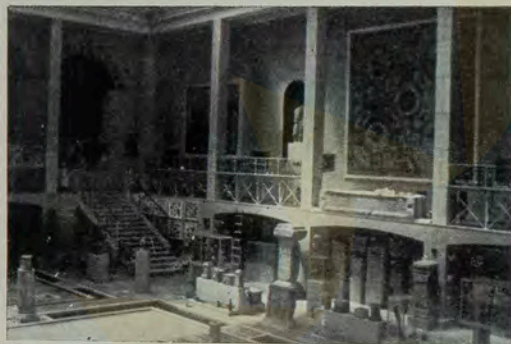
anos de obras no antigo palácio de Bibliotecas e Museus do tempo de Jareño, o tesouro imenso saiu dos depósitos, foi classificado e exposto. Assim, o Museu se tornou um dos mais interessantes do mundo pois além do que é possível os outros disporem, contém joias púnicas, celtas, visigodas e formidável coleção de arte ibérica. Lamenta-se a dispersão de moedas gregas, romanas e medievais (roubadas durante a guerra civil).

Museu de Arqueologia. Esculturas cristãs.





Museu de Arqueologia. Sepulcros medievais.



Museu de Arqueologia. Secção Romana.

Arcimboldo

A psicanálise entrando na crítica de arte provavelmente acerta e erra. O caso de Arcimboldo não pode, por exemplo, comprovar que suas figuras humanas compostas com flores, frutas e legumes, proviessem de uma vocação malograda de hortelão ou jardineiro. Tende-se a filiá-lo aos barrocos da escola naturalista que foram buscar na natureza o contato que a arte precisava ter. Mas não falta quem o dê como um precursor do surrealismo, junto com artistas da Escola de Ferrara, que teriam seguido não a arte fantástica de Giovanni di Paolo, Monsu Desiderio ou Jerônimo Bosch, de teor onírico, mas a arte da extravagância; parece que, nesse sentido, conquanto Arcimboldo tenha sido um colecionador de corolas, pétalas, folhas, frutas e legumes, sabendo juntá-los em efeito antropológico, sua mentalidade de acanalhação seria precursora... do dadaísmo.



Arcimboldo, "O Homem das hortaliças".

como peças orgânicas. E sucede quase sempre que as caras se parecem com os instrumentos. Os violinistas são longilíneos, os homens dos sopros são bochechudos, os tipos do rabecão parecem viúvos, etc.

Os membros das orquestras ciganas, tanto à beira do Danúbio como alhures, costumam vestir jalecos magiares que os igualam aparentemente; contudo, o violinista é sempre um fantasma bigodudo mas romântico de Paganini. Nas serenatas os instrumentos são distribuídos conforme os tipos físicos. Mas há um instrumento eslavo, a balalaica, que os ocidentais romantizaram como se fôsse peça bizantina. Que ela é mongólica, prova o teorema acima proposto: de que o instrumento tem que parecer com a cara...

O tesouro da rainha

Se para o príncipe consorte Alberto, marido da rainha Vitória, deve ter sido fastidioso em Osborne House aturar a solidão da ilha de Wight, imagine-se para a rainha Mary, esposa de Jorge V, aguentar o "tempo" no Buckingham Palace ou na Marlborough House! Por mais que transformasse em rondas substitutivas os diferentes nomes do seu batismo — Maria, Augusta, Luíza, Olga, Paulina, Claudina, Inês — era sempre ela própria quem tinha que subdividir o tempo e aguardar o bocejo monótono da eternidade.

Deu-se então à tarefa de contemplar, qual vigilante noturna de joalheria da Drury Lane, peças de ouro, prata, cristal, porcelana, jade e alabastro. E' de supor que entre esse tesouro — exposto atualmente no Museu Victoria e Albert de Londres — houvesse também uma caixinha de música, das que a gente dá corda, e com a qual ela se aproximasse de vez em quando da hipótese de ter sido criança. Como a galeota que ilustra esta nota deve ter sentido sempre saudade incoercível do mar, assim a rainha Mary deve ter tido nostalgia da condição humana.



Tesouro real britânico.

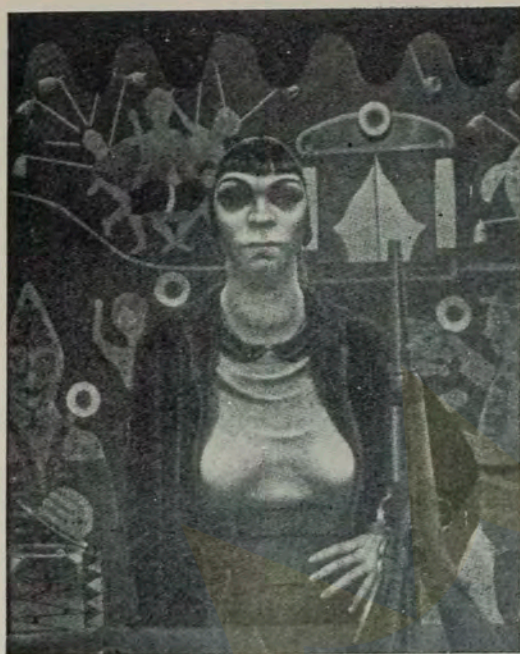
Tiro ao alvo

O mal das afirmações deduzidas de eventuais analogias: Recentemente, num curso de museu, um professor, diante da tela *Tiro ao Alvo* de Pyke Koch — o pintor holandês que ficou mal com seus patrícios por colaboracionismo com as nazistas — deu uma aula galharda sobre os impressionistas

Instrumento e cara

O regente de orquestra comanda um conjunto humano e o dirige por gesto, mímica e comunicação fluida, sendo o único chefe com direito a ser ditador. Durante o processo orquestral, os instrumentos se acham colocados e dispostos de maneira ao comando se distribuir para os planos de profundidade e lateralidade, e os componentes da orquestra e respectivos instrumentos se fundem

O instrumento tem que parecer com a cara.



Pyke Koch, "Tiro ao Alvo de Feira".

que, como Renoir, Degas, Seurat, Toulouse-Lautrec, Bonnard, Forain e Koch trataram de motivos de circo e de feira. Ora, o tiro ao alvo saiu pela culatra, pois o tal professor ignora que Pyke Koch, como Dick Ket, Willem Schumacher e Willink, pertence ao neo-realismo e que a mulher retratada na tela em questão é sua amiga demasiado íntima e dirige mesmo um stand de tiro numa feira de Antuérpia...

O matriarcado das esculturas

No Brasil, a escultura sofreu recentemente um avanço em dois sentidos: o figurativo, ou corporal, e o abstrato, ou formal. Desde as exposições nas duas Bienais de Giacometti e Calder, dum lado, e de Laurens e Moore, de outro, os nossos escultores passaram a agir em dois rumos opostos: de Bloc, Lardera e Jacobsen; e de Mascherini, Marcks e Marini.

Teresa D'Amico, "Torso".



Teresa D'Amico, "Menino tocando flauta".

Temos diversas escultoras de interesse. Pois bem, com aquele critério muito típico das mulheres em épocas de atarantamento masculino, elas como que se reuniram não num sindicato plástico, mas em mudo acôrdo e passaram a fazer uma escultura de critério dialético. E' o caso de Elizabeth Nobiling, Felícia Leirner, Maria Martins, Mussia Pinto Alves, Teresa d'Amico, Charis Brandt, Pola Resende, Sônia Ebling, Hilda Goltz, Zélia Salgado, Rosa Frisoni, Adriana Janacopulos, Margaret Spence e Mosa Eugenia Vicuña. Essa matriarcado equilibra a estatutária nacional, mantendo-a num quociente médio e sóbrio, que a defende da aridez e do gongorismo. Teresa d'Amico, por exemplo, conquanto tão moça, já percorreu os estágios vanguardistas, às voltas com a problemática do espaço e da arte tridimensional. Nos Estados Unidos foi aluna de Zorak e Zadkine; nas exposições oficiais no Brasil sempre obteve prêmios para cada experimento plástico e formal que "solfejou". Mas, ingressando no matriarcado, equidistante do surrealismo de Maria Martins e do concretismo de Mary Vieira, opta pelo humano, pelo estado órfico da juventude.

Caribé, "Matança de charéu", Mosaico.



Caribé

Pode-se dizer que Caribé — o argentino que a Bahia assimilou antropofagicamente com molhos afro-brasileiros — se elevou sozinho à cronista-mor da tradição do Salvador. A Coleção Recôncavo constitui dez tomos em vocabulário gráfico sobre a pesca do xaréu, o largo do Pelourinho, o jogo da capoeira, a feira da Água de Meninos, a festa do Bonfim, a igreja da Conceição da Praia, a festa de Iemanjá, a rampa do mercado, os temas de candomblé e os orixás. Agora está fazendo mosaicos, de modo que pouco a pouco passará aqueles temas para painéis (se é que esta expressão quase barroca pode ser empregada para uma arte tão caligráfica).

A conferência do kaolim

Inúmeras e incontáveis têm sido as conferências internacionais para desfazer a tensão do mundo e ensaiar coexistências pacíficas. Os chanceleres e respectivos séquitos entram e saem de quadrimotores e de palácios e os telegramas baralham tudo mais ainda. Ora, isso de bem-estar do mundo é coisa terrena, concreta, e não abstrata ou interplanetar. O melhor exemplo de *fair-play* no sentido de esquecer guerras e diferenças de matizes doutrinárias, foi dado por duas fábricas famosas: a de faiança de Sèvres e a de Porcelana de Saxe. Entenderam-se porque emanam da terra, da argila, do kaolim... A Manufatura de Sèvres, que durante a guerra recebeu quinze bombas, já se refez e recentemente deu exemplo às chancelarias do mundo, abrindo seu recinto para uma exposição de porcelanas alemãs, as de Saxe. Já que eram gêmeas na intenção, sempre se entenderam. A turma de Saxe vendeu outrora seus segredos à turma de Sèvres. Assim, Aupsach, Estrasburgo, Bayreuth, Brandenburgo, Limoges, Dresde, passaram a trabalhar em harmonia fraternal. E agora, após a II Grande Hecatombe, a terra, a argila, ensina o espírito de paz e de intercâmbio. Senhores do mundo, imitai a Conferência do Kaolim...

Porcelana de Saxe, "Serviço de jantar".



Faianças de Sèvres. Pia de água benta.





Spilimbergo.

Pintura argentina

A consideração que na Argentina os artistas têm pela pintura brasileira, conversando correntemente sobre Portinari, Di Cavalcanti, Tarsila, Volpi e Flávio de Carvalho, é tamanha e tão cordial, que aventamos a possibilidade de entendimentos para uma exposição argentina num dos nossos museus, com obras de Aquiles Badi, Antonio Berni, Rodrigo Bonome, Alberto Bruzzone, Juan Carlos Castagnino, Eugenio Daneri, Uno Spilimbergo, Seoane e Urruchua, elementos de primeira plana que se interessam deveras pelas nossas artes plásticas. Medida da categoria da pintura argentina é dada ainda agora na exposição das obras de Raul Soldi na Galeria Wildenstein em Buenos Aires. Tendo obras suas no Museu de Arte Moderna de Nova York e em entidades análogas em Florença e Milão, só agora teve ensejo de realizar seu sonho de grandes decorações murais. Entre outras, como a da igreja de Glew. Acaba de decorar a Galeria Santa Fé, de Buenos Aires, numa espiral de 87 metros onde inseriu 24 cenas e 63 figuras.



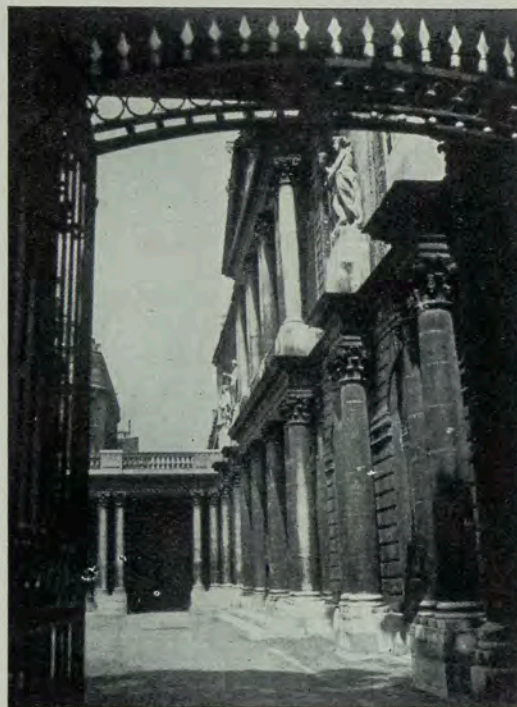
Congresso das "Caridades Normandas".

Folclore... após o Congresso

Quando já estávamos saturados de temas sobre as características do fato folclórico, folclore e educação de base e folclore comparado, abordamos dois membros aliás notáveis do Congresso que se realizou em São Paulo, o prof. Jorge Dias, de Portugal, e George Henri Rivière, da França, e lhes mostramos aspectos fotográficos do último Congresso das Caridades Normandas em Bourneville, a que assistimos por mero acaso, e lhes provamos que as Misericórdias e as Beneficências portuguesas promanam desses movimentos. Ouviram-nos, agradeceram-nos com interesse e credulidade absolutos. Tal asserção se acha fundamentada num volume de Pais e Cintra, das Açores. A Festa do Espírito Santo, das ilhas açoreanas, teria vindo também dessas "Caridades Normandas". Como se vê a imaginação, em folclore comparado, é inesgotável...

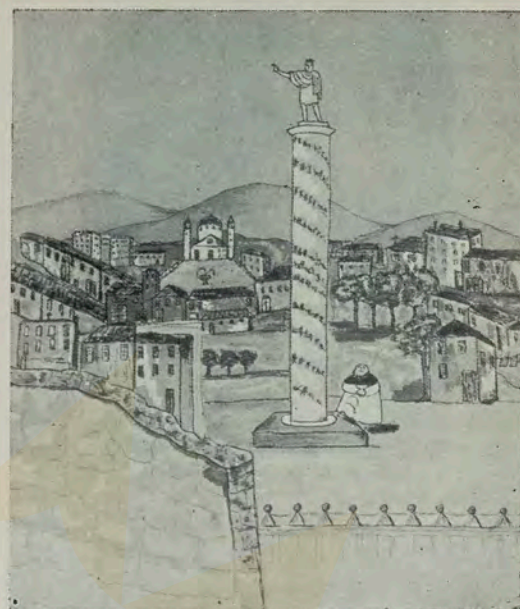
Les Marais

Esta palavra, que traduzida quer dizer "charco", é o nome medieval e atual do bairro mais velho de Paris depois da Montanha de Santa Genoveva e da ilha de La Cité. O estrangeiro não o conhece porque fica fora de seus trajetos de turista e as ruas são feias e estreitas. No entanto, é um bairro que ainda hoje dá lições de urbanismo e de arquitetura a muitos bairros famosos de metrópoles funcionais e orgânicas. A Praça des Vosges é das mais belas e definitivas do mundo, bem como os prédios de Soubise (sede dos Arquivos Nacionais), Rohan, Carnavalet, Pelletier, Beauvais, Aumont, Juigné e Lamoignon, que a municipalidade adquiriu por seu interesse histórico e permanente. Seria bom os estrangeiros visitarem o Marais, certos de que, apesar de seu aspecto algo lúgubre, ali não se repetirão mais os crimes noturnos do duque de Orléans assassinado, da princesa de Lamballe trucidada durante o Terror, nem as brigas entre homens por causa de Ninon de Lenclos.



Paris, Arquivos Nacionais. Hôtel de Soubise.

"São João Batista". Escola de Avinhão. Século XV.



Gerda Brentani, "Roma".

Cidades, testes individuais

Em recente tese de assunto psicossomático, Alban Mudie acaba de estudar as sínteses gráficas ou plásticas que certos artistas fazem de cidades fora do propósito de cartaz ou de publicidade, e mais como exigência da saudade ou da memória. Assim, as praças de Veneza, Roma e Paris desenhadas por Steinberg seriam resultado de um poder visual superior à retentiva das lentes fotográficas. A síntese de Toulon feita por Caillaud, não passaria da solidão em que ele se viu naquela cidade à espera eterna da Amada. Quer nos parecer que a visão pagã e cristã que Gerda Brentani conseguiu de Roma não advém da memória visual e sim do informe nostálgico. Isto é, quem desenha não é a pessoa adulta evocando a Cidade Eterna, mas a criança triestina que tratados internacionais cortaram da comunidade italiana ou romana e que, por isso, sempre verá o Foro e as sete colinas em distância difícil de transpor.

Aristide Caillaud, "Toulon, parte velha".





Música popular e música folclórica

As recentes realizações, em São Paulo, do Congresso Internacional de Folclore e da VII Conferência Internacional de Música Folclórica deram ensejo a que se reunissem nesta cidade os maiores especialistas nestes temas, tais como Ralph S. Boggs (Estados Unidos), Jorge Dias (Portugal), Fernando Ortiz (Cuba), Efraim Morote Best (Peru), Vicente T. Mendoza (México), A. Cherbuliez (Suíça), O. M. Sandvik (Noruega), K. P. Wachsmann (Alemanha), Zoran Palcok (Croácia), San-

cho (Espanha), Douglas Kennedy (Inglaterra), Lauro Ayastaran (Uruguai), A. Marinus (Bélgica), Joaquim Ribeiro, Renato Almeida, Guilherme Santos Neves, Geraldo Brandão, Vera Sauer, Paulo de Carvalho Neto, Edison Carneiro (Brasil), e vários outros.

Entre as teses apresentadas destacaram-se, dando motivo a debates e pareceres, as seguintes: *Características do fato folclórico*, pela Comissão Paulista; *Caracterização do fato folclórico*, de Antonio Castillo de Lucas; *O Estudo do Folclore no ensino pedagógico*, de Alexandra Hortopan; *Cultura tradicional e Educação de Base*, documento preparado pelo secretariado da UNESCO; *Música folclórica e música popular*, de Oneida Alvarenga; etc. Os musicistas reunidos pela Conferência Internacional de Música Folclórica adotaram diversas deliberações sobre a *continuidade*, a *variabilidade* e a *seleção* como fatores que condicionam a *tradição oral*.

Houve uma exposição folclórica, verdadeiro documentário das atividades americanas a respeito de artes e técnicas populares, reconstituição de

ambientes ecológicos e um festival com evocação, um desfile de alto interesse, de folguedos populares de São Paulo, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Alagoas, Santa Catarina, Estado do Rio e Distrito Federal. Cromatismo variado, coreografia original, música típica, aspectos legítimos do Reisado alagoano, do vilão catarinense, dos tropeiros gaúchos, do Bumba-meu-boi fluminense, da Escola de Samba carioca, etc.

Esse festival — bem como a exposição — além de seu caráter de documentário, reforçou o ponto de vista da tese *Considerações acerca da área cultural luso-brasileira*, de Jorge Dias e ilustrou a de Oneida Alvarenga.

A memória de dois brasileiros ilustres que se dedicaram aos estudos folclóricos brasileiros, Mário de Andrade e Artur Ramos, foi homenageada em plenário do Congresso. Também se rendeu preito à memória de Almeida Garrett (cujo centenário de morte decorre este ano), Luís Hoyos Sanz e Rodrigues Marin. Lamentou-se a idade avançada de Raffaello Corso não lhe ter permitido acompanhar.



Folclore, "Reisado" de Alagoas.

"Reisado", de Alagoas.



"Congada", "Chegança dos Mouros", "Chegança dos Marujos" e "Guerreiros".



A percussão e a mística, título para uma tese.



O Bailado na Polônia.

Escolas de bailado

Provêm de longa data certas escolas de bailado em países tradicionalmente conhecidos por esta manifestação artística e popular. A dança teatral em Barcelona (abrangendo tôda a coreografia ibérica) gravita no *Liceu* e no *Principal*, tendo suas origens no antigo teatro de Santa Cruz, já em 1560. A atual escola Juan Tena promana assim dos antigos núcleos de Luigi Bianchi, Josefina Espontoni, Vicente Bartholomin e Ricardo Mora-

gas, os sucessivos pontos altos da evolução coreográfica em Barcelona.

Já na Polônia, nação de cultura dirigida, o bailado se difunde em núcleos como o *Slask* e o *Silesia*, todos dependentes do Ministério de Cultura e Arte e tendo como principal modelo o grupo *Mazowsze*, visando principalmente o folclore e reavivando as lendas e novelas de Sobczyk e Ondraszek, e danças nacionais como a polca, o galope e os sete passos.

A revivescência da Ópera

Certas áreas já hoje famosas por seus festivais periódicos, como Salzburgo, Aix-en-Provence, Bayreuth, Edimburgo e Glyndebourne — sem ser preciso aduzir ao *Scala* de Milão e ao *Covent Garden*, de Londres — mantêm acesa a tradição da Ópera clássica e moderna. Mas não são apenas esses locais que conservam o prestígio vacilante dessa modalidade de música e de teatro. Há mesmo um ressurgimento, uma revivescência da ópera, estribando-se em excelente elenco, repertório famoso, encenação e iluminação diferentes e mentalidade adequada.

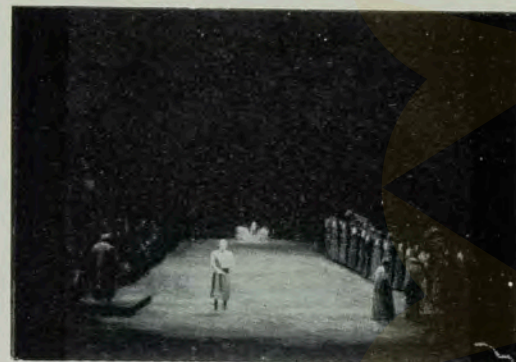
Este ano, por exemplo, além da realização naqueles centros de peças de permanente interesse, também cidades como Ansbach, Avinhão, Bolzano, Berlim, Hamburgo, Prades, Munique, Verona, Viena e Wiesbaden se articularam em rede de festivais. *Cristóvão Colombo*, de Darius Milhaud e dirigido por Gabriele Santini, constituiu uma verdadeira prova na Ópera de Roma, demonstrando suas ca-

constantes pesquisas dos netos de Wagner. Assim, se um Wotan atual já se apresenta em trajes quase clássicos de linhas gregas e não mais de mitologia bárbara, e se as filhas do Reno irrompem nuas e olímpicas e não mais como no tempo de Wagner ajaezadas pesadamente, por sua vez *Lohengrin*, segundo podemos deduzir pelas fotografias de Liselotte Strelow, continua a manter sua effigie própria e clássica. Vemos pois que um Wolfgang Windgassen, um Rudolf Schock ou um George Vincent, podem ter vozes diferentes apuradas pelas direções de Joseph Keilberth, Wilhelm Schuechter e Rudolf Kempe; mas o vestuário esotérico, de origem celestial, o palco, o cisne, a roupa medieval de Elsa, Ortrud e Telramund, e os cenários impressionistas permanecem os mesmos, praticamente.

E' que para determinados temas, legendários ou históricos, é possível uma constante transmutação em sentido plástico e estético; ao passo que certos enredos e simbologias como as de Lohengrin a bem dizer já nasceram obra-prima, fora de contingências experimentais.



Milhaud, "Christophe Colomb", Ópera de Roma.



Richard Wagner, "Lohengrin", Festival Bayreuth.

Einem, "Der Prozess", Ópera Estadual. Hamburgo.



pacidades técnicas aplicadas neste fabuloso oratório cênico, 24 anos após a estréia em Berlim. Esta peça — como sua quase gêmea, *Joana d'Arca na Fogueira*, de Honegger — tem as desvantagens de um tema intelectual posto em termos de árias, coros, cenários e texto difícil.

Outra ópera que constituiu um ensejo de revivescência foi *O Processo*, extraída do texto de Kafka e levada na Ópera Estadual de Hamburgo. Dizemos revivescência, porque ainda recentemente ela foi montada e executada em Salzburgo e Berlim. Trata-se de peça altamente problemática, cheia de fraquezas fundamentais e também de sugestões altas. A luta desta vez foi entre a mentalidade de Rennert, Siercke e Neher, provando que três ângulos de visão estética, teatral e técnica podem modificar a impressão do mesmo texto e da mesma música.

Já se comentou a renovação de cenários, vestuário e iluminação no repertório de Bayreuth, mercê de



TEATRO NO BRASIL

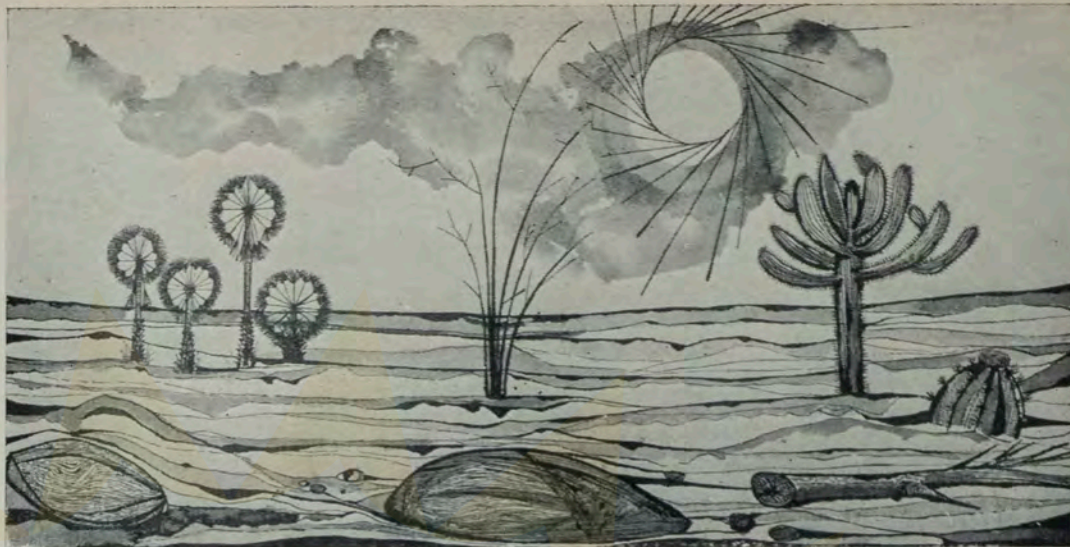
Ruggero Jacobbi

O fenômeno mais interessante da temporada teatral de 1954 continua sendo a revisão crítica, feita através dos espetáculos, do repertório teatral brasileiro, que ainda reclama — da parte de um crítico literário — um trabalho histórico capaz de sintetizar sua evolução. Os diretores de teatro já estão fornecendo farto material para este futuro historiador. A Escola de Arte Dramática de São Paulo apresentou um excelente "Festival Martins Penna" (com três peças em um ato) sob a direção de Alfredo Mesquita e Luiz de Lima; o Teatro Intimo Nicette Bruno lançou "Brasil Romântico", com textos de Machado de Assis e Joaquim Manuel de Macedo. O Teatro Brasileiro de Comédia confiou a Adolfo Celi a encenação de "Leonor de Mendonça", legítima obra-prima de Gonçalves Dias. No Rio de Janeiro, a Companhia Dramática Nacional encarregou José Maria Monteiro de reapresentar, em forma moderna, outra peça de Martins Penna: "As Casadas Solteiras". A literatura dramática brasileira está descobrindo a sua tradição.

E' pena que a êste reflorescimento do teatro brasileiro antigo não corresponda um movimento de igual amplitude no sentido da descoberta e encenação de autores novos. Os textos apresentados pela C.D.N. ("Senhora dos Afogados", de Nelson Rodrigues) e pelo T.B.C. ("O Noroeste soprou", de Edgar da Rocha Miranda) são muito fracos, e não indicam nenhum caminho certo para o futuro. Muito mais interessante parece-nos — apesar de varios defeitos, especialmente estruturais — "Lampião" de Raquel de Queiroz, que já teve a honra de duas encenações no Rio (diretores: Paschoal Carlos Magno e Bibi Ferreira) e agora é apresentado em São Paulo por Sérgio Cardoso, ensaiador e intérprete, com cenários e figurinos de Aldemir Martins.

Outra iniciativa que não deixou de lado os autores nacionais, foi o Teatro Permanente das Segundas-Feiras, dirigido por Carla Civelli, que apresentou duas comédias de Cló Prado: "O Empréstimo" e "Tempestade de Verão". Não foram estas, porém, as realizações mais importantes do grupo, cujos méritos culturais e artísticos dependem especialmente da correta apresentação de peças de Ugo Betti, Leonidas Andreiew e Pirandello. Sempre com relação ao problema do autor nacional (que é o problema "número um" de nosso teatro) é importante assinalar a presença de um jovem como Jorge Andrade, vencedor do prêmio Fabio Prado e autor de varias peças, originais e adultas na temática e na linguagem. Grande interesse despertou a publicação de "Dido e Eneas", do poeta José Paulo Moreira da Fonseca, cujo primeiro trabalho dramático — a tragédia "Idomeneu" — está sendo ensaiado pelo elenco do teatro "Duse" no Rio.

No setor das traduções, tudo continua sendo feito desordenadamente, deixando de lado grandes autores ainda desconhecidos no Brasil, e apresentando peças de nenhuma importância. Veja-se o repertório de Henriette Morineau, com a pior peça de Anouilh ("Jezebel", recusada por todos os empresarios franceses), um dramalhão do italiano Achille Saitta e duas comediasinhas parisienses. O



Aldemir Martins, Desenho para o pano de boca de "Lampião".

próprio T.B.C. já caiu em Roussin e, pior ainda, em Verneuil. Ziembinsky, porém, pretende reabilitá-lo com a apresentação de "Candida" de G.B. Shaw.

Em compensação, o público do Rio está tendo, finalmente, a oportunidade de assistir às grandes realizações desse elenco paulista: "Antigone", "Seis Personagens", "Pega-Fogo" e tantas outras obras de grande valor, nas melhores "nôses-encène" até hoje realizadas no Brasil.

Sempre no Rio, uma atriz que, nos ultimos anos, se apresentara em franca decadência — Eva Tudor — está renovando seu estilo e seu repertório. Já recebeu verdadeiras consagrações com "Born Yesterday" e com "Historia Proibida" (adaptação de um conto de Boccaccio) e agora anuncia "Casa de Bonecas" de Ibsen.

Sérgio Cardoso numa cena de "A Filha de Iório".



Figurino de Clara Hetenyi para o personagem Dom Jayme da peça "Leonor de Mendonça".

"Leonor de Mendonça", de Gonçalves Dias.





Uma cena de "A Filha de Iório".

Uma modalidade de espetáculo que já chegou à maturidade entre nós, é o teatro de arena, graças aos esforços de José Renato e de seu grupo. O melhor trabalho por eles apresentado (e um dos grandes espetáculos do ano) foi sem dúvida "Uma Mulher e Três Palhaços", de Marcel Achard, estranha e poética fantasia humorística, onde a crítica destacou a interpretação excepcional de Sérgio Brito.

A coletividade italiana de São Paulo ofereceu ao povo, por ocasião do IV Centenário, um texto clássico da literatura peninsular, com a colaboração de um grande elenco (Cacilda Becker, Sérgio Cardoso e mais 50 figuras), além do cenógrafo Aldo Calvo e do compositor Claudio Santoro. Espetáculo de proporções ineditas em nosso teatro. Não nos cabe julgá-lo, evidentemente. Chamamos porém a atenção dos leitores sobre um aspecto da iniciativa: quase 90.000 pessoas (muitas das quais nunca tinham ido a teatro por motivos econômicos) acompanharam com religiosa atenção e aplaudiram com entusiasmo um texto difícil pelo conteúdo lírico-religioso e pela linguagem. "A Filha de Iório" poderia constituir o primeiro passo para a instituição, entre nós, de um organismo semelhante ao Théâtre National Populaire, de Jean Vilar. Na esfera da comédia de "boulevard", a melhor realização da temporada, foi sem dúvida "Bobosse", o texto mais sutil, menos superficial, de André Roussin, encenado e interpretado com muita inteligência por Armando Couto. O grande público, infelizmente, não gostou da peça, obrigando o diretor a uma "reprise" apressada da comédia de Millôr Fernandes (Vão Gôgo), "Uma Mulher em Três Atos".

Dulcina de Moraes, depois do êxito do bom drama histórico "O Imperador Galante", de R. Magalhães Junior, não apresentou nada de especialmente interessante. Jaime Costa anunciou publicamente sua intenção de abandonar o palco. Procopio continua excursionando pelo Interior, evitando os grandes centros teatrais. É toda uma geração do teatro brasileiro que vai, aos poucos, desaparecendo. Maria della Costa e Sandro Poloni estão prontos para a inauguração de seu teatro permanente, em São Paulo — uma das mais modernas salas de espetáculos da América do Sul. A peça de estréia é excelente: "O Canto da Cotovia" (L'Alouette) de Jean Anouilh, sob a direção de Gianni Ratto, cujos trabalhos de cenografia para o Piccolo Teatro de Milão foram muito elogiados por toda a crítica, que sem dúvida aguarda ansiosamente a estréia de Ratto como diretor.

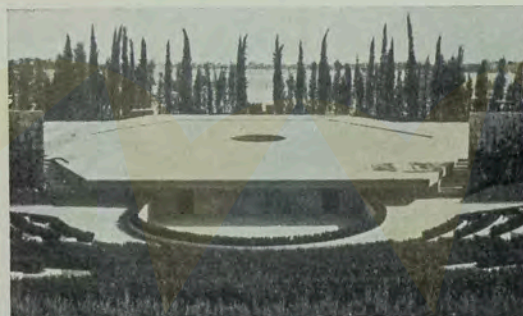
O setor didático (importantíssimo, pois é a garantia de nosso futuro, e de uma verdadeira cultura teatral) apresenta notícias boas e más: a crise interna do S.N.T. no Rio, a atividade contínua e regular da E.A.D. em São Paulo, e a reabertura dos cursos de arte dramática do Conservatório Dramático e Musical, após quinze anos de interrupção.

A revelação do ano: Walmor Chagas contracenando com Loris Rangel em "O Pensamento" de Andreiev.



Grupo de intérpretes de "E o noroeste soprou", de Edgard da Rocha Miranda, no T.B.C. Direção de Ziembinsky.

TEATRO NO ESTRANGEIRO



"Teatro Verde" na ilha de São Jorge, Veneza.

Teatro Verde em Veneza

Na ilha San Giorgio, que Carrá pintou com côres que a diferenciam de Veneza apesar de estar ali defronte em plena Bacia de São Marcos, o cimento armado acaba de vencer uma batalha técnica e artística contra o mármore. Referimo-nos ao Teatro Verde, cuja platéia ilustra esta nota. Aliás, as ilhas italianas têm a vantagem parado-

xal de constituir verdadeiras praças públicas de turismo. Bastaria citar Burano, Torcello, Capri, Elba, Giglio, Procida, Ischia, Lampedusa e Lipari. Mas San Giorgio, ali defronte do Palácio dos Doges, se retrai como aristocrata, e agora o Teatro Verde, rodeado de ciprestes, comete o milagre de, ao invés de modernizá-la, torná-la mais antiga, pois a arena de cimento armado a coloca ao lado de Verona, Siracusa, Nimes, Carcassona e Arles. A idéia de reabilitar antigas arenas desconjuntadas veio de Maeterlink, muito embora já Carducci tivesse bem antes a idéia de declamar entre as pedras tumbais da Via Appia.

Longe vão os tempos em que um empresário como Tavernari achava absurdo cantar ou representar ao ar livre. Todavia os espetáculos em Taormina venceram. Mesmo em Veneza já é lugar comum representar Goldoni no Campo San Luca, ou Shakespeare em San Trovaso. Se nos jardins Boboli, em Florença, se representa tendo como comparsas as andorinhas, doravante na ilha San Giorgio se representará clássicos e modernos tendo como tol-dos os ciprestes, e como invocadores o D'Annunzio de *Il Fuoco* e o Milosz da *Karomama*. E como anjo tutelar, vigiando lá da ilha San Michele com seu monóculo de clarividente, Diaghilev.



Ludovico Solksi no papel de Felipe II, da peça "Don Carlos", de Schiller.

O ator mais velho do mundo

No pavilhão de águas minerais de Krynica, o balneário mais famoso da Polônia, costuma fazer horas, sentado sozinho ou em conversa com eventuais amigos e admiradores constantes, um ancião com ademã aristocrático. É Ludovico Solksi, o ator mais velho do mundo. Estreou ao tempo da guerra franco-prussiana. Representa toda uma época dos anais do palco polonês, tendo interpretado mil e quinhentos papéis, principalmente de clássicos, desde Shakespeare a Schiller. Difundiu obras de indivíduos então pouco conhecidos, como Ibsen, Shaw, Gorki e Tchekov. Aos 30 anos fazia cenas de anciãos, e aos 70 atuava ainda como galã. Noventa e nove anos de vida e 80 de arte. Pois, ainda assim, trabalha duas vezes por semana impreterivelmente no Teatro Slowacki, de Cracóvia. Em junho foi comemorado oficialmente, em função de gala no Teatro Polski, a prévia do seu centenário, sendo nomeado *doctor honoris causa* da Universidade Jagellona, a mais antiga da Polônia.

O decano dos atores do mundo, Ludovico Solksi.

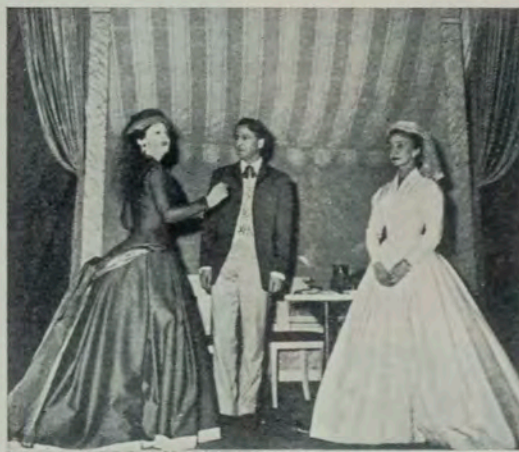


Georges Chamarat, Jean Meyer, Jean-Louis Le Goff.

Giraudoux e Anouilh

Na cotação da Bolsa Teatral, os títulos de Giraudoux, que tinham decaído durante a guerra, começaram a subir vários pontos. Em França e no estrangeiro (conforme vimos recentemente no Rio e em São Paulo com Barrault) a sua glória oficial antiga está tomando, no setor postumo, as características de entronização clássica.

Quanto a Anouilh, oscila como uma rosa dos ventos. Todavia uma de suas peças, *L'Alouette*, está servindo de teste em muitos países para uma emulação jamais vista de interpretação dos papéis de Carlos VII e Joana d'Arc. Ainda agora, na inauguração do Teatro Maria della Costa, em São Paulo, esse teste se reavivou. Parece que o padrão mais seguido, nesse sentido, é o das notáveis "performances" de Michel Bouquet e Suzanne Flon.



Cena de "Pour Lucrèce", de Giraudoux.

O teatro na Escandinávia

As gerações novas estão desbancando os canastrões fanhosos e reumáticos. Assim é que em Cristiania, Copenhague e Estocolmo, a peça "A Aventura", de Johan Borgen, fez surgir e firmar-se a glória de um ator temperamental de grandes possibilidades, Per Aabel, um novo az em dicção, arrebato e versatilidade de tipos e emoções, desde a comédia ao drama, ou da farsa à tragédia.

Cena de "L'Alouette", de Anouilh.



Cena de "A Aventura", de Johan Borgen.

Intercâmbio

Em afável "represália" ao fato dos russos terem levado à cena várias peças francesas por ocasião da visita da Comédie-Française à Rússia, elencos franceses se apossaram de repertórios russos e os interpretaram... talvez burguesamente.

Vemos aqui, como exemplos, duas balanças simétricas; enquanto "Os Miseráveis" de Victor Hugo eram interpretados romanticamente para lá da Cortina de Ferro, "Um mês na campanha", de Turgenieff orientalizava fisionomias bem latinas de atores franceses.



"Os Miseráveis", no Teatro Vakhtangov.

"L'Opéra de Quat'sous"

Eis uma peça que não cansa o público. Mas o Teatro Empire a montou recentemente, dando-lhe cenários magníficos e montagem esplêndida que romantizam ainda mais a obra de Kurt Weill e Bert Brecht. Os efeitos plásticos rivalizam com o texto.

Paul Peri, Graziella Sciutti. "L'Opera Quat'sous".





"O Ladrão de Bicicleta".



Andando sozinho pela Avenida Frochot, Jean Renoir "rumina" o material do seu próximo filme ou inovações que fará no teatro com "Júlio César".



"Le Sacre de Napoléon", de David, sugere o ecran do cinemascópio. Lógico que teria que ser aproveitado.



Lidia Baarova e Franco Fabrizzi em "I Vitelloni".

Sacha Guitry no papel de Luís XIV do filme "Si Versailles m'était conté".



Discordando e concordando com Jean Renoir

V. F.

Em conferência feita em Paris para os alunos do Instituto de Altos Estudos Cinematográficos, Jean Renoir — antes de ir encenar em Arles a peça *Júlio César* de Shakespeare — confessou a sua "ambição" de ser clássico e aduziu à necessidade, para tanto, de estabelecer uma distinção entre o realismo exterior e o interior. Evidentemente, com mais de trinta anos de carreira cinematográfica na Europa e na América, o realizador de um filme como *La Bête Humaine* pode falar em verismo exterior, da mesma forma que, tendo feito *La Règle du Jeu*, pode falar em realidade interior. Recordando mesmo sua excelente performance, alinharemos nas duas rubricas bem distintas filmes como *Swamp Water*, *This Land is Mine*, *The Diary of a Chambermaid* e *The River*, abrindo uma terceira rubrica para execuções como *La Carrosse d'Or*.

Natural que no relativo sossego da Avenida Frochot, percorra o *quartier* ruminando o material para o seu próximo filme ou revendo as aplicações que fará no teatro após tamanho tirocínio. Mas o seu desejo de vir a ser um clássico não estará realizado desde muito? Parece que Jean Renoir já atingiu aquela maturidade que admite uma revisão aperfeiçoadora e não uma pesquisa técnica diferente. Essas empreitadas são para gerações mais novas que não procuram apenas na realidade exterior nem na interior as visões estereoscópicas da vida e da arte, indo buscar nas telas clássicas ou neo-clássicas um verdadeiro arco de círculo para efeitos de painel do cinemascópio. Ainda recentemente vemos a tela *Le Sacre de Napoléon* se tornar assunto histórico "vivo", como já em pega de Shakespeare Lawrence Olivier soubera se aproveitar de tapeçarias. Acaso Sacha Guitry no filme *Si Versailles m' était conté* fez algo superior a *Le Roman d'un Tricheur*?

Não damos muita razão a Jean Renoir em aduzir à necessidade de estabelecer uma distinção entre o realismo exterior e interior. Esse conceito é apenas de classificação histórica, pois exatamente a conduta contrária, isto é, a fusão do realismo exterior com o interior, é que está dando classe artística e humana ao cinema italiano e francês; é que está possibilitando a

produção de obras-primas (que serão clássicas, essas sim) como *O Ladrão de Bicicleta*, *I Vitelloni* e *Milagre em Milão*.

Os vícios e cacoetes dos estúdios desumanizam e desambientam o personagem e o local, pela falta de paisagem e de sol (ou mesmo de noturnidade). Os atores profissionais, com sua vida marginal artificial para engabelamento dos fãs, desconhecem a multidão. De modo que o recurso de excluir os canastrões e as *vamps* e chamar para diante da câmara o povo, o homem, a rua, a criança, a sarjeta, a favela, o bairro pobre, a intimidade populante da vida, tudo isso cria aquele realismo exterior de que fala Jean Renoir. Mas se, ao invés de ser separado do verismo interior, for ligado a ele em hipóstase de carne e alma, redundará em arte nova, ambivalentes onde prosaísmo e poesia se fundem como o estanho e o cobre formam o bronze.

O verismo puro cansa, como hipertrofia documental, o romantismo intelectual enjoa como diátese artística; ao passo que a sábia amalgama cria um terceiro estado, o real ético. Trabalhando em setores estanques distintos, Jean Renoir chegará (ou já chegou) ao classicismo a que aspira. Mas ficará longe da classicidade (no sentido croceano), classicidade em que já entraram de forma empírica ou volitiva *O Ladrão de Bicicleta*, *I Vitelloni* e, principalmente, *Milagre em Milão*.

Há quem elogie estes filmes, fichando-os na pauta do realismo popular. Tal classificação é ingênua e superficial. O plano verista dessas fitas é mero talvege para as torrentes de realismo interior. Dêsse *frottage* resulta como reação química o surrealismo que dá por exemplo, em cenas e mais cenas de *Milagre em Milão*, a realidade da pobreza, da resignação, do terreno baldio, a válvula de sonho, de poesia e de milagre mesmo.

Quer nos parecer que Jean Renoir, dando aula no Instituto de Altos Estudos Cinematográficos, assumiu um papel didático em historiografia de dois períodos ou mesmo de duas escolas. Mas no festival de Arles, aplicando sua experiência cinematográfica de trinta anos ao palco, atingiu a classicidade, *malgré lui*, pois fundiu verismo exterior e interior.

HABITAT aconselha...

a leitura dos seguintes livros sobre arquitetura, desenho industrial, decoração e arte, editados ultimamente. Pedidos diretamente às respectivas editoras, ou por intermédio da nossa administração.

Arquitetura e decoração (Architektur und Wohnform), n.º 6

EDITORA: Verlagsanstalt Alexander Koch GMBH, Stuttgart, Alemanha, 1954.

Esta revista que pela primeira vez temos oportunidade de comentar é de ótima apresentação e acreditamos ser de interesse para todos aqueles que se interessam não só pela parte técnica da arquitetura como por sua estética.

O presente número traz entre outros os seguintes artigos: «Um bloco residencial moderno em Wien-Poetzleinsdorf» pelos arquitetos prof. E. Boltenstern e E. Wachberger. Situado numa elevação perto da cidade, este conjunto vem provar que desde que exista oportunidade é possível construir-se um bloco deste tipo com todos os requisitos modernos e por um preço não tão elevado. O bloco está rodeado por um jardim e por frondosas árvores e situado em tal posição que a vista dos arredores é um espetáculo para os olhos e para o espírito. «O edifício do Banco da Áustria em Linz» pelos arquitetos E. Wachberger e E. Boltenstern é uma construção onde se destacam a beleza dos detalhes, como a entrada, o terraço circundante, o último andar, as portas, os detalhes da escadaria, etc. O todo dá uma impressão de grandiosidade. Nos andares superiores existem apartamentos particulares. «O estande de exposição na Feira Internacional Britânica de Birmingham» do arquiteto Robert Gutmann, e com a colaboração de G. Hoffstead; o estande da United Steel Companies Ltd. é reproduzido fotograficamente de maneira ampla, mostrando-nos simplicidade e beleza ao mesmo tempo; de Misha Black, Rocco Room, em Liverpool, de Misha Black, Robert Gutmann e G. Hoffstead; «Casa própria num apartamento alugado», apresentado pelo arq. Werner Gaebel, dá-nos sugestões sobre a decoração interna de um apartamento; «Salas de exposição da Knoll Associates Inc. de Chicago» apresentadas por Florence Knoll, Glen Paulsen e Lewis Butler, de Nova York, mostra-nos que estes salões de exposição foram idealizados com elementos decorativos servindo de separação para paredes, soalhos e tetos, dão-nos esplêndidas idéias de como usar os modernos elementos de decoração; «Aplicação industrial de formas por Walter Wagenfeld», pelo dr. Walter Passarge, dá-nos uma série de ilustrações sobre cristais, talheres, lâmpadas e recipientes metálicos dos mais variados e modernos tipos, quer sejam objetos de luxo quer os de uso diário. Segue-se uma parte informativa destinada aos profissionais de todo o mundo: «Novo bairro residencial em Kiel-Antuerpia», pelos arquitetos Renaat Braen, Maeremans e R. Maes; «Técnicas decorativas da pintura artesanal», por E. Jacobowski Itzhoe; «Base exata para confronto de custos de construção»; «Notícias culturais»; «Exposições»; «Nova literatura do ramo».

Arte Madi

Kosice. EDITORA: Esperanza, 41, Buenos Aires, Argentina, 1954.

O movimento madi tende ir além das expressões plásticas de um Moore, de um Arp, de um Calder, além mesmo daqueles que compreenderam a necessidade de inserir nas artes plásticas o ângulo agudo, o dinamismo. O essencial para os madistas é o que se perpetua: o puro movimento exterior e interior, o esquema do radical, capaz de manifestar-se, científica, vital e artisticamente. A expressão madi procura uma propagação ilimitada e portanto aproximando-se do futurismo escultórico, mais do que a qualquer outra modalidade artística. Encontramos, ainda, na revista que cuida do movimento madi, os trabalhos de Rothfuss, sobre «Decorações e pinturas»; Alberto Hidalgo, «Poesia e pontuação»; Alberto Sartoris, «Síntese e renovação»; M. G. de la Fuente, «Elementos de construção dramática»; Diy Laan, «Prosa e canto»; G. Kosice, com dois poemas, ou sejam «De todo ade-ma, imagem» e «Espaço oscilante»; Ana Maria Bay, «Para uma plástica pura e universal»; Juan Jacobo Bejarlia, «A poesia»; Um conjunto de poesia madi, com poemas de Horácio Faedo, Antonio Undurraga e Myrte Lessarego, Lillian Schwartzkopf, Augusto Elmore, Jorge Bacacorzo, José Escobar Faria e Waldo Wellington. Segue-se um artigo sobre a II Bienal de São Paulo, Kosice, com «Ortogonalismo e novas relações na composição». Ernesto Daniel Andia, com «Inteligência»; H. J. Koellreutter, com «Na encruzilhada de duas épocas»; Herbert Eimert, com «Mística eletrônica». A revista está profusamente ilustrada com esculturas, pinturas, desenhos, gravuras e móveis, dos mais representativos madistas e aspirantes.

Kenchiku Bunka, vol. 9, n.º 7

Genshichi Shimode, EDITORA: The Shokoku-sha Publishing Co., Tóquio, Japão, 1954.

O número de julho desta revista japonesa de arquitetura traz os seguintes tópicos: «Ginásio municipal de Tóquio», o qual foi desenhado de maneira a coordenar fatores opostos como os requisitos funcionais e a reduzida quantidade de dinheiro disponível. Adotou-se o sistema da estrutura em blocos swage, tendo o cuidado de facilitar aos repórteres a máxima aproximação aos competidores. O último campeonato asiático de luta livre teve lugar no mencionado ginásio. «Uma casa para o pintor Okamoto»; Taro Okamoto, famoso pintor surrealista japonês, construiu recentemente uma combinação de atelier-

residência em sua cidade natal. A casa está cheia de inovações engenhosas do ponto de vista funcional, sendo que o atelier ocupa o centro da construção e o teto lembra as asas de um avião. «Hospital Nihon», um pequeno hospital com uma sala operatória. A planta prevê a construção de um terceiro andar, no futuro. Fachada revestida de ladrilhos, cimento branco e tijolos. «Enfermaria para convalescentes do Hospital do Ministério dos Correios»: ai devem ser acomodados todos os tuberculosos convalescentes, antes de retornarem aos seus postos. Ao contrário dos demais edifícios ministeriais, este é muito simples. «Duas plantas para Feiras Industriais». «Teatro Haiyuzas», cujas proporções estão completamente fora da habitual idéia dos palcos para espetáculos dramáticos. Muito se espera deste palco mais elevado do que os demais. Haiyuzas é uma associação de atores e atrizes com cujas doações se construiu o teatro.

Jornal do Instituto Real de Arquitetos Ingleses

(The Journal of the Royal Institute of British Architects), Londres, Inglaterra, 1954.

Neste número de agosto destacamos: «O órgão do Palácio Real de Festivais», por H. Creighton; «Fábrica de energia atômica Windscale, Sellafield, Cumberland»; «Igreja de São Francisco de Assis, Bristol», dos arquitetos Potter e Hare, onde vemos uma série de fotografias da nave principal e de várias dependências; «Laboratório de pesquisas Cosley, Wolverhampton», arquitetos Lavender, Twentyman e Percy; «O prêmio Roma de Arquitetura 1954», sobre o projeto vencedor do arquiteto G. I. Lacey, formado pela Universidade de Liverpool, departamento de desenho civil; «Infestação das igrejas pelos insetos», por A. W. McKennv Hughes; «Relatório sobre construções e materiais» e «Apartamentos do Festival em York», pelos arquitetos Gordon Toples e Robert Meadows.

O mercado da construção (Deutscher BauMarkt)

EDITORA: Braun & Co. Duesseldorf-Stuttgart, Alemanha, 1954.

Esta revista dedicada aos técnicos traz em seu número de agosto: «Rumo-Alugueis», dissertação sobre a discussão travada em torno dos alugueis e que está sendo travada nos meios oficiais alemães; «O mercado imobiliário em Baden-Wurttemberg, no 2.º semestre de 1954»; «O movimento imobiliário da Baviera no primeiro semestre de 1954»; «Espessuras de paredes, DIN 1053 e DIN 4106», por P. Thomas V. D. I.; «O mercado da madeira» e mais «Da prática pela prática». No número de 21 de agosto da mesma revista: «A qualidade do proprietário da obra»; «Ganchos para máquinas de tração», pelo eng. Riedig; «Uma pequena consideração sobre a proteção ao calor em arranha-céus»; «Da prática pela prática» e «Seguro de responsabilidades civis na construção, na Bélgica». No número de 28 de agosto: «Para a compensação ao mau tempo»; «Chapas de serradura para construção em DIN 4108, proteção ao calor em arranha-céus», pelo eng. Jesumann; «Sobre a penetração da umidade nas paredes pela difusão da umidade dos quartos», por J. S. Cammerer; «Construções absorvedoras de ruído com chapas de serradura DIN 1101», por Heinrich Drexler e «Da prática pela prática». No número de 14 de agosto: «O mais barato»; «Sobre a proteção ao ruído na construção de prédios», por P. Thomas; «A influência de um elemento de ligação para a consistência do gesso-estruque», por Wilhelm Serkin; «Observações sobre adôrnos contendo gesso e cal», por Bruno Wandser e «Da prática pela prática».

«O mundo da construção» (Bauwelt)

EDITORA: Bauwelt Verlag, Berlim, Alemanha, 1954.

No número de 9 de agosto encontramos e destacamos: «Bases para estabelecer orçamentos de construção»; «A nova cidade e a nova terra como exposição, Berlim 1954»; «Renascimento de uma cidade do mundo», por Otto Schmidt; «Uma casa de campo ao longo da costa californiana», arquiteto Richard J. Neutra; «Aquecimento por meio de raios infra-vermelhos aquecidos a gás», pelo eng. dipl. Herbert Bulnheim; «Aquecimento para os pés em coberturas de assoalhos para habitações e escritórios», por Ernest Berendt e «Limpeza de janelas nos arranha-céus». No número de 16 de agosto: «A participação sul-americana na nova arquitetura», por Alfred Gellhorn; Vários exemplos de obras erigidas na Argentina pelos arquitetos: Pater e Morea com Luis Morea; Amancio Williams, Jorge Ferrari Hardoy e Juan Kurchan e mais Abel Lopez e Federico Zemborian; «Composição comparativa de coberturas e paredes», por R. V. Halasz; «Concurso para a Escola Secundária de Dormagen», eng. vereador Herber Koenig, de Dusseldorf e «Lâmpadas de plexiglass». No número de 23 de agosto: «Decisões dignas de nota quanto aos impostos»; «As mais recentes obras do prof. Gustav Hassenplugen, Hamburgo», constando de apartamentos para funcionários públicos em Bad-Godesberg e «Casa na entrada, da escola rural de Hamburgo»; «Palcos para salas de espetáculos», por E. Dieckmann; «Pequena sugestão para a transformação da rede metropolitana de Berlim»; «A arte da construção de escadas em madeira». No número de 30 de agosto: «Nunca o mais barato», por Fritz Riedel; «Composição de uma lista de empresas e fornecedores»; «Medidas para a melhoria das condições de concorrência no mercado de construções em Berlim»; «A legislação berlinesa para a arquitetura»; «O novo edifício da Rádio-difusão de Paris»; «Fim da era do crescimento por arranha-céus, as cidades satélites de Londres», por Erich Leyser e «Elevador sem casa de máquinas no telhado», por Wilhelm Jensen.

El Exportador Americano (O Exportador Americano)

Johnston Export Publishing Company, N. York, 1954

Nos dois números recebidos, o da segunda quinzena de Junho é dedicado ao automobilismo, e conta com artigos sobre: «Carros e Caminhões novos» — «Condicionamento de ar em modelos Pontiac» — «Conservação de tetos de plástico» — «Informações sobre a exposição das indústrias de serviço automobilístico» — «Recondicionamento do cilindro mestre» — «Soldagem à forte do cilindro mestre». O número de Julho conta com: «Casos e Coisas» comentando as últimas inovações nos mais variados campos da indústria — «Produtos falantes facilitam a tarefa do vendedor» com retratos, e engenhosos exemplos desta nova invenção, para a promoção de vendas — «Venda lucrativa de sorvetes para automobilistas».

N.º de agosto: «Como organizar uma exposição do tipo «Faça o senhor mesmo» — «O novo grande comprador: os — «Motels» — «americanos» — «Maneira de vender equipamentos de alta fidelidade» — «Coisas que estão por ser feitas na eletrônica» — «O diretor do American Exporter visita a Turquia» — Notícias sobre os mais diversos produtos ora postos à venda.

Dando prosseguimento à série sobre automobilismo, este número conta com os seguintes artigos: «Sugestões para a instalação e manutenção de compressores» — «Como acabar com as batidas hidráulicas no indicador de óleo» — «As armações de aço para peças aumentam a eficiência e os lucros» — «Vantajoso o emprêgo de equipamento de aço para armazenar peças» — «Verkovich vence as 500 milhas», fazendo uma média de 210 km/h — «Seu departamento de peças permite controle seguro, adaptabilidade e pronta atenção?»

Setembro de 1954

O folheto de setembro continua divulgando fatos referentes ao automobilismo, contando, ainda, com as seguintes colaborações: «Estabelecidos novos recordes de resistência e velocidade no campo de provas da Chrysler»; «Mais potência e menos peso nos ônibus G.M., com motor de turbinas»; «Princípio do sistema coaxial de direção de força Chrysler»; «Cuidados com o sistema de freios hidráulicos»; «Tipos de termostatos e seu funcionamento»; «Quadro geral de desarranjos dos freios hidráulicos»; «Recondicionamento da bomba de água com o estôjo de consertos»; «Como se aperfeiçoou o combustível usado em carros de corridas»; «Os pneus requerem cuidados especiais em tempo de calor» e «Conselhos para a instalação de mancais principais e da biela».

Catálogo das Publicações da União Panamericana

Washington, U.S.A.

A União Panamericana conta com 21 membros, e no presente catálogo, dá indicações sobre publicações em inglês, espanhol, português e francês, tratando dos mais diversos assuntos.

A Casa Rural (La Casa Rural)

EDITORA: Biblioteca Popular Latino-Americana, Unesco, Washington, U.S.A., 1954.

O intuito da Biblioteca Popular Latino-Americana é combater o analfabetismo. A presente publicação muito elemental, trata da casa dos camponeses. Devido ao estilo ela é acessível aos quase analfabetos e cada página ilustrada alegremente, atrai a atenção e dá noções rudimentares de higiene. A União Panamericana é uma instituição que existe há mais de 70 anos e conta com um corpo de colaboradores eficientíssimo; são eles que fornecem o material à Biblioteca Popular.

A Arte Esquecida (The lost art)

Robert Sowers, EDITORA — George Wittenborn Inc., New York, U.S.A., 1954.

A editora George Wittenborn está publicando uma série de livros sobre «Problemas de Arte contemporânea».

No volume em apreço é contada e ilustrada a história dos vitrais a começar pelos artesões da época Carolingiana e as pequenas janelas de Augsburg do século XI e terminando nos dias de hoje. A glória das catedrais de Chartres e Canterbury é decantada. A grande tradição dos vitrais, seu apogeu, seu declínio e finalmente o conflito entre os objetivos do fim da Idade Média e os do início do Renascimento, nos é contada neste livro.

O presente rejuvenescimento é visto em relação aos recentes desenvolvimentos de outras artes visuais. A arte esquecida dos vitrais é reconhecida como sendo uma das maiores expressões artísticas de todos os tempos.

Segundo Malraux, no norte da Europa as outras formas da pintura apareceram tão tardiamente porque os vitrais eram o supremo meio de expressão colorística. Atualmente Matisse em Vence, Léger em Audincourt e um significativo número de artistas de outros países estão se entregando a essa técnica que, devido ao seu caráter arquitetônico, fará com que a pintura saia dos museus.

Centro Interamericano de Vivenda

EDITORA: União Panamericana, Washington D. C., 1954

Recebemos o boletim anual de 1953 desta seção da União Panamericana que visa solucionar um dos mais sérios problemas que afligem as repúblicas latino-americanas; as moradias inadequadas.

O «Centro» muito tem feito nesse setor e conta com um numeroso corpo de colaboradores que pesquisam, estudam, instruem e informam sobre a deficiência das habitações existentes tanto no interior como nos grandes centros. Além deste boletim foram publicados os números 10 e 11 de «Vivienda y Planeamientos», folheto publicado mensalmente pela mesma instituição.



Maquete do conjunto das Exposições.

O “Palácio das Indústrias”, no Parque Ibirapuera

A arrojada concepção urbanística do plano de obras do Parque Ibirapuera, deve-se aos engenheiros Oscar Niemeyer Filho, Ulhôa Cavalcanti, Zenon Lotufo e Eduardo Kneese de Melo, tendo ficado a parte de arborização e ajardinamento a cargo do Dr. Augusto Teixeira Mendes. Do Ginásio de Esportes se encarregou o Departamento de Esportes do Estado de São Paulo, tendo sido o projeto elaborado pelo arquiteto Icaro de Castro Melo.

Por “Parque Ibirapuera” compreende-se a área da cidade assim delimitada: Rua Manuel da Nobrega, rua Abílio Soares, rua Curitiba, Corrego do Sapateiro, Avenida Rodrigues Alves, rua França Pinto, Avenida Indianopolis e rua Manuel da Nobrega. Essa gleba de terra mede exatamente um milhão e oitocentos mil metros quadrados. A parte utilizada pelas obras do IV Centenário não excede, entretanto, de 5% da área total. Segundo Theodoro Sampaio, a palavra tupi “Ibirapuera” significa pau, arvore, madeira velha; segundo João Mendes Junior, pau pôdre. Diz o primeiro em sua obra “O Tupi na Geografia Nacional”: Ibirá — pau, arvore, madeira; vara, viga, tóro, tronco, Poera — V. coêra ou quera. Quera — adj. velho, extinto, passado, o que já foi. Diz o segundo em seu livro “Dicionário Geográfico da Província de São Paulo”: Ibirapoera — Aldeamento de indígenas, no lugar em que é hoje a Vila de Santo Amaro. Foi fundada em 1560, pouco mais ou menos, pelo Padre José Anchieta. Ibirapuera, corruptela de “ibirá-puera (pau pôdre). De “ibirá” (arvore, pau, madeira) puera,

mesmo que cuêra, partícula de pretérito. A tradução literal é o que foi pau, o que foi madeira. Alusão a existir então nessa região muito pau pôdre, proprio para lenha.

*

O Palácio das Indústrias, por suas linhas arquitetônicas modernas, elegantes e harmoniosas, está em completa consonância com todo o conjunto do Parque Ibirapuera. Trata-se de um dos mais imponentes palácios do vasto Parque, tanto pela sua beleza artística como pelo seu valôr. Esse edifício, unidade do conjunto do Ibirapuera, foi projetado por Oscar Niemeyer.

Dados técnicos

O edifício ocupa uma área de 252 m de comprimento e de 50 de largura. A área construída é de 39.450 m², tendo sido consumido, em sua construção, um volume de 12.050 m³ de concreto armado. Consumiram-se 134.260 sacos de cimento e 2.078.500 ks. de ferro foram empregados no concreto. Os vidros colocados no edifício ocupam uma área de 8.394 m².

O edifício compõe-se de um pavimento térreo, uma sobreloja de 600 m², um porão de 1.500 m², além de mais dois pavimentos. Dando acesso aos pavimentos superiores existem, além de dois elevadores, duas escadas rolantes e duas rampas, uma interna e outra externa. As escadas rolantes, primeiras construídas no Estado, têm, cada uma, a capacidade de transportar 5 mil pessoas por hora, e ligam o pavimento térreo à sobreloja e esta ao

primeiro andar. As rampas, tanto a interna, quanto a externa, além da comodidade que oferecem, impressionam pela beleza de sua arquitetura e pela harmonia e equilíbrio de suas linhas, lembrando, geometricamente, a fôrma helicóide.

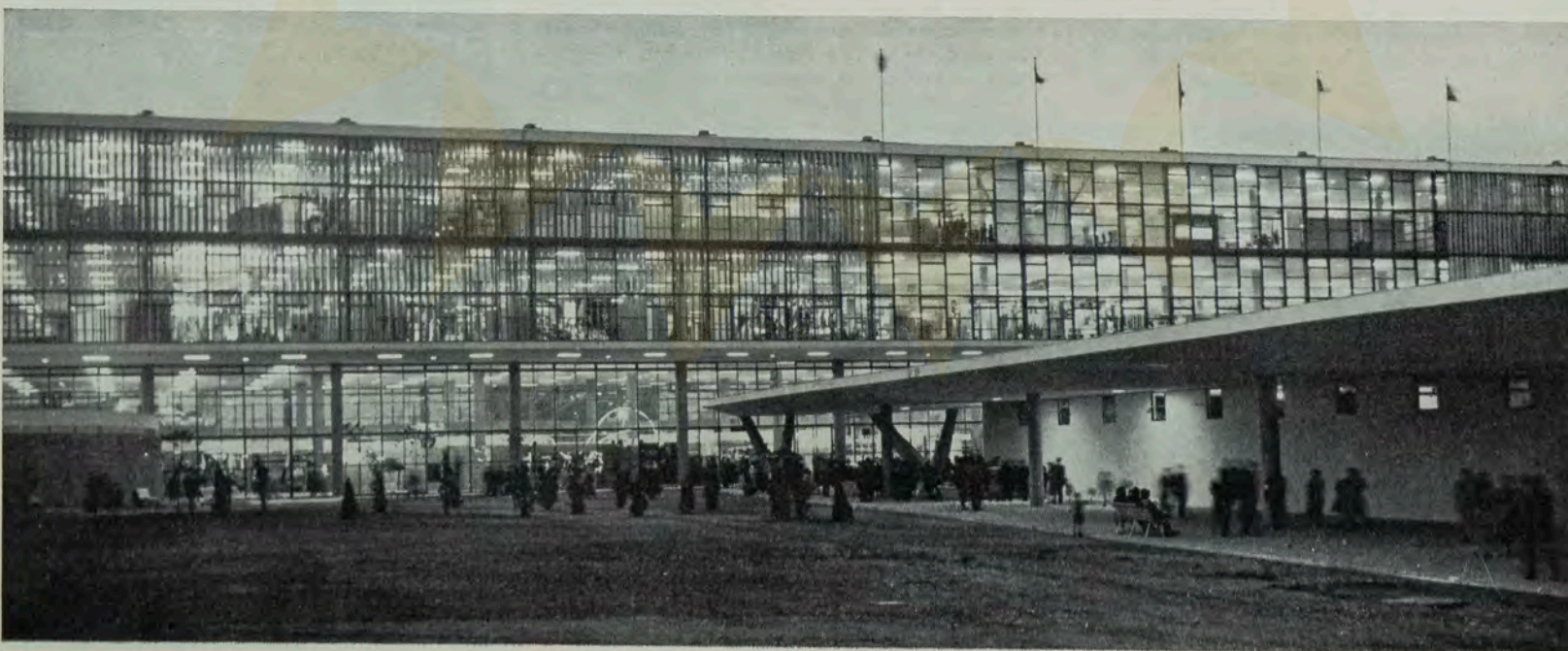
O edifício, todo construído em concreto armado e coberto de alumínio, apresenta, nas suas fachadas noroeste e sudeste, belos e modernos caixilhos de vidro e, ainda na fachada noroeste, brise-soleil de alumínio. A estrutura do prédio possui balanços laterais de 7,50 ms., presos às vigas transversais no telhado por cabos de aço.

Finalidade do Palácio

O Palácio das Indústrias tem por finalidade a apresentação da indústria paulista, isto é, do maior parque industrial da América Latina, na Exposição do IV Centenário.

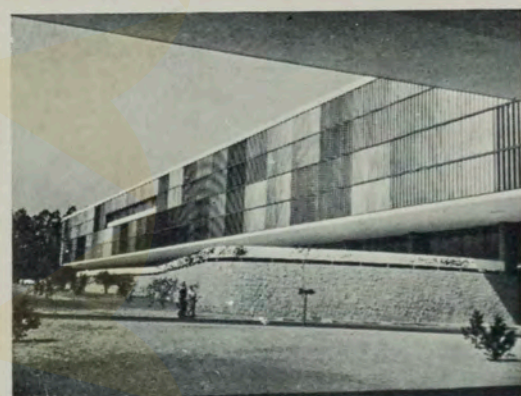
O Pavilhão Verde

“Pavilhão Verde” é o nome do prédio construído como complemento ao Palácio das Indústrias, com a finalidade de atender à necessidade de maior espaço para a montagem de stands dos expositores da Exposição do IV Centenário de S. Paulo. O novo prédio ocupa uma área de 5.610 m² e se constitui apenas de um vão. Possui uma estrutura metálica de ferro, e onze arcos. Sua cobertura é de chapas de alumínio com um lanternim coberto a vidro, e seu fechamento lateral de placas de cimento e janelas de concreto. É facilmente desmontável.





Fotos: Ernesto Mandowsky e Serviço da Imprensa do IV Centenário.



Habitat, em seu número 16, localizou pormenorizadamente o conjunto arquitetônico que a equipe de arquitetos formados por Oscar Niemeyer Filho, Helio Uchôa Cavalcanti, Zenon Lotufo e Eduardo Kneese de Melo projetou e que foi construído no Parque Ibirapuera. O conjunto arquitetônico, possibilitou a este logradouro público tornar-se soberbo fulcro das atenções mundiais uma vez que ali estão se realizando vários certames comemorativos da passagem do quarto centenário da fundação de São Paulo. O conjunto arquitetônico e urbanístico, apesar de não estar inteiramente concluído, é grandioso e causa profunda impressão não somente aos brasileiros como àqueles que atraídos pelo "slogan" de que "São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo", aqui aportam para conhecer de perto o fenômeno. Na edição referida, a de número 16, mostramos o conjunto no seu aspecto arquitetônico. Nesta edição desejamos dar certos destaques aos interiores dos vários pavilhões que estão servindo de local às exposições. Num desses pavilhões, o da indústria, merece destaque o trabalho decorativo e de exposições das várias organizações comerciais, industriais e agrícolas que com suas realizações tornaram possível o progresso e a grandeza de São Paulo que em apenas quatro séculos, realizou trabalho que nações milenárias estão longe de se igualar.

Nas páginas seguintes, apresentamos aos nossos leitores os mais destacados stands e pavilhões, para devido estudo e comparação, seja na parte construtiva ou decorativa. Todos merecem os nossos aplausos pelo trabalho realizado, dando um aspecto sóbrio e elegante à Exposição no Palácio das Indústrias.





No stand que Pontes S. A. instalou como uma homenagem à cidade que mais cresce no mundo, podemos admirar a extensa linha de móveis funcionais fabricados por essa organização moveleira, utilizando-se da madeira pinho, compensada e dos plásticos, outro material novo na vida dos povos.

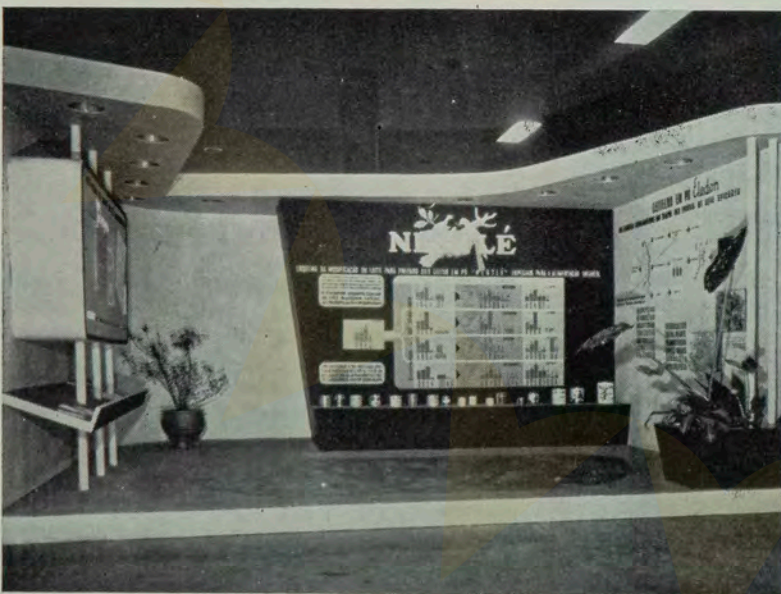


Pontes S. A. - Indústria de Móveis Artísticos

Procurando dar um sentido modernizado e apresentando uma nova linha e um novo aspecto a móveis que se destinam ao conforto e ao guarnecimento das residências, dos terraços, dos clubes ou dos escritórios, Pontes S.A. Indústrias de Móveis Artísticos, realiza magnífico trabalho manufatureiro. Utilizando-se de uma espécie de material até há pouco relegado a lugar secundário, a madeira com-

pensada, os móveis que levam a etiqueta já conhecida "Z", realmente constituem algo de novo na indústria moveleira nacional. Modelos próprios e para todas as finalidades, na realidade, criaram conforto e beleza, como e ainda, pelas suas linhas equilibradas e harmoniosas, proporcionam maior satisfação àqueles que desejam um móvel "diferente" para o seu "habitat".

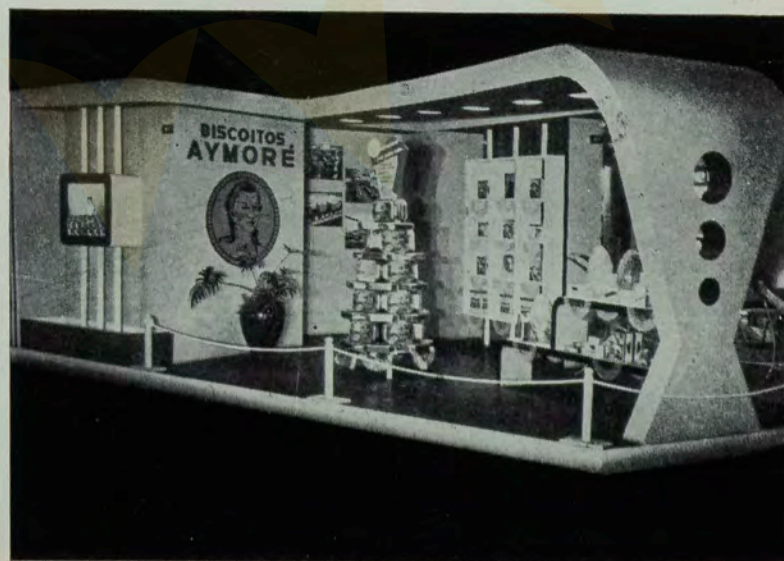
Produtos Nestlé



A industrialização do leite no Brasil vem progredindo animadoramente. A Nestlé, que há anos opera no Brasil, mostra-nos no seu sugestivo stand toda a linha de fabricação como também importantes gráficos referente à sua ação no país.

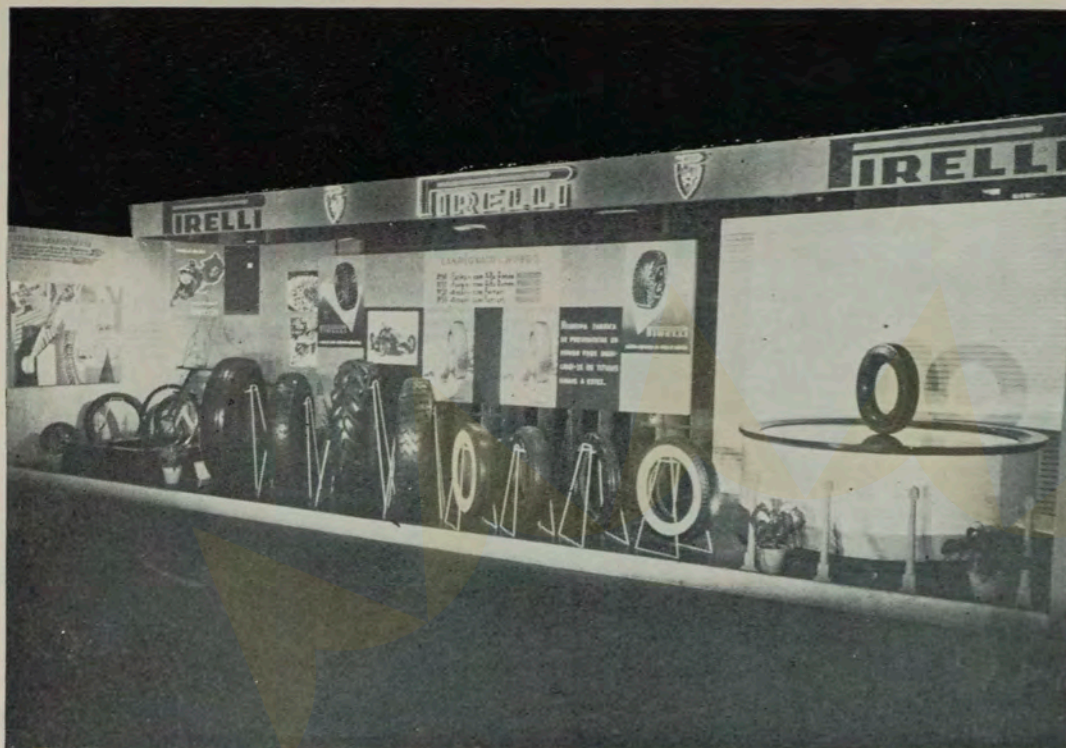
Biscoitos Aimoré

Manipulação esmerada, alto rigor técnico e magnífica apresentação, fazem dos produtos alimentícios Aimoré, motivo de satisfação por parte dos brasileiros. O stand que a Aimoré instalou no Ibirapuera, moderno e funcional, dá-nos uma visão de pujança daquela organização.



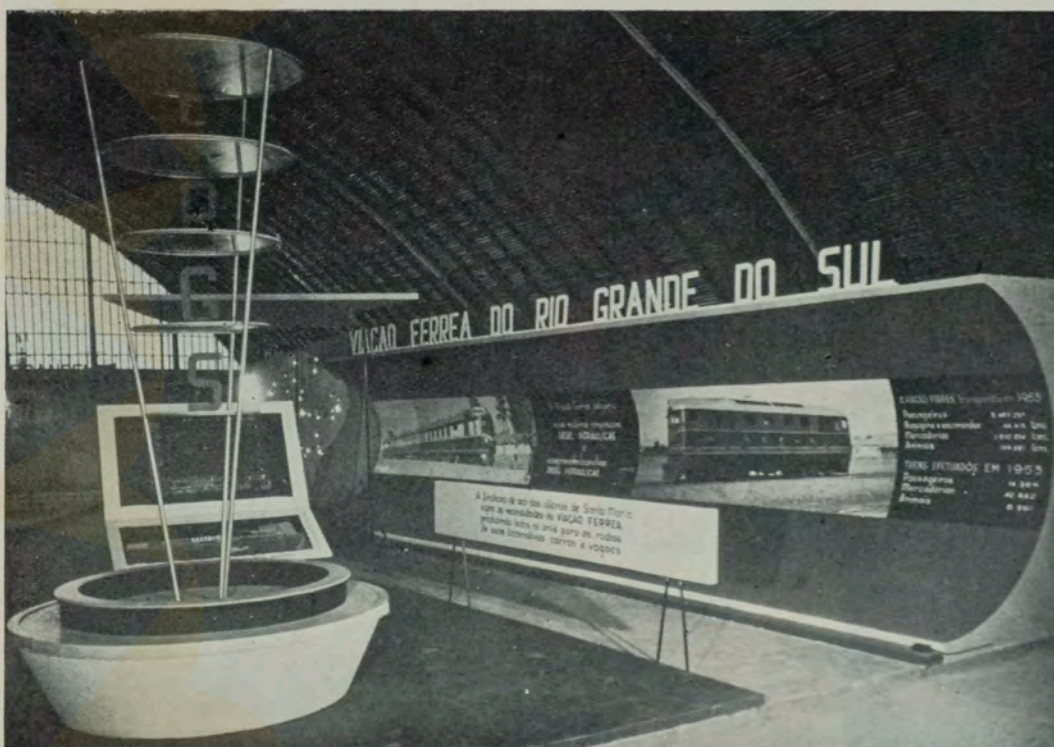
Projeto e decoração dos stands da Nestlé e Aimoré, pelo
STUDIO DE PEIXOTO

Rua Joaquim Silva, 133, Fone 52-7002; Rio de Janeiro



Pirelli S. A.

Os elementos de atração deste stand são constituídos por um plano eletro-magnético o qual aciona um pneu pousado num espelho e por duas bicicletas com manequins móveis e estilizados para maior realce dos produtos. O fundo do stand é constituído de elementos semi-transparentes para impedir a obstrução das janelas do prédio bem como criar um ambiente que permita melhor visibilidade dos objetos expostos. Cartazes e painéis ilustram e registram as vitórias esportivas e as qualidades dos produtos expostos.



Viação Férrea do Rio Grande do Sul

Na frente, uma torre giratória com as iniciais da companhia, suporta um arco de trem o qual tem um peso aproximado de mil quilos. O fundo é constituído por uma parede semi-circular que faculta a exposição de fotografias e gráficos, e um mapa com luzes intermitentes indicando a extensão das linhas percorridas pela companhia.

Não se trata de uma exposição de produtos, mas tão somente da ilustração das várias atividades da V.F.R.G.S. O resultado foi alcançado graças à disposição das fotografias, textos, gráficos, aplicados numa arquitetura simples mas movimentada e com o propósito de facilitar e atrair a atenção dos visitantes.



Fichet & Schwartz-Hautmont

O nome da expositora é suportada por uma estrutura estilizada construída pela própria fábrica. As esquadrias, montadas em frente de uma fotografia da cidade, tem o propósito de mostrar a aplicação e a funcionalidade das mesmas.

A exposição das realizações de Fichet & Schwartz-Hautmont é feita por meio de um painel fotográfico iluminado e que ocupa a extensão total do stand. As cores cinza, verde, branco e preto com as quais o stand foi decorado, dão grande efeito ao mesmo.

Stands desta página e da página 81, executados por FLORENÇA ARTE DECORAÇÕES LTDA.

Rua Augusta, 2884; São Paulo



Stand da Fábrica Metalúrgica de Lustres Ltda.

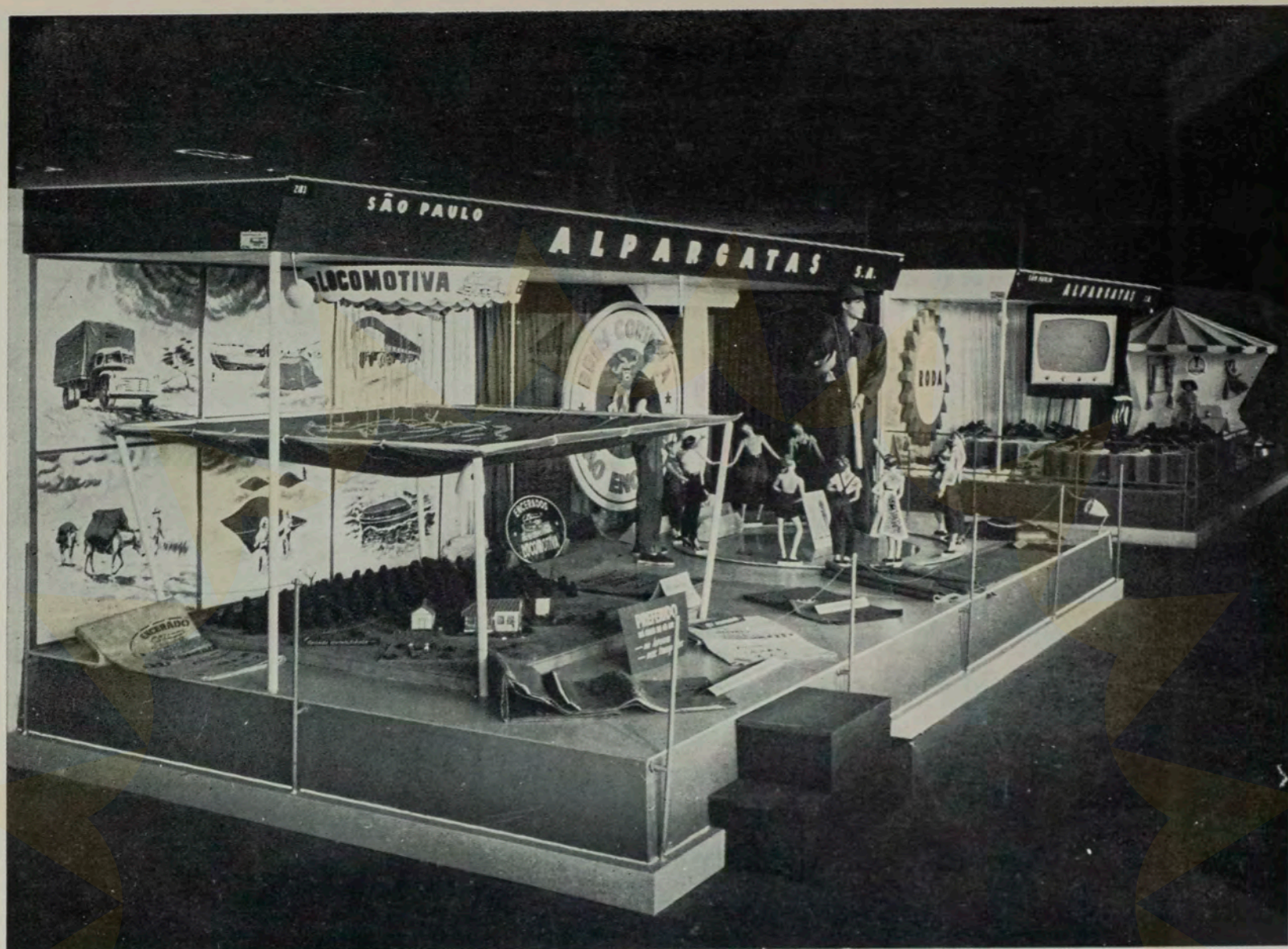


O stand da Fábrica Metalúrgica de Lustres Ltda. apresentou um problema que consistia em dar destaque à duas linhas de fabricação da dita firma, uma de iluminação residencial, e a outra de iluminação industrial e pública, o que foi magnificamente solucionado pelos decoradores.

A parte da iluminação residencial foi resolvida formando-se um ambiente com as paredes pintadas em cores (verde e terracota) e o fôrro em azul escuro, dando, desta maneira, maior realce às peças expostas. Completou-se esta decoração com uma mobília adequada de linhas modernas e colocaram-se ainda, ao lado da mobília, algumas plantas, tornando o recanto acolhedor.

De outro lado, onde se acham expostos os aparelhos industriais, a cor escolhida para a parede foi um cinza claro, cor neutra, sobre a qual foram fixadas as instalações elétricas blindadas, e os aparelhos de iluminação. Ao fundo, foi desenhado um painel que, com o aparelho de iluminação pública exposto, nos dá a sensação de vermos uma rua com uma série destes aparelhos colocados.

Também ao fundo, para dar certo movimento na exposição, colocou-se uma tela para projeção de "slides" coloridos, de instalações e fornecimentos já executados.



São Paulo Alpargatas S. A.



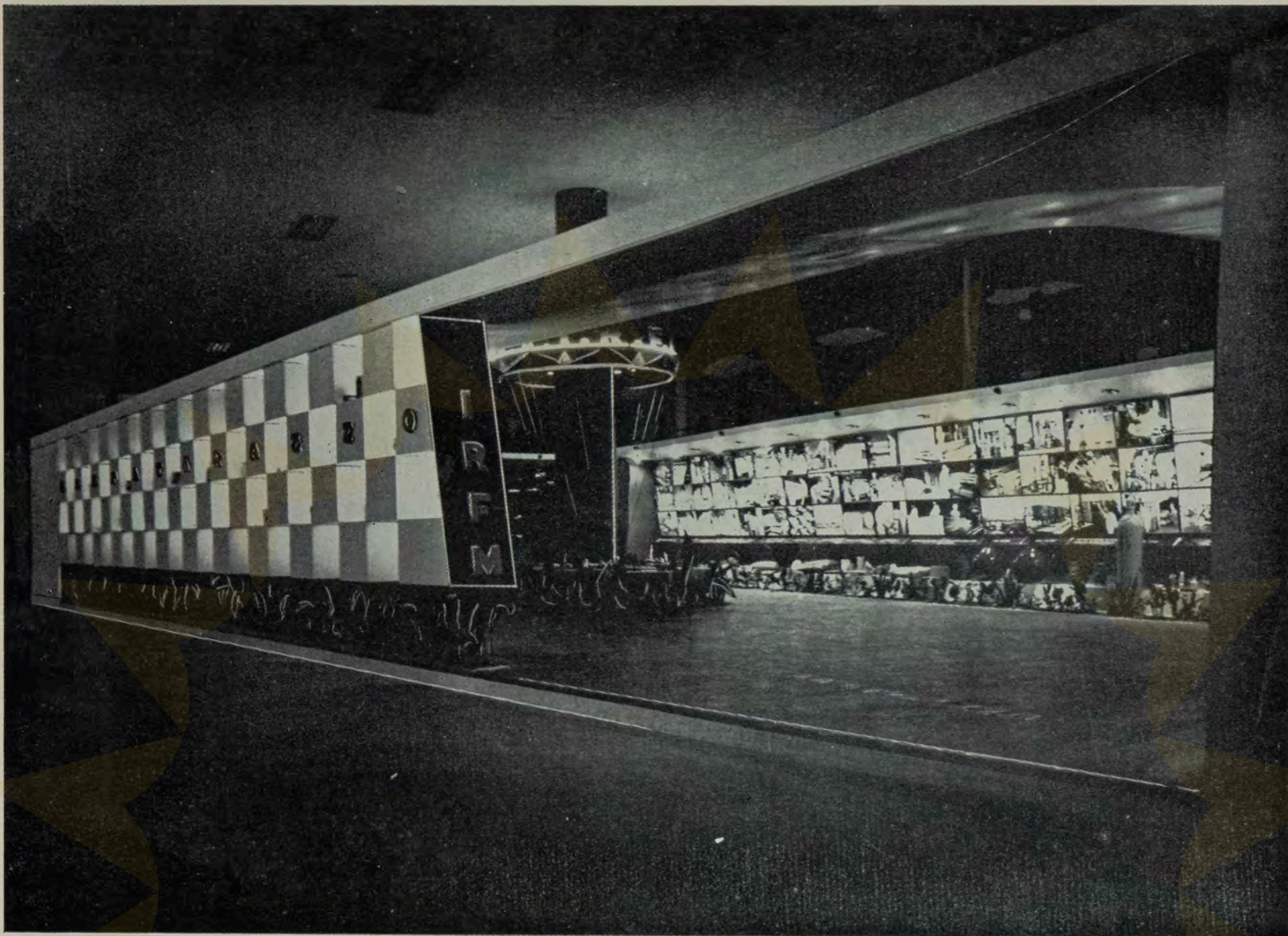
R. Simon

Foram construídos stands que, pela sua movimentação ou qualquer outro ponto de atração, podiam acompanhar as linhas arquitetônicas dos monumentais edifícios.

O serviço dos decoradores foi uma árdua tarefa, pois tiveram de completar, dentro de um prazo curto, stands, fazendo verdadeiras instalações, de ramos mais diversos. Nos 55 stands feitos pelo *Studio de Decorações Prodis Display Ltda.* foram aplicadas diversas inovações, como displays movimentados e iluminados com black-lights, soalhos plásticos sem juntas em todas as cores, bem como os já conhecidos painéis *Pro-Port* para exposição de qualquer tipo de mercadoria, podendo dar destaque a cada artigo individual.

O *Studio Prodis* teve que apelar a todos os esforços de seus empregados, visto que quase cada stand exigiu a participação de marceneiros, pintores, mecânicos, encanadores, eletricitas, pedreiros e desenhistas.

Apresentamos alguns dos 55 stands construídos, bem como uma das lojas feitas em baixo da marquise.



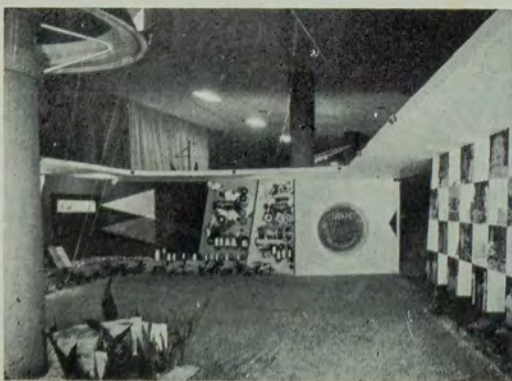
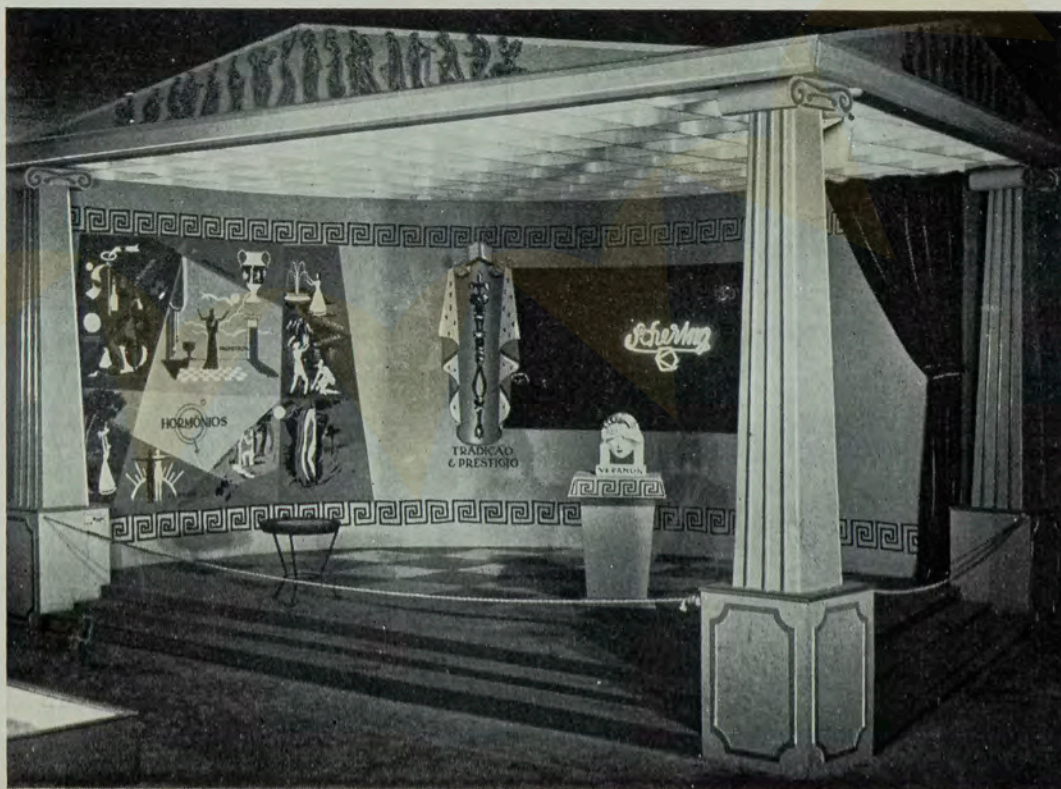
I. R. F. Matarazzo

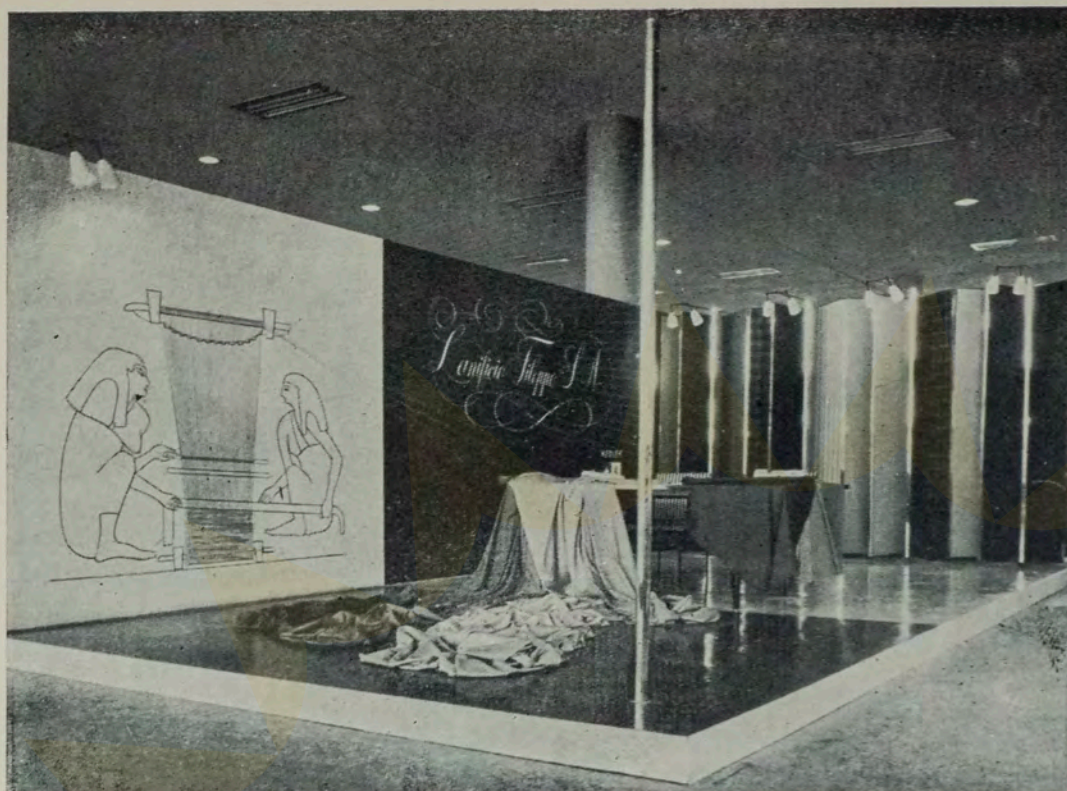
Indústria Química Farmaceutica Schering

Os stands das páginas 82 e 83 foram projetados e executados pelo

**STUDIO DE DECORAÇÕES
PRODIS DISPLAY LTDA.**

R. Teodoro Sampaio, 867; fone 80-4485; S. Paulo.





Lanificio Fileppo S.A.

O stand do Lanificio Fileppo resulta de uma relação de planos de grande simplicidade arquitetônica, em branco e preto, que valorizam em grande contraste, o colorido e a textura do artigo apresentado, que são tecidos de lã.

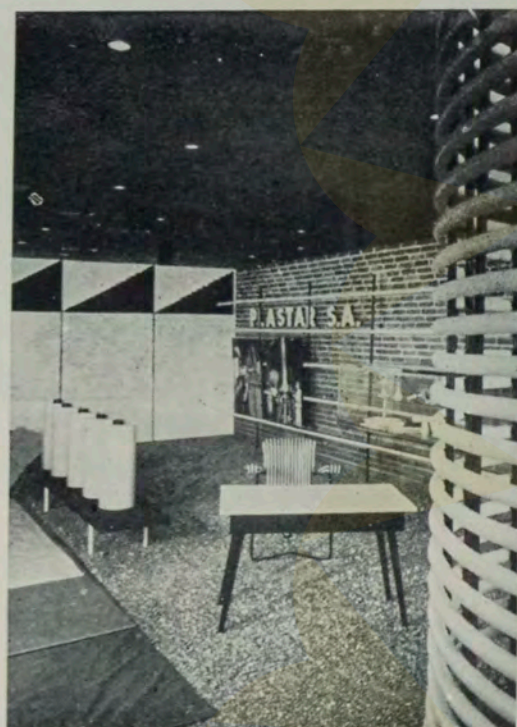
Apesar das dificuldades que os decoradores e arquitetos encontraram para a realização dos trabalhos de decoração de stands, destinados à mostra industrial nos Pavilhões da Exposição do IV.º Centenário, pensamos ter podido apresentar alguns trabalhos que mereceram a especial

atenção e colaboração dos industriais, para que os mesmos atingissem um nível razoável. Os stands que focalizamos nestas duas páginas, foram projetados pelo grupo de arquitetos da *Loja Branco e Preto*, Dr. Miguel Forte, Carlo Millan e Roberto Aflalo.



Pianos Brasil S.A.

O tema que se prestou para uma composição romântica na sua forma, foi resolvido dentro de uma atmosfera de requinte relacionado com a qualidade do piano ali exposto.



Plastar S.A.

O contraste que forma o muro de tijolo, o chão coberto de pedregulhos, com a outra parede em cores contrastantes, empresta uma nota especial a esse stand.

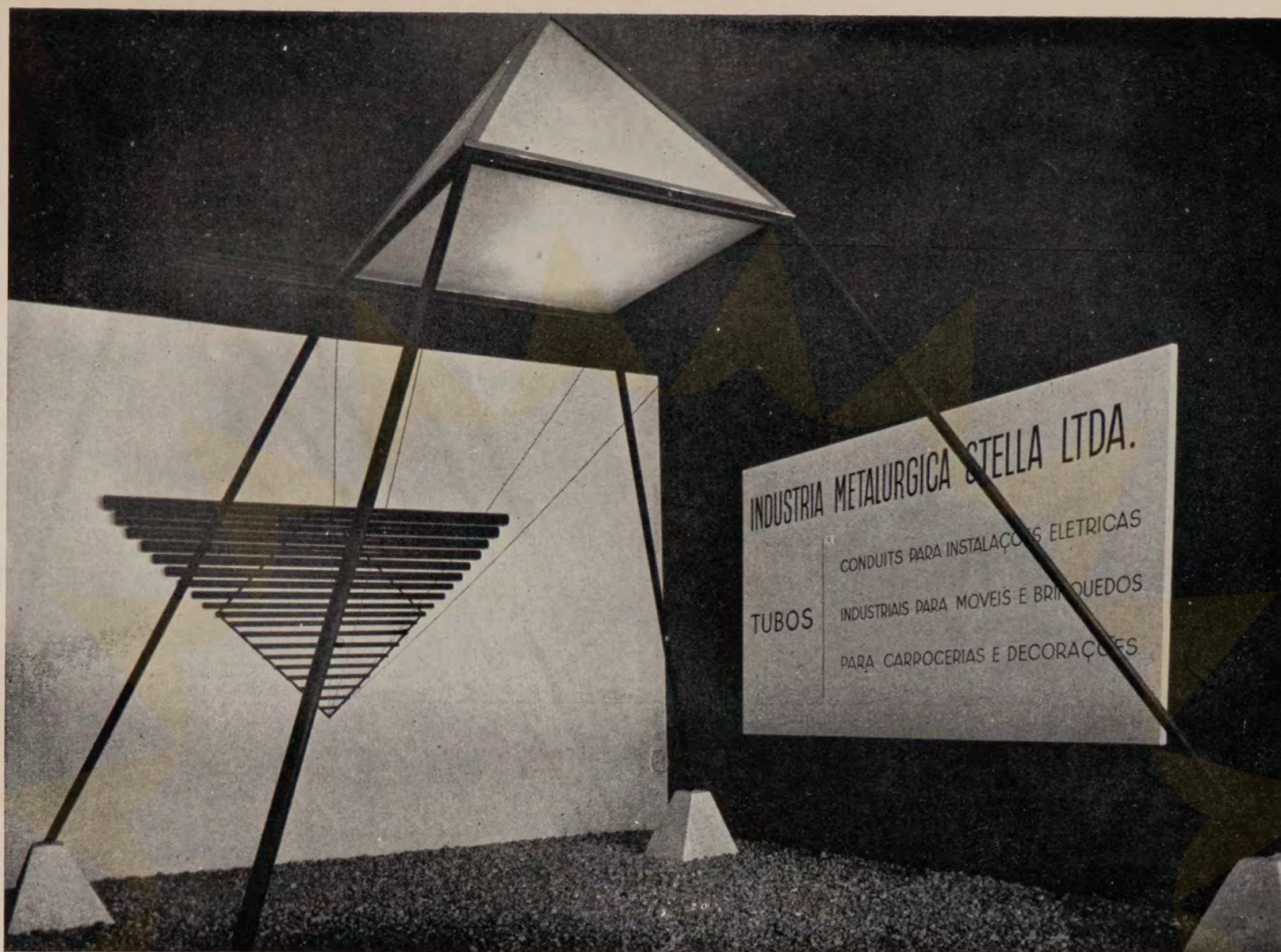
Os produtos ali expostos, tanto na vitrine ou colocados no chão, pela variedade de cores aumentam ainda a plasticidade da decoração.

Stands desta página e da página 85:

J E P

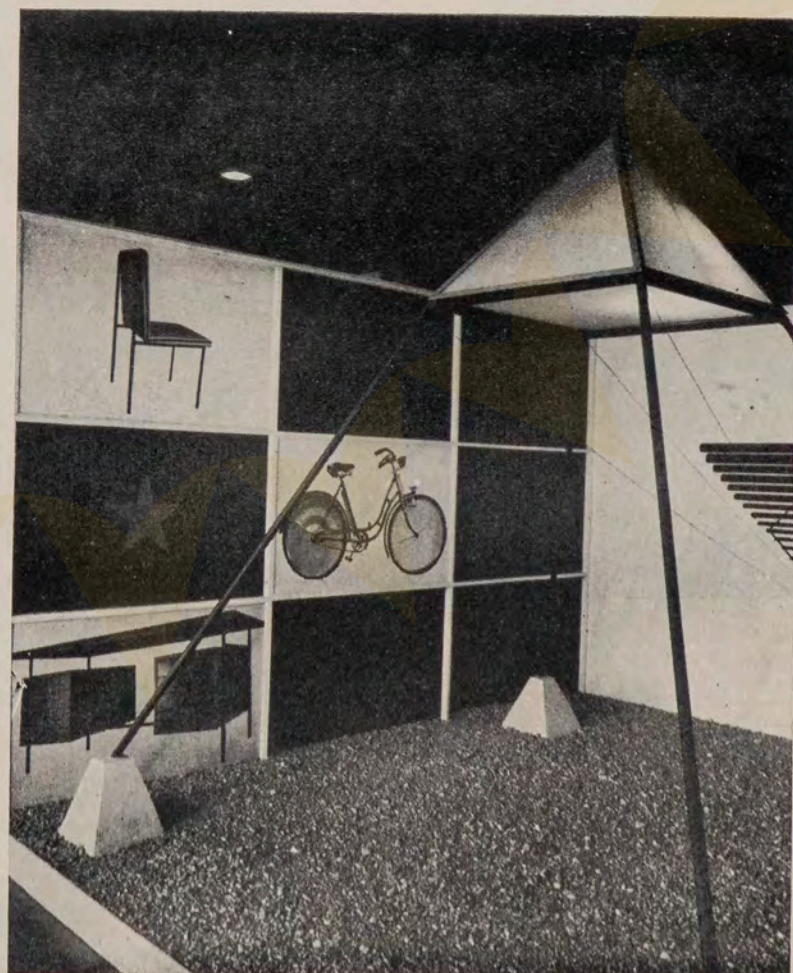
PUBLICIDADE E DECORAÇÕES LTDA.

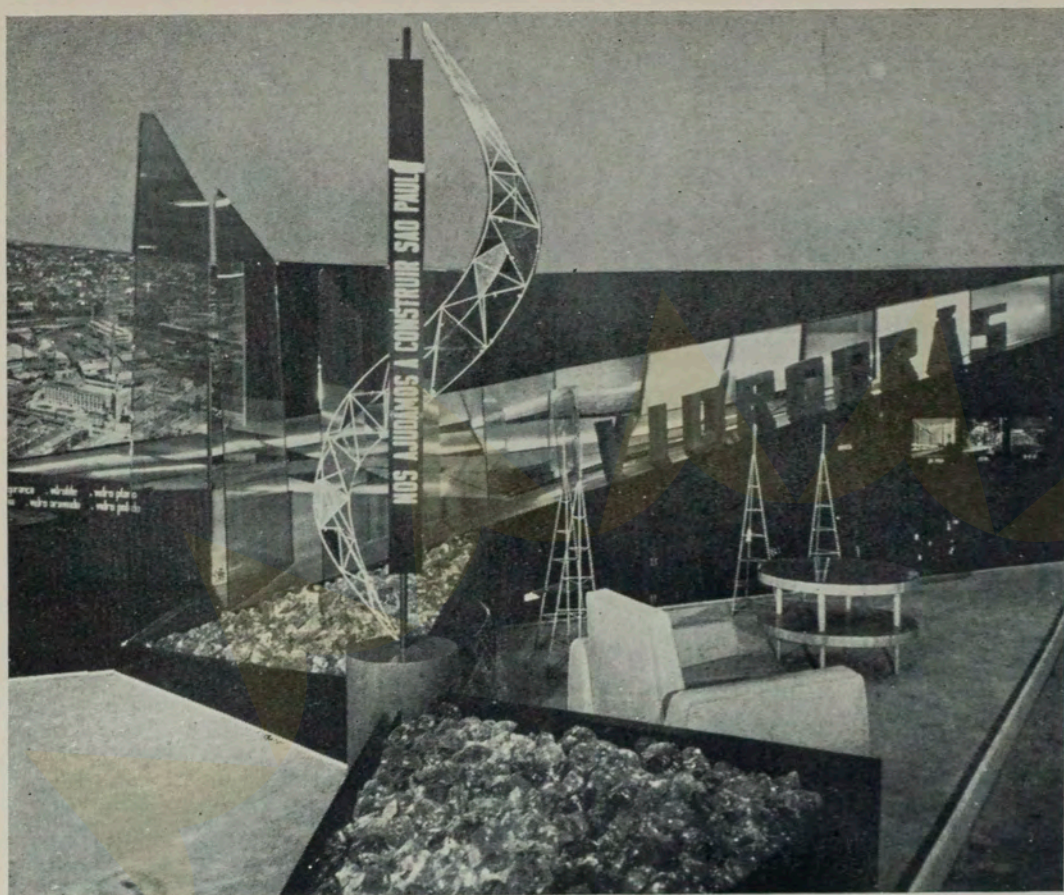
Rua 7 de Abril, 277; 7.º andar; Conjunto 7-B
Fone: 37-3071; São Paulo



Stand da Indústria Metalúrgica STELLA Ltda.

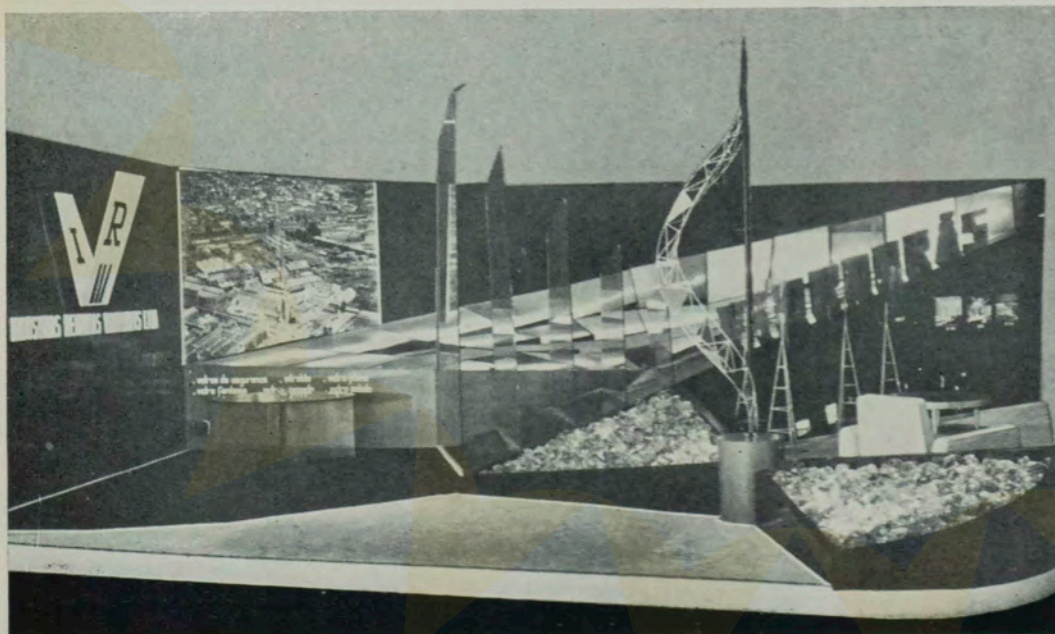
O stand da Indústria Metalúrgica Stella Ltda. foi montado num espaço muito restrito, com material de fácil apresentação da própria indústria: tubos. Estes são destinados à serviços de eletricidade (conduits), tubos industriais para móveis e brinquedos, tubos para carrocerias e para decoração. A montagem do stand foi resolvido através duma composição abstrata e simbólica dos usos e aplicações do referido material.





Em sua composição moderna e equilibrada procurou-se a apresentação de mostruário por efeitos de estrutura em ferro e vidro e ainda pelo elemento decorativo de iluminação com movimento intermitente.

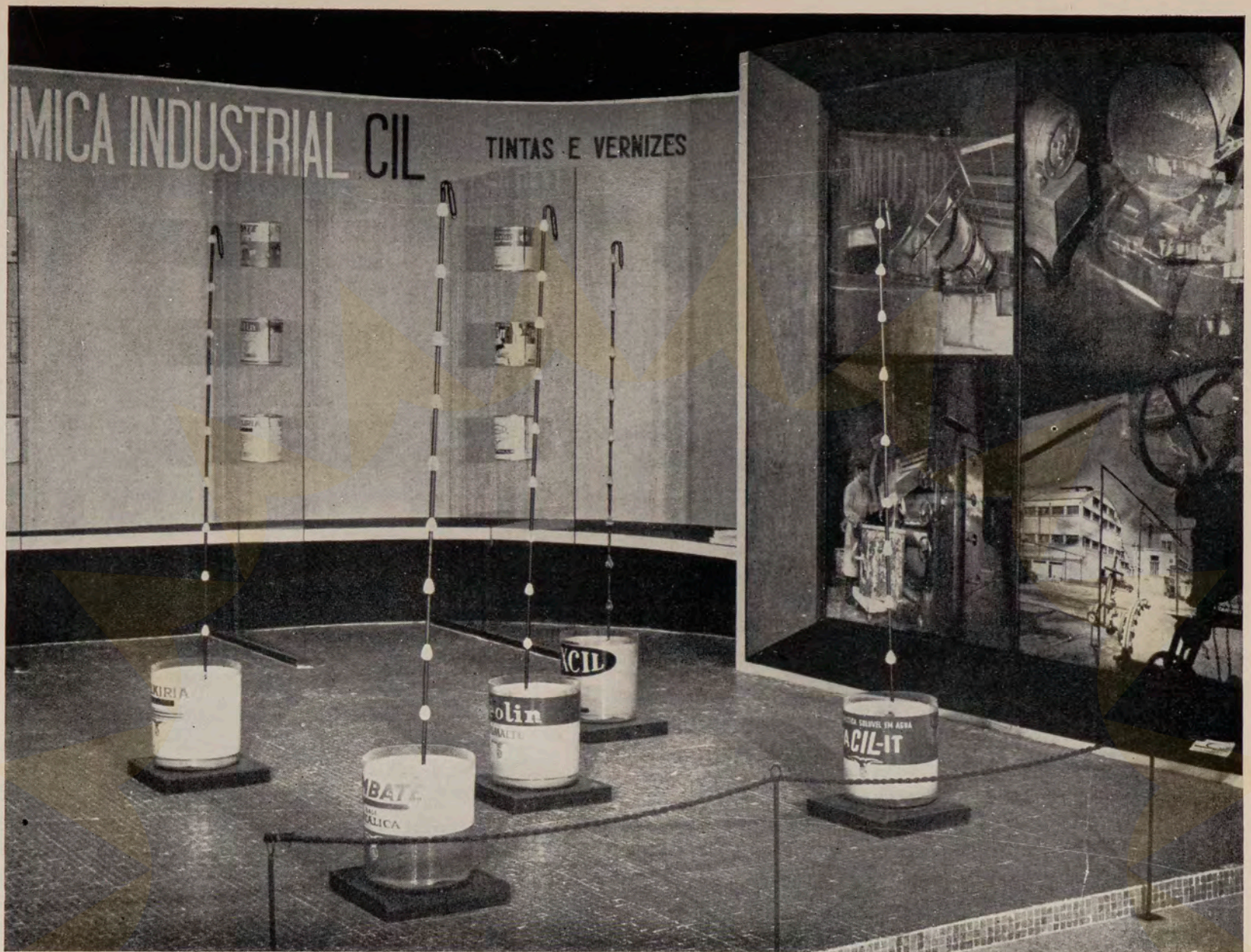
Stand das Indústrias Reunidas Vidrobrás Ltda.



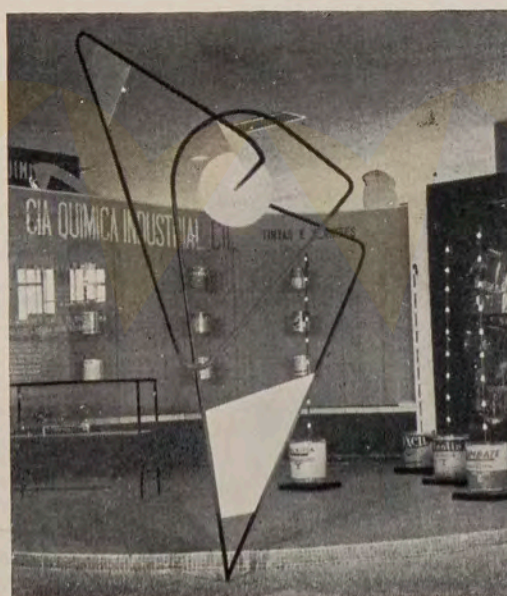
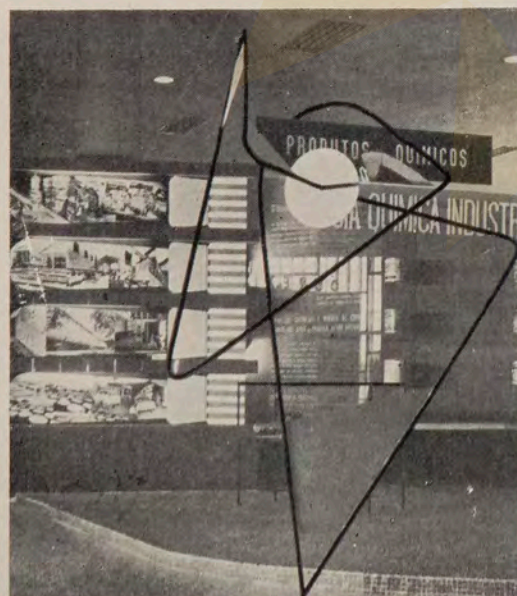
*Projeto da decoração e execução do stand da
"Vidrobrás", desta página e da "CIL", da página 87:*

ALVARO LANDERSET SIMÕES

Rua Conselheiro Crispiniano, 344; 10.º andar; conjunto 1007; fone 35-7903;
São Paulo.

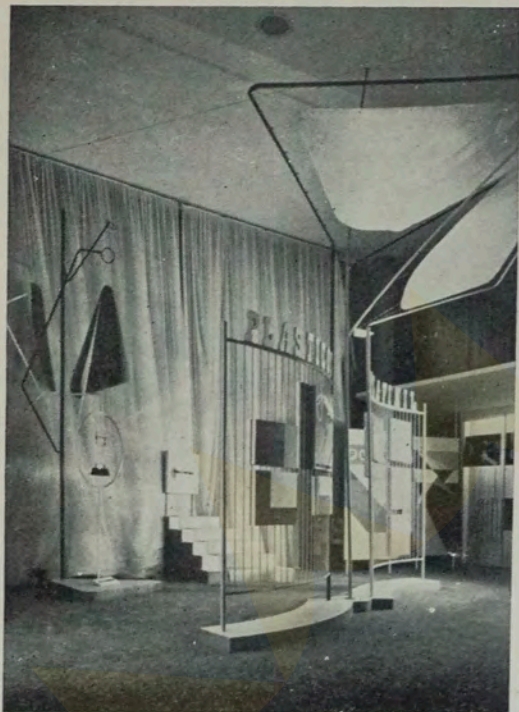


Stand da
Cia. Química Industrial "CIL"



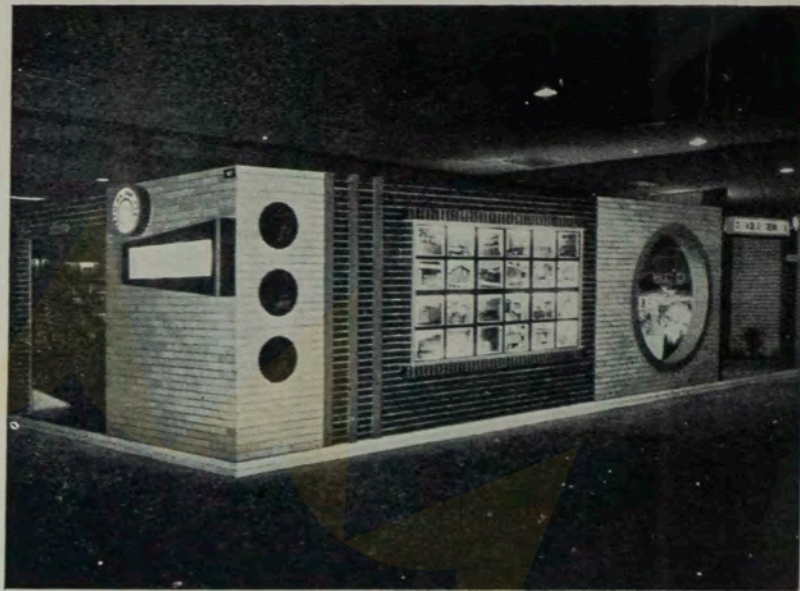
Em suas linhas simples houve o propósito de pôr em evidência o prestígio da Empresa, pela composição monumental de um painel fotográfico que apresenta diversos aspectos de instalação e fabricação. Representa este trabalho pelas suas dimensões e material empregado (fotos coloridas transparentes de um metro quadrado cada) o único até hoje realizado no Brasil.

Plásticos Plavinil S. A.



A utilidade e as inúmeras aplicações que vêm tendo os plásticos, foram motivos para que os Plásticos Plavinil S/A, organização pioneira na fabricação desses produtos no Brasil, se colocasse em situação mais que privilegiada. Plásticos para todos os fins que se queira imaginar.

Cerâmica São Caetano S.A.



Constitue festa para os olhos e para o espírito a riqueza e a variedade de produtos que a Cerâmica São Caetano S. A. vem produzindo e que vêm sendo aplicado de maneira intensa em inúmeras classes de construções em São Paulo e no Brasil.

A. Cardozo S. A.

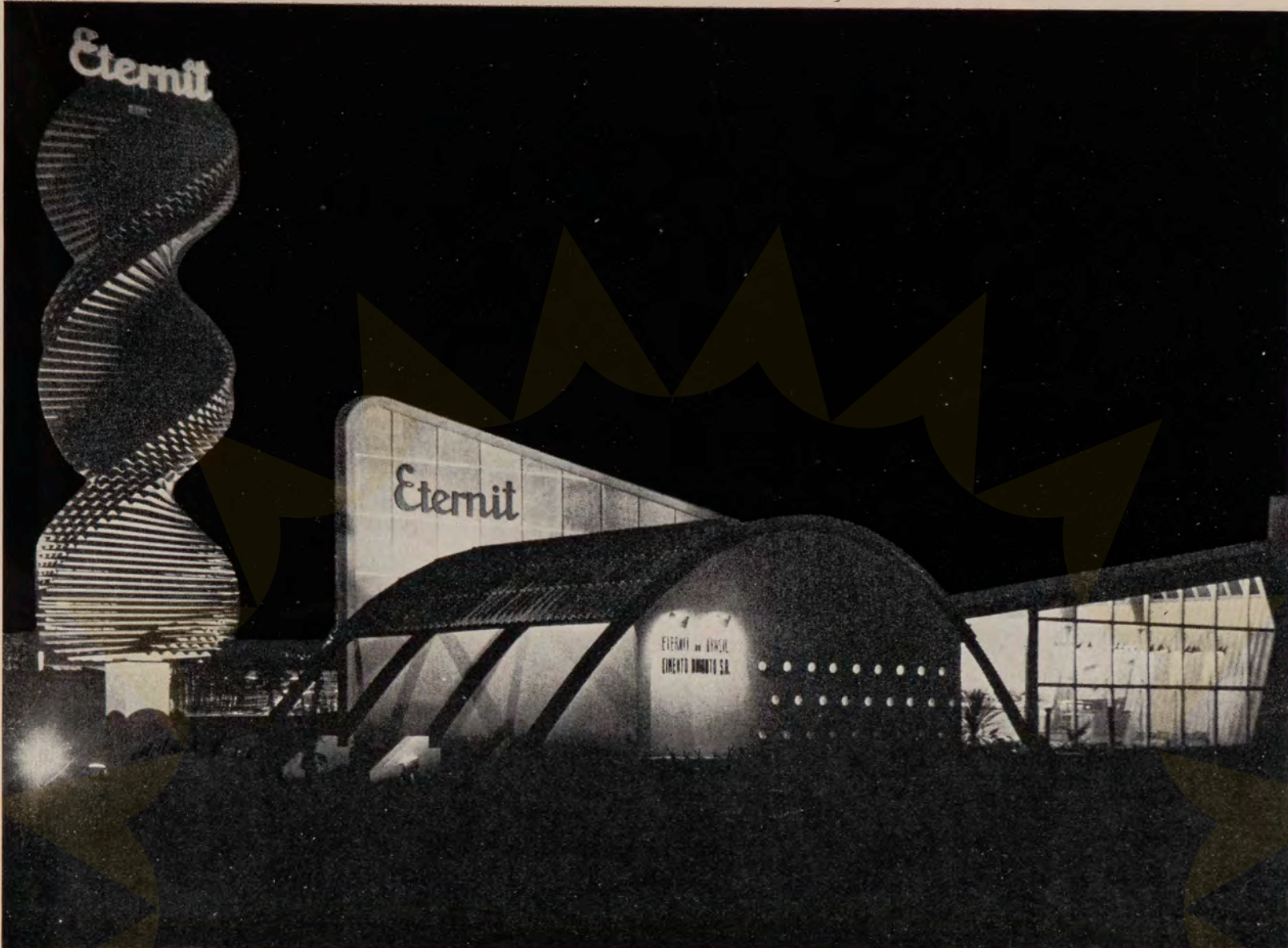


Num país como o Brasil, tão extenso e tão vasto, uma de suas principais riquezas é a madeira. A. Cardozo S. A. especializou-se em máquinas e mais elementos para essa importante indústria que é a madeireira.

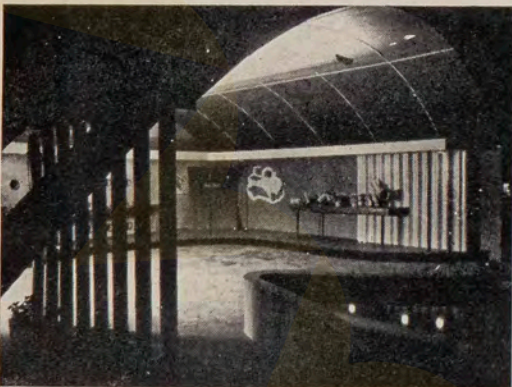


Vitrais Conrado Sorgenicht S. A.

Os vitrais que tanto prestígio emprestam às catedrais, aos grandes edifícios públicos e às solarengas residências ou mesmo aos castelos espalhados pelo mundo afora, no passado, ainda encontram aplicação, nos dias que correm. No Brasil, os Vitrais Conrado Sorgenicht, colocam-se em posição de vanguarda, demonstrando o alto prestígio dessa espécie de arte decorativa.



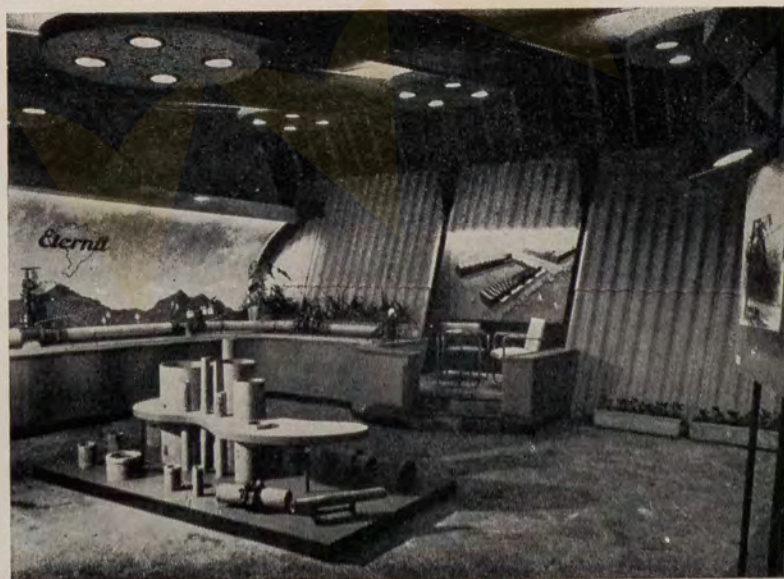
Vista noturna do pavilhão, com a torre em espiral, de chapas onduladas.



Detalhe do salão onde está exposto o novo material Interflex.

O pavilhão da ETERNIT do Brasil Cimento Amianto S.A.

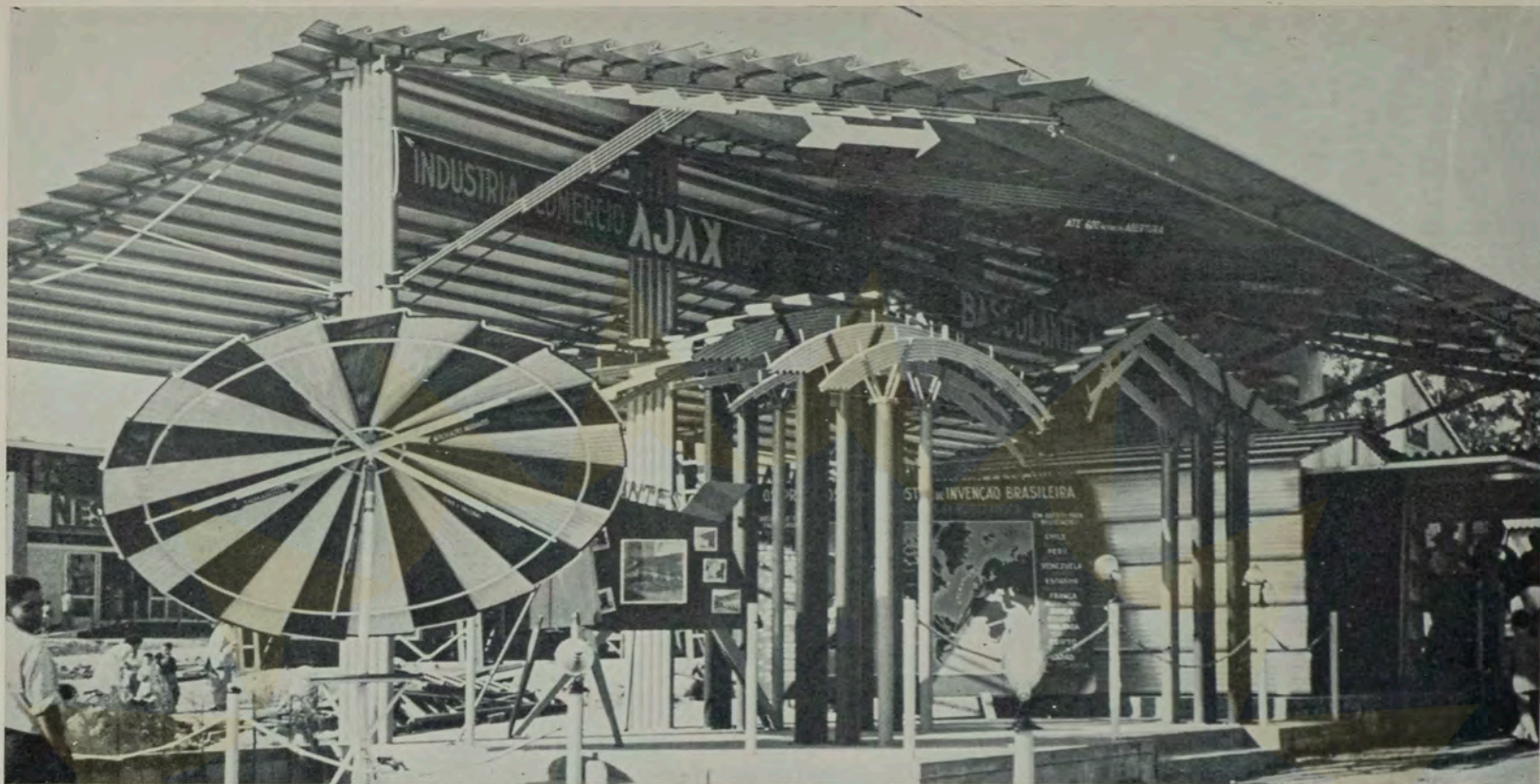
A demonstração de tubos de pressão.



As pesquisas levadas a efeito para conquista de novos materiais destinados às construções de edifícios e para saneamento, levaram os técnicos da Eternit do Brasil Cimento Amianto S/A. à grandes conquistas em favor daquele setor da vida humana.

No Pavilhão com que aquela Organização se apresenta no Ibirapuera estão demonstradas na prática as grandes possibilidades dos seus produtos nas modernas construções. Para demonstração de tubos de pressão foi feita uma instalação normal que demonstra a simplicidade de montagem dos mesmos e as suas grandes aplicações.

Afim de demonstrar a resistência, está instalada nessa rede de tubos uma bomba de pressão que pode ser manejada pelo próprio visitante, afim de provar a pressão que os tubos suportam. Nas paredes do Pavilhão foram empregados diversos produtos Eternit, como: Chapas lisas, chapas onduladas, tubos e persianas. Essa aplicação dá bem uma idéia das imensas possibilidades dos produtos de Cimento Amianto nas construções e decorações.



O pavilhão da Indústria e Comércio AJAX Ltda.

Abrindo novos horizontes a engenheiros, arquitetos, decoradores e construtores, a *Indústria e Comércio AJAX Ltda.* expôs no Ibirapuera vários produtos, todos eles do campo de proteções externas às intempéries.

Essa firma brasileira, cujos produtos internacionalmente patenteados, já estão sendo fabricados em doze países, é, sem exagero, a maior expressão mundial no ramo de cobertura e proteção contrateis.

A AJAX montou um interessante stand, no qual apresenta as seguintes atrações:

O Basculante "AJAX" de alumínio — primeiro telhado retrátil "standard" do mundo — forma a cobertura do pavilhão, de cerca de 200 m², e está sendo constantemente movimentado pelos interes-

sados, que se admiram de poder abrir e fechar esse colosso tão facilmente, com uma simples alavanca manual.

A Marquissite Contrátil "AJAX" de alumínio, acionada eletricamente por um boneco ("robô"), que propõe aos visitantes, experimentarem, eles mesmos, a leveza e facilidade de movimentos desse toldo.

Os Abrigos "AJAX" de alumínio, em quatro tipos interessantíssimos de fabricação em série e em 12 tamanhos diferentes.

O Guarda-Sol "AJAX" de alumínio, com controle de sombra, em lindas cores vivas, belo e útil complemento para jardins.

Os Brise-Soleil "AJAX" de alumínio, em dois modelos, com escamas inteiriças, sem emendas, sendo um — o tipo "INDUSTRIAL" e o outro —

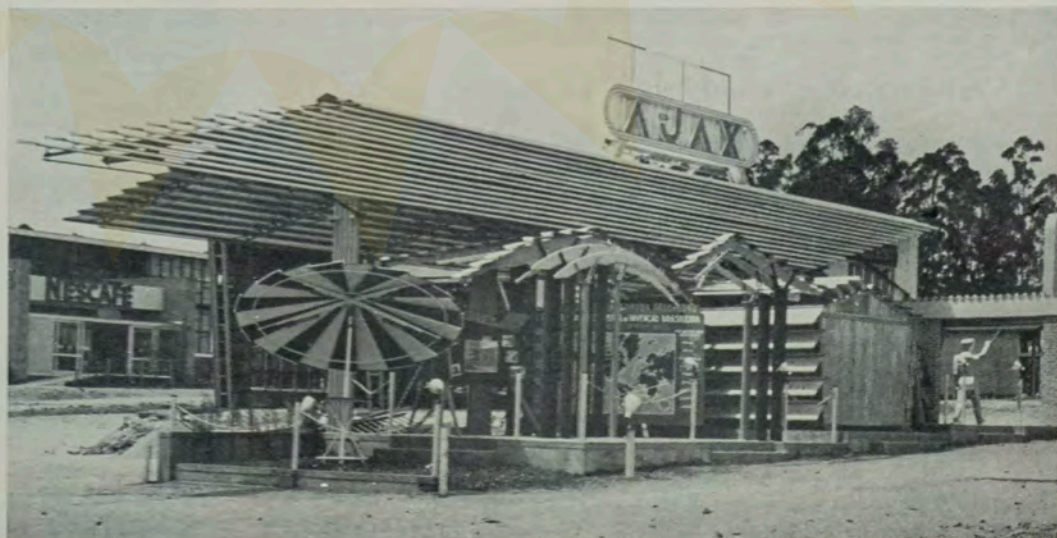
o *BUILDING*, e oferecendo ainda outros modelos que não foram expostos.

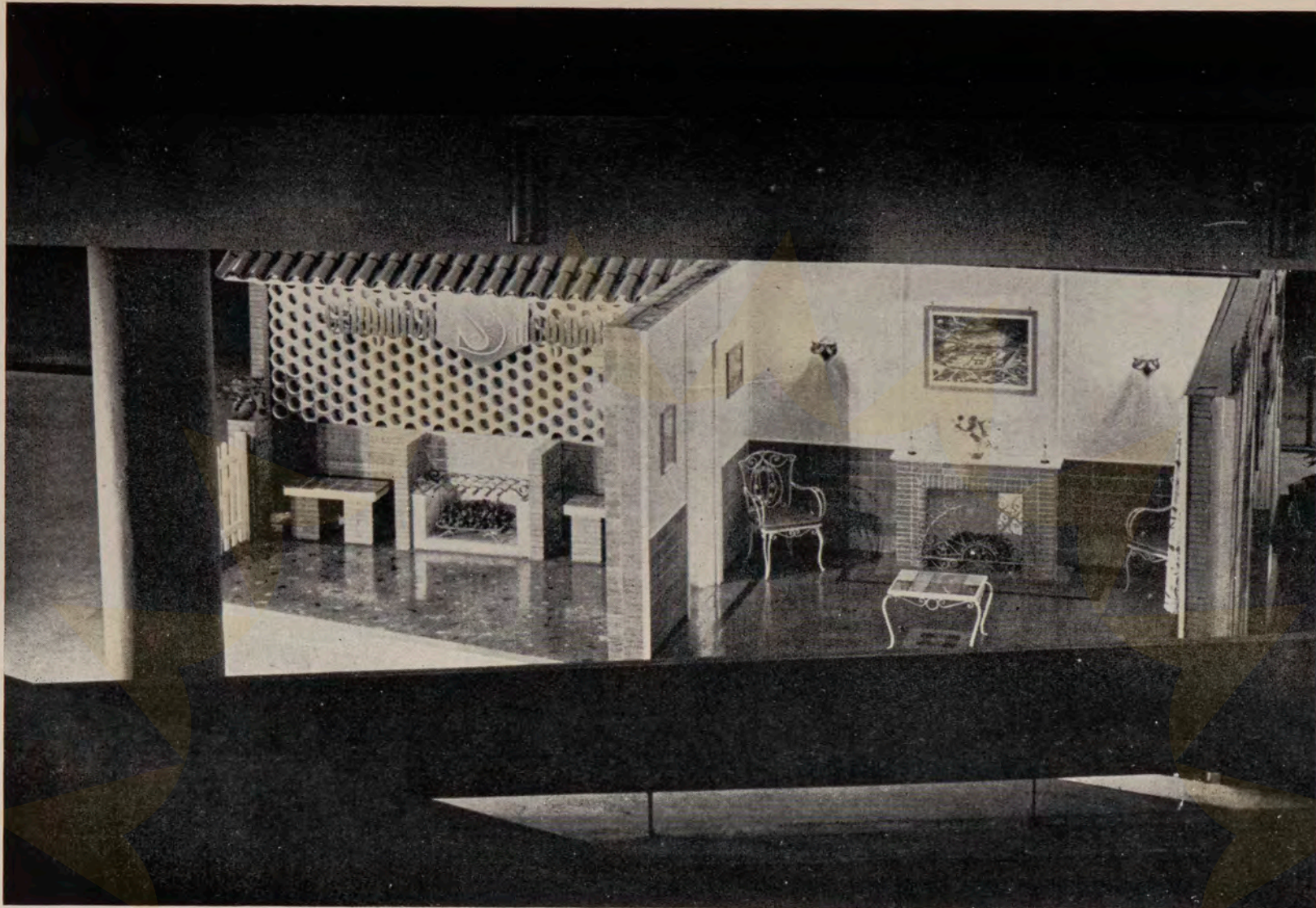
Uma Construção de Alumínio "AJAX" para as mais diversas finalidades, na qual paredes, portas e telhados podem abrir-se ou fechar-se, com possibilidade de controle total de luz e ar.

Enfim, é um dos mais atraentes e interessantes stands externos da exposição.

Cremos que será de verdadeiro interesse aos senhores engenheiros, arquitetos, decoradores e construtores, além do público em geral, visitar e conhecer esse magnífico pavilhão, localizado em frente ao circo. A *AJAX* mantém no local, demonstradores capacitados a dar todos os informes que lhes são solicitados, além de fornecer catálogos ilustrativos.

Alguns aspectos do pavilhão da Indústria e Comércio AJAX Ltda., um dos mais atrativos da Exposição.





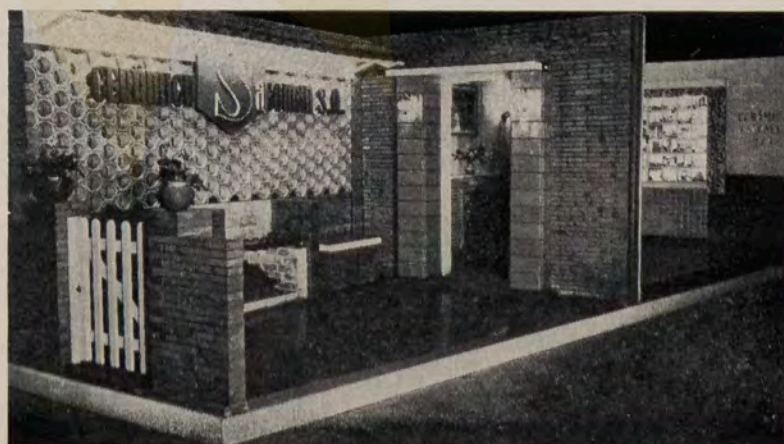
Inteligentemente colocado, o stand da Cerâmica Sacoman S.A. é visível de quase toda a rampa em espiral, do Palácio das Indústrias.

Stand da Cerâmica Sacoman S.A.



Realização em cerâmica esmaltada de um moderníssimo living.

Vista de um pátio em que não falta a clássica churrasqueira.



A presença da Cerâmica Sacoman S.A. na exposição do Palácio das Indústrias, muito contribuiu para demonstrar-nos quanto o Brasil se tem avançado no terreno da cerâmica para construção. O stand daquela Cerâmica, construído com material por ela fabricado, é realmente um mostruário que causa grande impressão.

A Cerâmica Sacoman S.A., tirando argilas de jazidas próprias, vem fabricando excelente e vistoso material cerâmico, como tijolos prensados e laminados, telhas lustrosas, marselhesas e coloniais, ladrilhos, rodapés e cantos, lajotas, peitoris e degraus, além de uma nova e belíssima série de produtos esmaltados nas mais variadas cores, o que vem abrir novas possibilidades aos construtores e decoradores.



Pavilhão do Rio Grande do Sul

Podemos qualificar como sendo um dos edifícios mais interessantes do conjunto do Parque Ibirapuera, o Pavilhão do Rio Grande do Sul.

Sua construção esteve a cargo da *SOCIEDADE TEKNO LTDA.*, a qual procurou fazer algo de novo. A estrutura do edifício é o que poderíamos chamar do tipo "ponte pênsil", pois é constituída de duas empenas metálicas de formato circular, servindo de apoio aos cabos de sustentação. Esses cabos vencem um vão livre de 102 metros e são dimensionados para resistirem às cargas de vento e peso próprio. Em linhas gerais pode-se qualificar o trabalho executado como sendo uma obra arrojada e talvez única. A cobertura é de chapas de alumínio ondulado. As paredes laterais foram executadas de caixilhos de madeira e as fachadas formadas por dois grandes arcos metálicos. A parte decorativa é atendida por painéis decorativos com motivos regionais. Duas amplas marquises completam o conjunto arquitetônico do pavilhão. Iluminação e decoração em estilo moderno. À entrada principal, existe um monumento de cinco metros de altura, representando "O Laçador", do escultor Antônio Caringi.



Projeto e construção:

SOCIEDADE TEKNO LTDA.

Rua Major Quedinho, 99; 10.º andar; Salas 1004
e 1006; Fone: 33-4329; São Paulo.

Pavilhão da GENERAL ELETRIC



Fazendo-se presente na Exposição do IV Centenário da Fundação de São Paulo, a General Eletric mostra exemplos do extraordinário desenvolvimento de uma indústria criada no Brasil para conforto e bem-estar das populações dispersas por essa imensidão do território brasileiro.

Os produtos ali expostos, desde os motores industriais e as lâmpadas até os modernos aparelhos para uso nos lares, escritórios e oficinas são, em geral e em sua quase totalidade, de fabricação nacional com emprêgo de matérias-primas brasileiras.

No pavilhão da GE ainda está exposto o consagrado espetáculo da "Mágica das Ciências", experiências que intrigam, maravilhosas demonstrações e exibições de fenômenos eletrônicos desenvolvidos nos famosos laboratórios da grande organização, provando que fatos científicos podem ser mais estranhos do que a própria ficção.



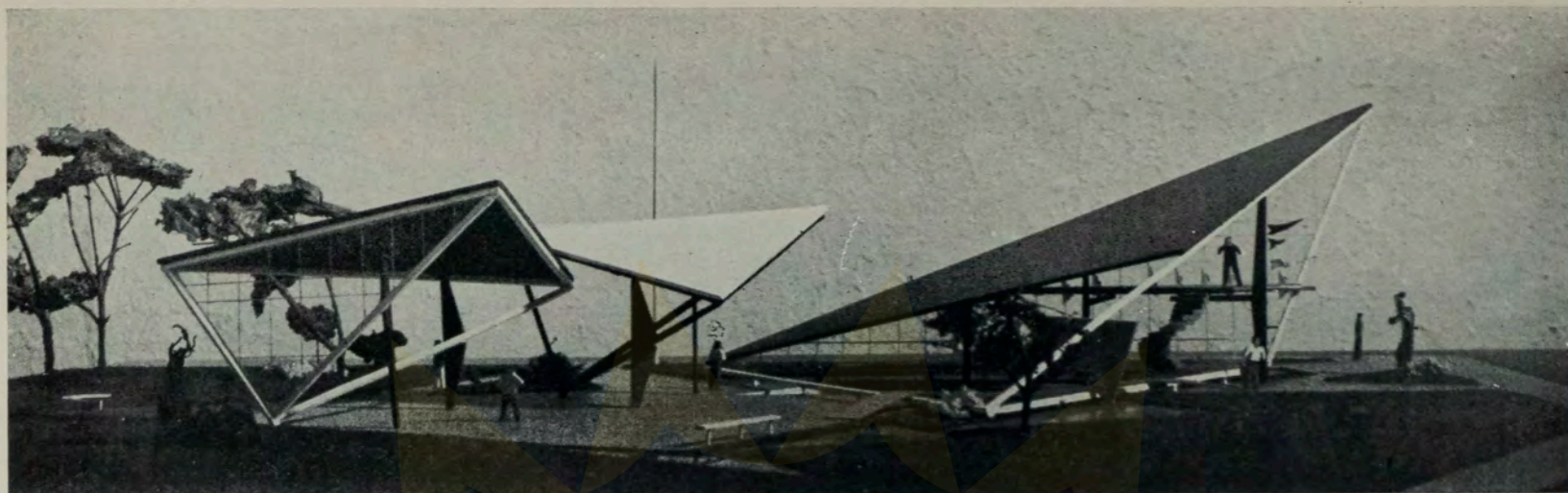
Iluminação G E no seu/ pavilhão e nas vias públicas do Parque Ibirapuera

O Pavilhão GE é inteiramente iluminado com lâmpadas fluorescentes e respectivos reatores, ambos de fabricação nacional, da General Eletric S. A. As lâmpadas estão instaladas em aparelhos de iluminação adequados, de modelo GE, providos de colmeia para perfeita difusão e distribuição luminosa.

Externamente, o Pavilhão está rodeado por 58 projetores de 1.000 Watts cada um, os quais podem ser ligados simultânea ou alternadamente. Em frente ao Pavilhão está ligada uma lâmpada especial de Vapor de Mercúrio, de alto rendimen-

to luminoso, especialmente indicada para iluminação pública, apresentando a característica especial de ser completamente corrigida a tonalidade peculiar da cor da luz de mercúrio comum, que no passado tanto prejudicava o uso de tais lâmpadas.

Esta lâmpada está instalada em moderníssima luminária GE, de fabricação inteiramente nacional, a qual é também usada, com lâmpadas incandescentes na iluminação de todas as vias públicas do Parque Ibirapuera.



Pavilhão, stands e loja de Cassio Muniz S.A., Importação e Comércio

O estilo elegante e arrojado dos stands que Cassio Muniz S. A., fez erigir no Parque do Ibirapuera, onde se fazem representar as forças produtoras de São Paulo e do mundo, diz bem da pujança e do prestígio que essa Organização desfruta no Comércio nacional.

Cassio Muniz S. A., Importação e Comércio, tem a seu cargo a distribuição por todo o território nacional de uma grande variedade de produtos nacionais e de importação e nesta grande mostra tem oportunidade de expor em conjunto as marcas que

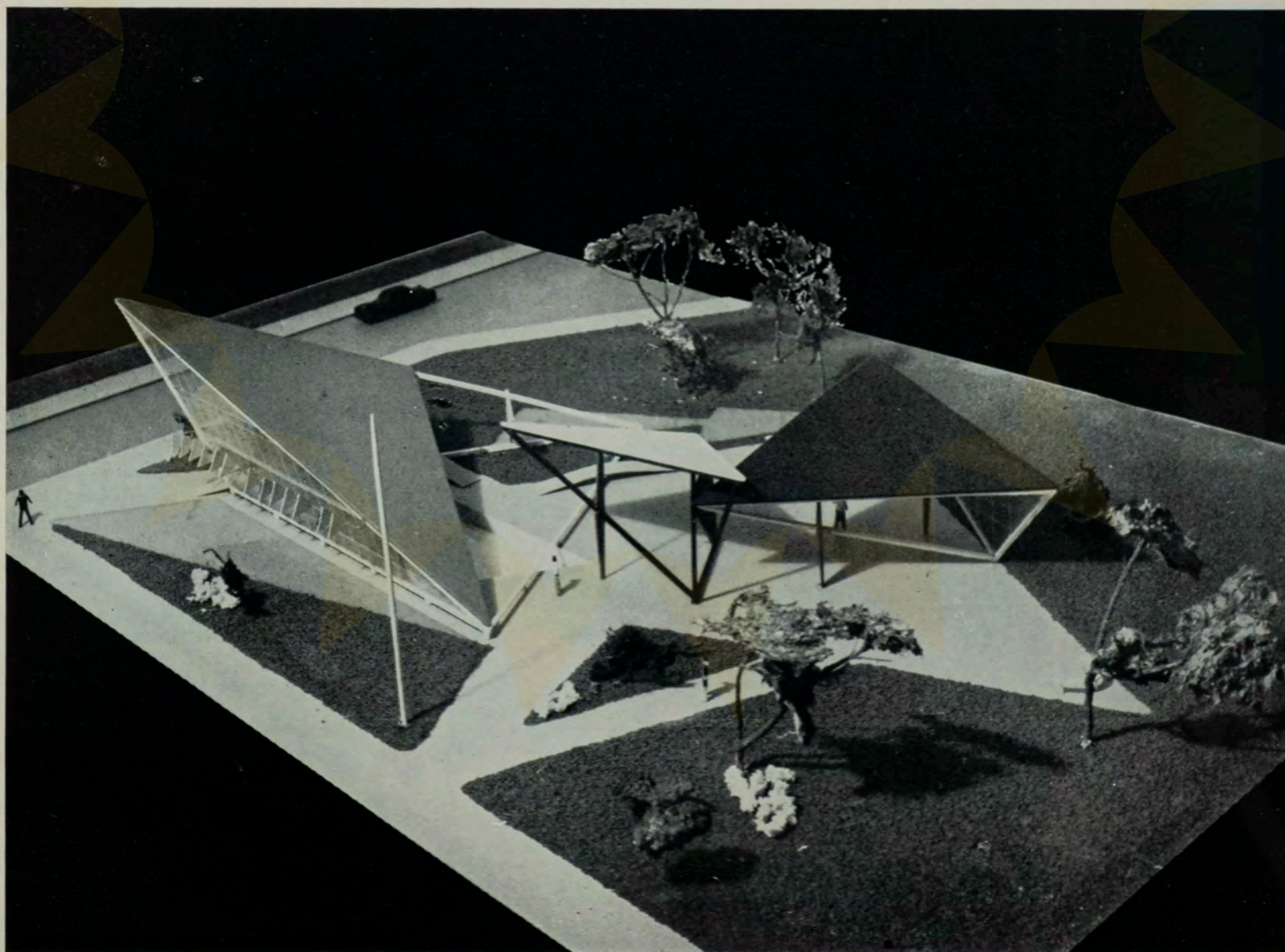
coloca a disposição do conforto e bem-estar de seus clientes.

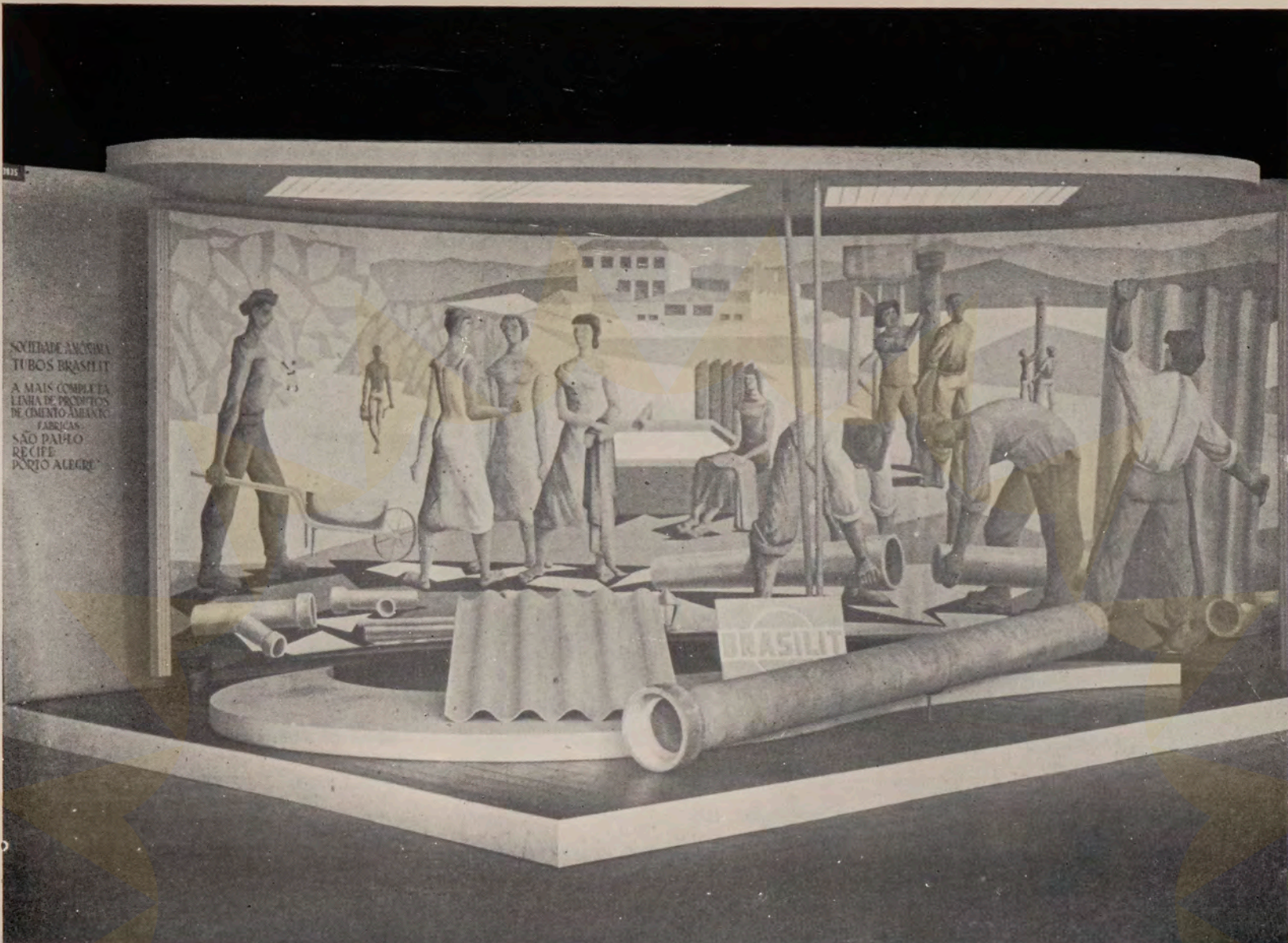
No Palácio das Indústrias, a Organização instalou três stands: num deles expõe ao público os mundialmente famosos produtos da *RCA Victor*, noutro os produtos da linha *Liberty*, marca de sua exclusividade para aparelhos domésticos e eletrônicos e noutro ainda, a linha de fogões *Paterno* de sua distribuição.

Sob a grande marquise Cassio Muniz S. A., mantém uma loja de vendas a varejo onde os visitan-

tes podem adquirir os artigos expostos.

Marcas estrangeiras de grande destaque e fama mundial como os aviões *Cessna*, máquinas e implementos agrícolas *New-Holland*, tratores *Fahr*, motores para aviões *Continental*, bicicletas e motos *NSU*, espingardas e carabinas *Centaure*, bicicletas *Raleigh*, motocicletas *Jawa*, filmadores e projetores *Siemens*, *Revere* e *Forway*, e muitas outras ainda, que fazem parte das linhas de distribuição daquela Organização ora em exposição na grande mostra do Ibirapuera.





Projeto e Painel de Clovis Graciano.

O stand da Tubos BRASILIT

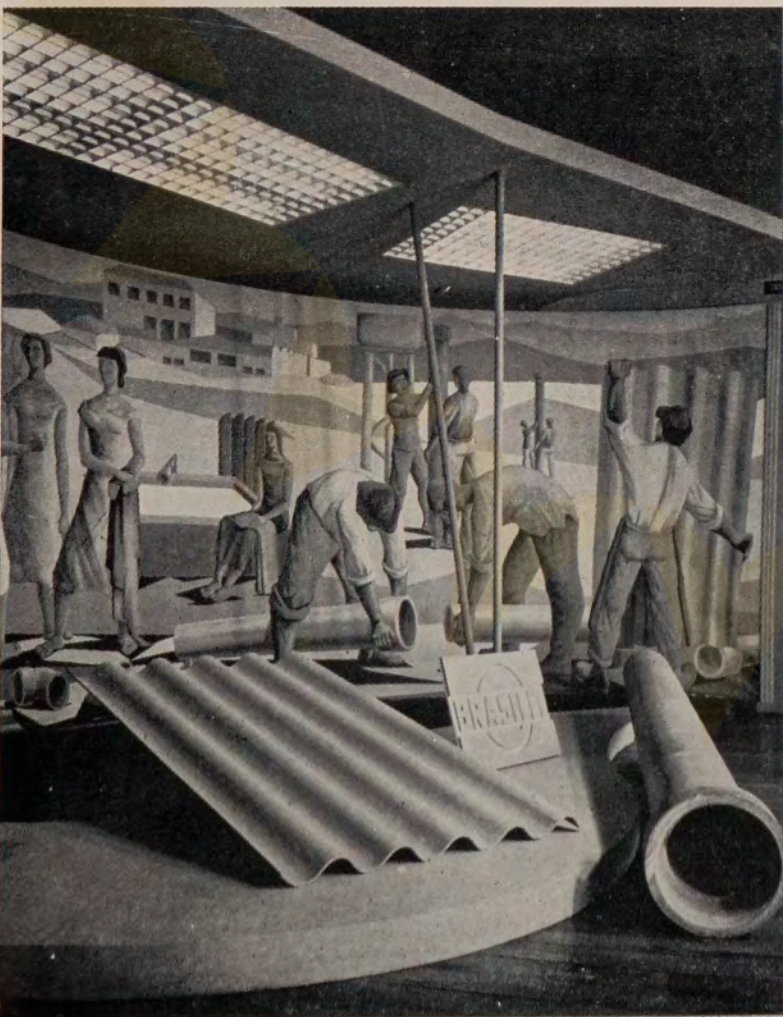
Impossível negar à Brasilit a realização de um trabalho extraordinário no campo da manufatura de produtos de cimento-amianto para uso e aplicação nas obras de engenharia em geral.

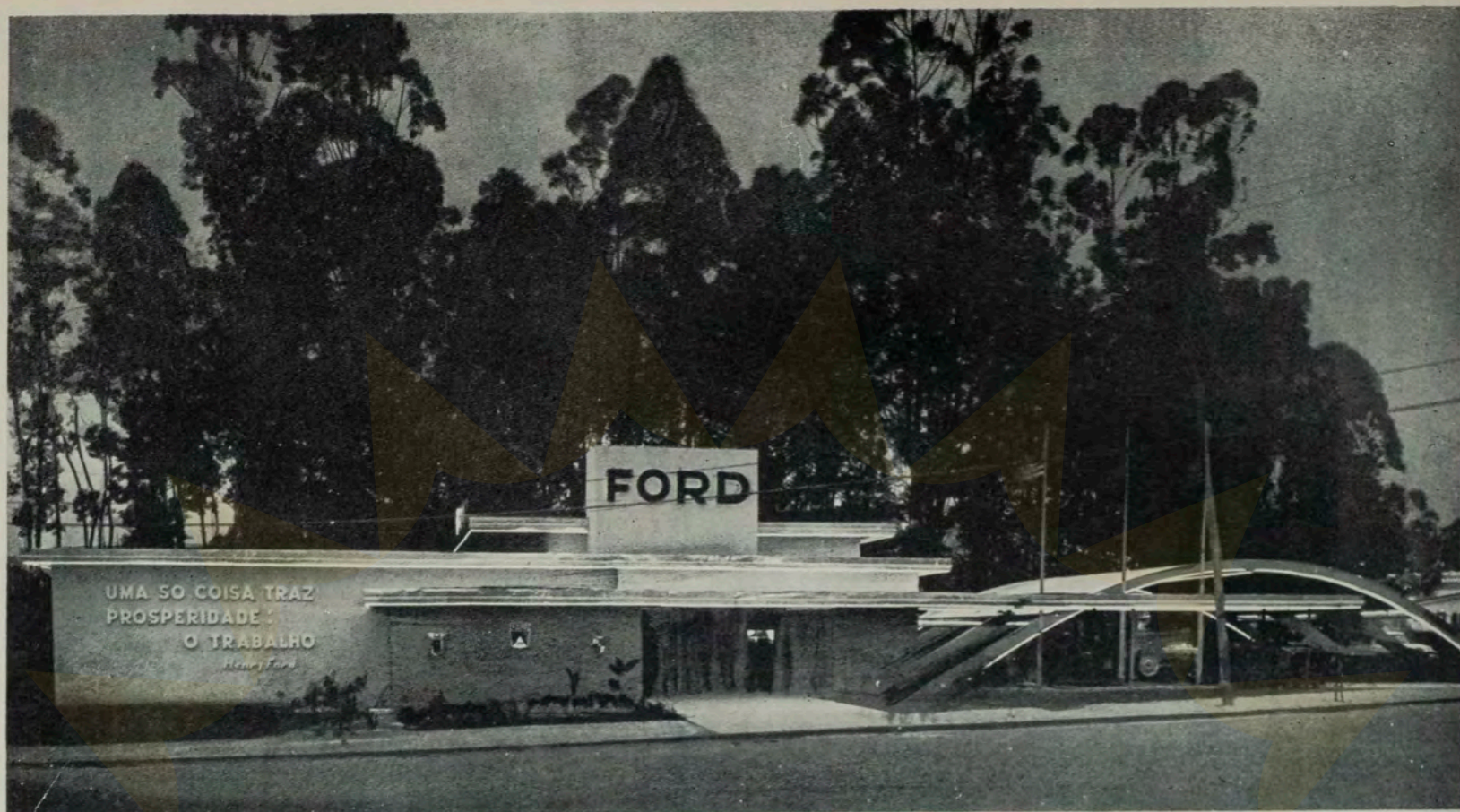
Pioneira na indústria de cimento-amianto em nossa terra, fabricando tubos, chapas onduladas e outros inúmeros artigos, a Brasilit revolucionou a técnica da construção, com o emprêgo de novos materiais, uma vez que êstes vieram substituir os tradicionais, até então utilizados.

Os produtos de cimento-amianto, fabricados pela Brasilit, apresentam, indubitavelmente, qualidade e economia, valores êstes que numa época como a atual bastam para consagrar e prestigiar uma marca.

Participando dos festejos do IV Centenário da nossa Cidade, a Brasilit caracterizou-se pelo cunho puramente artístico dado ao seu stand no Palácio das Indústrias.

Fugindo às normas de mostruário formal, fez realçar sua presença com um belo painel de Clovis Graciano que, com muita arte simbolizou a indústria do cimento-amianto.





Pavilhão da FORD Motor Comp.

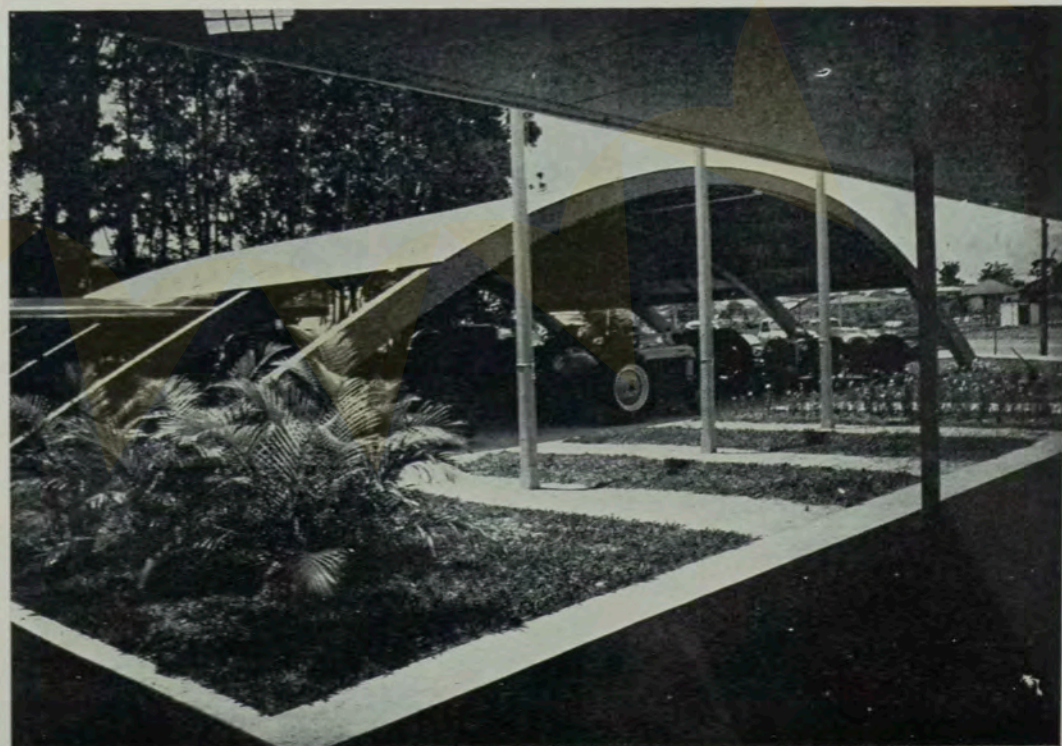


O Pavilhão Ford no Parque Ibirapuera constitui um soberbo conjunto arquitetônico, que se destaca por suas linhas modernas, sóbrias e funcionais. Projeto e construção do conjunto ficaram a cargo de **TRES LEÕES — CIA. COMERCIAL CONSTRUTORA E DE ADMINISTRAÇÃO**, sendo aquele elaborado sob a direção do arq. Juvenal Waetge Jr. A construção foi concluída em apenas 43 dias

úteis, tempo que constitui verdadeiro record, por se tratar de uma construção em concreto armado e alvenaria.

O conjunto compõe-se de três blocos interligados e definidos pelas suas funções, a saber:

Salão de exposição de automóveis, salão para projeção cinematográfica e mostra permanente de peças nacionais, e um galpão que abriga tratores e implementos agrícolas.



Execução à cargo da

TRES LEÕES

CIA. COMERCIAL CONSTRUTORA E DE ADMINISTRAÇÃO

Av. São João, 1086; 4.º andar; Salas 403-406;
Fones: 36-6278; 36-9703; 34-5991; São Paulo



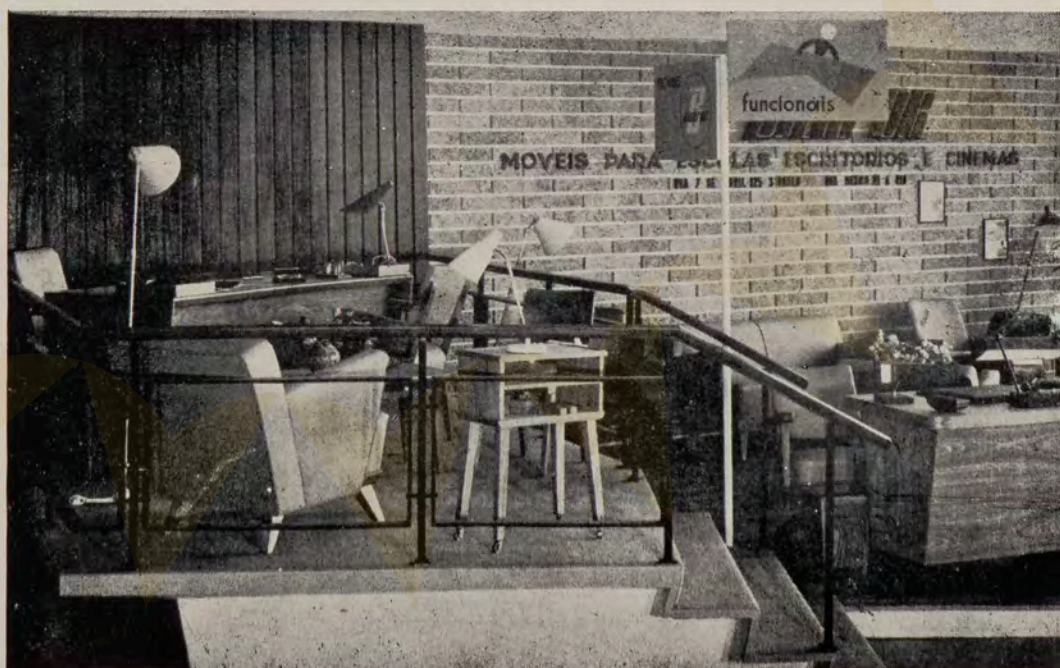
Stand da BRAFOR - Brasileira Fornecedora Escolar

Quem vem acompanhando de perto o progresso e a transformação por que passam as mais variadas iniciativas privadas espalhadas por essa imensidão do território brasileiro não negará, por certo, que no tocante à indústria moveleira, a **BRAFOR**, Brasileira Fornecedora Escolar, realiza trabalho por todos os títulos admirável.

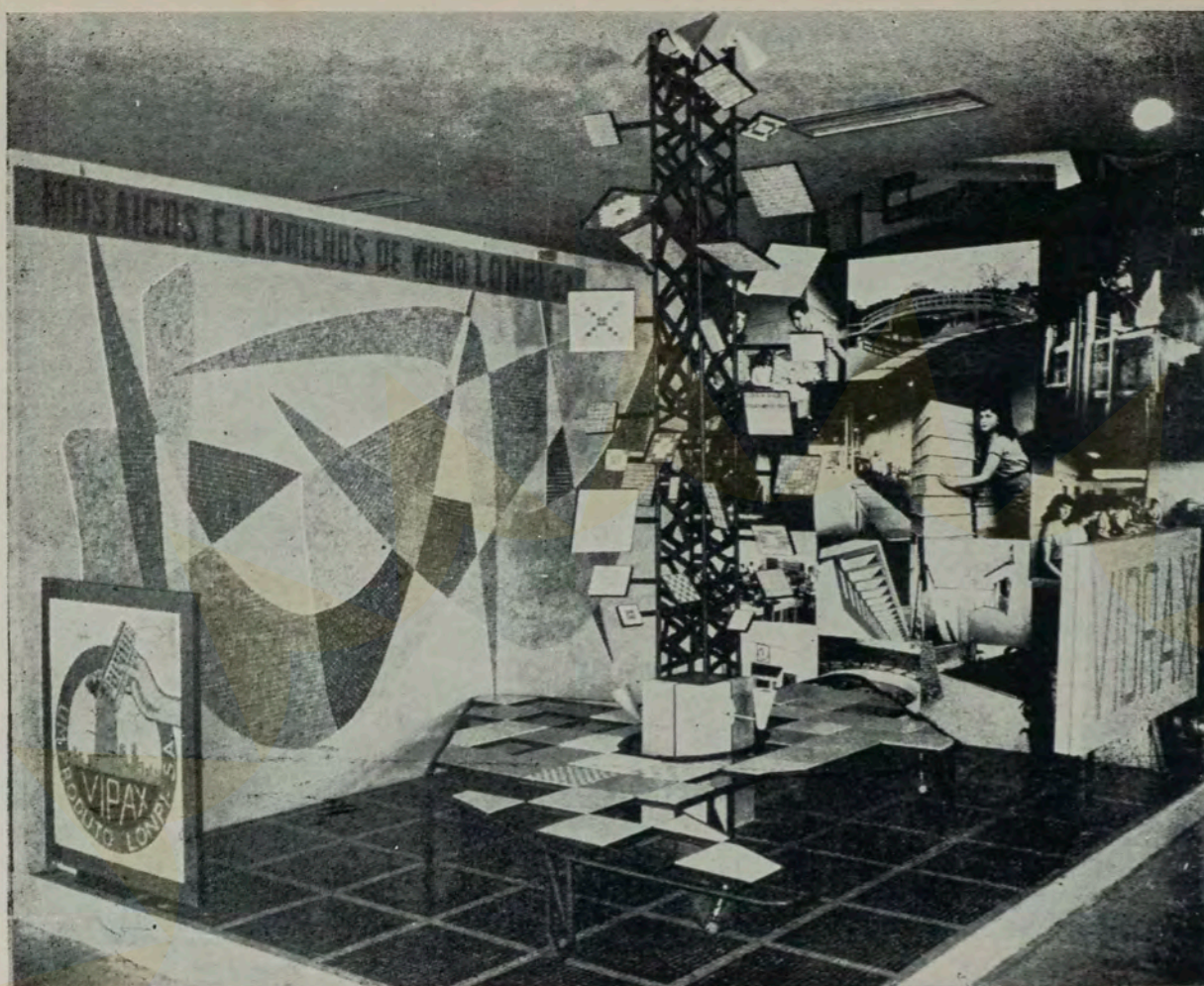
A Brafor, especializando-se há muitos anos na fabricação de móveis escolares, acompanhou o progresso por que vem passando o mundo. Além de ampliar suas fábricas, pesquisou e encontrou soluções as mais variadas para os diversos tipos de móveis escolares. Os modelos de carteiras e poltronas escolares fabricadas, hoje, pela Brafor, atendem perfeitamente ao fim a que se destinam, contribuindo, ainda, para a modernização das escolas brasileiras.

Duas outras linhas de móveis, a Brafor colocou no mercado: os móveis modernos e funcionais para escritórios e poltronas para cinemas. Os móveis para escritórios receberam a mais vibrante consagração, uma vez que grandes e modestas organizações no país estão equipadas com os móveis Brafor. Os principais cinemas, teatros e auditórios de São Paulo, do Rio de Janeiro e de outras capitais e cidades do país, também receberam valiosa contribuição para seu conforto e modernização. Poltronas de vários tipos e modelos estão hoje espalhadas pelo Brasil afora.

No stand que a Brafor construiu no recinto da Exposição do Palácio das Indústrias, podemos avaliar a capacidade e as realizações dessa organização moveleira. Nesse stand, formando agradáveis e apropriados ambientes, vemos os mais variados modelos de móveis que realmente honram a indústria nacional.



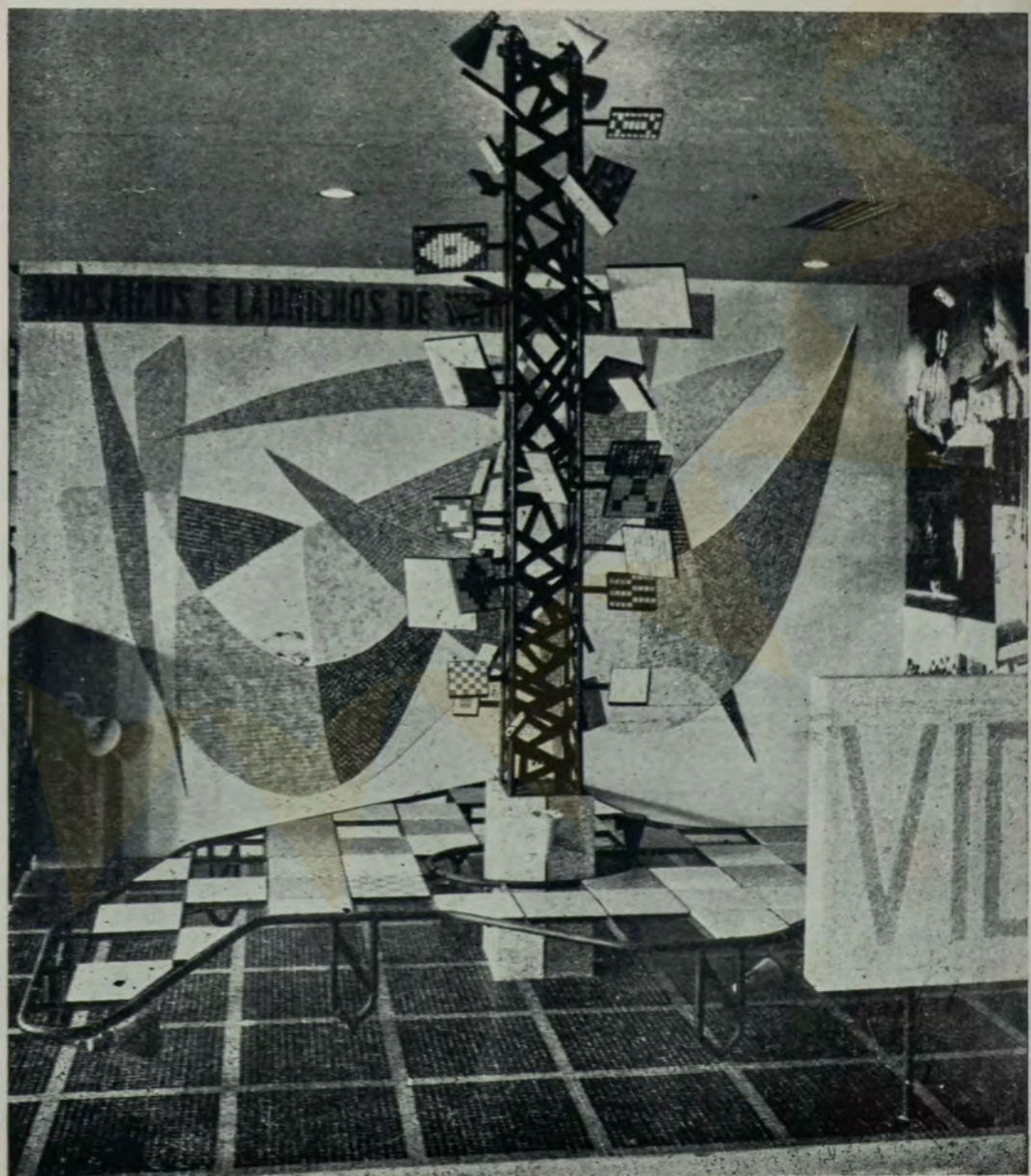
Parte principal do stand, mostrando tôdas as linhas de produção.



Stand da Mosaicos e Ladrilhos de Vidro LONPI S.A.

No soberbo e monumental conjunto do Ibirapuera, um material novo foi largamente empregado: no revestimento de fachadas dos vários edifícios que compõem o conjunto daquele centro cívico, foi largamente empregada a pastilha de vidro.

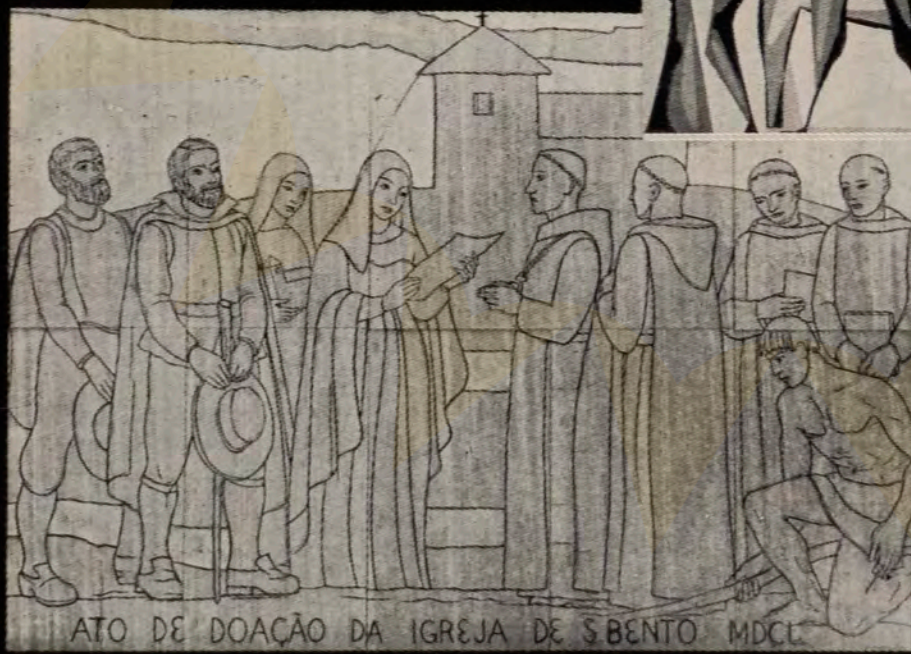
O stand que Mosaicos e Ladrilhos de Vidro Lonpi S. A. instalaram no Pavilhão das Indústrias, atesta a cada um de nós, o alto grau de perfeição de fabricação desse produto antigo mas que somente hoje está tão larga e profusamente empregado no revestimento de pisos e fachadas dos edifícios modernos e funcionais. Vários fatores vêm contribuindo para um maior prestígio desse material. Apresentando-se com uma variedade de cores inalteráveis, com excelente acabamento pois suas arestas são perfeitas, durando indeterminadamente e aderindo às superfícies de maneira permanente, essas pastilhas Vipax, realmente ostentam uma justificada aceitação por parte daqueles que realizam uma arquitetura dinâmica, atualizada e duradoura.





VITRAIS CONRADO SORGENICHT S.A.

ESCRITÓRIO: RUA BELA CONTRA, 67 • TELEFONES 34-5649 35-4001
STUDIO E FABRICA: RUA DA PONTE, 1132 • TELEFONE 01-3671
CAIXA POSTAL: 988 • ENDEREÇO TELEGRÁFICO ARTISACRA • SÃO PAULO

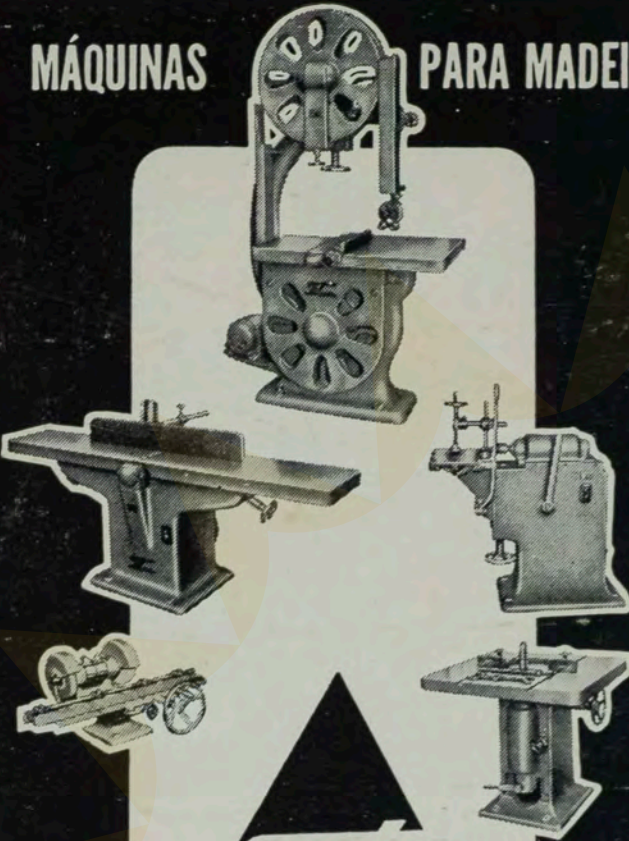


ATO DE DOAÇÃO DA IGREJA DE S.BENTO MDCL

UMA CASA
TRADICIONAL -
MAS SEMPRE
NA VANGUARDA..

TRABALHOS ARTÍSTICOS POR NÓS EXECUTADOS
EXPOSTOS NO STAND 1011, NO PALACIO DAS INDÚSTRIAS

MÁQUINAS PARA MADEIRA



Titan

A. CARDOSO S/A

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 643 • CAIXA 3763
FONES: 34-5432, 34-3146, 37-2475 • SÃO PAULO

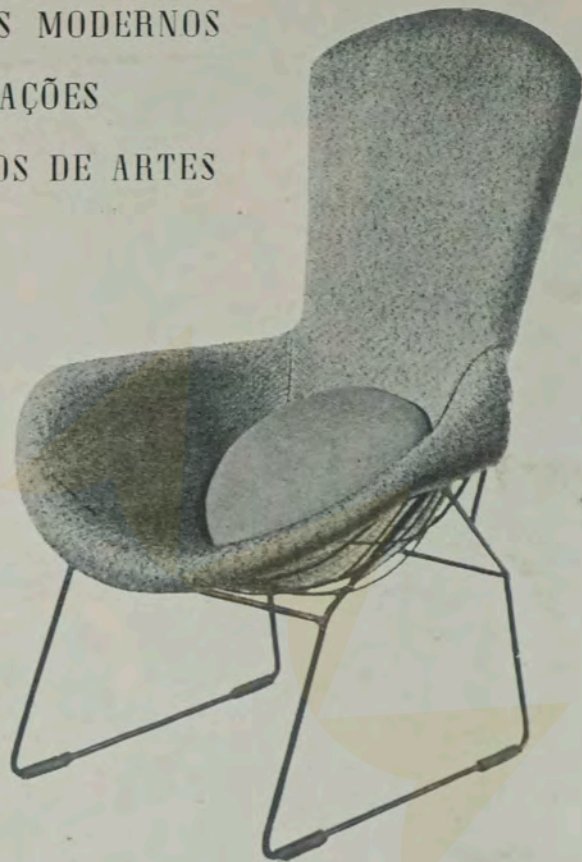
A MAIS COMPLETA LINHA DE:

SERRA DE FITA — FURADEIRA HORIZONTAL
SERRA CIRCULAR — DESEMPENADEIRA — TUPIA
RESPIGADEIRA — LIXADEIRA — PLAINA
DESENGROSSADEIRA — SERRA TICO-TICO
LIXADEIRAS — REBÔLOS — SERRAS — FACAS
TRAÇADORES — ESMERÍS — LIMAS K & F
MOTORES ELÉTRICOS — LIXAS — POLIAS — COR-
REIAS EM "V", LAMINADAS, DE ÉLOS, DE COURO
E REDONDA — GRAMPOS PARA CORREIAS
MANGUEIRAS — ETC.

★

VISITE NOSSO "STAND" NO PALÁCIO DAS
INDÚSTRIAS NA EXPOSIÇÃO DO IV CEN-
TENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO

MOVEIS MODERNOS
DECORAÇÕES
OBJETOS DE ARTES



KANGURÚ DECORAÇÕES

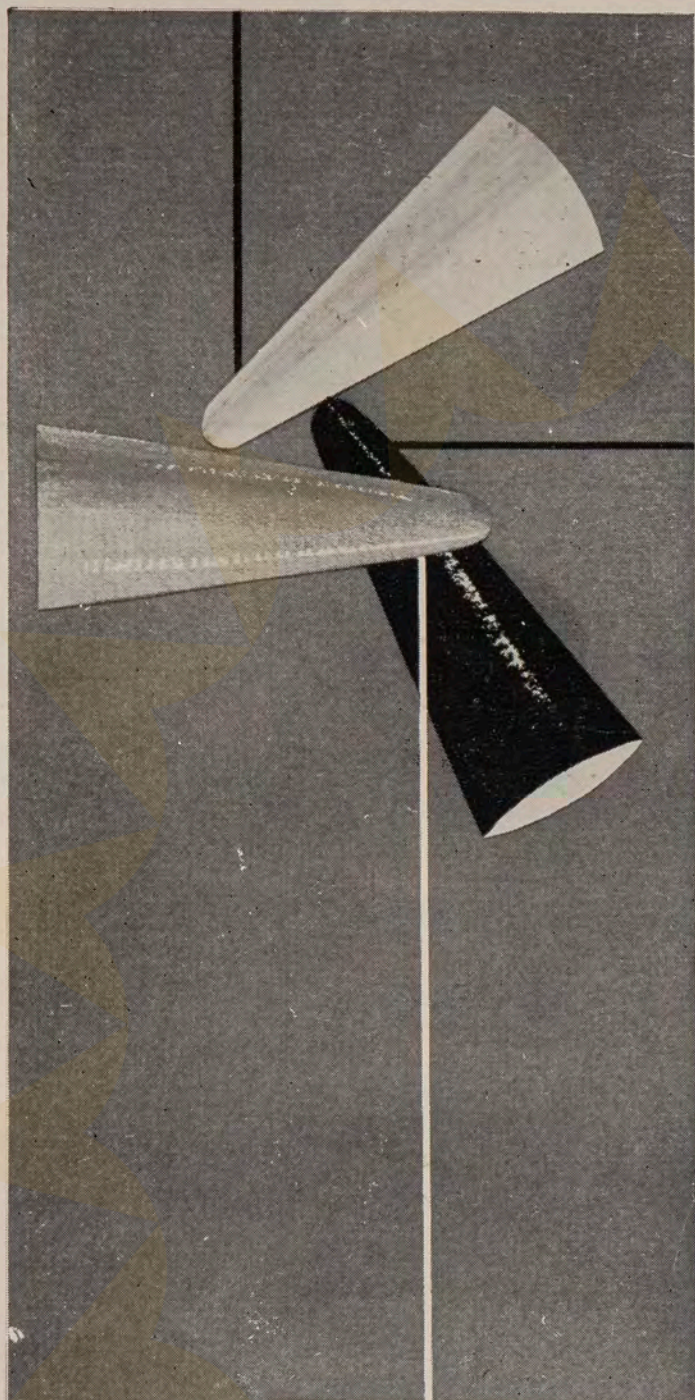
R. AUGUSTA, 716; FONE: 36-9999; SÃO PAULO

para fachadas, pisos e paredes



**Indústria Paulista de Porcelanas
ARGILEX S.A.**

Rua Nestor Pestana, 47; Fone 34-8043
SÃO PAULO



dominici

iluminação moderna

rua 13 de maio, 53 - s. paulo



modernfold

Armação inteiramente metálica, revestida de couro plástico lavável, em cores harmoniosas, as PORTAS-DIVISÕES MODERNFOLD funcionam como sanfona e resolvem o problema do espaço em residências, escritórios, consultórios, lojas etc. Altamente decorativas, elas dão nova vida aos ambientes, tornando-os mais acolhedores e agradáveis.

divide

Transforma, num instante, qualquer sala em dois ou mais ambientes independentes, permitindo que se aproveite ao máximo o espaço disponível.

fecha

Substitui com vantagem as portas comuns, tornando aproveitáveis os espaços que elas ocupam no movimento de abrir e fechar.

Veja
MODERNFOLD
nas

lojas

Kirsch

RIO - Avenida Copacabana, 445-A — Tel.: 57-2618

SÃO PAULO - Cons. Crispiniano, 115 — Tels.: 32-6041 e 35-1496

CIA. BRASILEIRA DE CONSTRUÇÃO

FICHET E SCHWARTZ - HAUTMONT

- * Estruturas metálicas (para Fábricas - Pontes - Tôres)
- * Reservatórios metálicos (para gasolina - álcool - melão)
- * Tubulações Forçadas - Comportas
- * Esquadrias de Ferro e de Metal leve
- * Persianas de enrolar de madeira Freijó do Pará
- * Pontes Rolantes - Guindastes
- * Caçambas Basculantes para caminhões
- * Instalações Bancárias - Coíres

FÁBRICA:
AVENIDA INDUSTRIAL, 900
SANTO ANDRÉ

SÉDE SOCIAL E ESCRITÓRIOS:
RUA XAVIER DE TOLEDO, 14
Fone: 35-9124 — SÃO PAULO



CARVALHO MEIRA S/A

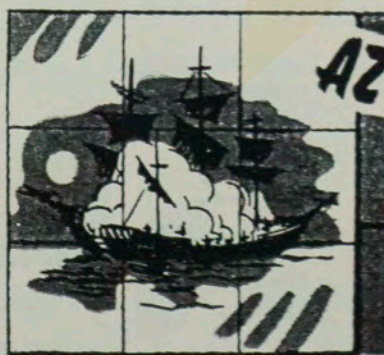
COMERCIAL E INDUSTRIAL

ARTIGOS SANITÁRIOS
FERRAGENS FINAS

LA FONTE

A Fechadura que Fecha e Dura

ESC. E LOJA, RUA LÍBERO BADARÓ, 605
FONE: 36-9149, C. POSTAL, 201
END. TELEGRÁFICO - "RODOL"
SÃO PAULO - BRASIL



AZULEJOS-ARTIGOS SANITARIOS

Copas e Cosinhas Americanas — Exaustores

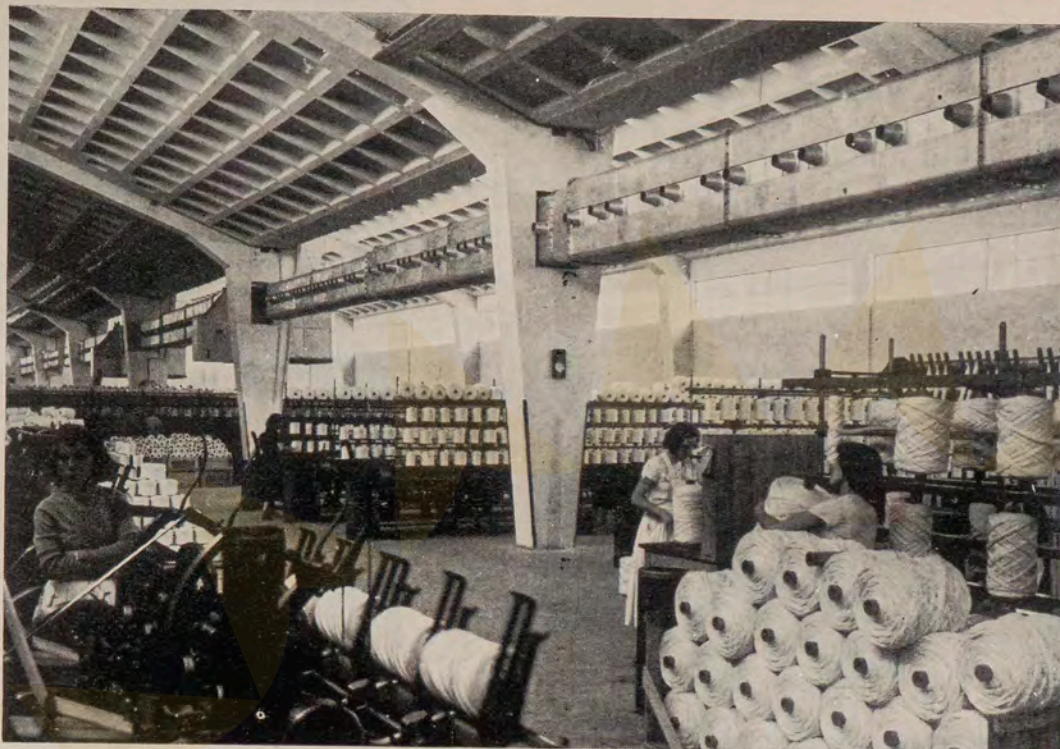
A.W. KAUFFMANN



RUA GENERAL COUTO DE MAGALHÃES, 139

Endereço Telegráfico: ARKA — Telefones: 34-5524 • 34-3767

EXPOSIÇÃO: Rua Brigadeiro Tobias, 635, Fone 34-6612



*Vista parcial das instalações
de ar condicionado do tipo Texair, na
"Indústria de Tecidos PARAMOUNT S/A".*

AR CONDICIONADO

★

UMIDIFICAÇÃO

★

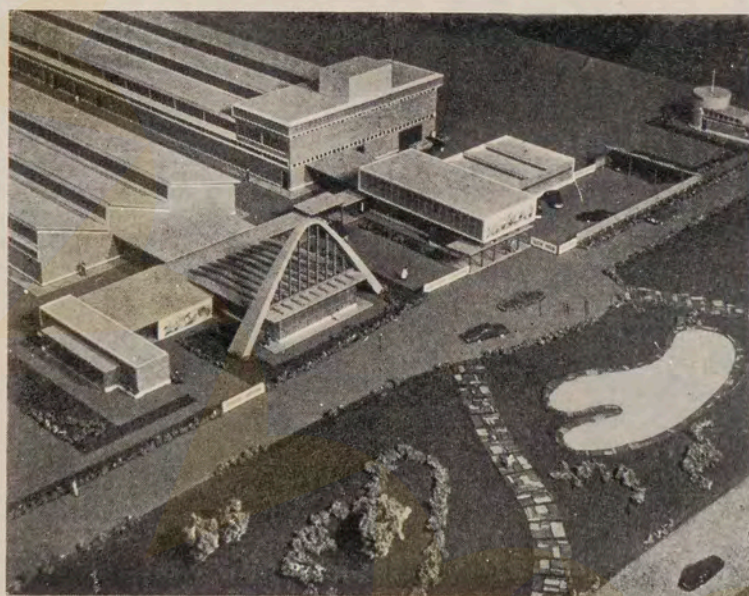
RENOVAÇÃO DE AR

★

REFRIGERAÇÃO

SIDEC SOCIEDADE INTERNACIONAL DE
ENGENHARIA E COMÉRCIO LTDA.

RUA ANA TENÓRIO, 58; FONE: 34-6357; CAIXA POSTAL, 3012; SÃO PAULO



O abastecimento de água dessa moderníssima Indústria, é feito através um poço artesiano perfurado pela Cia. T. Janér, Comércio e Indústria.

ÁGUA!

EXPONHA-NOS SEU PROBLEMA

Podemos resolver a questão da água potável em grandes quantidades, a exemplo do que têm feito centenas de indústrias, municipalidades e particulares, por meio de perfuração de poços artesianos pelo Método "CRAELIUS"

Nossa Especialidade:

PERFURAÇÃO EM ROCHA

CONSULTEM-NOS SEM COMPROMISSO



CIA. T. JANÉR COMÉRCIO E
INDÚSTRIA

São Paulo: Parque Anhangabaú, 96 - 11.º andar - Telefone: 37-1571 (Ed. Matarazzo)
Rio de Janeiro - Belo Horizonte - Porto Alegre - Curitiba - Recife - Santos - Belem.

iluminação

PARA
ambientes
modernos

CÓRES
EXPRESSIVAS
E RESISTENTES
DE QUALQUER
TONALIDADE
DESEJADA,
PERMITEM
A PERFEITA
HARMONIA
DO AMBIENTE
COM A
ILUMINAÇÃO



Executa-se
qualquer
encomenda
especial
sob desenho

AIP

**AMERICA
PRESERVIT**

INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.
FABRICA: SÃO PAULO
RUA JOAQUIM ANTUNES, 977
FONE: 8-8427-80-5308

FOTOGRAFIAS DOS
STANDS E PAVILHÕES DO
PALÁCIO DAS INDÚSTRIAS



ERNESTO MANDOWSKY

FOTOGRAFIAS INDUSTRIAIS

RUA METROPOLE 5; FONE 7-1724 - SÃO PAULO



Folclore e Artesanato

Rua Riachuelo 312 - Junto a Pça. das Bandeiras
SÃO PAULO



- Loja especializada em Arte Folclórica brasileira
- Cerâmica popular de todo o Brasil
- Arte religiosa antiga brasileira
- Utensílios, ornamentos e cerâmica de índios do Brasil Central
- Arte Artesanal Paulista, de renomados artistas
- Salão Permanente de Exposições de Artes plásticas



IRACEMA
HOSTESS-CANTORA

VOS CONVIDA

A DANÇAR
NA INTIMIDADE DO

CLUB

"550"



DAS 21 ÀS 2 HORAS

A V E N I D A

IPIRANGA, 550

FONE: 36-9121

AR CONDICIONADO

Aberto das 10 horas da manhã

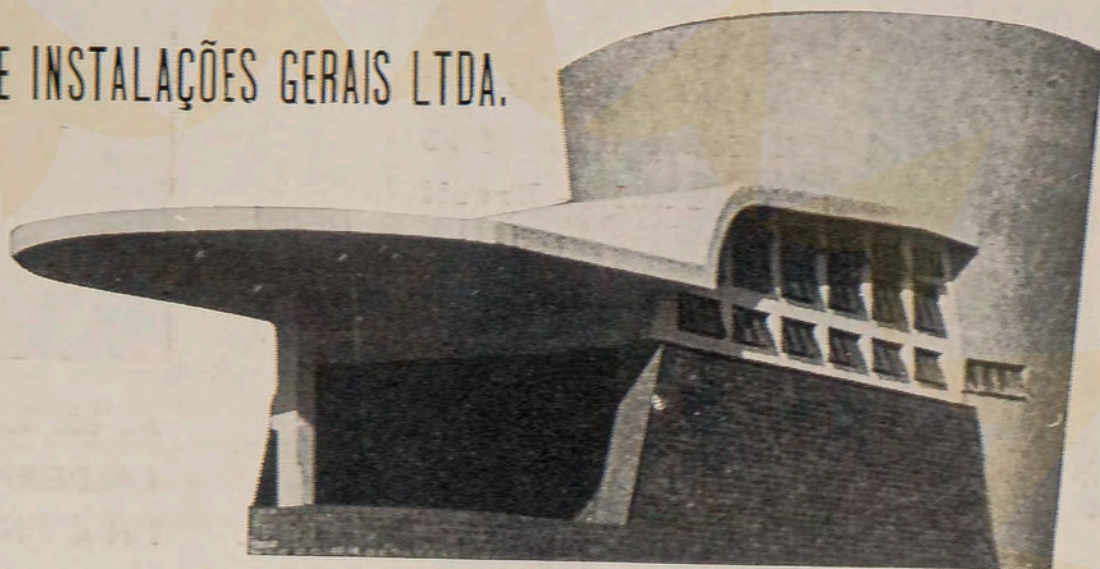
SPIG

AS INSTALAÇÕES ELÉTRICAS E HIDRÁULICAS DA NOVA FÁBRICA DAS "INDÚSTRIAS DE TECIDOS PARAMOUNT S. A." FORAM PROJETADAS E EXECUTADAS PELA

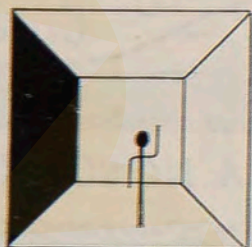
SOCIEDADE PAULISTA DE INSTALAÇÕES GERAIS LTDA.

AVENIDA DUQUE DE CAXIAS, 94
TELEFONES: 52-7768 - 52-7769
SÃO PAULO

RUA ASSEMBLEIA, 51 - GRUPO 1102
TELEFONES: 32-6944 - 32-6126
RIO DE JANEIRO



Cabine primária da nova fábrica das "Indústrias de Tecidos Paramount S. A."



MOVEIS **HABITAT**

São Paulo, rua Augusta, 2390 - fone 80-9527

O complemento indispensavel para a beleza de seu lar



Um quadro da

Galeria 7 de Abril

Avenida Angélica, 548
Telefone 52-3948
São Paulo - Brasil



Nos mais modernos edificios do Brasil

CALDEIRAS AUTOMÁTICAS
INCINERADORES

LABOR INDUSTRIAL LIMITADA

Rua Teodoro Sampaio, 1536 - Fone 8-6862 - São Paulo

ARTE-DECORAÇÕES

HENRIQUE LIBERAL S/A

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA TODO O BRASIL DE



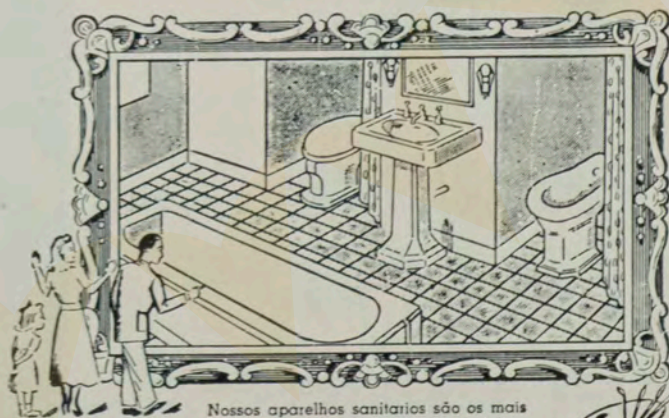
JANSEN
PARIS

Comunica aos seus prezados clientes que transferiu as suas oficinas e escritórios da Alameda Casa Branca, para

RUA IMPERIAL, 15 (ITAIM) FONE: 8-3664



não devem faltar os aparelhos sanitários
SOUZA NOSCHESSE



Nossos aparelhos sanitários são os mais conhecidos porque são os mais perfeitos

VISITE NOSSAS EXPOSIÇÕES

Em nossa loja:

Rua Marconi, 28 - Tel. 4-8876 - São Paulo

SOC. AN. COMÉRCIO E INDÚSTRIAS
SOUZA NOSCHESSE

São Paulo - Matriz: Rua Julio Ribeiro, 243 - Tel. 9-1164 - C. Postal. 920
Filiais: R. Oriente, 487 - Tel. 9-5334 - S. Paulo - R. João Pessoa, 138 - Tel. 2055 - Santos

REPRESENTANTES:

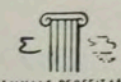
V. TEIXEIRA & CIA. LTDA. Rua Riachuelo, 411 - RIO DE JANEIRO
ALBERTO NIGRO & CIA. - Rua Dr. Muricy, 419 - CURITIBA



LINDAS CORES



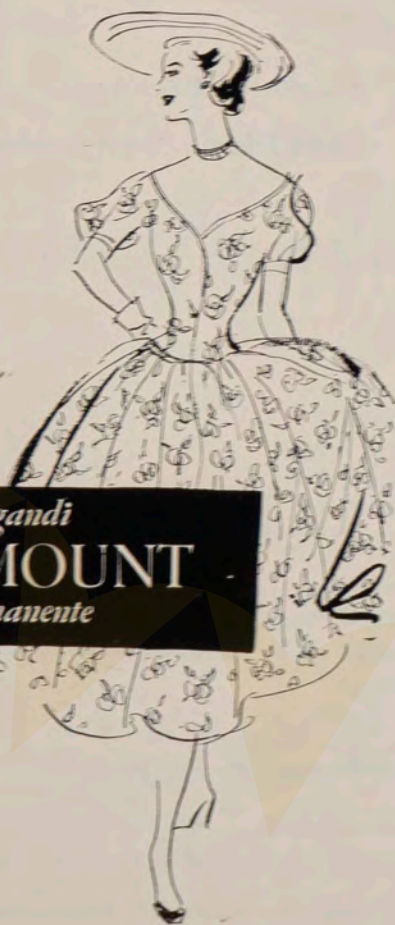
DURABILIDADE



LINHAS PERFEITAS

novos padrões

Artistas e modistas de Paris, ao serviço do Organdi Paramount, estudaram e criaram inéditas e deslumbrantes combinações de desenhos e cores. Surgiram assim os **NOVOS PADRÕES** do Organdi Paramount — permanente — a última palavra da Moda para vestidos que são jóias de elegância!



Organdi
PARAMOUNT
permanente



LUSTRES • ABAT-JOURS • REFLETORES • CASTIÇAIS • ARANDELAS

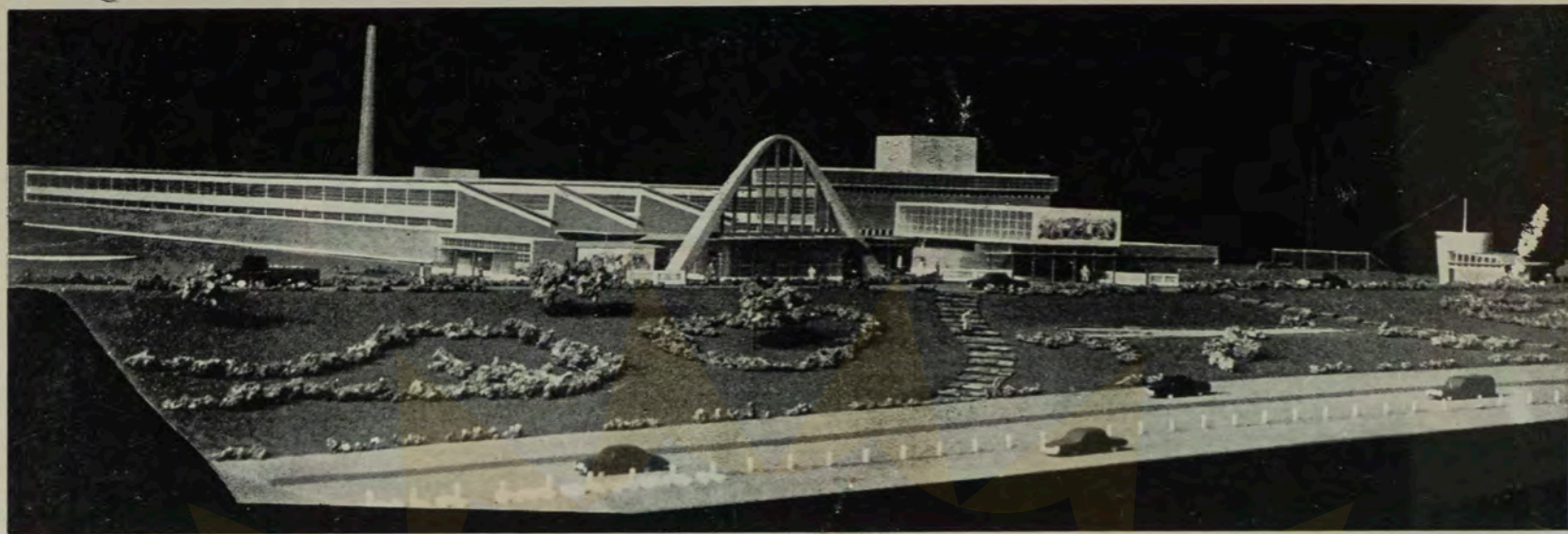


Sunar

INDÚSTRIA

ILUMINADORA
LIMITADA

RUA DOS PARECIS, 74 - FONE: 31-3493
CAIXA POSTAL, 5181 - SÃO PAULO



Industrias de Tecidos "Paramount" S.A. (vide pag. 22)

Projeto: engs. arqs. Miguel Badra Junior, colaboração de Aldo Burzagli.

Construção: Alberto Badra, Miguel Badra Junior & Cia. Ltda.

Projeto das instalações elétricas e hidráulicas: SPIG Ltda.

Fornecedores:

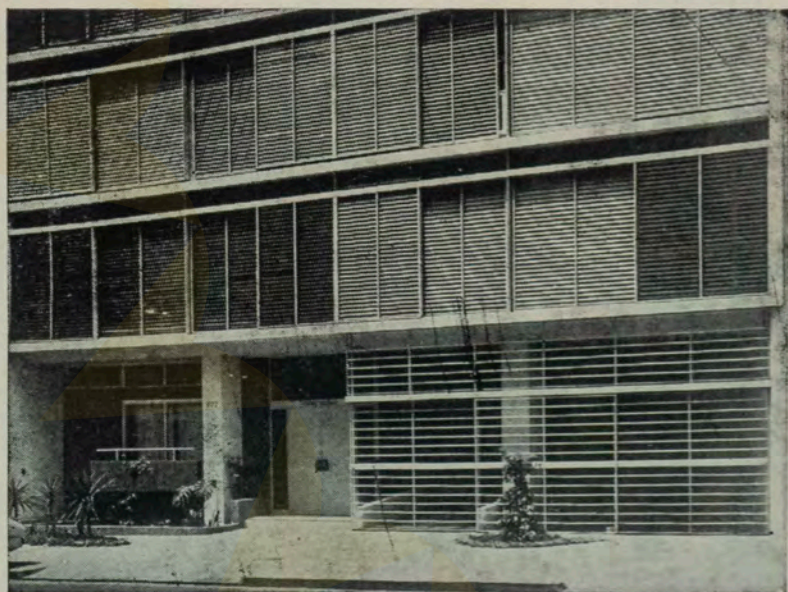
AÇO: *Aço Torsima Ltda.*; Rua 7 de Abril, 264; 13.º andar; São Paulo.

AR CONDICIONADO: *SIDEC, Soc. de Engenharia e Comércio Ltda.*; Rua Ana Tenório, 58; São Paulo.

INSTALAÇÕES ELÉTRICAS E HIDRÁULICAS: *SPIG — Sociedade Paulista de Instalações Gerais*; Av. Duque de Caxias, 94; São Paulo.

PISOS: *Cerâmica Sacoman S. A.*; Rua de São Bento, 389; 3.º andar; São Paulo.

POÇO ARTESIANO: *Cia. T. Janér, Comércio e Indústria*; Av. Anhangabaú, 96; 11.º andar, São Paulo.



Edifício Tucuman (vide pag. 28)

Projeto da Heep Ltda.

Imobiliária e Incorporadora Otto Meinberg Ltda.

Fornecedores:

AQUECIMENTO CENTRAL: *Labor Industrial Ltda.*; Rua Teodoro Sampaio, 1536; São Paulo.

ELEVADORES: *Elevadores Atlas S. A.*; Rua Alexandre Levi, 202; São Paulo.

ESQUADRIAS METÁLICAS E BRIS-SOLEIL: *Cia. Bras. de Construções Fichet & Schwartz-Hautmont*; Rua Xavier de Toledo, 14; 5.º andar; São Paulo.

FERRAGENS: *Carvalho Meira S. A.*; Rua Libero Badaró, 605; São Paulo.

LOUÇAS SANITÁRIAS: *Sanitécnica S. A.*; Rua Quirino de Andrade, 217; São Paulo.

PASTILHAS: *Ind. Paul. de Porcelanas ARGILEX S. A.*; Rua Nestor Pestana, 47; São Paulo.

NOTA DA REDAÇÃO:

Devido à escassez de tempo para o preparo deste número, a reportagem sobre o Palácio das Indústrias do Parque Ibirapuera, continuará no próximo número 19. Nessa edição será apresentada uma ampla reportagem sobre a Exposição Internacional, e sobre o Palácio das Nações.

Máxima resistência *absoluta firmeza de côres*



*Louça sanitária
eletro-vitrificada*



HERVY

- Elegância de linhas
- Funcionamento perfeito
- Inatacável pela ação dos ácidos
- No maior sortimento de côres, já apresentado para louça sanitária

As peças vitrificadas da famosa marca "Hervy" são produzidas por um dos maiores fornos elétricos do mundo — e o único nas Américas — recentemente instalado na nova fábrica em Osasco, para garantir o mais alto padrão de qualidade.

CIA. DE CERÂMICA INDUSTRIAL DE OSASCO

Rua Timbiras, 248 - Telefones: 34-5307 e 37-4197 - C. Postal 264 - São Paulo



Dá gosto estar
numa sala
pintada com...

Kem-Tone

Uma sala pintada com Kem-Tone é sempre mais acolhedora. Apresentada em cores modernas, Kem-Tone completa o encanto de sua sala. Fácil de usar (V. mesmo pode pintar seu lar com Kem-Tone), seca numa hora, apenas. Kem-Tone proporciona acabamento perfeito, fôco e uniforme.

★ Em todas as casas
do ramo você
encontra Kem-Tone
em 11 lindas cores
à sua escolha!



Tintas de alta qualidade em seleções de cores para todas as necessidades